Universidade Federal do Rio de Janeiro
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Museu Nacional

Carlos Gomes de Castro

HACER LA VIDA

Inventos, negócios e trampas em um batey cubano

Rio de Janeiro
2017

Carlos Gomes de Castro

HACER LA VIDA

Inventos, negócios e trampas em um batey cubano

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Olívia Gomes da Cunha

Rio de Janeiro
2017

CASTRO, Carlos Gomes de.

Hacer la vida: inventos, negócios e trampas em um *batey* cubano / Carlos Gomes de Castro – Rio de Janeiro: UFRJ/MN, 2017.

225 f.

Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, 2017.

Orientadora: Olívia Maria Gomes da Cunha

1. Batey; 2. Inventos; 3. Sociolismo; 4. Cuba; 5. Antropologia Social – Teses. I. Cunha, Olívia M. Gomes da (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPGAS/MN. III. Título.

Carlos Gomes de Castro

HACER LA VIDA

Inventos, negócios e trampas em um batey cubano

Prof.ª Dr.ª Olívia Cunha
PPGAS/UFRJ/MN – Orientadora

Prof. Dr. Amir Geiger
UNIRIO

Prof. Dr. Dale Tomich
Binghamton University

Prof. Dr. Federico Neiburg
PPGAS/UFRJ/MN

Prof. Dr. John Comerford
(PPGAS/UFRJ/MN)

Prof. Dr. Fernando Rabossi
IFCS/UFRJ – Suplente

Prof. Dr. Moacir Palmeira
PPGAS/UFRJ/MN – Suplente

Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 2017

Para Cecília e A.,
Que lutam para inventar aquí e allá

AGRADECIMENTOS

Circulei por diferentes cidades – Belo Horizonte, La Habana, Matanzas e Rio de Janeiro – antes de chegar à conclusão deste trabalho, iniciado em março de 2012. Em cada lugar, recebi inestimáveis auxílios de inúmeras pessoas, às quais devo meus agradecimentos. Para começar, à professora Olívia Cunha, pelo incentivo para assumir o desafio de construir uma pesquisa etnográfica em Cuba e pela orientação sempre atenta e impulsionante. Em La Habana, contei com a atenção amistosa do professor Reinaldo Monzote, ao qual sou grato por me inserir, sem dificuldades, em seu grupo de alunos e por oferecer-me o apoio institucional necessário para permanecer por muitos meses em áreas fora do circuito turístico *habanero*. A todos meus interlocutores do *batey* açucareiro cubano e proximidades – muitos dos quais se tornaram amigos, quase *familia*. Agradeço, igualmente, aos professores Amir Geiger, Dale Tomich, Federico Neiburg e John Comerford por aceitarem participar da minha banca de defesa de doutorado e por oferecerem contribuições importantes para ajustes no texto final da tese e, em especial, para futuros artigos. Aos professores Fernando Rabossi e Moacir Palmeira pela disponibilidade como membros suplentes da banca. Aos colegas do Laboratório de Antropologia e História, Alline Torres, Magdalena Tôledo, Marcelo Moura, Mariana Renou, Rogério Brittes. Aos funcionários do PPGAS/Museu Nacional e de instituições arquivísticas cubanas (Fundación Antonio Núñez Jiménez, Biblioteca Nacional, Archivo Nacional, Archivo de Colón). Ao CNPq e à CAPES, pelo financiamento da pesquisa. Ao carinho dos meus amigos Bruno Guimarães, Camila Caux, Carolina Nogueira, Hércules Corrêa, Karen Shiratori, Lorena França, Pedro Moutinho, Tiago Cargnin. Às amigas Laís Jabace e Miranda Zoppi minha gratidão pelo cuidado constante, disponibilidade e generosidade na partilha de pensamentos. À minha família de mulheres, Aline, Carmen, Ciça, Júlia e Rosa, pela presença imensurável. Ao Samuel, pelo amor sereno e seguro, mesmo nos momentos em que houve (e há) a interposição da distância. Enfim, meu maior débito é para com Cecília Caetana e Joaquim Machado (*in memoriam*).

No te metas en eso que te quedarás loco.
Um certo *merolico*

Y en la jungla el que pierde el control perece.
Nada de perder el control. Hay que ser astuto.

Pedro Juan Gutiérrez, *El tesoro de la república*

RESUMO

CASTRO, Carlos Gomes de. **Hacer la vida:** inventos, negócios e trampas em um *batey* cubano. Rio de Janeiro, 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Esta tese se baseia numa pesquisa etnográfica realizada em um *batey* de uma região de Cuba marcada pela falência de usinas açucareiras. Desmantelamentos, sucatas, ferrugem, espera, estes são alguns dos elementos que afetam diretamente os moradores dessas áreas, os quais, sem ter como fugir, inventam meios dos mais variados para "acomodar a situação". Acompanho, a partir de narrativas próximas a meus interlocutores, algumas estratégias e ações por eles praticadas no cotidiano para entrar em negociações, fazer dinheiro, produzir objetos, ir em busca de comida e trabalho, divertir-se e vigiar a vizinhança. À distância, talvez o *batey* pareça inerte; de perto, porém, emerge, nele, toda uma gama de movimentações constantes, classificações espaciais e mercantis e, inclusive, modos específicos de ver o socialismo. A descrição dessa dinâmica revela a existência de pessoas engajadas numa espécie de engenhosidade (social) que procura, sempre, transmutar uma coisa (objetos, relações e pessoas) em outra, estando entre tais coisas a própria "necessidade", convertida em uma experiência de intensa criatividade.

Palavras-chave: Inventos, sociolismo, *batey*, centrais açucareiros, Cuba.

ABSTRACT

CASTRO, Carlos Gomes de. **Hacer la vida:** inventos, negócios e trampas em um *batey* cubano. Rio de Janeiro, 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

This thesis is based on an ethnographic research carried out in one of the Cuban *bateyes*, in a specif region marked by the ruination of sugar mills. Dismantling, scraping, rusting, waiting, these are some of the elements that directly affect the residents of these areas, whom, without being able to scape, devise various means to "accommodate the situation". I follow, from narratives close to my interlocutors, some strategies and actions they practice in everyday life to make deals, make money, produce objects, search for food and work, have fun and watch over the neighborhood. For a distant observer, the *batey* may seem inert. From a closer view, however, a whole range of constant movements, spatial and mercantile classifications, and even specific ways of seeing socialism, emerges in it. The description of this dynamic reveals the existence of people engaged in a kind of (social) ingenuity that always intends to transmute one thing (objects, relations and people) into another, being the "necessity" in the heart of all these things, which in turn can be converted into an experience of intense creativity.

Keywords: Inventions, *sociolismo*, *batey*, sugar mills, Cuba.

SUMÁRIO

Introdução
11 **Associações para inventar um objeto**

Capítulo 1
Narrativas que fazem o *pueblo* e o *batey*
25 Trajetos
27 Uma *renta* no *pueblo*
47 O *batey*, seus negócios, gentes e campos

Capítulo 2
Só ficaram as chaminés
65 Permanência em ruínas
68 ¿Pero por qué tienen que desmantelar el central?
86 Viagens, silêncios, cacos, distâncias
99 Isso não é uma ruína

Capítulo 3
Em reparação
103 Arrancando
110 *Contadores* ou sobre como aprender a ver adiante
116 Menos do que se esperava

Capítulo 4
Aqui não se pode parar
122 Em direção aos negócios
124 *Socios*, amigos e moralidades
133 Amparo e seus escapes

Capítulo 5
Especialistas em escapar e converter
149 O quintal de Rigo
165 Pepe, um *merolico* que nasceu no *campo*
189 Tudo isso é *criollo*, inventado *a lo cubano*
194 Alguns contos e fotos de conversões

Considerações finais
195 **(Luta + Necessidade + Arranjos) x Criatividade = Sociolismo**

208 Referências bibliográficas

INTRODUÇÃO

Associações para inventar um objeto

Saíamos de uma feira de La Habana bastante frequentada por camelôs que vinham de bairros próximos ao centro da capital e também de áreas mais distantes, de *campos* de outras províncias, especialmente de Matanzas.[1] Este era o nosso caso. Aportamos ali bem cedo, antes das seis da manhã. Acompanhava um grupo razoável de pessoas, de diferentes idades e municípios, que procuravam, entre não tantas opções, formas de "fazer algum dinheiro". Como por aquelas bandas tudo era mais barato e, ao contrário de onde moravam, ratificavam, "havia de tudo", compensava *la mala noche*. Levavam novidades, algumas modas da cidade de interesse dos *guajiros*,[2] como "cópias" de roupas e sapatos

[1] Algumas convenções: a) o itálico é usado para demarcar concepções, modos de dizer e transcrições longas de falas nativas em espanhol; b) as aspas duplas podem referir-se a (i) termos nativos traduzidos para o português, (ii) citações de passagens de diário de campo que captam, de forma livre, ideias ou apreciações nativas, (iii) citações diretas de passagens de artigos científicos. Evitei o emprego de aspas simples para diminuir a quantidade de elementos gráficos no texto, que já se encontra povoado de diferenciações. O contexto de aparecimento das aspas duplas nas passagens deixa claro o motivo de seu uso; c) apenas falas nativas em espanhol mais extensas e com particularidades de uso em Cuba foram traduzidas, livremente, em nota de rodapé; d) citações diretas de artigos acadêmicos em língua estrangeira, quando no corpo do texto, são traduzidas livremente. Nas notas de rodapé, mantive a língua original; e) para proteger meus colaboradores, todos os nomes das personagens utilizados na tese são fictícios e, por vezes, histórias diferenciadas são mescladas umas às outras no intuito de preservar as identidades daqueles que aceitaram contribuir de alguma forma para a realização da pesquisa.

[2] Os termos nativos serão trabalhados ao longo da tese. Por ora, faço apenas uma entrada ao modelo de texto seguido/proposto e às expressões cubanas.

de grandes marcas internacionais, perfumes com nomes de cantores de sucesso do momento (todos envasados em pequenos tubos de coleta sanguínea de algum hospital) e produtos de uso doméstico fabricados de vários modos.

Descíamos a rua de terra que conduzia até a rodovia em que o ônibus, deixando a preservada zona turística próxima ao *Parque de La Fraternidad*, entre Centro Habana e Habana Vieja, iria nos recolher. Travava uma conversa tranquila com meu amigo Pepe. Fazia-lhe perguntas sobre o que conseguira arranjar naquela viagem, se algo de sua lista de tarecos estava em falta naquele dia. Um rapaz, distante alguns metros, mirava-me. Ele, provavelmente por não ter os devidos documentos que lhe permitiriam circular com muitas mercadorias como outros vendedores, não trazia mala, apenas uma mochila, e, além disso, tinha uns cinco cordões dourados de aço cirúrgico pendurados no pescoço – era uma maneira de fugir de reprimendas: se alguém o interrogasse, poderia simplesmente dizer que eram seus, fingindo seguir a tendência. De súbito, gritou: "*Oye*, Pepe, o que esse *muchacho* tanto anota?", segurava minha pequena *libreta criolla*, tentando apontar movimentações, expressões rotineiras, observações sobre o comércio local e o fluxo de artigos entre negociantes – o que cada um vendia, como se comunicavam. "Está morando em Cuba, estuda aqui. Quer saber coisas sobre a economia", Pepe resumiu, a seu modo, minhas intenções. Com o sarcasmo costumeiro, o garoto continuou: "Que economia? Se aqui não tem economia?!". Aproximou-se, sem me deixar falar, incialmente, qualquer coisa: "A economia está muito ruim. Isso aqui é uma desordem. Hoje, isso vale 20, amanhã, 25, depois de amanhã, 15. Quando as coisas desaparecem, então, o preço muda ainda mais. Ninguém pode com isso...". Terminado seu fluxo de ideias, depois de me ensinar – para minha sorte – até mesmo sobre entrada e saída de parte daquilo que se intercambiava na feira, advertiu-me: "*¡No te metas en eso que te quedarás loco!*". O episódio ocorreu em fevereiro de 2016. Estava nos últimos meses da minha pesquisa de campo. Não conheci tal sujeito antes porque utilizávamos transportes diferentes para nos trasladarmos até aquele trecho *habanero*. Não havia, portanto, mais solução: já estava "metido" em toda aquela confusão.

DA AGRICULTURA URBANA PARA O AÇÚCAR

O trajeto para que a cena anterior se formasse começou em outubro de 2012, ano em que desembarquei em La Habana, onde planejava ficar por apenas dois meses para firmar

contatos, visitar sítios de plantio voltados para a agricultura urbana, meu objeto de estudo naquele momento. Pretendia, igualmente, frequentar os pontos de venda citadinos desse tipo de agricultura (os *agromercados*), e, acima de tudo, queria aproveitar a curta viagem para aprender um pouco sobre os modos de funcionamento das "oficialidades" e "extraoficialidades" (Ryer 2006:243) da vida cotidiana de um grande centro urbano cubano – suspeitava, a partir de leituras prévias, que isso seria bastante útil para o andamento da minha investigação (Brotherton 2012; Hearn 2008; Lewis 1977). Hospedei-me em El Vedado, considerado, principalmente pelos moradores de Centro Habana, como uma área de classe média, pouco agitada (como se cada habitante ficasse fechado em seu conservado apartamento de arquitetura modernista), com ruas limpas, largas e quase sem *solares*,[3] sendo, por tais razões, menos *habanera*. Uma colega *centrohabanera* que fazia mestrado na *Universidad de La Habana*, zombando, dizia que seu orientador de El Vedado não entrava nos ônibus "populares", cuja passagem não passava de cinquenta centavos de *peso*, mas eram demorados e sempre lotados, só lhe interessavam os *almendrones* (táxis coletivos antigos, com motores modernos), a 10 *pesos*, no mínimo.

A ausência de uma vida "de rua" efervescente dificultou o surgimento de interações informais com os residentes locais e frequentadores dos mercados agropecuários. O relativo afastamento de El Vedado das cooperativas de agricultura urbana, em especial daquelas que se localizavam em Santiago de las Vegas e Santa Fe (zonas designadas como suburbanas), também foi um ponto negativo. Como gostaria de constituir um mapeamento dos polos de produção agrícola no meio urbano, desloquei-me algumas vezes para essas localidades. No entanto, impossibilitado de forjar relações mais íntimas, dado o fato de morar em outro ponto da cidade e de ser um completo desconhecido no lugar, as comunicações foram rasas e movidas por um tipo de conversação com tons de entrevistas, o que, de início, não me parecia nada interessante, isto porque os produtores (e mesmo os consumidores) tinham discursos institucionalizados, formatados e pedagógicos acerca do que era (ou foi) a experiência de agricultura urbana.[4]

---

[3] Nomenclatura dada a prédios antigos superpovoados e com problemas infraestruturais de diferentes ordens. São bastante comuns nas ruas de Centro Habana.

[4] O seguinte trecho de uma entrevista demonstra a ideia de discurso institucionalizado: "*Ya nosotros empezamos aquí la agricultura en el año 91. Eso es cuando el período especial empezó recaer de verdad en Cuba, que podemos decir que la economía cubana llegó al fondo del pozo. Por lo que [...] que la*

Apesar de todos os empecilhos, a temporada inicial de campo ajudou-me a perceber que a imagem de uma cidade com "hortas espalhadas em frente das casas e transbordando das varandas das construções",[5] como descrevia uma ativista alimentar em 2009, não coadunava, de maneira alguma, com o meu presente etnográfico. Certa vez, uma moça, ao ser informada sobre meus interesses de estudo, fez um comentário satírico: "Você pesquisa agricultura urbana? Isso ainda existe aqui?". Esse comentário-indagação apontava não exatamente para o fim da agricultura urbana, mas, sim, para uma mudança de configuração, em que a figura do Estado[6] (por algum tempo em segundo plano) tinha tomado, uma vez mais, a dianteira como legislador, e isso incomodou e desestimulou muitos daqueles que, em certo tempo, estiveram engajados na luta por semear em todo pedaço de terra devoluto. Com a prerrogativa da lei, somente aqueles que eram formalmente legitimados pela administração estatal recebiam permissão para plantar hortaliças ou outros produtos para a venda.[7] Tal era o cenário de 2012, cuja estrutura já vinha sendo construída desde o princípio dos anos 2000, como explicitam os artigos de Premat (2003, 2004) e Hernández & Medina (2001).

Como pude notar em um encontro em Pinar del Río, os focos das batalhas dos produtores agrícolas urbanos, Organizações Não Governamentais (ONGs) e técnicos ligados à agricultura eram outros: permacultura; venda direta aos consumidores, isto é, sem atuação de funcionários ou instituições do governo; dinheiro; melhorias nos modos de avaliar e conduzir a produção. Um estudo sociológico desenvolvido pela *Fundación*

---

desintegración del rumbo del campo socialista, la desintegración de la antigua Unión Soviética, con los cuales [países] Cuba tenía más de 75% de sus relaciones comerciales, casi llegando a los 80% con el campo socialista y especialmente con el COMECON. Al desaparecer esto, pues, nos encontramos con una situación económica muy difícil. Unido a esto, (...) el bloqueo del gobierno norteamericano contra el país. Cuba bloqueada económicamente. Entonces, tuvimos que llevar a cabo un conjunto de actividades con vista a poder mantenernos. Cuando eso comenzó un movimiento llamado agricultura urbana, que es sembrar todos los pequeños pedazos de tierra en las ciudades para poder garantizar especialmente las hortalizas para la población. Esto movimiento fue creciendo, inclusive les dije que este movimiento surgió aquí en la comunidad de Santa Fe, en el consejo de Santa Fe. Aquí fue primer, el embrión, de lo que es la agricultura urbana de hoy en el país, que se hay extendido a todo el país".

[5] Artigo publicado em http://vueweekly.com/front/story/lessons_from_cuba_a_growing_revolution/. "*Lessons from Cuba: a growing revolution, transformation of Cuba's agricultural systems offers valuable lessons for creating food security in Edmonton*", April, 29, 2009, s.p.

[6] Embora use Estado com maiúscula e faça referência a ele com um artigo definido, não o compreendo como algo que possui uma função monolítica. Como se verá nos Capítulos 1 e 2, principalmente, ele aparece mais como feixe de estratégias que atuam na formação das experiências subjetivas, sem determiná-las, contudo. Os *Comités de Defensa de la Revolución*, como células atuando em diversos pontos, demonstram uma das estratégias da ação estatal (Brotherton 2012:8).

[7] Existem, é certo, maneiras de burlar o Estado para adquirir reconhecimento e autorização – e as pessoas rotineiramente fazem isso. Para ilustrações, ver: Premat (2008:28-57).

Antonio Núñez Jiménez (FANJ) traz informações que vão ao encontro da hipótese de que hoje se busca, com o apoio de ONGs, uma maior "institucionalização" da agricultura urbana, tornando-a menos permeável à criatividade individual, em função da ênfase na necessidade de se efetivar "uma capacitação mais integral daqueles que estão diretamente vinculados à [atividade]" (Hernández & Medina 2001:22).

Sentindo-me pouco atraído por esse novo formato de agricultura urbana e, ao mesmo tempo, com o desejo de levar a cabo uma investigação que não estivesse focalizada, do ponto de vista metodológico, no uso, quase exclusivo, de entrevistas, resolvi rever meu projeto. Aproveitei os levantamentos bibliográficos que realizara na biblioteca da FANJ e também as conversas com alguns pesquisadores cubanos a respeito dos câmbios no campo agroindustrial – particularmente no da produção açucareira, conhecido por ser um dos sustentáculos, antes dos anos 1990, da economia cubana – para decidir um local e um tema que me rendessem um estudo interessante.

Foi aí que surgiu a possibilidade de me dirigir para um bairro do interior do município de Colón, província de Matanzas, onde, ao menos aparentemente, imperava, ainda, a cultura canavieira. Além de tecer comentários genéricos sobre o lugar, certo professor fez questão de sublinhar que a população nativa era composta por *descendientes de esclavos*, sendo que parte dela até mesmo vivia no antigo *barracón* do engenho que fora transformado em um central (usina) em princípios do século XX, com a entrada dos americanos na Ilha. Tratava-se do Central México.

Mas não foi o caráter prévio de objeto autêntico, como sugeria a ponderação, que me fez seguir rumo ao mundo técnico-agrícola do açúcar. O que me moveu, na verdade, foi um aspecto prático: eu poderia morar nas proximidades da usina e do *barracón*, e, frequentando as casas dos moradores e circulando pelas ruas, conduzir uma etnografia de longa duração.[8] Não apresentarei, agora, nenhum detalhe sobre esse período da pesquisa. O leitor deve aguardar que venham as narrativas presentes em cada um dos capítulos; elas demonstrarão, por si mesmas, as negociações e associações envolvidas na construção e efetuação do campo etnográfico, além de descreverem as interpretações nativas dos espaços em que repousava o central e outros edifícios.

[8] Minha pesquisa teve uma duração total de 18 meses, divididos em quatro temporadas de campo: outubro a dezembro de 2012; setembro de 2013 a maio de 2014; novembro de 2014 a fevereiro de 2015; janeiro a abril de 2016.

Elementos que aparecerão em outras partes do texto atrelam-se, com diferentes intensidades, a um "tempo" sobre o qual as pessoas preferem não rememorar, mas são incapazes de esquecê-lo. Preciso retomá-lo, não porque ele determina a leitura e concatenação dos dados etnográficos (como se tudo fosse por ele explicado), mas porque compõe, ao lado de muitas outras, uma peça importante nas trajetórias de "busca" que serão exploradas, com minúcia, posteriormente. Tal "tempo" remete aos anos 1990. A virada para essa década deixou marcas profundas na história de Cuba, cuja economia, política e produção cultural estavam ligadas aos antigos países socialistas do Leste Europeu, dependendo deles para obter bens básicos para o consumo humano, insumos para a produção agrícola de grande escala e tecnologias variadas. As dúvidas que surgiram na Ilha com o colapso do socialismo europeu permitem afirmar que nela se implantou uma "era de incertezas", distinta das "certezas" do discurso revolucionário prevalecente. Não se sabia se o governo acompanharia as escolhas de seus ex-aliados e entraria, por meio de amplas reformas, em um período de transição rumo à economia de mercado nem se o poder dos Castros prevaleceria, e, menos ainda, qual seria a posição dos Estados Unidos diante da crise que se alastrava pelos rincões cubanos. Os projetos e programas sociais implantados com a Revolução de 1959 também não passaram ilesos. Notícias e artigos da revista *Bohemia* da época sugerem que a população se preocupava com a permanência da gratuidade do sistema de saúde e com a distribuição alimentícia por quotas (Chapú 2011). Para diminuir a euforia de tais incertezas, evitar um colapso socioeconômico e, sobretudo, restaurar minimamente a normalidade, o Estado cubano foi obrigado a implementar "medidas de caráter emergente", como abertura para o turismo, legalização de pontos comerciais particulares, liberação da circulação do dólar americano, estímulo à agricultura em pequena escala e ao cultivo de hortas de subsistência nos centros urbanos (Bretches 2000; Premat 1998, 2008; Hernández *et al.* 2005).

Esse "período" ficou conhecido por *Período Especial en tiempos de paz*, denominação eufemística que se contrapunha a uma outra, mais antiga: *Período Especial en tiempos de guerra*, quando a ideia de uma iminente invasão americana pairava no país. Conforme asseverava Fidel Castro em um discurso, no dia 10 de outubro de 1991, em Santiago de Cuba:

> Como [...] o bloqueio *yanki* se mantém com toda sua força, isso é, precisamente, um *período especial em tempos de paz*. Como vocês sabem, o

> país esteve preparado para um *período especial em tempos de guerra*, sob a premissa de um total bloqueio naval do país, para que não entrasse nada: o que fazer, como resistir, como defender-nos, como governar uma situação dessa natureza? Ninguém podia nem mesmo imaginar que um dia iríamos ter de enfrentar um *período especial em época de paz* [...].

Quaisquer que sejam as nomenclaturas oferecidas pelo Estado ao momento, ressoa, na maioria das análises sociológicas e antropológicas e nas produções literárias, a ideia de que os cubanos o viveram tanto como um "tempo violento", duro, de uma difícil luta contra a escassez de tudo, especificamente de comida, quanto como um "tempo" de transformação subjetiva e social, no qual a economia era apenas um elemento entre tantos outros (Cunha 2010: 320; Chapú 2011). Nas palavras de uma jornalista cubana:

> Como se fala aqui em Cuba, ficamos pendidos por um fio, e foi um precipício. Caímos, caímos, caímos. [...] Tudo faltou: o combustível, o dinheiro, a comida […]. Não havia luz, os apagões foram históricos. As vitrines vazias, cheias de papel e revista, sem uma calcinha, sem uma blusa, sem um sabonete. [...] Uma crise desesperante.

A delimitação do início desse *período difícil* pode ser feita de maneira simples, uma vez que ele abarca, de acordo com analistas e também com meus interlocutores, a fase de maior recrudescimento dos problemas econômicos e sociais experimentada no país depois da Revolução. Já seu término é um tanto quanto obscuro: para alguns, a busca constante de alimentos, os apagões, a cerveja de má qualidade em *pesos cubanos*, as filas gigantescas para adquirir produtos que desapareciam dos mercados estatais, a dificuldade para conseguir remédios e a escassez de trabalho são somente recordações de um "inesquecível" passado próximo; para outros, porém, esse mesmo passado ainda é um presente a ser vivido e ultrapassado no cotidiano. Uns preferem mantê-lo em seu devido lugar, deixando-o na memória, sem a necessidade de a ele voltar, apesar de suas trágicas marcas serem indeléveis; outros não o mencionam simplesmente porque dele não escaparam, ainda. Adicione-se que não houve nenhum pronunciamento por parte do governo decretando seu fim.

Mais que uma falha de demarcação temporal, essa ausência de finalização demonstra que tal período pode ser compreendido como uma espécie de índice que diz menos respeito a uma estrita cronologia que a questões concernentes à existência das pessoas no mundo. Olívia Cunha (2010), tomando um conceito de Veena Das, interpreta-

o como um “evento crítico” que faz referência, quando mencionado pelos sujeitos, aos “efeitos e [...] afetos das múltiplas mudanças nas relações entre as pessoas, das pessoas com as instituições estatais e de ambas com bens materiais” (:321-22). De modo semelhante, Ariana Hernandez-Reguant (2009) não o cristaliza em uma periodização, embora faça uso de uma metáfora temporal para pensá-lo. Seu argumento fundamenta-se na ideia de que o que está em jogo no acionamento do *Período Especial* (no presente ou como rememoração) é uma noção relacional de experiências em que a “instabilidade” é o ponto marcado: os cubanos falam de um “antes”, ao relembrarem de uma suposta estabilidade, um “agora”, marcadamente confuso, e um “futuro” que será, como muitos imaginam, vivido em outro país. “A experiência [é] intensa, mas o período [é] construído como um tempo de espera; como uma transição irresoluta” (: 2), conclui a antropóloga.

A ANTROPOLOGIA SOBRE CUBA EM TEMPOS DE PROLIFERAÇÃO DE SUJEITOS

Ironicamente, no começo da década de 1990, enquanto a economia cubana decaía, ganhavam força os trabalhos etnográficos em Cuba e aumentavam o número de publicações antropológicas. Antes, raras eram as pesquisas levadas a cabo por antropólogos estrangeiros em cidades cubanas, merecendo destaque as do norte-americano Oscar Lewis (1977) e da suíça Mona Rosendahl (1997).[9] Reitere-se que essa escassez de investigações esteve relacionada, em grande medida, às dificuldades de obter permissão para entrar e permanecer em Cuba por vários meses, devido a problemas associados ao embargo, espionagem norte-americana, anticomunismo e contrarrevolução.[10]

[9] A pesquisa de Rosendahl foi realizada na década de 1980, mas publicada muito posteriormente. Aqui, cito apenas os trabalhos publicados na forma de livro ou artigo. Deve-se frisar, porém, que nos anos 1940 Oscar Lewis, quando ainda projetava o que foi denominado, depois, de antropologia da pobreza, fez uma breve incursão em uma usina açucareira de La Habana. O antropólogo americano Carl L. Withers conduziu investigações no interior da Ilha entre 1949-1950.

[10] Para Ryer (2006:29), as complicações com o Estado e sua “intolerância política” (Rosendahl:1997:26) criaram nos antropólogos uma espécie de sentimento paranoico de constante controle e conspiração. Para diferentes tipos de relações adversas de antropólogos com o Estado cubano, ver: Lewis (1977), Martinez-Alier (1974:vi-ix); Rosendahl (1997). O caso mais emblemático foi o de Oscar Lewis, que, em 1969-1970, teve de interromper seus levantamentos etnográficos em um dos bairros mais pobres de La Habana, sob acusação de espionagem. O interessante é que, paradoxalmente, como relata Lewis & Rigdon (1977:ix), Fidel Castro foi responsável tanto por convidar o antropólogo norte-americano a conduzir, em Cuba, uma investigação semelhante à que fizera no México quanto por lhe enviar um aviso em que exigia seu retorno imediato para os Estados Unidos. Parte dos materiais coletados e arquivados pelo grupo de Lewis (como fitas cassetes e blocos de anotações) foi, inclusive, confiscada.

Ao lado das (poucas) investigações encabeçadas por estrangeiros, um grupo de estudiosos cubanos engajou-se, logo após o *triunfo* da Revolução, em um amplo levantamento etnológico e etnográfico. Eles seguiam, como sublinham Hernandez-Reguant (2005) e Cunha (2014), os pressupostos teórico-metodológicos tradicionais da etnografia soviética[11] e objetivavam cartografar as "manifestações culturais do povo cubano e as condições de vida que as condiciona[vam]" (Sandoval & Hernández 2002:62), sobretudo aquelas que remetiam, de algum modo, a "expressões afro-cubanas", mantendo, assim, um estreito diálogo com as preocupações de Fernando Ortiz, considerado, por Juan Marinello, o "terceiro descobridor" de Cuba (1969 *apud* Hernandez-Reguant 2005:296).[12] Parte de seus estudos foi apresentada nas publicações *Actas del Folklore* e *Etnología y Folklore*. Apesar da curta vida de ambas, elas lançaram nomes de estudiosos que, mais tarde, reapareceram no cenário das investigações etnográficas e culturais, além de terem fixado um padrão de metodologia de pesquisa (as entrevistas) e de organização da narrativa (os testemunhos).

Os livros de memória (com os supracitados testemunhos) foram outro meio de divulgação dos "saberes" do "povo cubano" usado por esses investigadores (Argeliers 196:5-7), sendo *Biografía de un cimarrón* (1966), de Miguel Barnet, o mais conhecido deles (cf. também Dumpierre 1970; Machín 1981). Nele, o autor relata, numa mescla diacrônica de história oral e ficção, as experiências de Esteban Montejo, senhor de 104 anos que vivera os últimos momentos da escravidão e participara da Guerra de Independência cubana. O principal objetivo de Barnet era suprir a carência de dados documentais acerca da socialidade no interior dos chamados *barracones*. Havia a necessidade de aproveitar as recordações de Montejo para resguardar algo que já estava em vias de cair no esquecimento, pois poucos eram os escravos fugidos ainda sobreviventes e, junto disso, o país precisava ter sua história registrada de um ponto de vista até então não explorado (Barnet 2001:282).[13]

---

[11] Do ponto de vista soviético, a etnografia consistia, exclusivamente, no "*study of the various components of the ethnos through the lens of their function*" (Bromlei *apud* Hernandez-Reguant, 2005:295).
[12] Cristóvão Colombo e Alexander von Humboldt seriam, nessa ordem, os outros dois.
[13] Como destaca Barnet (2001:11) na primeira introdução da obra: "[...] o que nos interessava era a vida social dentro dessas vivendas-cárceres. Também foi nossa intenção descrever os recursos empregados pelo informante para subsistir na mais absoluta solidão das matas, suas técnicas para obter fogo, para caçar etc. E também sua relação anímica com os elementos da natureza, plantas e animais, especialmente as aves" (Barnet 2001[1966]:11).

Se até o fim do bloco socialista parece fácil sistematizar as linhas teóricas e temáticas das análises antropológicas desenvolvidas por pesquisadores cubanos e estrangeiros, com a chegada da última década do século XX e entrada de Cuba no circuito antropológico caribenho, o quadro se inverte. Surgiu uma gama de trabalhos sobre Cuba. Todavia, a meu ver, a ênfase deles repousa em três eixos principais: turismo, religião e sistema de saúde, dentro dos quais aparecem os debates sobre raça, gênero, transição econômica e "sociedade civil", todos eles com referências diretas ao uso e aquisição de moeda forte (Brotherton 2012; Hearn 2008; Holbraad 2002; Roland 2011; Ryer 2006). As investigações circunscrevem-se às áreas urbanas, sendo as de Havana as mais exploradas. Essa província funciona, nos artigos científicos, como uma metonímia da Ilha. As coletâneas *Cuba today* (2004) e *Cuba in the Special Period* (2009), organizadas por Mauricio A. Font e Ariana Hernandez-Reguant, respectivamente, ilustram bem tal ponto.[14] A primeira delas mescla questões absolutamente diversas para demonstrar e comparar as continuidades e mudanças nos âmbitos culturais, políticos e econômicos contemporâneos de La Habana, já que quase não há menções a outras províncias e, sobretudo, ao mundo não urbano. Disso advém a ênfase em temas como dolarização e mercantilização da vida ordinária, reconfiguração do setor turístico e efervescência de religiões de matriz africana nas capitais de província, além da discussão acerca do florescimento e fortalecimento da "sociedade civil" cubana, com exemplos ligados ao surgimento de coletivos de pessoas não pertencentes às esferas dominantes e institucionalizadas do poder público (Fernandes 2004:3-12). Alguns dos autores da coletânea de Hernandez-Reguant (2009) acentuam, igualmente, o papel das associações (Zurbano 2009:144-58).

Diante dessa diversidade de atores, Hernandez-Reguant (2009) indaga: "Será que podemos falar, então, de um 'Período Especial da cultura'?" (:3), ou seja, de um momento em que fervilharam produções e criações que subverteram as prerrogativas e pressões do poder político revolucionário.[15] Tal indagação explicita certa perspectiva antropológica no entendimento das vivências e experimentações dos cubanos na década de 1990 e seguintes. Muitos antropólogos, em vez de pautarem suas interpretações na falta ou

[14] Os títulos dos livros de Hearn (2008) e Weinreb (2009) também tocam nesse ponto: *Cuba: religion, social capital, and development* e *Cuba in the shadow of change: daily life in the twilight of the Revolution*, respectivamente.

[15] Para outros exemplos, ver: Doyon (2005: 121-143); Fernandes (2010: 425-46); Hernandez-Reguant (2010: 447-92); Pertierra (2010:395-424).

falência do social (o caminho mais óbvio), constroem descrições em que sobressai a criatividade das pessoas no manejo das coisas e na produção de uma vida social exuberante e dinâmica, na qual são formados e conformados coletivos distintos dos que normalmente operam nas experiências liberais e neoliberais (Cunha 2010:319-65; Dilla 1996; Pertierra 2010:395-423).

Sem dúvida, os trabalhos de ambas as coletâneas oferecem aportes importantes para pensar as atuais configurações de Cuba, seu socialismo (ou as "versões de socialismo", para trabalhar ao lado de Rosendahl (1997)) e suas relações ou antagonismos com o capitalismo global. Eles assinalam, ademais, que as múltiplas e ousadas posições ocupadas e expressas nas ações de uma parcela de atores no *Período Especial* revelam uma recusa à uniformidade, deixando visíveis os símbolos de diferenciação e classificação que perpassam a "sociedade cubana". Entretanto, grande parte da Ilha é posta em segundo plano, como se as ações em La Habana simplesmente reverberassem para e fossem repetidas em regiões afastadas desse centro. Uma das consequências disso é a ideia de que a percepção das transformações contemporâneas é idêntica em todos os recantos. Assim, se, por um lado, dá-se ênfase à atuação das pessoas e coletivos das áreas urbanas na conformação da experiência social, por outro, a ação dos indivíduos fora desse mundo são relegadas a um plano sem valor efetivo para a reflexão do conjunto de alterações históricas, sociais e econômicas em Cuba.

OBJETO ESQUECIDO

Se não se pode negar a amplitude e importância das temáticas tocadas pela antropologia contemporânea sobre Cuba, do mesmo modo, é impossível não perceber a ausência do açúcar e, por extensão, dos centrais açucareiros e das comunidades suburbanas ou rurais que os sustentam de força de trabalho e insumo.[16] As análises antropológicas sobre Cuba praticamente os relegaram a um plano irrelevante. Diferentemente, no campo historiográfico, o açúcar é ainda um objeto bastante estudado, contudo são raros os casos de apreciações que chegam à década de 1960, sendo que aqueles que o fazem

[16] Os trabalhos de Juan Martinez-Alier (1977) sobre "colonato" e "campesinos" são os principais exemplos de pesquisas historiográficas sobra a área rural. O autor atenta-se para o ponto de vista político dos "colonos" em um período de intensas transformações no campo açucareiro, isto é, entre os anos 1934-1960. Ambos os artigos servem como instrumento de análise do problema do açúcar e da distribuição de terras nas zonas rurais cubanas.

fundamentam-se, em geral, em legislações, regulamentos administrativos, estatísticas e, por vezes, em artigos veiculados pela imprensa do governo. As conclusões de tais trabalhos fornecem somente um retrato conjuntural generalizante. Por essa razão, a vida pública e privada dos atuais *bateyes* são pouco conhecidas e, menos ainda, discutidas (Zanetti 2012).[17]

Com efeito, o tema dos *bateyes* açucareiros é foco de investigação somente em três artigos da revista *Etnología y folklore*, publicados entre 1966 e 1967.[18] Estava, entre eles, o de John DuMoulin, cujo objetivo era avaliar, quantitativamente, a reconfiguração social de determinada área de produção açucareira após alguns anos do *triunfo* da Revolução de 1959 e o consequente surgimento do operariado revolucionário. Esse texto, a partir do exame de um caso particular, pôde revelar aspectos maiores das alterações que atingiram outros cantos do mundo açucareiro cubano. O elemento mais relevante por ele levantado talvez seja a transformação no panorama das ocupações dos trabalhadores das comunidades associadas ao açúcar: se, antes, muitas pessoas, por não encontrarem vaga nos centrais no período de safra, tinham de se dedicar à agricultura, naquele momento da análise, o cenário era outro – "[t]odos os entrevistados [eram] operários da indústria [...]. [No 'tempo morto'] o trabalho no campo [...] era o meio de vida tanto dos operários que viviam no campo quanto dos que tinham residência urbana, hoje significa pouco para estes últimos" (DuMoulin 1966:39). O sociólogo dava mostras de um setor que, pouco depois de estatizado, tomava conta, por todos os lados, da vida local, alterando até os regimes de trabalho urbanos e rurais. Mas, é necessário indagar, e nos anos seguintes, o que sucedeu nessas comunidades açucareiras? Como ficaram os seus operários? Do ponto de vista etnográfico, pouco se sabe, dado o profundo silêncio das investigações, normalmente direcionadas para as temáticas do chamado *folklore afro-cubano*.

Apenas em 2005 veio a público um número da revista *Catauro* destinado à discussão da "cultura do açúcar em Cuba".[19] Quase cinquenta anos depois da Revolução, portanto. A maioria dos artigos abordava questões históricas para demonstrar que o açúcar

---

[17] Pontuo, novamente, que em um livro sobre o Central Granma, antigo engenho Carolina, Ana Vera Estrada (2012) aborda o tema do fechamento dos centrais na região *matancera*. No entanto, a obra não apresenta um recorte etnográfico apurado; na verdade, é apenas uma recopilação de testemunhos sobre as vivências de uma família em uma colônia, sem um tratamento adequado. Na linha dos livros de memória cubanos, a ideia da autora é preservar, documentalizar uma história.
[18] Cf. Pedro (1966); DuMoulin (1966); Rochon (1967).
[19] *Catauro*, 2005, Año 6, no. 11.

era, na esteira do pensamento de Fernando Ortiz, "o elemento fundamental no desenho de nossa [dos cubanos] consciência, nossa cultura, nossa arquitetura, nossa geografia, dança, música, inclusive de nossa composição étnica" (:5). Dois deles se atentavam para o problema das transformações do *batey* açucareiro, sendo um sobre a estrutura arquitetônica das construções dispostas ao redor dos centrais e outro sobre o candente problema da "reestruturação açucareira cubana". Apesar da atualidade dos temas, permanecem incógnitas acerca de distintos âmbitos da vida nos *bateyes*. O que se passaria nesses locais atualmente, quando o apoio soviético na compra de açúcar de cana não é nada mais que uma recordação de tempos áureos? Como eles, tal como Centro Habana, movimentaram-se? Quais formas de interação surgiram com as novas demandas das pessoas que os povoam? Como, dentro deles e em relação com outras áreas, os moradores "fazem a vida"? Esses são os principais questionamentos que movem toda a argumentação desta tese.

Acrescento, ainda, um outro elemento que demonstra a importância de uma pesquisa localizada em um *batey* contemporâneo – no caso, o *batey* do Central México: a recepção das alterações macroeconômicas cubanas em diferentes escalas, especificamente nas áreas que não apresentam atratividades turísticas nem são polos comerciais. Uma abordagem micro, assim entendo, permite que sejam observados e examinados os modos pelos quais a macroeconomia atinge sistemas locais e como as longas engrenagens de produção e consumo são transmutadas em circuitos em que prevalecem, por exemplo, a proximidade da troca e dos negócios entre parceiros locais, com vistas à manutenção cotidiana da vida doméstica. Nessa escala, circuitos dos mais diversos também são produzidos continuamente. Resta conhecê-los de perto, e, assim, descobrir o que eles têm a dizer sobre o socialismo de Cuba da perspectiva de quem o pratica.

ALGUNS DIÁLOGOS

Muitos elementos poderiam ser recolhidos e explorados para responder a um grupo tão extenso de preocupações, no entanto, nesta tese, seleciono apenas aqueles que, de certa maneira, oferecem densidade às minhas inserções e descrições etnográficas. Farei isso por meio de relatos interessados de histórias de situações, interações ou cenas por mim

experienciadas e/ou rememoradas por meus interlocutores de um modo geral.[20] Tópicos minúsculos e, às vezes, até triviais (em aparência) do cotidiano e da trajetória de vida de algumas pessoas são centralizados e inter-relacionados, a fim de dar a conhecer quem são e o que fazem os moradores da área estudada e como eles significam, percebem e fabricam a economia local e a paisagem em que habitam. Ao pôr em marcha essa estratégia textual, talvez consiga aproximar o leitor de uma região que se manteve apagada durante décadas, bem distante dos interesses da antropologia sobre Cuba.

É interessante indicar que a construção e a organização das narrativas foi inspirada nos experimentos etnográficos *Four men living the Revolution* (1977), de Oscar Lewis, e *Worker in the cane* (1960), de Sidney Mintz. Esta última obra merece uma atenção especial, embora não seja utilizada diretamente em nenhum dos capítulos. Nela, de página em página, ressoa a voz de um trabalhador que, a partir de suas experiências subjetivas, oferece um testemunho que abarca detalhes que demonstram conceitos nativos, percepções e significações das mudanças econômicas e sociais de uma zona açucareira porto-riquenha atingida pelo avanço e anexação da indústria capitalista norte-americana. Distante de uma teorização sociologizante, o que interessa a Mintz são as estórias, fábulas e memórias de alguém que viveu e pensou as transformações sociais que o atingiam.

De maneira semelhante, em vez de preocupar-me com teorias das ciências sociais que utilizam como nexo explicativo para a experiência cubana contextualizações históricas de um período de transição entre dois sistemas políticos e econômicos irreconciliáveis (a ideia de uma dupla economia que, em uma visão teleológica, desembocaria rápida e irremediavelmente em uma economia de mercado) e classificações

[20] A etnografia conta com a participação de homens e mulheres engajados em distintos "negócios", como trabalhadores açucareiros, criadores de porco, *campesinos*, "trabalhadores do campo", *luchadores*, entre vários outros. Essas especificações não são estanques – um trabalhador do campo pode ser um criador de porco. No texto, defino com quem interajo na construção das ideias e apreciações. Sem os coletivizar, diria que um ponto em comum entre meus interlocutores é que são moradores de uma área de *batey* ou *campos* de um *batey*. No entanto, há também relações com pessoas dos *pueblos* (cidade). Necessito dizer que tendo a empregar o termo "interlocutor" (sujeito que está envolvido em uma conversa/diálogo ou em uma interação social) para evitar, na medida do possível, a expressão "informante", em virtude de seu forte caráter policialesco. Também faço uso de "colaborador", em especial nos casos em que aqueles que moravam no *batey* e proximidades puderam auxiliar-me de forma direta na construção ou realização da pesquisa, por exemplo, na coleta de dados, no traslado entre centrais ou cidades ou na marcação de possíveis entrevistas ou visitas ordinárias a parceiros de transações ou comercialização de mercadorias. Para demarcar níveis de proximidade ou afastamento, na descrição de algumas situações, aciono os vocábulos "amigo" e "conhecido". A importância dessas últimas expressões ficará evidente no Capítulo 4, quando, a partir de observações nativas, determino os lugares dos "amigos" nas interações com vistas a diferentes tipos de "negócio".

e agrupamentos gerais ao redor da noção de "socialismo tardio" (dentro do qual ganham força a formação de coletivos diferenciados em um modelo especial de "sociedade civil" e, em alguns textos, a noção de "dupla moralidade"),[21] enveredo por histórias de indivíduos que, sem exacerbar contradições, agem nos interstícios de heterodoxos regimes de troca. Em cada narrativa, menos que separações impermeáveis e fixas, sobressaem as nuances entre tais regimes, todas especificadas por meio da leitura das próprias pessoas que são por elas afetadas.

Para tornar ainda mais patente os modos de ação e de construção de suas experiências particulares de socialismo, dialogo, também implicitamente, porque não os cito, com os estudos de Katherine Verdery (1991; 1996), sobretudo com seu debate sobre o tema da "maximização do poder de redistribuição" como motor do socialismo, algo que se contrasta com o princípio capitalista de maximizar o excedente de valor. Segundo Verdery (1991:421), o Estado socialista, ao centralizar e controlar os meios de produção, assegura a si mesmo o "poder de alocação", cuja movimentação fica ao encargo de uma "burocracia da alocação". Essa discussão teórica, embora não seja esmiuçada em nenhum dos capítulos, pode ser vislumbrada em diversos casos etnográficos, como naqueles que tratam da "apropriação" (também redistributiva) de bens do Estado por trabalhadores de diferentes áreas e funções e/ou por sujeitos vinculados ou não a empresas estatais. Destaco que o aparecimento da questão da "alocação" ao lado da "apropriação" (o ato de tornar *particular* algo que é *estatal*) não se desvincula de forma alguma da análise de Verdery. Com bem mostra a autora, a "apropriação" aparece como um "parasitismo": o Estado é visto como uma simples "fonte de bens", uma vez que detém o monopólio da alocação de recursos – posição que lhe fornece a possibilidade de gerir o abastecimento e os fluxos de mercadorias e, por conseguinte, de tornar as pessoas dependentes de suas ações redistributivas. O detalhe é que sempre ficam brechas para uma "redistribuição" não dependente da boa vontade do Estado, isto é, feita por vias "parasitas", não "burocratizadas". Na esteira de Verdery, a tese encena episódios que densificam e balançam as ideias de "redistribuição" e do Estado socialista como provedor primeiro de bens materiais. Os exemplos recontados demonstram, entre outras coisas, processos de descentralização e particularização do controle, da produção e da distribuição operando, ainda, no interior de mecanismos políticos, sociais e econômicos de intensa centralização,

[21] O (falso) problema da "dupla moralidade" é analisado na conclusão.

sem que isso seja experimentado pelas pessoas como um desajuste, mas sim como a própria "mecânica do sistema".

Alguns trabalhos de Caroline Humphrey (1995) e Christina Schwenkel (2012, 2013, 2015) ocupam, por sua vez, um lugar importante como materiais empíricos e analíticos. A primeira autora, em um artigo de 1995, examina a problemática do consumo em Moscou após o colapso socialista soviético, demonstrando como os moscovitas passaram a ordenar uma "cultura da heterogeneidade", fundada numa variação entre produtos "nossos" (soviéticos) e dos "outros" (estrangeiros) e na complexa relação entre aqueles que entraram com facilidade no curso aberto (mas ainda assim permeado de ilegalidades) pelo consumo de mercado e os que o recusaram. Pela via das transações, Humphrey indica formas de compreender como seus informantes, ao serem expostos aos "valores globais", reconfiguraram seus padrões de consumo e suas ideias morais acerca da política econômica. Além da importância dada aos tipos de trocas e barganhas, a pesquisa dessa antropóloga explora as mudanças da "vida social dos bens" no momento em que são trasladados do mercado formal estatal para o mercado informal, assim como as consequências dessas alterações nas interações dos moscovitas que se empenham (ou não) em transações comerciais e no consumo mercantilizado. Friso que nos Capítulos 2 e 5, por exemplo, ao tratar das reapropriações de peças dos centrais açucareiros para a construção de instrumentos de trabalho ou mesmo de utensílios domésticos e também para a feitura de objetos ditos "misturados", atento-me para uma história relacional dos artefatos e para os efeitos deles na história social das pessoas que os compram, revendem-nos ou fabricam-nos. Em poucas palavras, pessoas e objetos se entrelaçam em uma extensa rede de negociações, junções e, é claro, disjunções.

Aproximo-me das etnografias de Christina Schwenkel (2012, 2013, 2015) sobre infraestrutura e reconstrução arquitetônica no Vietnã socialista para enfatizar a noção de "improvisação" e "reparação", outros elementos implicados na elaboração de equipamentos e artefatos em geral a partir de associações entre parceiros no interior de uma trama em que apenas parece prevalecer certa escassez de matéria. Tal pesquisadora problematiza a "tecnopolítica da visibilidade" por trás das estruturas espetaculares do socialismo vietnamita e, mais do que isso, afirma que o estudo da infraestrura arquitetônica pode ser um meio de pensar formas de socialidade. Em um texto sobre a difícil manutenção dos encanamentos em um grande edifício do auge do socialismo no

país e a precária distribuição de água, ela demonstra como as ações dos indivíduos, sozinhos ou em "redes de solidariedade", foram os verdadeiros pilares da infraestrutura: o fluxo de água no prédio examinado só pôde se restabelecer com a improvisação e a constante inovação operadas pelas famílias no interior de suas casas e também entre as casas vizinhas. De modo inusitado, pela tubulação, Schwenckel (2015:531) revela a formação de um "*ethos* coletivo" e de uma "ética do cuidado e da reparação" ao redor das "práticas infraestruturais".

As histórias etnográficas cubanas – ou melhor, de um *batey* cubano – que arrolo a partir de um encadeamento cronológico ou temático também esbarram em aspectos infraestruturais, construtivos, inventivos e associativos, para parar por aqui com as adjetivações, e, como Christina Schwenckel, busco focalizar tudo aquilo que rodeia modos de sociação. Como particularidade, além das características especifícas do objeto que estudo e do local de pesquisa, dou total vazão às acepções nativas para retratar as improvisações cotidianas dos meus interlocutores para ajustar e combater as adversidades, bem como para examinar, interpretar e, se necessário, explicar a teoria das relações por eles constituída. Ao sinalizar esse ponto, intenciono ratificar que as narrativas e descrições (de pessoas, espaços, objetos, movimentações) não são contos desinsterassados, simplórios, desvinculados uns dos outros e/ou esvaziados de teoria. Longe disso. Em conjunto, elas objetivam traduzir pedaços do que é o *hacer la vida* no *batey*, tendo como componente argumentativo aquilo que é falado, praticado e analisado (próximo ou à distância) pelos sujeitos que estão imersos nessa tarefa. Se, por um lado, faltam-lhes as costumeiras menções aos conteúdos e concepções do campo teórico da sociologia ou antropologia, por outro, são carregadas de noções etnográficas que, interdependentes, se atrelam umas às outras. Assim, quando se escolhe um conceito a ser puxado, um grupo maior deles vem, inevitavelmente, junto.

COORDENADAS DE LEITURA

Antes de encaminhar-me às narrativas, com seus diferentes roteiros, protagonistas – os "portadores da trama" (Auerbach 2013:41) – e recomeços, saliento que elas não são uma reconstituição de cenas particulares, únicas (conquanto, por vezes, tenham essa aparência). São estruturadas, em grande medida, a partir do agrupamento de elementos que surgiram em situações distintas, de modo descontrolado. Esse recurso (ficcional) é posto em operação no intuito de perdurar a força e a singularidade das expressões, ideias

e posicionamentos nativos em um texto já deslocado temporal e espacialmente. Dito de outro modo, ele é um meio de traduzir e tornar presente (talvez de fazer ver) o "mundo que se conta" no "mundo em que se conta" (Hartog 1999).

Nesse exercício de tradução e presentificação, um pequeno detalhe de leitura necessita ser explicitado e justificado. Para examinar classificações e termos nativos menos diretos (*batey* e *campo*, por exemplo), construo um texto que se assemelha a um processo de aprendizagem e formação, como se, com isso, quisesse convidar o leitor a entrar em minha própria investida etnográfica para que ele apreenda, do meu lado, como participante, as particularidades de um mundo de palavras, coisas e gentes ainda em vias de ser transformado em experiência narrativa. A leitura dos capítulos, todos eles cheios de meandros, exige paciência, pois nem sempre a compreensão das diferentes expressões em espanhol e português que se misturam nas páginas é alcançada no primeiro instante; algumas vezes, a definição principal só é obtida a partir da coleta atenta e do agrumento de aspectos, ideias e problemáticas tratados em cada uma das cenas expostas. Como se ocupasse o lugar de um etnógrafo, o leitor é imbuído da tarefa de observar, recolher e fazer junções de questões que, de início, podem lhe parecer não tão evidentes e até estranhas, mas que, no final, se revelam fundamentais para o entendimento do conjunto das histórias escolhidas para descrever, entre outros pontos, a teoria nativa das relações que percorre e embasa toda a discussão.

Pontuada essa escolha textual, apresento uma síntese das partes desta tese. Ao longo de cinco capítulos, descrevo uma paisagem de *bateyes* com muitos arruinamentos e os modos encontrados pelas pessoas para transformá-la, habitá-la e reabilitá-la. No Capítulo 1, exploro as noções de *pueblo*, *batey* e *campo*, destacando seus sentidos a partir das relações que elas estabelecem entre si. Desde o começo, reforço a intenção de pôr em evidência e valorizar as percepções nativas, no caso, aquelas que se ligam, por exemplo, a caracterizações espaciais, hierarquizações de sujeitos e seus respectivos signos de produção de distinção. Mesclado às trajetórias de membros de uma família, faço um percurso pelo centro da cidade de Colón, mas não com o simples objetivo de enumerar o que existe nesse local. Parto da ideia de que as alterações arquitetônicas, os usos e comentários sobre os tipos de transporte, a dinâmica comercial, a circulação de dinheiros, os fluxos e os tipos de transação podem operar, na sincronia da vivência ordinária, como um caminho propício à descrição da apropriação (entendida como tornar ou fazer algo

próprio) do *pueblo* por seus habitantes e vizinhos, além de serem um meio de ver como a transformação espacial do meio público (*estatal*) atinge a organização da estrutura doméstica (*particular*) – algo que complexifica a interação entre esses dois âmbitos e, como esperado, borra seus limites. Por sua vez, o *batey* é esquadrinhado e compreendido a partir das classificações espaciais locais, dentro das quais sobrevêm qualificativos que projetam, com sutileza, diferentes acepções para *campo* e para o próprio *batey*.

No Capítulo 2, modifico a escala de análise – de um *batey* para uma dezena de *bateyes* – a fim de examinar o processo de "reestruturação da indústria açucareira" e, em especial, como aqueles que foram diretamente afetados por ele o avaliaram. Além de precisar, por meio de artefatos documentais, como a noção de "eficiência" foi criativamente manuseada pelo Estado ao longo da crise econômica dos anos 1990, com vistas não apenas a uma melhoria na produção, mas também à formação de sujeitos revolucionários "eficientes" e "inovadores", analiso a recepção da *Tarea Álvaro Reynoso*, documento governamental publicado em 2002 cujo texto expunha os planos para o fechamento de um grupo extenso de centrais cubanos e ratificava o estado caótico da agroindústria açucareira. Como antigos trabalhadores diziam-me, após a efetuação dos planejamentos da *tarea*, só restaram as chaminés, e esse foi o título escolhido para o capítulo. As chaminés, como grandes obeliscos, materializam a junção entre um *antes* movimentado, cheio de vida, e um *agora* em que o passado prolifera como "sucata" e as distâncias aumentam e até produzem novos *campos* ou "zonas de silêncio" (Frederik 2012). Mas não detenho minhas narrativas em uma ideia de arruinamento que estanca a dinâmica da vida, como se produzisse, em função dos desgastes, vazios sociais. Em vez disso, abordo as maneiras de fazer do desmantelamento ou do arruinamento dos centrais uma matéria capaz de manter, montar e cuidar do que falta. As estruturas dos centrais, quando removidas de seus pontos, são atreladas e ajustadas em outros lugares para que conformem arquiteturas um tanto inesperadas.

Se no segundo capítulo as expectativas e os afetos aparecem como aspectos que devem ser tidos em conta na reflexão sobre a "reestruturação" da agroindústria açucareira (do ponto de vista do Estado) ou sua "desestruturação" (da perspectiva dos moradores dos *bateyes*), no Capítulo 3, tornam-se imprescindíveis, dado que a temática principal dele é a reabertura de um central que permaneceu inativo durante um longo "tempo morto", isto é, fora do circuito das safras. Quando, em 2012, veio a notícia de que a usina

“voltaria a moer”, não faltaram conjecturas acerca do futuro funcionamento dos maquinários renovados e do engajamento de trabalhadores inexperientes e ineficientes. É um capítulo em que o açúcar entra em cena, mas não por via de sua efetiva presença, e sim pela ausência ou por sua espera incessante. Em outras palavras, embora existissem indicações de que ele reocuparia o centro da vida no *batey*, com sua transformação em *pesos* e *estímulos* por boa eficiência produtiva, seu aparecimento é apenas tangencial, como se viesse para permanecer, mas fosse, igualmente, sinal de uma ruína. Devo salientar também que, ao redor de toda a controversa discussão sobre o retorno da moenda, outros temas atravessavam as casas e ruas do *batey*. Por meio deles, reconstituo situações etnográficas que abordam problemas familiares em intensa conjunção com elementos concernentes à manutenção da casa, controle e vigilância de vizinhos.

Considero os Capítulos 4 e 5 como aqueles que amarram a maioria dos tópicos e ideias que cruzam o texto desde seu início. Não é descabido afirmar que algumas das histórias concatenadas nas partes anteriores ganham densidade depois da leitura desses dois capítulos. Isso acontece, entre outras razões, porque opto por resguardar vários conceitos nativos no intuito de dar potência e eficácia à argumentação e de torná-los compreensíveis e de mostrar, como já reiterado, a importância do manuseio deles pelas pessoas sem a necessidade do recurso exclusivo da explicação. Mas não é apenas isso que garante, a meu ver, o lugar de clímax narrativo a tal parte da tese. Se nos capítulos prévios há um movimento de demarcação e caracterização de espacialidades, nos últimos, demonstro como pessoas com histórias sociais específicas transitam em tais espaços a partir das categorizações trabalhadas e, mais do que isso, produzem uma teoria das relações que dá conta tanto das associações para forjar, romper ou imitar “negócios” diversos quanto das “buscas” – também associativas – para comprar ou “arranjar” mercadorias ou, principalmente, para construir objetos que só surgem via vinculações entre sujeitos, sendo, imagino, artefatos relacionais por excelência.

Sem mais adiamentos explicativos, é hora de rumar para os tempos e as muitas histórias que fazem um certo *batey* açucareiro cubano.

1 NARRATIVAS QUE FAZEM O PUEBLO E O BATEY

Trajetos

Quando desembarquei em La Habana, não presumia que minhas trilhas seguiriam para um bairro da cidade de Colón, em Matanzas. Naqueles primeiros dias de novembro de 2012, no momento em que o calor diminuía e a temporada de turismo dava apenas indícios de seu começo, deixava para trás as barulhentas e movimentadas ruas *habaneras* para ir em direção à calmaria dos *campos* de *guajiros* (caipiras), como alguns de meus amigos *habaneros* afirmavam. Não importava, para eles, que Colón fosse o terceiro maior município da província *matancera*: se estava saindo de La Habana, necessariamente dirigia-me para o *campo*, pois, para além das classificações e mapeamentos geográficos, prevalecia o dito popular de que existia a capital cubana e o resto. Como costumavam concluir em diálogos sobre cidades ou acontecimentos: *la capital es la capital*, isto é, incomparável, superior a qualquer lugar. Ao lado disso, também havia a concepção de que nas zonas rurais ainda imperava um socialismo de tempos passados já inexistente nos grandes e modernos centros cubanos, transformados, por exemplo, pela onda do turismo internacional, pelo aumento dos "negócios particulares" e pela maior circulação de

informações por meio da Internet, telefonia e viagens. Em contraposição à dinâmica e ao progresso urbanos, o "meio rural" personificava o atraso, a imutabilidade.

Apesar das ideias preconcebidas de meus conhecidos, muitas das quais me ofereciam modos (estereotipados) de olhar, o certo é que não sabia o que ou quem estava em vias de encontrar. Será que me esbarraria com *guajiros*? E se sim, será que representariam, de algum modo, a ideia do *noble campesino*, com seu *sombrero de yarey* (chapéu de palha), *machete* embainhado e *pañuelo* (lenço) no pescoço, tal qual a famosa imagem colonial *Familia de guajiros a la puerta de un potrero* (1880), de Victor Patricio Landaluce? Ou, vislumbrando outras possibilidades, essas pessoas porventura se autodenominariam *guajiras* ou *campesinas*, e, se sim, o que mobilizariam para compor essas denominações? Mais ainda, *guajiro* e *campesino* seriam sinônimos? Como designariam e classificariam, em seus movimentos e permanências, idas e vindas, o lugar onde habitavam e circulavam? E mais, como veriam La Habana e outros centros urbanos? O que as diferenciariam daqueles *habaneros* com os quais pude manter conversações e andar pelas ruas? Os trabalhadores açucareiros eram, também eles, *guajiros*? Como as pessoas classificariam os espaços em que habitavam e se movimentavam? Não me esquecia, igualmente, dos descendentes de escravos e de tudo aquilo que circundava a materialidade da escravidão atlântica. Essas muitas questões me assombraram dias antes do primeiro trajeto até Colón e, por conseguinte, ao Central México. Na verdade, elas persistiram por bastante tempo, cruzando idas e vindas entre Brasil e Cuba.

***

Neste capítulo, o foco principal das histórias e episódios sobre o "mundo que se conta" são os espaços de relação e experiência feitos por meus interlocutores, nos quais eles se moviam, permaneciam e/ou interagiam tanto uns com os outros quanto com mercadorias, dinheiros, arruinamentos e mecanismos formais e informais de vigilância e governo da vida alheia. Variando a escala, logo a modulação e o enquadramento, persigo as linhas que dão forma a esses espaços, forjados, como se verá, a partir de geografias nativas, arquiteturas e, principalmente, de comentários e percepções sobre o outro. Noções com características espaciais como *urbano*, *cidade* e *campo* exercem funções significativas nas narrativas. O valor delas não se encontra no fato de que podem criar limites

geográficos e políticos abstratos e institucionalizados – isso seria simplório –, mas como são praticadas, interpretadas e moldadas nas ações cotidianas. Não são conceitos predefinidos, nem operam solitariamente: têm sentido quando associados a uma série de outras acepções e materialidades, tudo isso amarrado em narrativas acerca da compreensão do espaço vivido, explorado e transformado. Diria que elas oferecem, nos termos de Comerford (2014:116), certo "senso de orientação nas relações sociais", e, assim, constituem, na provisoriedade própria das situações, os traços que fazem o *pueblo*, o *batey* e seus *campos*.

Uma renta no pueblo

Minha chegada a Colón foi um tanto quanto anedótica. Foi nessa cidade que dei os primeiros passos para aprender a me movimentar conforme a *mecánica* cubana, considerando as peculiaridades interioranas. A verdade é que o aprendizado se iniciou ainda em La Habana, quando, por telefone, tentava finalizar os trâmites da viagem com Yuneivis, senhora que me receberia como inquilino em sua casa. Por desconhecer o funcionamento de chamadas entre telefones fixos e celulares, nas quais estes últimos são os que pagam pelo serviço, acabei fazendo com que minha anfitriã fosse obrigada a gastar parte de seus créditos. Como imaginava que eu arcava com os custos de todas as ligações, e não minha destinatária, não conseguia entender o motivo de sua pressa em finalizar as conversas. Yuneivis não possuía uma linha fixa em seu lar nem parentes no exterior para lhe enviar recargas internacionais. Sem *fe*, isto é, *familia en el extranjero*, como diz certa troça, ela era uma usuária comum, tendo de comprar cartões de recarga a preços altos nas *Oficinas de Etecsa*, a companhia estatal de telefonia. Batalhando para conseguir seu dinheiro diário como *cuentapropista* (trabalhadora por conta própria), não podia gastar facilmente 5 ou 10 CUC para abastecer seu telefone com alguns poucos minutos. Se do meu ponto de vista aqueles gastos eram quase irrisórios, para Yuneivis, eram absolutamente significativos, tocavam diretamente na trama de seus arranjos econômicos. Ela precisava *ahorrar* (economizar), sempre. E o celular era só um pequeno elemento num grupo mais extenso de *ahorros* que cruzavam o seu dia a dia.

Essa senhora era amiga da família de um jovem conhecido que saíra de Colón para cursar a universidade em La Habana e não mais retornou. Foi a única, entre outras poucas

opções, que aceitou arriscar-se a alugar uma *habitación* (quarto) para um *yuma* (estrangeiro). Como possuía um visto usado por pesquisadores, poderia frequentar somente as *casas de alquiler* (moradias com quartos para aluguel, *hostales*) destinadas a turistas ou a cubanos que portassem *fulas* (CUC) para pagar pela diária, no período por volta de 30 CUC, e quisessem usufruir dos luxos desse tipo de aluguel, como ar condicionado e chuveiro com água quente. Mais tarde, soube que frequentar essas casas dava *status* à pessoa, porque, além de demonstrar suas possibilidades financeiras, sugeria sua rede de relações, ou melhor, com quem ela andava – turistas, *comunitarios* (cubanos que vivem fora do país) ou mesmo cubanos dolarizados –, o que comia e bebia e em que tipo de lugar se divertia. Em tudo isso sempre estava em questão a moeda transacionada – os potentes *dólares cubanos* ou a pouco valorizada *moneda nacional* – e a desigual acessibilidade a diferentes Cubas. Mas tal ponto é demasiado complexo para ser tratado nessa parte, deixo-o para outro momento da discussão. Retomando o fio narrativo, assinalo que ter de fazer uso de *casas de alquiler para extranjeros* dificultava meu traslado para o interior cubano, uma vez que cidades menores e distantes dos centros turísticos não dispunham desse tipo de serviço; contavam, no máximo, com quartos em *pesos*, alugados por hora para casais cubanos, semelhantes a um motel, costumeiramente denominados de *renta*: "vi fulano saindo de uma *renta*", é possível escutar em círculos de fofoca.

Yuneivis tinha exatamente uma *licencia de renta*, detalhe que pude comprovar somente quando visualizei os elementos pouco convencionais que compunham a mobília de meu futuro quarto: um som ambiente improvisado e um espelho velho direcionado para a cama. Por telefone, não me foi dito nada a respeito disso. O que pensava, até então, era que ficaria em uma casa de família, numa *habitación* comum, e nada mais. Havia um risco: e se o Estado, representado pelos fiscais do trabalho por conta própria, ficasse sabendo? Estávamos armando algo ilegal, cometendo uma *indisciplina social*, para usar uma expressão recorrente nos discursos do governo, e, no caso de descobertas, haveria punições. Quais? Não sei dizer, aliás, nem mesmo os donos da casa sabiam com exatidão: falavam de multas e da possibilidade de perda da residência. Essas apreciações não se baseavam nas *leyes de los alquileres* da *Gaceta Oficial de la República de Cuba*, mas, sim, em comentários que circulavam pelo bairro. A veracidade dessas informações pouco importava, pois, no final, corretas ou não, elas cumpriam seu papel: alertar. Yuneivis foi

clara em suas exigências: eu deveria portar-me como um amigo da família e, além disso, manter uma distância ideal dos vizinhos, que podiam me vigiar e, por pura inveja, denunciar-nos para alguma autoridade. Em resumo, ninguém poderia saber de nosso *bisnecito* (pequeno "negócio") em CUC.

Durante o tempo em que estive em sua *renta*, não fui interrogado por nenhum morador local. Mas a tensão de ser parado por algum desconhecido curioso ou fuxiqueiro me acompanhava diariamente. De algum modo, a lógica da vigilância a que meus amigos estavam adaptados já me afetava: mantinha uma constante atenção aos duplos sentidos das perguntas, às intenções implícitas das ações. Jamais revelei, ao menos naqueles dias, meu real endereço em Colón. E será que as pessoas do bairro não desconfiavam de nada? Obviamente, de longe, sem que dissesse qualquer palavra, já sabiam que eu era um *yuma* e, claro, imaginavam que havia *dólar* envolvido na situação existente na casa de Yuneivis. Meu jeito de andar, meu corte de cabelo, minhas roupas e sapatos, tudo demonstrava, para aqueles olhos versados em detectar estrangeiros, que eu era alguém de um *allá* bem distante.[22] E por que não denunciaram a situação ilegal? Principiante, além da dúvida que o não dito provocava (ele é ou não amigo da família?), não tinha outra ideia do que estava por trás do aparente desinteresse dos moradores pelo caso. Fui capaz de avaliar a situação e compreender parte das regras informais que regiam a denúncia apenas depois de uma inserção prolongada na vida cotidiana daquela região. Mas esse será um tema de outra narrativa.

CONTROLANDO MOVIMENTAÇÕES NO ESPAÇO

Mencionei que as pessoas estavam habituadas à vigilância, porém não sinalizei nenhum elemento que tenha contribuído para esse processo de adaptação. Terei de fazer, por essa razão, uma pausa na história e voltar a 1960, ano em que foi instituído o *Comité de Defensa de la Revolución*, o famoso CDR. Era 28 de setembro, Fidel Castro, em um discurso proferido na entrada do Museu da Revolução, indignado com os "imperialistas"

[22] A tradução literal para o português não traz toda a significância desse termo. Há casos, sem dúvida, em que aparece com o simples sentido de "lá"; já em situações cotidianas mais complexas, ele é usado como "país estrangeiro", "de fora", "lugar bastante distante": *Él vino de allá*; *Eso es de allá*; *Cómo es allá; Allá no se hace eso*. O *allá* joga com a divisão socialistas e capitalistas, dizendo respeito, normalmente, aos países desse último sistema e também a uma ideia de consumo, conforto. Os Estados Unidos, como em *La Yuma*, são a primeira e maior representação dos, digamos, "*allás*". Uma garota de 15 anos, do *batey*, me explicou o que entendia por *allá*: "*La Yuma*. Um lugar frio, onde as pessoas usam cachecol e casacos grossos. Cheio de prédios altos. [...] Aqui tudo é mais caro. *Allá* tem mais coisas e não custam nada". Cf. Holbraad (2013:18); Weinreb (2009:27).

estadunidenses e seus “lacaios” contrarrevolucionários e cercado por uma massa que o apoiava com gritos de ordem, *¡Fidel, seguro, a los yankis dales duro!*, anunciava o que era essa organização: os comitês formariam, nas palavras dele, um “sistema coletivo de vigilância revolucionária”. O “povo” com sua “tremenda força revolucionária” comporia esse coletivo.

Imagem 1.1
Cederistas em ação

Fonte: *Bohemia*, 1º de agosto de 1969, Año 61, no. 31, p. 107.

Assim, a frente de batalha cubana se alargava; se, antes, lutava-se contra aqueles que se posicionavam de forma contrária à Revolução somente nos estritos campos de guerra, a partir da fundação dos CDR, já não existia um limite para o “longo, longo e duro”, combate aos *gusanos*, isto é, para a limpeza dos “vermes” contrarrevolucionários espalhados pelas cidades, como frisava um artigo da revista *Bohemia* de 1960. Imbuídos do *ethos* de um soldado da milícia revolucionária, ou melhor, de “soldados da pátria”, “guerrilheiros”, o “povo”, vigiando cada quarteirão de seus bairros, cada esquina e casa, cada centro de trabalho, de campo em campo, não deixaria que os “propagandistas do imperialismo”, “conspiradores”, “sabotadores” e seus “instrumentos” de dominação se

movessem.[23] Os CDR permitiriam que todos tivessem controle de quem "viv[ia] na quadra, o que faz[ia] [...] e quais relações havia mantido com a tirania [do governo capitalista autoritário anterior a 1959]; a que ele se dedica[va]; com quem se associa[va]; em que atividades anda[va]".[24]

Com o transcorrer dos anos, os perigos concretos de infiltração e ataques norte-americanos diminuíram e as manifestações contrarrevolucionárias dispersaram-se ou foram abafadas, debilitadas, "descoloridas", como exclamou certa vez Fidel.[25] A Revolução estava estabilizada. Contudo, os CDR não perderam a força, em vez disso, continuaram *¡con la guardia en alto!*, dito comum em cartazes dessa organização de massa. Primeiramente, eles adquiriram, nos termos de Rosendahl (1997:147), um "papel social" e moral, direcionando suas ações para a ordenação geral dos bairros e ao controle dos *compañeros* – também *cederistas*, dado que aos 14 anos todos os cubanos eram obrigados a filiar-se à instituição – que apresentassem algum tipo de comportamento antissocial, por exemplo, alcoolismo, prática de violência doméstica. Enquanto antes os espionados eram os sujeitos que se aproximavam dos ideários capitalistas estadunidenses, em seguida, a vigilância direcionou-se para os cidadãos cubanos comuns; qualquer um poderia ser punido ou desqualificado moralmente. Em um segundo momento, já nos anos 1990, a atenção dos comitês recaiu nas ilegalidades[26] e nas chamadas "indisciplinas sociais", como não cuidar da parte externa da casa, fazer barulho em horários impróprios, desrespeitar a ordem da fila na *bodega* (mercado estatal onde são comercializados os produtos da quota da *libreta*),[27] armar confusões em festas de rua, descumprir regras de

---

[23] *Bohemia*, 15 de enero de 1961, Año 53, no. 3.

[24] Discurso de Fidel Castro. Museu da Revolução, 28 de setembro de 1960, La Habana, Cuba. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f280960e.html>. Acesso em: 12 set. 2016.

[25] Discurso de Fidel Castro. Clausura del II Congreso de los CDR. Teatro Carlos Marx, 24 de octubre de 1981. Disponível em: <http://www.fidelcastro.cu/es/discursos/discurso-pronunciado-en-el-acto-de-clausura-del-ii-congreso-de-los-comites-de-defensa-de>. Acesso em: 12 set. 2016.

[26] A palavra ilegalidade aparecerá recorrentemente no texto. Nem sempre, ela é carregada de uma valoração inapropriada, isso depende de fatores que codificam a relação estabelecida. Como indica Sampson (1987), nas experiências socialistas há uma série de associações e mercadorias que são consideradas ilegais, mas que acontecem de forma absolutamente legal no capitalismo. Pertierra (2008) frisa que mesmo a ilegalidade é, em Cuba, balanceada conforme as interações: nem tudo que é classificado pela justiça como ilegal é visto por essa ótica na prática cotidiana.

[27] A *libreta* ou *tarjeta de la bodega*, formalmente denominada *Control de Ventas para los producto alimenticios*, foi criada pelo governo revolucionário no começo dos anos 1960 como forma de distribuir alimentos básicos a toda a população. Passou por várias transformações ao longo de sua história, tanto em relação aos produtos disponibilizados nas quotas mensais (cada vez mais escassos) quanto no formato. Nos programas humorísticos, entre 2012-2016, um dos temas prediletos era a *libreta*. Para recolher os *mandados* na *bodega* (arroz, óleo, sabonete, ovo, café, por exemplo), os indivíduos levavam a *libreta* da casa, onde estavam especificados os nomes de cada um dos membros.

trabalho, acumular mercadorias para revender, migrar de forma descontrolada, entre outras. Apesar de tê-las separado, o limite entre ambas é um tanto incerto, sobretudo quando se considera que toda ilegalidade seria, no fundo, resultado de uma indisciplina social. Menos que estipular uma distinção estanque, talvez seja melhor pensá-las a partir da ideia de níveis de indisciplina, com as ilegalidades ocupando os pontos mais críticos, nos quais as punições seriam, igualmente, mais severas.

Nesse novo quadro, o CDR ampliou suas funções, tornando-se, cada vez mais, uma organização moralizadora. Não bastava buscar indisciplinas nos bairros, os *cederistas* precisavam "alertar, aconselhar, persuadir aquele que estivesse atuando de maneira irresponsável".[28] Tudo isso seria feito em prol da Revolução e suas conquistas. A pátria ainda precisava que seus "soldados" estivessem dispostos a permanecer na luta, sem "diminuir os esforços". Era um tempo difícil, *especial*, e o "cidadão honesto", entenda-se, revolucionário, não podia "baixar a guarda" e permitir que algum *compañero* "se confundisse".[29] O próprio Fidel Castro cumpria o papel de *cederista* em seus prolongados discursos. Posicionando-se ao lado do "povo", ele demonstrava seu olhar vigilante, questionava atitudes, pedia mudanças, nomeava as indisciplinas e, principalmente, orientava, em vez de apenas oferecer informações sobre o andamento do governo revolucionário e sobre suas decisões como *comandante en jefe*. Seu exemplo devia ser seguido em cada célula do CDR, de modo a evitar que uma simples situação se tornasse "um acontecimento ruim, uma multa ou uma prisão".[30]

Não há dúvida de que os CDR exerceram forte controle sobre a vida pública e privada dos cidadãos cubanos. Do mesmo modo, é inegável que os olhos e os ouvidos do Estado e de seus representantes locais, *la gente del gobierno*, embora treinados, nunca conseguiram conter por completo a engenhosidade da população para ultrapassar, não importando a forma, os problemas diários, em particular a inventividade das pessoas mais pobres. Seria ingênuo, então, imaginar que os modos de fugir da vigilância e aquilo que o governo denomina de indisciplina sejam uma marca do pós-1990; houve, sim, uma alteração na escala, com o *Período Especial* abrindo, quase sem volta, as portas para o que os economistas e cientistas sociais designam como "segunda economia" (O'Hearn

[28] *Granma*, 17 de mayo de 1997, s.p.
[29] Discurso de Fidel Castro no Teatro Carlos Marx, em 4 de abril de 1997. *Granma*, 8 de abril de 1997, p. 4-6.
[30] *Granma*, 17 de mayo de 1997, p. 2.

1986; Sampson 1987; Pérez-López 1995). E digo isso com base no material empírico recompilado por Ruth M. Lewis e Susan M. Rigdon (1977), a partir da pesquisa desenvolvida por Oscar Lewis no início da década de 1970 em Las Yaguas, uma antiga favela[31] de La Habana, hoje já inexistente. Entre as várias histórias orais compiladas na obra, a de Alfredo Barrera Lordi ilustra bem o ponto exposto acima. Esse cubano, além de não obscurecer suas discordâncias em relação às decisões de Fidel Castro e do *gobierno revolucionario* como um todo, conta suas inúmeras estratégias para burlar as cotas de racionamento da *libreta* e a fiscalização do CDR. Em sua narrativa, aparecem as ansiedades, insatisfações e sonhos de um sujeito que necessitava consumir, vender e intercambiar mercadorias e alimentos sem ser descoberto pela legalidade cerrada das instituições socialistas. Alfredo e seus parceiros, isto é, aqueles com os quais barganhava, tinham consciência das possíveis punições a que seriam submetidos se fossem pegos realizando ações não admitidas pela lei revolucionária. Isso, entretanto, não era suficiente para impedi-los de buscar lacunas para agir e manter os negócios que lhes permitiam sair da zona mínima de sobrevivência. Para Lewis & Rigdon (1977:liii), essa postura advinha do fato de eles "terem vivido boa parte de suas vidas desafiando a lei". Dito de outro modo, aqueles cubanos replicavam as práticas que aprenderam e exercitaram durante o regime capitalista anterior à Revolução. Essa conclusão das autoras não era ignorada pelo governo, aliás, o próprio Ernesto Che Guevara escreveu, em 1965, que "os defeitos do passado se traslada[vam] na *consciência individual*", sendo necessário "fazer um trabalho contínuo para erradicá-los (2004[1965]:416 – grifos meus). A educação ocuparia um papel relevante nesse trabalho; sem ela, os valores do socialismo em construção não poderiam ser transmitidos e incutidos nos indivíduos, logo, o "reino da necessidade" continuaria ofuscando o da "liberdade" (:424). Reeducar era o caminho para a criação do *hombre nuevo*, o "homem do século XXI", o qual, livre da moral egoísta e individualista, teria "cada dia mais consciência da necessidade de sua incorporação à sociedade e, ao mesmo tempo, de sua importância como motor dela" (:418). Para a efetivação desse ideal de transformação, Che Guevara asseverava que "a sociedade, em seu conjunto, dev[ia] converter-se em uma gigantesca escola" (:416). Como parte intrínseca e instrumento

[31] Traduzo como favela o termo inglês *slum*, utilizado por Oscar Lewis para descrever Las Yaguas. Como ele apontou em uma nota de campo, datada de 1961, cerca de 10 anos antes de ter sido convidado para conduzir uma pesquisa em tal bairro: "*The thing that impressed me most of all is the* slum *in Havana called Las Yaguas, one of worst I have ever seen. It consists of approximately 1.000 shacks and is primarily a* Negro slum" (Lewis *apud* Lewis & Rigdon 1977:xxxiii – grifos meus).

dessa "escola", os CDR cooperavam na formação da imagem, ainda inacabada, do *hombre nuevo*, imiscuindo-se, secretamente, na vida íntima dos indivíduos para desvelar suas amizades, seus interesses e negócios ocultos.

Ainda que hoje sejam visualizados sinais da presença dessa instituição espalhados em diferentes localidades cubanas, como os pequenos adesivos com a indicação do *Presidente del CDR* colados nas portas de certas casas, ela não possui o mesmo poder de persuasão do passado, enfraqueceu-se, tornando-se motivo de sátira. Nas noites de segunda-feira, por exemplo, pouco antes da exibição da versão em espanhol de uma telenovela brasileira – no horário de maior audiência, portanto –, vai ao ar um programa humorístico em que os protagonistas evidenciam a ineficácia e o caráter retrógrado dos comitês, em função de sua pouca adequabilidade às exigências atuais da população, a qual, sem poder usufruir de nenhuma das inesquecíveis, mas questionáveis, benesses do período soviético cubano, precisa encontrar meios diversos para conseguir *lo suyo*. E, nele, não são apenas os cidadãos comuns que se metem em confusões diárias; até mesmo um presidente do CDR do bairro, caracterizado como um correto revolucionário, ou seja, como "alguém de confiança", participa, a seu modo e com todo cuidado, das iniciativas *particulares indisciplinadas*.[32]

Durante meus diferentes períodos de pesquisa, também pude observar a diminuição da força dessa organização. No bairro onde morei, não houve nenhuma reunião de *cederistas* enquanto estive em campo – ao menos meus amigos nunca foram convocados. Quando lhes perguntava se não estava previsto algum encontro, não hesitavam em responder: *no tengo tiempo pa'eso* ou *todo eso es bobería* (não tenho tempo pra esse tipo de coisa; tudo isso é besteira). Por vezes, circulavam panfletos com informes sobre atividades como mutirões de limpeza das ruas e passeios e doação de sangue. A última notícia que tive de uma provável atuação mais direta do CDR local foi no combate ao mosquito transmissor do vírus da Zika, que, naquela época, se espalhava pela América Latina, mas ainda não alcançara Cuba. Como medida de prevenção, o presidente *cederista* deveria enviar, de casa em casa, uma folha com a explicação dos modos de impedir o surgimento da doença e quais os sintomas dela; precisava, também, fiscalizar, com a ajuda

[32] Trata-se do programa *Vivir del cuento*, protagonizado por Luis Silva na figura do personagem idoso Pánfilo, cujo nome, ironicamente, faz referência a um alimento básico da dieta cubana, o pão. Os episódios abordam temas como carência de mercadorias nos mercados em *pesos*, preço elevado das lojas em CUC, turismo, indisciplina social. O título sugere que, em Cuba, sem dinheiro, só se pode viver de *cuento*, um sujeito (inclusive o próprio Estado) enganando o outro.

dos próprios moradores, a higiene das habitações e eliminar tudo aquilo que pudesse favorecer o alastramento dos mosquitos. O comitê, depois de averiguar a situação de cada casa, deveria "declarar" que seu trabalho já estava pronto para ser "revisado" por "inspetores", que, se encontrassem qualquer "descumprimento das medidas" adotadas, poderiam aplicar multas aos infratores de 700 a 1.500 *pesos*, bem como "confiscá-los". Minha amiga estava descrente em relação a todo aquele processo – o que confiscariam, porquanto não se tratava de uma apreensão de mercadorias? –, mas, por precaução, afirmou que ninguém entraria em sua casa e pediu-me para não abrir a porta para nenhum fiscal quando estivesse sozinho. Ela tinha um chiqueiro no quintal e uma *mesa espiritual* para *seus mortos*, com taças cheias de água. Apesar de mantê-los sempre limpos, um vizinho maldoso poderia inventar qualquer história para que os inspetores fossem a sua casa só para multá-la – não confiava em ninguém. Pouco tempo depois de lermos as informações sobre o processo de controle do Zika, escutamos o boato de que no final de semana seguinte as valas e buracos da rua seriam limpos com o auxílio de todos os moradores. Passaram-se duas, três, cinco semanas, e, no final, não aconteceu nenhum tipo de movimentação conjunta, nada além de boatos, planos abandonados. Um bom tempo depois surgiu o rumor de que uma vizinha estava no hospital com sintomas da doença. Comentavam que os inspetores já se dirigiam para o bairro para examinar as moradias. Todos ficaram de sobreaviso, preparados para receber os visitantes inesperados do Estado. Além do burburinho e hipóteses descabidas, nada ocorreu.

Uma última cena também toca na questão da impopularidade e pouca relevância dos comitês para meus colaboradores. Certa vizinha, em dezembro de 2013, justamente no dia seguinte ao falecimento de Nelson Mandela, decidiu dar uma pequena festa. Não sabíamos que o Estado cubano decretara três dias de luto em homenagem ao ex-presidente sul-africano, o que significava que a população necessitava manter discrição no comportamento. Nós, ao contrário do esperado, tarde da noite, escutávamos música alta, dançávamos e gritávamos. Todos estávamos sóbrios, embora houvéssemos tomado um pouco de rum. Queríamos apenas *descargar* (relaxar). De repente, alguém tocou à porta. Era o presidente do CDR. Ele, assumindo uma postura moralizante, embora fosse conhecido como *Caña*, em alusão a seu gosto pela bebida, disse que, em respeito ao luto, deveríamos cessar a bagunça, do contrário, levaria o tema ao CDR. A dita vizinha, em tom de completa zombaria, mas exasperada, contestou: "Aqui o que eu tenho para o

CDR!", apontando para a vagina. Assim que o senhor saiu do portal de sua casa, ela completou: "Ai, amanhã ele não vai trazer meu pão!". Sua preocupação, menos no que seus *compañeros* pensariam sobre ela, caso o senhor comunicasse o acontecido, residia na perda de seus benefícios individuais: não tinha de caminhar até a padaria para buscar sua cota de pão da *libreta*, porém, ao tratar aquele homem de modo ofensivo, sua situação poderia vir a mudar. Não sei o que aconteceu na manhã do outro dia; o certo é que minha vizinha não sofreu nenhum tipo de represália do grupo de *cederistas*. A festa seguiu até o momento em que uma outra vizinha, incomodada com os ruídos, resolveu pedir silêncio, sem mencionar o atrofiado poder do comitê local. Reclamação que gerou posteriores conflitos sobre a compreensão dos limites da boa vizinhança, do comunitário, representado, no caso, pela vivência em *cuarterías*, espécies de blocos de casas geminadas, normalmente construídas a partir de *placas* (finas paredes de cimento pré-fabricadas), mais baratas e menos privativas, portanto. Apesar de sua importância, para não perder o fio argumentativo, detenho, por enquanto, essa última discussão aqui. Em outras situações, ela será retomada.

Se, em contraste com os discursos de Fidel, que sempre vangloriaram a potência dos CDR, os exemplos citados sugerem sua fraqueza, seu arruinamento – não seria exagerado afirmar –, qual o motivo de, ainda assim, destacar e problematizar a presença dessa instituição? A razão para isso não são suas obras e atuações mais aparentes. Não são as ordinárias manutenções, já tão pouco expressivas, das ruas e passeios públicos, tampouco o auxílio no combate ao mosquito da dengue ou no reordenamento de áreas atingidas por furacões.[33] Sua maior força e eficácia, a meu ver, é aquilo que foi por ela deixado como uma marca que não se estancou nenhum momento, ao contrário, cortou tempos distintos: o medo, o constante receio de ser por alguém vigiado, escutado, controlado. A verba e os materiais necessários para efetuar os projetos mais prementes dos *cederistas* podem, por um lado, até inexistir, entretanto, por outro, a vigilância dos CDR segue "desperta", "em guarda", como diz o lema, nos corpos de muitas pessoas, entranhada em seus comportamentos. Não poucas vezes, alguns de meus conhecidos,

[33] Esse foi o caso do furacão Sandy, que, no final de outubro de 2012, atingiu fortemente as províncias de Santiago de Cuba, Holguín e Guantánamo, onde as tempestades duraram mais cinco horas. Em Matanzas e La Habana, os efeitos foram bem menores, não havendo perdas significativas. Segundo dados de Giorgio Ferrario (2013:7,27), os CDR contribuíram para a identificação imediata das vulnerabilidades das famílias atingidas, pois seus membros conheciam de perto a comunidade. Também facilitaram a organização de grupos de pedreiros e carpinteiros e demais voluntários.

dentro de suas casas, protegidos dos ouvidos de algum vizinho intrometido, quando queriam falar algo negativo sobre o governo socialista cubano ou, especificamente, sobre Fidel baixavam a voz, como se estivessem proferindo alguma blasfêmia e temessem uma punição, ainda que improvável. Quando criticavam o comunismo, tomavam mais cuidado, sussurrando suas palavras de desacordo, cansaço e, claro, de um (quase) silencioso escárnio: "*¡Comunismo de pinga ese!*" (Comunismo de merda!). Algo semelhante se dava quando recebiam, em um lugar bem resguardado dos olhares alheios, pagamentos pela prestação de serviços ou vendas de mercadorias *por la izquierda*: pegavam seus *dólares*, quase sem conferir a quantia recebida, dada a velocidade da operação, guardavam-nos, brusca e rapidamente, em seus bolsos e, logo após, dissimulavam a apreensão. Em muitas dessas transações no interior dos lares, a simples presença de uma quantidade maior de CUC já causava aflição nos moradores, como se essa moeda carregasse, em si, os sinais de que o que se passava ali provinha de algo *por la izquierda*, afastado das supostamente honestas negociações em *peso cubano*. Não é demasiado lembrar que o *peso convertible*, ou seja, o CUC, surgiu como uma forma de retirar o dólar americano (USD) de circulação, sendo utilizado, primeiramente, no setor de serviços direcionados a turistas. Ainda hoje, a grande maioria da população contratada por empresas do Estado recebe seus salários em *pesos cubanos*. Já aqueles que são empregados em *negocios particulares* desfrutam da tão desejada possibilidade de um soldo em *fula*, especialmente se os estabelecimentos nos quais trabalham se localizarem em centros urbanos mais movimentados ou turísticos. Tendo isso em vista, pode-se afirmar que possuir CUC é um aspecto que conta parte da história de vida de seu proprietário: a moeda pode falar de seus vínculos empregatícios, de suas relações familiares na Ilha e no exterior, de suas andanças pelas ruas, de suas viagens a outros países, de suas associações com outros cubanos e também com estrangeiros. Esconder os *dólares* é um meio de resguardar todas essas possíveis redes e também a entrada de alguém indesejado no circuito dos *particulares sin licencia*. Sem esse ocultamento, as pessoas ficam predispostas a ser objeto de especulação de vizinhos e até mesmo de amigos próximos, que, sem dúvida, vão querer saber em que tipo de *negocio* elas estão metidas. O *peso cubano*, por sua vez, não causa ansiedade naquele que o possui, a não ser que haja uma quantidade exorbitante de dinheiro. Certamente, isso se relaciona com seu valor irrisório ante o *peso convertible*, 25 vezes mais baixo. A impotência da *moneda*

nacional aparece, de forma implícita, em algumas canções irônicas, cômicas e sexualizadas de *reggaeton* ou *timba* cubana, cujos personagens sempre andam em busca de *fula*,[34] a moeda que lhes permite adquirir os caros e sonhados produtos industrializados expostos em alguma TRD,[35] como televisores de plasma, máquinas de lavar roupa, aparelhos de som, micro-ondas, e, mais que isso, aproxima-os do mundo de *allá*, pois, "dolarizados", têm a chance de usufruir de objetos e alimentos consumidos por estrangeiros.

É interessante observar que, como tive apenas um curto e embaraçoso treino para ser um sujeito constantemente precavido, atento aos olhares e cálculos interessados das pessoas, minha ingenuidade acabava pondo meus colaboradores em situações constrangedoras e, segundo eles, complicadas. Por exemplo, em uma manhã, sentados nas cadeiras de balanço dispostas em um portal de uma casa, ao lado de uma mesa de venda de um *merolico* (camelô), eu e mais um grupo de conhecidos conversávamos livremente a respeito dos comércios ilegais. Estávamos entre *gente de confianza*, por isso as palavras, ênfases e interpretações sobre o fato eram, até certo ponto, despreocupadas e diretas. Todos davam suas opiniões, riam e debochavam da economia cubana. Instantes depois, apareceu uma senhora que, embora já a tivesse visto pelo bairro, não fazia parte do meu círculo de amizades. Ela não fora até ali para participar do bate-papo, queria, na verdade, comprar algum produto para sua casa. Sem me dar conta das mudanças na interação, segui com perguntas e comentários a respeito do mesmo tema. O *merolico*, já mais retraído, mudou, então, seu discurso de apoio aos vendedores ilegais e suas artimanhas, declarando que não descumpria nenhuma regulamentação estatal e que seu

---

[34] Os versos dos *reggaetones El táxi* (Osmani García, *Demasiado flerte*, 2014, InnerCat Music Group) e *Se te fue el avión* (Laritza Bacallao, *Sólo se vive una vez*, 2014, Planet Records) explicitam bem esse ponto: *"[...] Era el chofer el que dijo:/ '¡Oye, mira esa mujer!'/ Está dura, ah, dura, qué dura./ Pero ya tu sabes que ella quiere efectivo, dinero, testigo, visa,/ qué chula!/ lula,/ con culo de mula"; "Antes te costaba regalarme una sonrisa,/ hoy dices que la mujer de tu vida se llama Laritza./ Yo me pregunto el porqué de tanta prisa,/ ¿estás buscando divisa/ o estás luchando una visa?*". Para uma discussão sociológica sobre *timba*, *reggaetón* e *rap* e suas relações com distinção espacial, política racial e gênero, ver: Hernandez-Reguant (2010:447-92), Fernandes (2010:425-45), Zurbano (2009:143-58). Já sobre dolarização e hierarquizações sociais fundadas na divisão entre um passado socialista e um presente mercantilista, conferir: Holbraad (2002:180-85; 2010:367-93), Gordy (2004:13-30).

[35] As TRDs – sigla para *Tiendas para la Recuperación de Divisas* – surgiram em 1993, como uma tentativa de retirar o país da crise macroeconômica, a partir da introdução de mecanismos de mercado, isto é, ligados à propriedade privada. O surgimento dessas lojas esteve relacionado à legalização da circulação do dólar americano. Indica Katherine Gordy (2004:18): "*That year, the government legalized the US dollar (Law-Decree 140) in August and set up dollar stores where Cubans with access dollars, mostly those with family in the United States, would be able to buy imported goods*".

negócio, sustentado por uma *licencia de cuentapropista*, estava completamente afastado dos *changes* (intercâmbios, trocas) informais. A desconhecida, sem saber as tramas anteriores da discussão, apenas concordava com todo aquele palavrório. Assim que ela saiu do local, o vendedor, amigavelmente, repreendeu-me e, em seguida, disse-me que precisou encenar tudo aquilo porque se tratava de uma mulher com histórico de *trabajar para el gobierno*, logo, pouco confiável, "perigosa", disposta a armar *bretes* (situações de conflito).

NO PUEBLO, MAS AINDA ASSIM GUAJIROS

Após essa reflexão sobre os CDR, volto a meus primeiros dias em Colón na casa de Yuneivis. Está bastante claro, parece-me, por que tal senhora, desde o início, quis adestrar-me para possíveis interações na vizinhança. Ela bem sabia que ali, como em outros bairros colombinos, a arma de combate era o *chisme*, potencializada na vigilância *cederista* incorporada pelos sujeitos. Sem ter ciência dos códigos da *mecánica* e da melhor maneira de manuseá-los, cairia facilmente nas armadilhas cotidianas. Não bastava falar espanhol, era preciso tornar-me fluente em outro idioma, talvez mais complexo que aquele: a língua dos artifícios, um tanto controversos, de enganar, no sentido de iludir, mas também de abrandar, a *necesidad* e de *seguir pa'lante* (ultrapassar os problemas, melhorar de vida).

Yuneivis, já com mais de quarenta anos de idade, era casada com Gerardo, que, em 2012, trabalhava como cocheiro. Essa profissão, como me disseram, tornou-se bastante comum depois do decaimento do sistema de transporte público com o problema de aquisição de gasolina e peças para renovar as *guaguas Girón* (ônibus russos). Cárdenas, costumavam afirmar, era a única cidade *matancera* em que havia a tradição do uso de *coches* (carroças) como meio de transporte; nas outras, o aparecimento deles e de outras "invenções", como os *bicitáxis*, tão comuns em diferentes cidades, foi uma forma cubana de suprir a carência de ônibus. Sem as *Girón*, as pessoas passaram a desembolsar mais dinheiro para circular entre os bairros colombinos: antigamente, a passagem custava somente 20 *quilos*, isto é, 20 centavos em *moneda nacional*. Hoje, elas têm a opção de pagar 2 *pesos*, caso compartilhem o *coche* com outros usuários, tendo de esperar que ele seja completamente ocupado, ou 10 *pesos*, se preferirem alugá-lo *particularmente* para levá-las até o destino exato. Para facilitar o acesso, havia, espalhadas pela cidade, diferentes *piqueras*, pontos em que os *coches*, dispostos em fila, aguardavam sua vez de

transportar os passageiros. Essa ordenação só podia ser corrompida pelo aluguel particular, pois quem alugava tinha o direito de escolher com qual *coche* desejava ser transportado, usando, para tanto, critérios como melhor estofamento dos bancos e presença de aparelho de som. As *piqueras* não eram aleatórias, ao contrário, estavam associadas, quase sempre, aos principais locais onde havia embarque e desembarque de *máquinas* (carros antigos ou improvisados) e caminhões de passageiros de outras cidades ou mesmo de bairros distantes do centro, as chamadas *paradas*.

A *piquera* de Gerardo era bem próxima de sua casa, do lado do hospital de Colón e em frente à *parada* de Banagüises. Ainda que fosse uma área relativamente movimentada durante a manhã e o fim da tarde, havia, normalmente, uma quantidade maior de cocheiros em fila, o que diminuía a possibilidade de corridas diárias para cada um do grupo de trabalhadores daquele ponto. Yuneivis, indignada, sempre criticava o fato de Gerardo ficar ali parado durante muito tempo. Para ela, o melhor a fazer, diante da ausência de movimento nas horas menos favoráveis, era circular pelas ruas centrais, onde havia mais comércios, a fim de recolher passageiros *particulares*. Todavia, seu marido não tomava essa atitude e acabava perdendo dinheiro. Gerardo defendia-se: o cavalo não podia ser tão demandado, já que nem sempre conseguia uma quantidade razoável de capim para alimentá-lo. Se quisesse que o animal trabalhasse mais, precisaria adquirir mais alimento, inclusive comprando-o de pessoas que se dedicavam a recolher mato nos campos de cana dos arredores. Teria também, provavelmente, um aumento nos gastos com a manutenção do *coche*, os quais seriam acrescidos à *licencia* para trabalhar como cocheiro. Ademais, ele se sentia cansado com a rotina diária, que incluía o cuidado da *renta de habitación*, ainda que sua esposa fosse a principal responsável por esse negócio, e outros pequenos trabalhos *sin licencia*, como a venda de um refrigerante caseiro por ele mesmo preparado.

Não sei quanto o casal, somando os ganhos de suas diferentes atuações, conseguia faturar mensalmente. Como numa encenação direcionada a estrangeiros, com seus exageros, mas nem por isso uma inverdade, Yuneivis lamentava-se das dificuldades rotineiras para obter dinheiro, do preço exorbitante de mercadorias como roupa, alimentos e produtos industrializados importados. Embora esse sofrimento não fosse injustificado, sua família não tinha uma situação financeira deplorável. E, para afirmar isso, baseio-me nos objetos que povoavam a casa deles, os quais, não há dúvida, tinham uma história de

aquisição, e também em alguns aspectos da vida ordinária. Seu filho, um jovem formado em ciências da informática em um importante instituto de La Habana, havia, em 2011, viajado para Venezuela em uma *misión*[36], onde permaneceu por um ano. De lá, pôde trazer roupas, como calças *jeans* e camisas de famosas equipes de futebol, e CDs virgens para que sua mãe os vendesse no interior da casa, às escondidas, e, assim, aumentasse a entrada de *pesos* e CUC na renda familiar. Ele também adquiriu, como pude ver, um computador, um ar condicionado e uma lavadora de roupas de última geração, recebida, com grande expectativa, meses depois de seu retorno. Seus familiares temiam que a lavadora não chegasse intacta à alfândega ou, no pior dos casos, se perdesse, como tinha ocorrido com um colchão enviado antes. Por seu turno, Gerardo era dono de um *coche* legalizado, como demonstrava o número da licença pintado em sua carroceria, e de um cavalo. Dispunha, igualmente, de um balão de hidrogênio, fundamental para a preparação da bebida caseira gaseificada. Já Yuneivis pagava uma senhora para ajudá-la a organizar a *renta* e uma sobrinha para limpar o restante de sua casa, semanalmente. Além disso, o casal desembolsava por volta de 300 *pesos* mensais para o pagamento das *licencias de cuentapropista*, sem as quais não poderiam manter os dois principais meios de subsistência, pois, com exceção do filho, que voltara a receber um salário cubano, expressamente menos elevado do que aquele da *missão*, eles não tinham nenhum vínculo empregatício com o Estado.

Ao lado dos novos e modernos equipamentos vindos de fora, a casa de Yuneivis, contava com cadeiras de balanço tanto na sala quanto em uma varanda na parte dos fundos. Possuía um televisor colorido, DVD e um aparelho de som. No banheiro azulejado, havia instalações de água, com uma descarga no aparelho sanitário e um chuveiro elétrico. A cozinha era composta por uma geladeira relativamente nova, fogão a gás e pela *meseta* de madeira (bancada) que, do ponto de vista de minha anfitriã, valorizava o seu lar e chamava a atenção dos visitantes, algo que ela desejava (só muito

[36] As *missiones* fazem parte da ideologia de uma solidariedade internacionalista, abarcando desde apoio em guerras até envio de pessoas para auxílios educacionais e na área de saúde, por exemplo. Se, antes, fazer uma *misión* era marca de um "verdadeiro" Revolucionário, hoje isso se transformou. As pessoas desejam ir para outros países como médico, dentistas, engenheiros etc. como uma forma de alcançar divisas e "melhorar a situação": "Fulano está em uma missão" ou "foi para uma missão" são expressões recorrentes e indicativas da presença de *pesos convertibles* entre as redes da família, assim como de mercadorias importadas.

mais tarde pude constatar o valor simbólico de uma *meseta*). Em conjunto, esses objetos demonstravam o quanto o casal havia se *desarrollado* (desenvolvido).

Certo dia, mostrando-me uma foto dos primeiros meses de casada, Yuneivis assinalou que ela e Gerardo eram *guajiros*, *brutos*, vinham do campo, e isso, naquele instante, era evidenciado, aos olhos dela, pela casa que figurava na imagem, fincada em um chão de terra e coberta com telhado de *guano* (tipo de palha), absolutamente distinta daquela que os amparava em 2012, com seu piso de cerâmica, paredes de *mampostería* (alvenaria) e teto de laje. Mas os elementos da fotografia cobriam apenas uma parte do que sustentava essa afirmação. Para Yuneivis, a lida diária de um *guajiro* não se referia somente a uma moradia rural, ao cultivo da terra e cuidado de animais. Se assim o fosse, eles estariam bem distantes dessa acepção, pois, em Colón, a família já não mantinha nenhum plantio e haviam deixado de lado até mesmo a pequena criação de porcos e galinhas. Gerardo precisava tratar apenas do cavalo usado no *negocio particular*. Nesse sentido, quando dizia que era uma *guajira*, implicitamente, ela punha em jogo questões que balanceavam essa noção, como tipo de trabalho exercido no dia a dia, dificuldade para obter e utilizar novas tecnologias, movimentações circunscritas, quase sempre, aos limites da própria cidade, viagens e contatos com turistas. Suas ideias proporcionavam uma variação e ampliação do que seria um *guajiro*, possibilitando que este fosse visto como um sujeito de maiores potencialidades e capaz de agir até mesmo de forma poliativa,[37] mas, ao mesmo tempo, apresentava-o como alguém com uma visão de mundo limitada, por estar encerrado em um reduzido espaço de relações e trocas de conhecimento. Por vezes, ela mesma diminuía suas capacidades, usando como justificativa o fato de que não passava de uma simples *guajira*, a despeito de ter cursado um técnico em contabilidade e exercido essa profissão durante alguns anos numa empresa estatal da cidade. Muito possivelmente, essa depreciação operava, em algumas ocasiões, como uma maneira de manipular a elasticidade da acepção para explicar fracassos ou, na

[37] Utiizo o adjetivo poliativo para os *guajiros* (um *guajiro*, como demonstro, pode ser ou não um *campesino*), mas também ela pode ser estendida aos *campesinos*. Kearney (1996) e Schüren (2003), por exemplo, ainda que apresentem algumas divergências analíticas, redefinem a categoria *peasant* e as delimitações homogeneizantes e estanques existentes no par urbano-rural. Ambos inserem os campesinos em lógicas dinâmicas, globais, e compreendem-nos como atores flexíveis, isto é, que se adaptam às mudanças sociais e atuam, contextualmente, a partir de diversificadas estratégias econômicas. Tais problematizações são fundamentais para analisar o caso dos campesinos e trabalhadores rurais do Central México, pois, semelhante aos exemplos de Schüren (2003), estes exercem múltiplos papéis em suas variadas atividades hodiernas, característica que não seria apenas de trabalhadores que exercem funções fora da terra ou que fariam parte do mundo do *pueblo* ou do *batey*.

melhor das hipóteses, reiterar conquistas, especialmente diante de um estrangeiro. Considerando isso, quando falavam, por exemplo, da casa modernizada e do filho estudado, com experiência de viagem ao exterior, estava subentendido um dos efeitos dessa diminuição estratégica; era como se sempre dissessem: "Mesmo sendo *guajiros*, construímos, com nossos recursos, uma habitação de tijolos e laje e educamos nosso filho em La Habana, *nos desarrollamos*".

ENTRE O ARRUINAMENTO E A RECONSTRUÇÃO

Yuneivis e Gerardo sabiam que a cidade já não oferecia muitas possibilidades de crescimento pessoal. Eles viram o arruinamento de tudo que ali fora levantado, reconstruído ou mantido pela Revolução; observaram a descontinuação dos programas de cultura associados ao teatro e ao cinema, a deterioração de casas, prédios e ruas que não puderam receber reparações, o fechamento de indústrias locais e a decadência dos mercados agrícolas, comércios (padarias, barbearias, bares, depósitos de construção, sorveteria Copelia), cabarés e hotéis estatais. As antigas lojas de roupas e tecidos em *pesos cubanos* passaram a vender produtos de qualidade ruim e completamente distintos do que antes nelas era comercializado. Somente nos dias de sorte alguém talvez pudesse encontrar nas vitrines vazias dessas lojas, misturados a baldes, escovas de lavar roupa, cadernos, sacolas de pano, detergente líquido, talco ou qualquer outro tipo de mercadoria mais simples, artigos de vestuário a baixo custo, mas, como era de se esperar, feitos de maneira tosca.

Já o hotel Santiago Habana, um ícone da cidade, com um restaurante que no passado fora um ponto de encontro de famílias e casais de namorados, estava, como me contaram, em um estado lamentável, sendo seu principal problema a carência de água para abastecer os banheiros dos quartos. Sua cafeteria externa, apesar de ter dois ou três funcionários uniformizados tal como os garçons dos "bons" restaurantes estatais das capitais cubanas, servia lanches nada apetitosos e era repleta de moscas. A pizzaria estatal, localizada a poucos metros do hotel, também tinha o mesmo aspecto, com o detalhe de que o atendimento era extremamente lento, desinteressado. Meus anfitriões pediam-me para não comer em nenhum dos escassos restaurantes e cafeterias estatais, pois todos eram ruins. Diziam-me que precisava buscar, sempre, uma *paladar particular* (lanchonete, restaurante, bar), não devia ir a qualquer *timbiriche* (espécie de *paladar* mais simples, boteco, barraca). Tinha de tomar cuidado porque, para economizar na preparação

dos alimentos, as pessoas eram capazes de fazer de tudo. Acrescentavam que eles já estavam acostumados, eram *cubanos*, eu, ao contrário, um *yuma* recém-chegado, criado com os bons alimentos de *allá*, seguramente não me adaptaria a nenhuma das invencionices alimentares *callejeras*.

Apesar dos variados declínios que afetaram a organização da cidade e, acima de tudo, o cotidiano dos moradores, que foram obrigados a se adaptar às mudanças e a encontrar soluções para seus distintos problemas, o *pueblo* – designação dada à parte central de uma cidade, na qual se encontram os principais pontos de comércio – não estava morto. Os desmoronamentos que remetiam ao passado do socialismo cubano conviviam, lado a lado, com as *chopin*, lojas em CUC especializadas na venda de objetos industrializados e alimentícios nacionais e importados. Elas, em contraste com a rusticidade dos comércios em *moneda nacional*, eram equipadas com ar condicionado, estantes com prateleiras de vidro; os produtos eram organizados por seção, com os respectivos preços demarcados com uma etiqueta impressa, em vez de escritos à mão e dispostos de forma quase aleatória; na entrada delas, havia escaninhos para guardar as bolsas e um vigilante estava sempre estacionado próximo à porta. Poucos produtos eram de livre acesso aos clientes, na verdade, apenas os mais robustos, mais difíceis de serem roubados, não ficavam atrás de um balcão. Xampus, cremes corporais, desodorantes e perfumes eram protegidos por um vendedor – os mais caros, como os produtos Pantene e Nivea, eram mantidos em um armário de vidro trancado à chave. Tudo indicava que, nesse ambiente, a população lidava com mercadorias distintas daquelas que encontravam nos outros mercados, antes também povoados por objetos industrializados de qualidade e mais sofisticados; em síntese, nas *chopin* estavam presentes, a preços pouco acessíveis, mercadorias que faziam parte dos itens da escassez que tanto atormentava o cotidiano de muitos citadinos de Colón.

E não é só isso, mescladas a esses dois tipos de comércio, estavam, o que para mim é mais importante, as ações por conta própria, legais ou ilegais. Nos pontos mais movimentados do *pueblo*, estacionados nos portais das casas, havia inúmeros *cuentapropistas* com suas também inúmeras ofertas de serviço e mercadorias, sendo as já mencionadas *paladares* apenas um dos exemplos do extenso rol de atividades existentes. Esses trabalhadores disponibilizavam tanto aquilo que podia ser encontrado nas *chopin* quanto produtos que não circulavam no mercado formal. O circuito dos *cuentapropistas*

e dos objetos que manipulam e (re)vendem é longo e intrincado; não o detalharei agora, pois, em outro capítulo, após a exploração de aspectos que ainda não foram explicitados, ele será descrito e analisado de modo pormenorizado. Por ora, aponto unicamente que, no *pueblo*, o *cuentapropismo* ocupava um papel importante nas transações diárias e também para a manutenção de um consumo não alcançado nos comércios estatais em *fula* ou *peso*.

Pode parecer contraditório indicar uma cidade com tantos trabalhos por conta própria e, concomitantemente, dizer, fundado na percepção de Yuneivis, que não havia grandes possibilidades de "desenvolvimento" no *pueblo*. No entanto, inexistia um contrassenso nessa conjugação. A variedade de novas ações não tinha como implicação direta a abertura de mais vagas de emprego. A não ser que se tratasse de donos de *paladares* ou *timbiriches*, que precisavam de cozinheiros, faxineiras e atendentes, a maioria dos *cuentapropistas* conseguia gerir e conduzir seus negócios individualmente ou, como também era comum, com o auxílio de familiares. Além disso, como avaliavam, todos os empreendimentos que poderiam render-lhes algum lucro financeiro já tinham sido testados e assumidos por alguém; tal como dinheiro e produtos, as opções inovadoras de *cuentapropismo* também escasseavam. Desse modo, aquilo que, visto a distância, era variedade, de perto, tornava-se mais do mesmo, replicações de replicações: mais um restaurante, mais um *merolico*, mais um vendedor de roupas e sapatos, mais um *coche*, mais uma *máquina particular*.

NÃO SE PODE VOLTAR, O MELHOR É PARTIR, MAS UNS FICAM

Qual a solução encontrada para fugir dessa situação de difícil manejo? Sair da cidade era uma delas, e talvez a mais forte e atraente para muitos dos habitantes. Desde o início da minha pesquisa de campo, causou-me impressão a grande quantidade de casas à venda, e, com o passar do tempo, tive notícia de muitos conhecidos e amigos que deixaram o munícipio para tentar a sorte em um centro urbano que lhes proporcionasse outros meios de vida.

Yuneivis e Gerardo sentiam-se velhos para encarar esse tipo de mudança, preferiam seguir instalados em Colón, afinal a *renta* deles não estava mal. Depositavam a obrigação de manter o "desenvolvimento" em seu filho, que, naquele período, namorava uma moça que recebia, mensalmente, dinheiro de familiares que viviam nos Estados Unidos. Yuneivis não achava que tal garota fosse a melhor escolha para o rapaz, porque, em vez de batalhar para *superarse*, ela vivia extremamente "acomodada", apenas

usufruindo daquilo que lhe era brindado pelos parentes. Não quis cursar uma faculdade, nem sequer pensou sair de Colón. Os dólares mensais lhe deixavam numa situação muito confortável, sem contar que tinha uma casa melhor que a de sua sogra, mobiliada com aparelhos de última geração. Gerardo e Yuneivis temiam que o filho, maravilhado com as facilidades da vida ao lado de sua namorada e, junto disso, decepcionado com o mísero salário que vinha recebendo em La Habana, abandonasse sua carreira e retornasse para o interior de Matanzas. O caminho de volta não era de fácil aceitação, significava, para eles, retrocesso: depois de tudo o que tinham feito para mantê-lo na capital, ele não podia, no fim, se transformar em um *guajiro*.

Apesar da opinião de sua mãe, o jovem casou-se com a dita moça e, logo em seguida, mudou-se para Colón, desistindo de sua profissão. Em dezembro de 2014, num encontro fortuito em uma das ruas do *pueblo*, ele contou-me que decidira manter uma mesa de sinuca ilegal, escondida na garagem alugada de uma casa. Esse foi o negócio por conta própria que pôde improvisar – pelo que pude observar, não havia tantas opções desse jogo na região. No ano seguinte, para minha surpresa, tudo havia mudado. Gerardo, que então cuidava do jogo de sinuca, me falou que seu filho deixara o país, aproveitando as facilidades para entrar no Equador surgidas com a nova legislação sobre viagens para o exterior.[38] Estava, no período, como turista, sem visto de permanência, mas não pretendia retornar, só o faria se fosse deportado. Não pude perguntar nada sobre o casamento. O fato é que, se ficasse na cidade, iria estancar-se, prejudicaria, como seus pais conjecturavam, seu "desenvolvimento".

O Equador aparecia, naquele momento, como a alternativa mais plausível e segura de sair da Ilha para muitos cubanos, isto porque a principal exigência – bastante remota para grande parte das pessoas com as quais convivi – era a propriedade de moeda forte

[38] A nova legislação para viagens ao exterior foi publicada em 2012. Estava em La Habana na época. Na rua, taxistas e transeuntes diversos opinavam acerca do que estava em foco no documento: muitos falavam que não havia tanta mudança, continuaria viajando aqueles que detinham CUC, porquanto os gastos para fazer o passaporte e pagar o visto eram bastante altos para um cubano comum; outros, porém, vislumbravam a possibilidade de "economizar" para realizar uma viagem turística. Indignados, outros, fundamentados na ideia de que *allá* as legislações eram completamente favoráveis aos desejos dos cidadãos¸ ainda pontuavam que era um absurdo que, no mundo inteiro, somente os cubanos não pudessem escolher se queriam ou não viajar, isto é, tivessem de pedir permissão. Nessa época, o principal assunto eram as *cartas de invitación*, interpretadas simplesmente como um tipo de "convite" feitos por um estrangeiro para que um cubano pudesse visitar seu país. Saber o que exigia uma *carta de invitación* era uma questão para muitas pessoas. Como estrangeiro, sempre me perguntavam o que seria necessário se eu quisesse convidar alguém para vir ao Brasil. Assinalo ainda que aproximar-se de um *yuma* era uma forma de estar também mais próximo de uma *carta de invitación*. Cf. Ley No. 1312, "Ley de Migración", Decreto-Ley No. 302, 16 de octubre de 2012.

para fazer o passaporte e comprar a passagem aérea. Não teriam de enfrentar os perigos e incertezas de uma travessia, em balsas ou pequenos barcos, das tão citadas 90 milhas até Miami. Ainda que fosse reconhecido pela sua precariedade – como não deixavam dúvidas as dezenas de exemplos de fins trágicos, entre os quais o do menino Elián González, que, em 1999, adquiriu grande repercussão nacional e internacional (Sahlins 2006) –, esse tipo de viagem demandava investimentos relativamente elevados, dado que, segundo *chismes*, aqueles que tivessem coragem de encarar tal aventura necessitavam pagar os especialistas no negócio (aluguel de lanchas rápidas), isto é, os articuladores de uma rede de pessoas e mecanismos para atingir a costa norte-americana (encontrar o especialista correto era, por suposto, um desafio a mais para não perder os *dólares* investidos). Ultrapassando todos os empecilhos, os migrantes que aportassem em solo americano podiam gozar da lei de ajustes.[39] Já para o caso do Equador, os problemas mais complicados, como dito, não estavam nem na partida nem no trajeto, mas, normalmente, nos dias posteriores à chegada ao país estrangeiro, quando os que não foram ali somente para comprar mercadorias para revender em Cuba iniciavam uma nova saga para entrar nos Estados Unidos, como parentes de alguns amigos tinham feito entre dezembro de 2015 e fevereiro de 2016. Para eles, as terras equatorianas serviam apenas de ponte, não eram sentidas como o sonhado destino final. Embora capitalista, era um *allá* muito próximo da realidade de pobreza e dificuldades diversas que supunham conhecer, daí o semelhante desejo de nele não permanecer.

O batey, seus negócios, gentes e campos

A um pouco mais de dez quilômetros do centro de Colón, em direção à *llanura de Banagüises*, encontrava-se o Central México, antigo engenho Álava, fundado, no século XIX, pelo espanhol Julián de Zulueta y Amondo, cujas "habilidades financeiras", propensões políticas e mercantis e abertura para avanços tecnológicos garantiram-lhe a alcunha de "precursor do capitalismo em Cuba" (Marrero Cruz 2005). A pequena distância em relação ao *pueblo* não era sinônimo de proximidade, semelhança. Pelas

[39] Referência à Ley de Ajustes Cubanos de 1966. Segundo Ted Henken (2005:158), "*la intención y función originaria de la Ley aprobada en 1966 eran simplemente las de permitir a los cubanos que ya se encontraban físicamente en Estados Unidos ajustar su status migratorio del limbo en que se encontraban a la residencia permanente*".

janelas das *máquinas* ou dos vãos dos caminhões que conduziam seus passageiros para esse local, era possível notar a brusca mudança na paisagem: entravam em cena os canaviais das *cooperativas cañeras* e as *fincas* (sítios) com cultivos de gêneros diversos e criações de animais. As casas, embora sempre presentes, ficavam mais espaçadas umas das outras, os edifícios de comércios praticamente desapareciam. Somente em Banagüises, a dois quilômetros do bairro, reapareciam um agrupamento populacional relativamente mais denso que o do percurso até ali, mas, ainda assim, nada comparável ao centro de Colón (Mapa 1.1).

Uma placa, pendurada num certo *punto de venta* agrícola, sugeria a chegada a uma região "suburbana", nomenclatura que jamais foi sequer mencionada por qualquer de meus interlocutores. Usavam, em vez disso, a designação *campo*, em um visível contraste com a noção de *pueblo*. Aproveito essa menção para pontuar algumas reflexões sobre *el campo*, conceito nativo que não funcionava como algo fixo; era relacional, tal qual a ideia de *guajiro*, dependendo, pois, do ponto de vista do enunciador e de onde este falava. Para colombinos, todos os povoados que estavam fora do *pueblo* podiam ser taxados de *campo*. Já para residentes *habaneros*, Colón, em seu conjunto, era um *campo* de Matanzas, não importando os seus quase 80 mil habitantes e suas características urbanas (arquitetura, economia, importância industrial etc.). Nessa última acepção predominava, como indiquei no começo da introdução, a prerrogativa de que *campo* é aquilo que não está na capital, o lugar onde há movimentação e circulação de dinheiro, mercadorias e pessoas, onde as possibilidades de *superarse* são quase infinitas, mas, ao mesmo tempo, o lugar em que não se pode confiar em ninguém, pois todos estão em uma tremenda luta para conseguir sobreviver. O *campo*, ao contrário, aparecia como o cenário da "calmaria", das "zonas de silêncio" (Frederik 2012), do "altruísmo", da "unidade", do almejado socialismo; ele estaria ainda afastado das influências e "impurezas" advindas da transição para a economia de mercado, como o turismo e, por consequência, a dolarização da vida. Havia, junto disso, uma classificação baseada na diferença entre ocidente – encarnado, repito, em La Habana – e oriente – representado, em especial, por Camagüey, Granma, Santiago de Cuba e Guantánamo. Nela, a separação entre áreas de planície e planalto, fundada na hipótese de que as *lomas* (morros, montanhas) seriam o espaço, por excelência, do homem e da mulher do *campo*, exercia um papel fundamental. Assim, quando alguém afirmava que fulano vivia nas *lomas*, estava subentendido que se tratava

de um *guajiro*, não de uma pessoa *civilizada*, isto porque se imaginava que ele, ao lado de seus familiares, mantinha uma vida rústica em seu *bohío* (casa de madeira, com teto de palha), em um local que, mais que somente afastado do *pueblo* e suas modernizações, era de acesso complicado, em função da própria geografia e da insuficiência de meios de transporte e rodovias adequadas. Essa caracterização, apesar de recair, normalmente, sobre a população das serras da parte oriental cubana, também servia para os moradores do Escambray, em Cienfuegos, como mostra Laurie Frederik (2012).

Insisto que os modos de classificar pessoas e lugares a partir das categorias urbano e campo não devem ser compreendidos como polarizações petrificadas, já que isso retiraria de cena toda a riqueza dos usos que os sujeitos fazem deles em suas interações e percepções da paisagem, bem como impediria que fosse visualizada a transferência dos polos comparativos para situações e escalas distintas. Por exemplo, mesmo no interior de um espaço categorizado pelos seus próprios habitantes como *campo*, é possível encontrar variações que o aproximam da urbanidade do *pueblo*, o que faz com que haja gradações nas apreciações nativas sobre o ambiente habitado e partilhado. Tal questão é imprescindível para o caso analisado, como ficará evidente. Dito isso, dou sequência ao rápido traslado de Colón à usina.

Saindo de Banagüises, as *torres* (chaminés) do central, antes diminutas, agigantavam-se. Nos meses de safra, mais ou menos entre dezembro e maio, os sinais de fumaça davam mostras não somente do bom andamento da moenda, mas também da possível dinâmica que lá predominava: fluxo constante de operários do próprio bairro e também de outras áreas, carretas, tratores e mercadorias; circulação de moradores locais e vendedores variados; diversificação das oportunidades de emprego formal e transporte. Já a ausência de fumaça sugeria, de antemão, a diminuição das movimentações locais devido a avarias nas máquinas da indústria ou, o mais comum, ao *tiempo muerto*, que se estendia do início das chuvas de verão até fins de novembro. Durante esse "tempo", a produção de açúcar era interrompida; o central entrava em *reparação* para que suas peças fossem limpas e reajustadas para a próxima temporada de trabalho, contando, para tanto, com a ação dos operários permanentes. Os que foram contratados temporariamente precisavam ir atrás de outros afazeres, legais ou não, para substituir a renda que só voltaria a entrar muitos meses depois. A rotina diária retomava seu andamento, agora sem as visíveis (e imaginadas) efervescências trazidas pela corrida em busca da realização da

melhor safra, isto é, aquela que renderia melhores salários, mais *estímulos* e, sobretudo, mais *vida* ao bairro e vizinhanças, como habitualmente afirmavam. Desse modo, aquelas altas chaminés, para além de símbolos que demarcavam a imponência de um engenho que se transmutou em central açucareiro e seguiu todo o século XX, eram indícios que remetiam à conformação do cotidiano no decorrer do ano no *batey*, conceito que merece atenção.

UM ESPAÇO NA HISTÓRIA

A usina não estava exatamente em um *barrio*, mas em um *batey*. Na verdade, as pessoas praticamente não empregavam aquela palavra, mencionavam-na somente quando eu solicitava alguma explicação. *Batey* era, entre elas, o termo mais usual, sendo, digamos, autoexplicativo. Perguntar seu significado lhes soava como algo bizarro – somente um tonto antropólogo faria tal inquirição. De forma semelhante, os jornais impressos e os noticiários televisivos, quando abordavam questões do mundo açucareiro, também o utilizavam, sem que houvesse qualquer tipo de esclarecimento, pois supunha-se que os leitores e espectadores cubanos entendiam do que se tratava: falar de *batey* era como falar, por extensão, de açúcar, dos centrais açucareiros e suas respectivas comunidades populacionais. A generalidade e a autoevidência se rompiam assim que eram enfocados os modos pelos quais essa categoria era posta em ação, imaginada e/ou manipulada pelos habitantes. Sobressaíam, por exemplo, particularidades referentes a organizações, hierarquizações e distinções espaciais locais. O *batey* passava a ter sentido apenas no processo em que era emparelhado a ou apartado de outras definições presentes na espacialização da área e suas relações com as maneiras nativas de *hacer la vida* diariamente.[40]

Embora não tenha a pretensão de oferecer uma história antropológica e sociológica da noção de *batey* nem, menos ainda, me preocupe com sua origem, que, segundo Mintz (2010 [1974]), é um vocábulo *arawak*, cabem algumas palavras sobre sua caracterização mais corrente nas ciências sociais. Em *Contrapunteo del tabaco y el azúcar*, Fernando Ortiz (1963[1940]:81), a partir de documentos do século XIX, demonstra que o *batey* deve ser compreendido dentro da "complexa instituição econômica-social" chamada engenho, da qual ele era dependente, mas também a

[40] A ideia de *hacer la vida* atravessa toda a tese, porém é melhor trabalhada nos capítulos 3, 4 e 5.

construía e reforçava. Figurava junto das extensas plantações monocultoras de cana-de-açúcar e da "enorme fábrica de maquinários de prensado, evaporação, cristalização, centrifugação e transporte", ocupando a função de "núcleo urbano, casario ou cidade, [...] com seus *barracones*,[41] casas, oficinas, armazéns, estábulos e outros serviços". A relação entre o trio plantação-engenho-*batey* manifesta-se ainda mais forte em "El barracón de ingenio en la época esclavista", de Juan Pérez de la Riva (1973). Além de definir o *batey* como "domicílio do *hacendado*" (:21), o que revela seu lado doméstico, e não só de "cidade", ao acompanhar o processo de constituição e modernização do *barracón* ao longo do Oitocentos em Cuba, em particular a passagem do *barracón-nave* para o *barracón de patio*,[42] esse autor acaba mostrando a transformação da própria organização da vida no *batey*, que "se articulou mais e mais ao funcionamento da fábrica de açúcar" (:17). A materialidade dessa conexão, como se infere da leitura do ensaio, era representada pela rede de tubos que distribuía água corrente a várias das construções "permanentes, elegantes e sólidas" do *batey*, pelo sistema de iluminação a gás e, principalmente, pela "sinistra prisão açucareira" então renovada. Com efeito, o *barracón*, com grande extensão, grossas paredes de alvenaria e fechado, tornou-se uma arquitetura de destaque entre as outras edificações. E não apenas isso, ele influenciou, sobretudo entre 1845 e 1855, a dinâmica econômica, produtiva e de controle escravista (Pérez de la Riva 1973:17,43-4).

Esses "cárceres" marcaram de forma indelével os *bateyes*; muitos ainda podem ser vistos nas regiões que possuem usinas açucareiras. Adentraram, sólidos, a Revolução. Pérez de la Riva (1973:44) pontua que, logo depois da abolição, em 1886, alguns deles foram desabitados e inutilizados. Mas isso durou pouco tempo, porquanto, já no período capitalista, sob domínio norte-americano, passaram a ser empregados como alojamentos temporários de "jornaleiros livres", africanos ou não, da nova indústria açucareira. Novidade que, na visão do historiador citado, carregava as máculas de seu passado: "O

[41] Não traduzi esse termo como senzala, porque, no caso cubano, segundo Pérez de la Riva (1975:21), o *barracón* podia ser usado para indicar, ao mesmo tempo, um depósito permanente ou provisório de negros e cargas em geral. Já no Brasil, significou sempre um "depósito temporário de escravos. [...] Para designar o *barracón* de engenho [isto é, definitivo] foi criado uma voz nova, e, por certo, bastante evocadora, a *senzala*". Mais adiante no texto, o autor indica: "Segundo os dados que reunimos, as *senzalas* eram retangulares e com dimensões muito inferiores aos *barracones* cubanos da época clássica" (:23).

[42] Para uma caracterização detalhada dos dois tipos de *barracón*, ver: Pérez de la Riva (1975:23-5,29-35); Barnet (2001).

imundo *barracón*, com tudo o que significava, continuou sendo o símbolo da exploração" (:45).

As referências à categoria *batey* não se esgotam nos dois estudiosos cubanos. Em diálogo com as pesquisas desenvolvidas pela antropologia caribenha nos anos 1960-1970, Sidney Mintz (1974) mostra como tal conceito é operacionalizado no contexto etnográfico de comunidades campesinas porto-riquenhas. De acordo com sua argumentação, a unidade sociológica *house-and-yard* (casa-quintal) é de extrema significância para o entendimento da conformação e história das populações rurais no Caribe, as quais, em sua fundação, estiveram associadas aos movimentos de resistência e fuga de escravos para o mato, onde iniciaram uma "adaptação camponesa" (:21) que envolveu ordenação da população, dos assentamentos e usos da terra. Menos que a discussão sobre esse processo adaptativo, o que importa, aqui, é o fato de que esse par, independentemente de suas particularidades, funciona, nas palavras do autor, "como um cenário para a atividade diária" (:12): concepção e criação de crianças, ritualização da morte, comensalidade, tudo isso se daria dentro dessa esfera. No meio rural de Porto Rico, especificamente, o *bohío* personificaria a casa e o *batey*, o pátio, sendo este definido como um lugar em que as famílias que compõem um *household*[43] trabalham coletivamente e encontram-se para conversar. Um local propício à manifestação das emoções. O *batey*, na acepção porto-riquenha, não é somente um simples pedaço de terra delimitado por meio de cercas ou muros, apesar de muitas vezes ser assim circunscrito – pensá-lo desse modo seria uma redução –, mas também uma configuração espacial fundada na relação entre outros lugares, pessoas ou coisas, como terra e ancestralidade. Essa é a novidade trazida pela caracterização feita por Mintz, e ela tem muito a oferecer ao caso que analiso, seja com indagações, seja com complementos à proposição histórica do *batey* açucareiro cubano como metonímia de "cidade". A atenção dirigida ao caráter relacional do espaço é, para mim, essencial no exercício de examinar os sentidos que os moradores dão ao *batey* e como o performam em suas experiências, produzindo, como resultado, uma classificação da paisagem.

[43] Solien (1960) discute, a partir de dados etnográficos caribenhos, a noção de *household*.

Alguns dos elementos presentes nas caracterizações de Ortiz e Pérez de la Riva ainda compunham o *batey* onde conduzi minha investigação. Grande parte deles, contudo, havia se transformado, adequando-se às estruturas formais do socialismo cubano. Outros aspectos, por sua vez, eram completamente diversos aos daqueles apresentados pelos dois estudiosos. Na rua principal, isto é, a que ia da *carretera* de Banagüises até o *terreno de pelota*, representando o "núcleo urbano", estavam os costumeiros mercados estatais em *pesos cubanos* (*cafetería*, *bodega*, açougue, farmácia), vendedores de *bolita* (jogo proibido de loteria), um posto médico, uma escola primária, alguns negócios particulares com licença; já os escritórios administrativos da empresa localizavam-se nas ruas imediatas ao central. De todas as construções, a mais notória era, é claro, o *barracón*, construído no século XIX, mas adaptado às necessidades de seus atuais habitantes, e sua torre campanário, que, apesar de estar em ruínas, servia como lugar de encontro e comércio. Ali, diariamente, um senhor montava sua pequena (e pouco sortida) banca particular de legumes e frutas, grupos de homens se reuniam para jogar dominó ou dama e também para discutir os resultados da última partida de beisebol do campeonato nacional. Caminhonetes ou outros tipos de automóveis com carregamentos de alimentos *perdidos*, ou seja, em falta nos mercados formais, quando apareciam por aquelas bandas, sempre estacionavam nas proximidades do campanário para vender suas mercadorias o mais rápido possível. Assim que chegavam, provocavam certo alvoroço entre os habitantes, que, em instantes, espalhavam a novidade: "*¡Están vendiendo pescado en el batey!*". Com esse tipo de frase, não precisavam acrescentar mais nada; estava suficientemente claro, até mesmo para as pessoas que moravam em casas mais distantes, fora do próprio *batey*, que alguém comercializava por conta própria – estava em um *bisne*, se se quiser – em frente ao campanário. Todos tinham ciência de que esse tipo de intercâmbio era efetivado naquele ponto, em que, não é demasiado frisar, circulava a maior quantidade de pessoas. Há que se acrescentar que a frase determinava, sem a necessidade de ajustes semânticos, que não se tratava de uma mercadoria negociada nos recintos não *particulares* da *cafetería*, *bodega* ou *carnicería*, haja vista a ausência da expressão *por la libre*, cuja função era indicar que a quantidade a ser vendida a cada morador não era fixada pela *libreta de abastecimiento*: comprava mais quem possuísse mais *pesos* e estivesse em uma boa posição na fila da tenda estatal. Para os produtos da *libreta*, bastava especificar o que era vendido, seguido do verbo *llegar*, como *llegó el*

café, llegó el huevo, llegó la íntima. Não era de todo necessário dizer onde essas coisas "chegaram" porque as pessoas sabiam previamente quais locais estavam em questão. Por último, é preciso lembrar que havia os alimentos e artigos industrializados variados vendidos em CUC na *chopin* local, denominada por alguns de *Kiosko*. O que mais atraía a atenção dos meus amigos, e imagino que a de muitos outros habitantes, eram os pacotes de salsicha e de pedaços de frango congelado, os quais, não raro, também *se perdiam*. Quando reapareciam, escutava-se na rua: "*¡Hay pollo en la chopin!*" ou "*¡Hay salchicha en la chopin!*". Acompanhando os burburinhos, o aumento de pessoas com *jabitas chillonas* – as sacolas plásticas fornecidas gratuitamente apenas nas *chopin* – e alguma fila inesperada na porta do *Kiosko* eram, igualmente, sinais de que algo então "perdido" acabara de "chegar" ao *batey*.

Em geral, os moradores do *barracón* eram os que mais rápido tomavam conhecimento das novidades mercantis e fofocas; estavam no centro do *batey*, "perto de tudo". A localização facilitava-lhes o controle do que por ali acontecia (ou do que poderia vir a ocorrer). Do próprio portal de suas casas, podiam avistar toda a redondeza. Por esse motivo, era recorrente o boato de que alguns, ainda na madrugada, vigiavam a rua, camuflados atrás de suas persianas. Inspecionar quem circulava tarde da noite era um meio de descobrir, por exemplo, movimentações estranhas e redes de amigos e *socios*.[44] Os negócios irregulares eram efetivados, certamente, em locais menos evidentes, contudo os rastros que levavam até eles podiam ser perscrutados por vizinhos fiscalizadores e intrometidos. Não é de estanhar, então, que meus amigos afirmassem que um dos principais *chivatos* vivia no *barracón*. Um *chivato* era aquele que denunciava supostas ações alheias ilícitas diretamente às autoridades locais (algum representante importante do CDR, diretor da usina, policial responsável pela área) ou, quando era um *chivato* com conexões menores, a denúncia dirigia-se a outro, mais poderoso, aumentando sua potencialidade. Já para o ato de *chivatear*, empregava-se comumente o termo *chivatazo*: *él/ella llevó un chivatazo* ou *le metieron un chivatazo*. Ninguém gostava de receber a qualificação de *chivato*, porque ela carregava características morais negativas; apenas pessoas não confiáveis, aproveitadoras, maliciosas ganhavam esse rótulo difamante. Ao mesmo tempo, *chivatos* reconhecidos eram respeitados, sobretudo os que mantinham

[44] Poderia apresentar aqui uma análise do termo *socio*, no entanto, para que a narrativa não perca sua força e fluidez próprias, farei isso em outra parte do Capítulo 4. Sugiro que o leitor, por enquanto, fique com o sentido apreendido das movimentações das ações descritas no texto.

alguma ligação com *el Partido* (o Partido Comunista Cubano); entrar em discórdia com eles podia ser uma atitude perigosa, a menos que se soubesse dos possíveis trambiques *a la izquierda* nos quais estavam metidos e que isso fosse utilizado como uma defesa ou, na melhor das hipóteses, como uma armadilha para desbancá-los de seus postos. Como encontrar ou forjar motivos para derrubar um *chivato* renomado não era uma tarefa das mais simples, fingir respeito e manter um relativo afastamento dele – e nisso estava em jogo a tentativa de tornar menos visíveis ações que fossem passíveis de um *chivatazo* complicador – era a postura estrategicamente mais razoável.

UM CERTO CHIVATO

Uma ilustração talvez explicite, sem a necessidade de grandes explicações, os confusos entrelaçamentos da teia que envolve os *chivatazos* e seus agentes e pacientes. Nada melhor do que voltar ao apenas assinalado *chivato* do *barracón*, o senhor Tito. Tudo o que sei sobre esse homem provém de *chismes*, histórias que alguém contou e observações. Nossas conversas não ultrapassavam a troca de palavras pontuais quando comprava alguma mercadoria em sua venda particular ou fazia uso de sua carroça, junto de outros conhecidos, para ir a festas nos arredores. De certo modo, prolifero comentários e fantasias sobre a vida alheia, e faço isso simplesmente porque eles encenam a forma pela qual meus interlocutores organizavam interações entre pessoas, casas e coisas e percebiam suas experiências e complicações cotidianas. Posso afirmar, ainda, que os *chismes*, ali tão presentes – um dia sem *chisme* seria praticamente um dia morto –, realçam detalhes da socialidade no *batey*.

Tito, como diziam, com certo tom de inveja, achava-se muito importante e gostava de *especular*. Não perdia a chance de exibir itens desejados por muitos moradores, como algum moderno aparelho de celular, relógios, bonés e roupas importadas ou bicicletas de *la chopin*. Também tinha o costume de falar ao telefone na rua, como se quisesse mostrar, a todos, que sua linha não ficava sem crédito para fazer ligações, e de relatar suas aquisições. Naqueles anos, acabara de chegar a Cuba uma novidade, as *motorinas* (motos elétricas), que começaram a ser assunto em rodas de conversa. Muitas pessoas, mesmo sem qualquer possibilidade financeira para comprá-las, sabiam o preço delas e onde podiam ser encontradas, elucubravam sobre seus benefícios e problemas, apontavam os nomes daqueles que as adquiriram tão prontamente, entre os quais estava o de Tito. Carroça, cavalo, *motorina*, aparelhos eletrônicos, ele tinha de tudo. Não dependia do

precário transporte até o *pueblo* de Colón, em particular quando, finalizada a safra, os ônibus de trabalhadores temporários do central deixavam de circular, nem precisava alugar carroças ou *volantas* (carroças menores, com duas rodas e sem teto) para passear pelo *batey*, transportar comida para seus animais, prestar serviços ou dirigir-se aos bairros próximos.

Mais que o comportamento de tal senhor, o tema de maior interesse de terceiros era sua perceptível boa situação financeira, algo que poucos ali alcançavam. Não faltavam indagações, julgamentos e aferições. Como ele conseguia aumentar tão rápido seus ganhos? Quais eram suas amizades? Quem lhe fornecia mercadorias pouco coerentes com seu tipo de negócio particular? Havia alguma fonte de renda oculta aos olhos dos outros moradores? Uma das explicações recorria a seus laços familiares. Contaram-me que alguns de seus irmãos viviam nos Estados Unidos e enviavam-lhe dinheiro mensalmente para que cuidasse da mãe deles, que preferiu não deixar o país, e, com menos regularidade, roupas e dispositivos eletrônicos para seus sobrinhos. Anos antes, Tito tentara seguir os passos promissores dos parentes. Estava certo de que o melhor a fazer era migrar, desterrar-se do *batey*. No entanto, seu desejo não pôde concretizar-se, pois fracassara na temida entrevista para receber o visto da embaixada americana. Para alguns de seus vizinhos, esse fracasso não impedia que ele continuasse a *hacerse el yuma* no meio dos *guajiros*.

Como a verba enviada do exterior dava conta somente de uma parte das dúvidas ao redor do caso, uma outra hipótese era aventada: Tito só podia ser um *chivato*. Essa ideia se fortaleceu quando, além de carne de porco e mortadela, surgiram produtos que não deviam ser comercializados em sua barraca, mas, sim, na *cafetería*, como barras de chocolate, cerveja em lata e garrafas de rum e licor. Se tais mercadorias tivessem permanecido disponíveis nas prateleiras do mercado, ninguém talvez tivesse questionado o fato de Tito vendê-las. O problema é que elas desapareceram daquele recinto, reaparecendo, pouco depois, nas mãos de um *particular*, a preços mais elevados: "Já viu alguma vez o rum de 30 *pesos* na *cafetería*?", um amigo me indagava retoricamente. "Mas Tito sempre tem alguma garrafa. E de onde você pensa que vem?". Aqueles que discutiam a questão descartavam a possibilidade de uma compra legal, porquanto não traria maiores lucros ao revendedor – *no daba negocio* –, e, não se pode esquecer, as garrafas de rum, por exemplo, nem sequer foram expostas na *cafetería*, embora carregamentos tivessem

sido entregues. O mais provável, segundo eles, era a existência de um acordo entre Tito e o administrador estatal, o qual, semelhantemente, estava no rol dos *chivatos*, logo, bastava cruzar seu caminho para *llevar un chivatazo* – não tinha nenhum pesar em prejudicar quem não fosse de seu interesse. E se até aquele momento nenhum *chivatazo* fora dado, algo a mais havia entre os dois. Suspeitavam de que Tito sabia de deslizes mais sérios do seu comparte; para manter seu silêncio e apaziguar a situação, desfrutava, portanto, da possibilidade de adquirir a baixo custo as ditas mercadorias. Não fosse isso, elas estariam na *guarapera* (*timbiriche* dedicado à venda de caldo de cana), cujo dono era um dos filhos do administrador.

Meses depois, como se tudo já estivesse predeterminado, veio a notícia: o administrador da *cafetería* tinha sido vítima de um *chivatazo*, o que acarretou o seu afastamento do emprego – como afirmaram, *él fue botao*. Um morador do *batey* disse que funcionários estatais responsáveis pela fiscalização dos relatórios administrativos e financeiros apareceram no recinto sem marcação prévia de data e descobriram inconsistências na distribuição e venda de lanches diários, isto é, não estava claro o que ele fazia com as remessas de alimentos enviados à *cafetería* pelas empresas do Estado, uma vez que não foram ali devidamente comercializados. Esse era outro *chisme* que estava em vias de alastrar-se pelas conversações nos portais das casas e na esquina do campanário. Entretanto, os possíveis motivos da demissão não mobilizavam tanta discussão, o que de fato interessava era precisar quem aplicara o *chivatazo*, e o nome de Tito aparecia, de longe, como o mais cotado. Ileso, sem nenhum tipo de prejuízo, ele continuava a administrar seu negócio particular e sua fama, agora consolidada, de *chivato* perigoso.

Durante as suposições em torno desse assunto, não houve uma reprovação direta à atitude do administrador. Tirar proveito dos bens públicos não era uma ação que o singularizava; a verdade é que isso o unia ao extenso grupo daqueles que, surgindo alguma oportunidade, sugavam, ou melhor, "dessangravam" algo do Estado.[45] Tal posicionamento fica patente nesta opinião de uma senhora: "Não critico. Não tenho nada a ver com isso. Cada um *se defiende como puede*". Como numa luta, todos precisavam encontrar meios de escapar dos golpes de uma situação de escassez material e dificuldade de "fazer dinheiro". Mas os escapes não se davam em um terreno de completa

[45] Outros aspectos sobre modos de *desangrar* o Estado serão expostas nos capítulos posteriores.

permissividade, havia, ao contrário, limites informais, definidos ordinariamente, que, se ultrapassados, acusações de cunho moral e rechaços ganhavam relevo. Atrapalhar alguém que se "defendia" com poucos recursos era uma prática desonesta, feita por indivíduos que se moviam com o objetivo exclusivo (e excludente) de preservar ou *desarrollar lo suyo*. Entende-se, com isso, por que se abominavam os dissimulados e gananciosos *chivatos*, os quais, para sempre saírem favorecidos, emperravam e até destruíam as iniciativas de outrem. O ódio a esses sujeitos pode ser exemplificado com o episódio em que certa mulher, por fazer denúncias de "indisciplinas" dos trabalhadores ao diretor do central, teve, na escuridão da madrugada, as paredes externas de sua casa cobertas de tinta preta, a fim de que todos soubessem quem ela realmente era: uma *chivata descará* (sem vergonha) que almejava ganhar a confiança dos chefes da usina, sem se preocupar com os danos causados a seus companheiros.

OUTRAS LINHAS

É necessário regressar ao *barracón*, para daí desenhar outras linhas do mapa do *batey* e seus arredores. Se, por um lado, ele era apreciado como um lugar adequado para "saber de tudo" e também para tomar a dianteira nas filas da *bodega*, por outro, sua antiga construção, não podendo ser facilmente reformada e readaptada às exigências das famílias e do que estava na moda no *batey*, não gerava muito interesse na população nem aumentava o status dos indivíduos que nele residiam. As casas mais atrativas eram as que sofreram algum tipo de modernização, destacando-se entre as outras. Normalmente, eram independentes, com caixa d'água e cercas trabalhadas por um bom pedreiro do local, pátio e um pequeno jardim no portal, edificadas com tijolo, teto de laje, janelas de vidro, todas, enfim, bastante parecidas àquela de Yuneivis. E esse não era o caso do *barracón*. Sua trajetória acompanhava os processos políticos e econômicos de transformação da indústria açucareira. Como consta na "Memoria del resultado de un año de estar en manos de los trabajadores el centro de trabajo que se llamó Central Álava, hoy Central Méjico", publicada em fins de 1960, no período capitalista, ele abrigou "os companheiros mais explorados" (:3); porém, nesse exato ano, o *barracón* foi "atendido": "fez-se um portal em toda sua extensão, com piso de cimento, e desmontou-se um feio bosque que cobria sua fachada; consertaram-se as ruas do fundo, nas quais foram plantados coqueiros; reformou-se também seu pátio interno" (:3). A memória sugere que, no *batey*, houve um rompimento da divisão de classes e de raças com a Revolução de 1959. Alguns anciãos,

quando rememoravam as vivências no *barracón*, insistiam que a parte da frente dele – exatamente aquela que recebera reparos mais visíveis – não se destinou, durante anos, a qualquer operário, quem a ocupava provinha de posições mais reconhecidas dentro do central, ficando a de trás, de pior qualidade, dirigida a pessoas mais pobres, entre as quais estavam negros e funcionários temporários de funções menos importantes. Posteriormente, essa divisão deixou de ser tão manifesta, e famílias diferenciadas passaram a ocupar a fachada. Mais tarde, demoliu-se a parte dos fundos para que fossem construídas casas pré-fabricadas conjugadas.

Enquanto as moradias do *barracón* faziam referência direta ao central, sendo suas histórias de aquisição pelos trabalhadores um sinal disso – muitos mostravam como os diretores da empresa usavam aquele espaço como moeda de troca ou estímulos por prestação de serviço –, as casas "novas" e "modernas" abriam margem para o aparecimento de outras engrenagens e ligações, embora não se desligassem, de forma alguma, do mundo do açúcar.

A maioria delas era de propriedade de *campesinos*, homens que tinham *fincas* e dedicavam-se, com o auxílio de "trabalhadores contratados", ao plantio e colheita de diferentes alimentos e, às vezes, à criação de porcos destinados aos *convenios* com o Estado, isto é, *particulares* que revendiam os animais a cooperativas.[46] Era simples distinguir uma habitação de *campesino* das outras: além de possuírem as características construtivas elencadas e chamarem a atenção pela discrepância da qualidade e quantidade de materiais empregados (alguns de difícil acesso na região, como os próprios tijolos e cimento), no quintal delas se encontravam, com recorrência, ferramentas de trabalho, *volantas* e peças de tratores, bem como *naves* (chiqueiros extensos) ou galinheiros. Diante das visíveis conquistas dos *campesinos*, não faltavam, é claro, juízos sobre eles: "Essa é uma ocupação que *da negocio*"; "Hoje quem tem terra não quer deixá-la"; "Os *campesinos* vivem bem". Todavia, para "viver bem", os *campesinos* não podiam vacilar perante as dificuldades, precisavam ser fortes, e, do ponto de vista deles, poucas pessoas estavam dispostas a acordar de madrugada para deslocar-se até os distantes *campos* onde se localizavam as *fincas*, nem, menos ainda, a dormir, solitário, em um pequeno rancho para vigiar as colheitas dos ladrões que rondavam as redondezas durante a noite. Tais deslocamentos diários entre o *batey* e o *campo* incomodavam alguns *campesinos*, que

[46] No Capítulo 5, há uma discussão sobre o que são os convênios porcinos e as cooperativas.

aspiravam manter uma residência fixa na própria *finca*. Como muitos eram *tenedores de la tierra*, isto é, não proprietários, o Estado não lhes permitia edificar casas nesses locais, podiam somente cultivar os terrenos. Para alguns deles, permanecer no *batey*, ainda que representasse a possibilidade de aproximar-se dos benefícios de uma vida mais urbana, não dizia respeito a uma escolha, mas a uma imposição que atrapalhava, e muito, o desenrolar de seus *negocios*. Se pudessem eleger, provavelmente morariam na "zona de silêncio", longe dos mercados e fofocas do *batey*, mas ao lado daquilo que lhes dava o meio de seguir caminhando.

Pelo que se observa, na discussão sobre as casas de alguns *campesinos*, reaparece o problema do *campo*, nela compreendido como um lugar onde havia terras cultiváveis, sem aglomerados de casas ou comércios ao redor. Uma área formada por *fincas* e canaviais, exclusivamente. Ao mesmo tempo, operava como designação de trabalho: "*Él/Ella está para el campo*", significando que alguém foi labutar na agricultura. A distância exercia influência nessa categorização: quanto mais distante do *batey*, mais *campo* – apenas a proximidade a uma outra região reconhecidamente mais urbana que o *batey* relativizava, em alguma medida, o *campo* distante, sem nunca fazer com que ele deixasse de sê-lo, porém. Assim, a rua da *pollera* (criadouro estatal de aves), a menos de um quilômetro do *batey*, era vista como *campo*, pois, atrás dela, existiam *fincas* e *naves*, e não outras habitações. Afastando-se desse ponto, entrava-se em um completo *terraplén* (caminho longo de terra), a partir do qual, entre as folhas de cana, a chaminé do central projetava-se como o único vestígio de urbanidade restante. Ainda a esse respeito, cito as considerações espaciais nativas sobre San José de los Ramos. Embora maior e mais populoso, tendo até mesmo uma *chopin* melhor abastecida de mercadorias, esse povoado não alcançava o posto de *pueblo*, como Colón, aliás, de acordo com meus amigos, não era em nada urbano, era, sim, mais *campo* que o *batey*: "Isso aí é cheio de *campesino* e *guajiro*", "Só tem *finca*". Quando falavam dos moradores de lá, faziam questão de salientar que eles não eram muito espertos nem sabiam nada do que acontecia na cidade, ao contrário, tinham hábitos do *campo*. Zombavam das festas que ocorriam no cabaré de San José de los Ramos, dizendo que nunca eram tocadas as músicas de sucesso do momento, sempre estavam "atrasados", não se atualizavam, como se estivessem afastados de tudo e parados no tempo: em vez do estilo urbano do *reggaetón* cubano, preferiam as *rancheras* mexicanas. Nas comemorações de rua, se aparecesse alguma garota vestida de

forma pouco conveniente ou extravagante para a ocasião, não perdiam a oportunidade de apontá-la e classificá-la: "Viu aquela *guajira*? Se veste de *quinceañera* [debutante] para vir a um carnaval". Uma pessoa da cidade não cometeria esse deslize – e, nesse caso, para eles, a cidade não estava tão distante, o *batey* poderia cumprir essa função. Por último, assinalo que, certa vez, uma amiga contou-me que mandou sua filha para uma escola de Colón porque não queria que ela "caminhasse para trás", em direção ao *campo*, isto é, para San José. Tinha mais gastos para mantê-la no *pueblo*, mas confiava que, no futuro, seria recompensada: "sempre para frente, nunca para trás".

Havia, ainda, uma acepção de *campo* que focalizava os *orientales*. Estes, diziam, "estavam por todos os lados" da Ilha: eram *aves de paso*, sem destino fixo[47]. No *batey*, não era diferente; em várias localidades podia-se encontrar um *oriental*. Existia, no entanto, um lugar específico em que vários migrantes de Camagüey, Granma, Santiago de Cuba e Guantánamo fixavam, a seu modo, morada: os *albergues de Viscaya*, galpões que foram transformados em vivendas familiares no final da década de 1990. Eles ficavam já nas periferias do *batey*, pouco antes do surgimento da maioria das *fincas*, no caminho da linha de trem e do *Centro Acopio*, onde os caminhões depositavam as canas que seriam, depois de limpas, conduzidas ao central. Recordo-me que, em minha segunda temporada de pesquisa, exatamente em dezembro de 2013, ao perguntar a uma conhecida o que eram aquelas grandes construções numa das margens da *carretera* (ainda não tinha ideia de como eles as nomeavam), ela me respondeu, sem titubear: "Aí vivem os *orientales*". A distância desse local até a rua principal não era tamanha, tampouco estava próximo dela. Se as opiniões acerca de seu afastamento ou proximidade causavam dúvidas, pairava a certeza de que era mais um *campo* em relação ao *batey*. Para designá-lo assim, as pessoas não recorriam à ausência de casas nem ao silêncio das *fincas* – não eram caracterizações coerentes com o que se observava. Em vez disso, o mote das descrições era a precariedade que rondava os *albergues* e o modo de vida dos *orientales* que lá moravam, o qual se distinguia, segundo meus interlocutores, do que se via no *batey*.

[47] No fim da década de 1990, para controlar os movimentos de *orientales* que saíam de suas províncias rumo a La Habana, foi promulgada uma lei que proibia a permanência na capital daqueles que não conseguissem comprovar residência, isto é, que não fizessem uma mudança de endereço. Para tanto, era preciso ter uma casa registrada no setor de vivendas ou morar em casa de parentes com espaço suficiente para acomodar todos os habitantes de maneira adequada. Desde então, milhares de *orientales* vivem, do ponto de vista da legislação de vivendas e migração interna, na ilegalidade na capital cubana. Tal lei contribuiu para a construção de uma imagem pejorativa dessa população. Cf. Decreto-Ley 217.

Acentuavam a falta de água encanada e a má qualidade das casas, com telhados de zinco e pátios de terra; pontuavam que poucas famílias possuíam geladeira e televisores; comentavam que os homens bebiam sem nenhum controle e, por nada, armavam brigas e desembainhavam seus facões (não à toa, quando relatavam confusões, inseriam algum *oriental* na situação, sendo este sempre o propagador de todas as *indisciplinas*); assinalavam que quase todos tinham partido de *campos* mais *duros* (intrincados, piores), estando acostumados àquela *salvajá* (selvageria). Os *albergues* não eram em nada apreciados pelos *matanceros* do *batey*. Talvez fosse, em comparação, o lugar menos desejado para se ter uma casa. Como descobri mais tarde, a ideia sobre os *orientales* fora formada mais a partir de *chismes* do que de contato direto com a população daquela área. Entre meus colegas, poucos eram os que realmente tinham circulado por Viscaya. Isso não lhes interessava, absolutamente.

Convivi com alguns *orientales* dos *albergues*; acompanhei-os em viagens e trabalhos diários. Essa relação não era estimada pelos meus amigos *matanceros,* que me vigiavam, dizendo que queriam me proteger, porque não mensurava, tão bem quanto eles, os danos que aqueles sujeitos poderiam me causar – não passava de um estrangeiro "sem maldade", "inocente", quase como uma criança no meio de raposas. No início, via nesse medo exagerado apenas o reflexo da forma como categorizavam os *orientales*; quando me tornei um pouco mais arguto, mais "cubanizado", eu diria, percebi que me proteger significava cuidar de um negócio que conquistaram antes dos *orientales*; se baixassem a guarda, correriam o risco de ter de partilhar um amigo que lhes rendia uma entrada, mesmo que provisória e mínima, de *fulas* ou de coisas compradas com *fulas*. Em outras palavras, resguardar-me era, para eles, um meio de *defender lo suyo*. Amizade e negócio não seguiam rotas opostas, estavam juntas, separadas por um limite ínfimo, notório somente quando examinado com atenção. Voltarei a esse tópico no quarto capítulo.

Se o *batey* produzia um olhar sobre os *albergues*, o inverso também existia. Com efeito, os *orientales* não deixavam de ordenar as relações e os mundos pelos quais circulavam ordinariamente. Não tinham Viscaya nem, de forma mais ampla, Matanzas como o melhor local para morar, aliás, até afirmavam que preferiam o *Oriente*, onde deixaram, por vezes, familiares, amigos de infância e a exuberância das serras – a monotonia da planície dos canaviais de terra vermelha não lhes causava admiração. Do mesmo modo, os *matanceros* não gozavam de boa reputação entre eles: "Não são

hospitaleiros. Nós somos acolhedores, dividimos o que temos". Nas cidades em que nasceram, contudo, não "havia dinheiro"; já em Viscaya, ao contrário, conseguiam *salir adelante* (sobreviver, melhorar de vida), dificilmente ficavam "parados". Quase todos estavam engajados na agricultura, atuando como funcionários de *cooperativas*, contratados de *campesinos* para os períodos de plantio e colheita ou como vendedores de alho e cebola, com ou sem *licencia de cuentapropista*. Em nossas conversas, gostavam de repetir que não rejeitavam nenhuma atividade, nem mesmo as mais pesadas, encaravam-nas, sem temor. E isso se apresentava como um outro índice de diferenciação: "Os *matanceros* não querem trabalhar de verdade, só querem ficar sentados nos escritórios do central", debochavam. Por fim, destaco que os *orientales* não permaneciam passivos ante as classificações (pejorativas) que lhes eram imputadas. Um dia, discutindo sobre as verduras e os legumes comercializados no *batey* e redondezas, um amigo que vivia no *albergue* disse que os *matanceros* tinham o hábito de rebaixar os *orientales*, mas, sem eles, não haveria comida na região. Adicionou, ainda, que se eu quisesse comprovar sua asserção precisava ir a uma *finca* para ver quem trabalhava ali: encontrar um *matancero* seria improvável – a não ser que fosse o dono do terreno –, já os *orientales* estariam em peso.

Mapa 1.1

Batey do Central México e arredores

(1) Edifício do central (*batey*)

(2) Barracón com campanário (*batey*)

(3) Calle Principal (*batey*)

(4) Terraplén de Viscaya (fora do *batey*)

Fonte: Google Maps. Adaptações e fotos do autor.

2 SÓ FICARAM AS CHAMINÉS

Permanência em ruínas

"Matanzas, capital da rica província de mesmo nome e segunda cidade comercial da ilha" (:67), escreviam Andrew S. Rowan & Marathon M. Ramsey, oficiais do exército americano, em um livro de relatos históricos e descritivos, como bem destacava o título, em 1897, pouco antes do fim da Guerra de Independência cubana. Imagem semelhante era delineada por J.C. Prince em 1894 na sexta edição de um guia turístico da "Pérola das Antilhas" que circulava pelas "melhores sociedades" e pelas mãos de "turistas que viajavam ao redor do mundo" (:vi,260), especialmente dos americanos. Dizia ele: "[Antes de tudo, é preciso] [v]isitar o vale do Yumuri, três milhas a noroeste de Matanzas. Uma vez sobre a montanha, [o viajante] ficará encantado com a beleza do vale, com seus terrenos cortados por picos agudos e por delicadas ondulações; com seus campos de cana de um verde marcante; com a folhagem verde-escuro das palmeiras, naturalmente espalhadas sobre os montes" (:85). Prince não se esqueceu de articular alguns comentários sobre as refinarias de açúcar da cidade de Cárdenas, as quais "supr[ia]m toda a Ilha e exporta[va]m alguns de seus produtos" (:87). A antiga riqueza e o "progresso" de Matanzas ganharam relevo, igualmente, em *Los ingenios*, clássica obra do *hacendado*

Justo Germán Cantero, publicada em fascículos a partir de meados da década de 1850. Nela, os "notáveis" engenhos *matanceros*, ao lado de outros de igual valor, são descritos (e litografados por Eduardo Laplante) como empreendimentos que ofereciam modernidade – expressa em "desenvolvimento", "inovações" e "esforços" técnicos – à "fértil Antilha" (Cantero 2005:87,89).

Essas descrições áureas do passado, apreciadas com um deslocamento de mais de cem anos, provocam-me certa inquietação. A explicação para esse meu estado não está no diagnóstico de que aconteceram transformações na paisagem citadina ou no modelo político-econômico – algo que pode ser comprovado com uma rápida leitura de um guia turístico atual. Brendan Sainsbury (2012:2), por exemplo, em lugar de encerrar a Ilha em epítetos associados à joalheria ou à fertilidade, prefere sumarizá-la como um país de "magnificência malcuidada"; por sua vez, Matanzas é apresentada como uma cidade que possui "prédios em ruínas" (:4). Se não é a transformação, o que me provoca a dita agitação? A permanência, em longa duração, entrecruzando acontecimentos, de um agente: o açúcar. Há um aspecto um tanto contraditório na afirmação dessa permanência, pois, como alguns historiadores afirmam, "o cultivo da cana praticamente se extinguiu [...] em Cuba", devido à "desafortunada conjuntura" dos anos 1990 e 2000 (Zanetti 2012:1,426). Estatísticas provam que a produção açucareira já não mantém a economia cubana, papel transferido, em grande parte, para o turismo. Diante dos resultados "decepcionantes" das safras desse período, alguns deles alcançando somente os níveis que eram obtidos, com menos mecanização, em engenhos do século XIX, Zanetti (2012:440) sugere, sem esperança, que "o reino do açúcar em Cuba" chegou ao fim: "a economia cubana decrescia de maneira tão extensiva quanto havia crescido anteriormente" (:440).[48]

No caso de Matanzas, esse decrescimento foi tremendamente visível. A partir dos anos 1990, a palavra de ordem foi "desmantelar". Difícil encontrar alguém que desconheça, ao menos nessa província, tal expressão e não saiba a que ela se refere de modo mais direto. Reféns de um destino que parecia inexorável, os centrais foram sendo

[48] Em 1997, Oscar Almazán, presidente da *Asociación de Técnicos Azucareros de Cuba* (ATAC), indicava um percentual: "tem ocorrido um decréscimo nos volumes de produção, 60% do que se produzia em 1991-1992". Mas, na contramão das posteriores conclusões de Zanetti (2012) – com mais de uma década de diferença, devo lembrar –, ele apostava que o açúcar continuaria exercendo "uma participação importante no desenvolvimento do país"; via até mesmo uma indústria que se recuperava. Cf. *Bohemia*, 7 de noviembre de 1997, Año 89, no. 13, p. 34-6.

fechados um após o outro. Em 2012, apenas três estavam em movimento. Enquanto na citada obra de Cantero (2005) o que causa espanto é a menção a uma grande quantidade de engenhos e trapiches que povoavam os recantos *matanceros* do século XIX, nos quadros do mundo açucareiro atual feitos por jornalistas e historiadores, o que assusta é o desaparecimento de 17 das 21 indústrias açucareiras, juntamente da recorrência do adjetivo "desativado" e dos espaços vazios que, posicionados em relação às histórias passadas, pedem preenchimento.[49]

Qual a razão, então, de falar em permanência? Isso não seria um equívoco no modo de olhar os dados mais evidentes? O ponto é que o declínio nas estatísticas não tem como correspondente direto a irrelevância do açúcar como agente. Os dados estatísticos, se observados não somente pela via da inevitável comparação produtiva, indicam a potencial violência do decréscimo na rotina daqueles que vivem ainda envoltos pelo açúcar. Os números, mais que quantificar um déficit de eficiência, dão sinais da ação do processo de corrosão que altera tanto as usinas quanto os sujeitos que temporizam a vida a partir da relação entre *zafra* e *tiempo muerto*. Dessa perspectiva, embora sem coroa e, por vezes, de forma ausente, o açúcar de cana ainda reina como um problema, mais que isso, continua afetando a experiência no mundo de muitos *matanceros*. Atravessando séculos, modos de gerenciamento e produção, sistemas políticos e, inclusive, uma revolução, ele produz espaços, age na circulação de dinheiro e pessoas pelos bairros e cidades, influencia a criação ou o fechamento de negócios, atua como protagonista de diversas histórias, constitui memórias, estabelece associações.

Não há nenhuma novidade no realce da força da substância açúcar nas trajetórias de Cuba (e, mais amplamente, do Caribe). Na verdade, poderia ser afirmado que apenas revisito as (reconhecidas) conclusões de outros estudiosos. Repousando nesse grupo de investigadores, estaria, é claro, Don Fernando Ortiz e seu *Contrapunteo del tabaco y el azúcar* (1963[1940]), no qual se é assegurado, já na introdução, que "estudar a história de Cuba é, fundamentalmente, estudar a história do açúcar e do tabaco como sistemas viscerais de sua economia" (Ortiz 1963:3). É inegável que eu tenha sido influenciado, às vezes à revelia das minhas próprias intenções de pesquisador, pelas narrativas desse investigador e também por aquilo que se diz sobre ele. Antes mesmo de conhecer sua

[49] Dados quantitativos sobre o cenário açucareiro cubano entre os anos 1990 e 2000 podem ser encontrados em: Estrada (2012), Zanetti (2012), Rodríguez (2013).

produção científica, fui apresentado a seu debate via releituras e opiniões de profissionais cubanos das artes e humanidades. Sucintamente, posso afirmar que, hoje, o que me atrai em sua produção, particularmente no *Contrapunteo*, não é exatamente seu legado teórico, fundado na discussão sobre transculturação,[50] mas parte de seus dados etnográficos e históricos e, sobretudo, o lugar que é oferecido à *Doña Azúcar*. Em toda a obra, essa substância não é posta como figura, ao contrário, ela, ao lado do tabaco, ou melhor, em contraste com ele, ocupa sempre o primeiro plano, como um agente que faz diferença. De modo literário, haja vista a multiplicidade de figuras de linguagem que permeiam seu texto, Ortiz consegue especificar a atuação do açúcar na conformação e modulação da história social, econômica e cultural cubana.

Fora essa influência, diria que minha argumentação se encaminha para direções que se afastam das preocupações de Ortiz, como os problemas do chamado *folklore afro-cubano*. Meu interesse se relaciona diretamente ao "desmantelamento" dos centrais, aquilo de que mais falava os moradores dos *bateyes* que pude visitar, mas que, contraditoriamente, não costumava aparecer em revistas ou jornais cubanos e, em menor medida, em periódicos ou livros acadêmicos (Estrada 2012). Para a jornalista cubana Maylan A. Rodríguez (2013:26), há, ao menos nos meios de divulgação estatais, um "tabu" em torno desse assunto, como se tivesse uma orientação "desde 'cima' [isto é, do governo] para não comentá-lo". Ao mantê-lo intocado, o amplo e controverso arruinamento de antigas comunidades açucareiras foi silenciado, deixando a desativação dos centrais como um fato do passado, superado pelo crescimento da indústria turística, da qual o complexo hoteleiro de Varadero e suas atrações para estrangeiros são um bom exemplo. Tento romper tal silêncio neste capítulo.

¿Pero por qué tienen que desmantelar el central?

Em novembro de 2012, passei pela primeira vez pela rua principal do *batey* do Central México. Não possuía nenhum conhecimento das especificidades dos problemas que afetavam as pessoas que aí viviam. Apenas uma noção genérica (e defasada, acrescentaria) da precariedade da economia cubana acompanhava-me – genérica porque

[50] Sobre o conceito de transculturação, ver: Ortiz (1963:98-104).

me valia sobretudo de explicações históricas e sociológicas que se fundamentavam em questões do *Período Especial*, notadamente dos problemas enfrentados pelos *habaneros* entre os anos 1990 e início dos 2000 (Hearn 2004:209-27; Hernandez-Reguant 2010:1-20; Holbraad 2010:367-93). Meus anfitriões do *pueblo*, semelhantemente, ignoravam o que acontecia por aquelas bandas. Apesar disso, garantiam, sem titubeios, que a situação no *batey* estaria *en candela*. Queriam dizer, com isso, que, se em Colón – a "cidade" – havia complicações, naquela área eu encontraria mais adversidades. Nessa caracterização estava em ação, novamente, o mecanismo de distinção fundado na ideia de que aquilo que se afastava (ou que fosse "para trás") do *pueblo* – o lugar da dinâmica – era pior ou mesmo avesso à vida e à sobrevivência. A pesquisa etnográfica descortinaria, então, todo um mundo que me era desconhecido e ao qual precisaria me adaptar, se quisesse compreender o que lhe era próprio.

DIZEM QUE VAI VOLTAR A MOER

Pouco depois de sair de Colón, ainda no começo da *carretera* de Banagüises, um grande *outdoor* destacava-se do entorno, praticamente sem qualquer outro tipo de informação gráfica. *Para tener más, hay que producir más*, ele trazia escrito. Era um pequeno trecho de um discurso do presidente Raúl Castro sobre a "batalha econômica", considerada, até hoje, a "tarefa principal" do país.[51] Essa afirmativa estava espalhada, como depois descobri, por diferentes cidades cubanas, como se fosse, ao mesmo tempo, uma convocatória diária a todos os trabalhadores e um mandamento que não podia ser nunca esquecido. Ali, somente a alguns quilômetros de uma usina até então desativada, ela me parecia uma ironia. Sua eloquência não se harmonizava com o longo "tempo morto" que vinha sendo experimentado pelos habitantes locais, acostumados e educados nas e para as safras açucareiras, naquela época existente como uma incansável memória de períodos melhores. O *batey* perdera aquilo que era seu "coração": o central. Assim, enquanto Raúl Castro solicitava produção, por meio da qual a Revolução continuaria sendo sustentada e reiterada, os moradores, desiludidos e esgotados, reclamavam da difícil situação entre si, sonhavam com opções de trabalho para fazer mais para suas famílias e para si mesmos. Apenas desse modo conseguiriam *salir adelante*.

[51] Discurso de Raúl Castro no IX Congresso da UJC, La Habana, 4 de abril de 2010. Disponível em: <http://www.quehacer.com.uy/index.php?option=com_content&view=article&id=350:discurso-raul-castro&catid=137:latest-news&Itemid=50>. Acesso em: 26 nov. 2016.

A ironia do *outdoor* minimizava-se, porém, quando outro elemento entrava em cena. A usina não estava "parada" do mesmo modo que várias outras da província, isto é, para sempre. Gozava, na verdade, de uma possibilidade quase única: ser reativada e, assim, voltar a fazer parte do circuito açucareiro *matancero*. E essa era a notícia que corria pelas ruas do *batey*. Previa-se a realização de uma safra menor já nos primeiros meses de 2013, apenas para testar os equipamentos *de paquete* (novos, não "inventados") trazidos de *allá* – dos Estados Unidos, como alguns supunham. Mudanças ocorriam, muitas delas bastante visíveis. Nos arredores do central, por exemplo, havia entulhos da reforma e carregamentos de materiais que seriam empregados na reconstrução do prédio e seus maquinários: dezenas de tipos de tubulações, ferragens, placas de zinco para cobrir as paredes. O tráfego de caminhões e jipes também aumentara consideravelmente.

Esses índices reforçavam a iminência da reabertura, mas não a garantiam. Como alguns lembravam, tal como a usina fora fechada sem muitas explicações, a reconstrução em andamento poderia ser interrompida, e o *batey* ficaria como estava até aquele dia, sem central. Não duvidavam de mais nada, ou melhor, desconfiavam de quase tudo e todos. Destacavam, ainda, que muitos ajustes precisavam ser realizados, o que encontrava respaldo na inalterada aparência de deterioração, em lugar de renovação, do edifício (Imagem 2.1): "o central está muito feio, antes era tão bonito", era um comentário típico, usado não apenas para qualificar a usina, mas também as ruas do *batey* e sua praça, tendo como foco um *antes* – classificador temporal que remetia à ideia de bonança, beleza, solidariedade, tranquilidade, organização.

Com tantas objeções, a solução era esperar, algo que faziam com recorrência. Esperavam nas longas e confusas filas, esperavam a chegada de mercadorias, esperavam a visita ou o telefonema dos parentes que viviam em outras regiões ou fora de Cuba, esperavam que alguém lhes enviasse recargas de celulares ou roupas do estrangeiro... esperavam, mas sempre com alguma apreciação ou prognóstico a respeito do processo – isso podia ser matéria de *chisme*. No caso, os habitantes do *batey*, especialmente os que pretendiam se engajar como operários, já estavam em vias de conhecer o resultado da prolongada espera. Em alguns meses, saberiam se a promessa de "voltar a moer", afirmada pelos administradores, como me contaram, desde o dia em que se decidiu pela desativação (provisória) da indústria, seria realmente cumprida.

Imagem 2.1
Em reparação

Fonte: Arquivo do autor. Central México, novembro de 2012.

MAIS QUE UM FURACÃO

As movimentações em torno da (cada vez mais provável) reabilitação do central não iluminavam apenas as experiências daquele momento, elas, como já se entrevê nos tópicos anteriores, faziam com que o passado reemergisse. Não havia como esquecer todo o tempo de silêncio, sem o apito dos trens que transportavam cana para a moenda e, às vezes, açúcar para o porto e sem os ruídos dos sistemas de controle de pressão que, nas safras, sinalizavam o ritmo de produção: ao liberar a pressão para diminuir a temperatura das caldeiras do engenho, emitia-se um barulho agudo que reverberava pelo *batey*, e isso indicava, para aqueles que o escutavam, que as atividades dentro do central seguiam seu curso. Alguns moradores falavam com nostalgia dessa época, não porque gostassem dos sons estranhos e estrondosos que atravessavam o dia e a noite, mas por causa dos sentidos que eles carregavam: a vida da fábrica estendia-se pelas casas e famílias, abarcando-as, habitando-as, como se fosse a própria vida de cada uma delas – todos tinham parentes trabalhando ali, diziam-me. Quando o central parou, ficando em um silêncio total, também as casas entraram em um processo de arruinamento; para sair dele, as pessoas tiveram de readaptar-se, deixando de lado o açúcar, mudança complicada para os trabalhadores açucareiros que, desde criança, tinham se dedicado a uma mesma função, não sabiam fazer outra coisa.

Embora sempre recordassem esse acontecimento trágico, os moradores do *batey*, quando indagados sobre a data em que ele ocorrera e os motivos que o desencadearam,

afirmavam não ter nenhuma certeza. Os períodos informados quase nunca mantinham correspondência entre si. Uns diziam que o fechamento já havia completado mais de dez anos, outros, que não passava de cinco, outros, ainda, pontuavam que foram umas tantas safras. Para além de uma exata datação formal, acessível, por exemplo, nas atas da empresa ou em documentos do Ministério do Açúcar, eles, em suas falas, atrelavam um evento principal ao fechamento do central, servindo-se da própria experiência para retratá-lo e periodizá-lo: o furacão Michelle. Esse ciclone, um dos piores que já passou por Cuba, destruiu, em 2001, várias casas do *batey*, mas as mais afetadas foram as de madeira, edificadas pela *Compañia del Golfo* – a administradora americana da indústria antes da Revolução – para abrigar seus funcionários brancos mais importantes. No passado, a rua onde estavam essas moradias distinguia-se das demais pela grande quantidade de palmeiras que a margeavam dos dois lados, chamada, por esse motivo, de *Calle de las Palmas*. Aí viviam, como me relatou uma idosa negra, "as pessoas que tinham dinheiro e que não se davam bem com os pobres", sobretudo com negros: "em toda essa rua aí não vivia nenhuma *persona de color*". Tal divisão se alastrava também para outros âmbitos, tendo existido lugares de encontro específicos para negros e brancos. Depois de 1959, diminuiu-se essa separação tão evidente. Casas foram redistribuídas e ocupadas por pessoas de diferentes *status* e raça. A *Calle de las Palmas*, com suas habitações de madeira espaçosas e bem construídas, passou a ser, então, povoada por pobres e negros.

No entanto, sem receber reformas adequadas, nos anos 2000 a maioria dessas moradias se encontrava extremamente deteriorada. Para alguns moradores do *batey*, *el Michelle* apenas antecipou o desabamento delas – destino difícil de ser alterado, isto porque, para renová-las, precisava-se de materiais de construção já quase não disponibilizados nas tendas estatais e absolutamente caros na *bolsa negra*. Uma vez mais, somente os que possuíssem dinheiro poderiam consertá-las e diferir-se do restante, que permaneceria numa casa pouco atraente e sob o risco constante de desmoronamento. Diante dessa complicada situação, o furacão também foi visto (e utilizado) como uma solução para os problemas habitacionais dos sujeitos que souberam tirar proveito dele. Segundo uma amiga, junto das notícias de desabamento, houve comentários de que, para conseguirem uma casa nova de *mampostería* com os auxílios do Estado, isto é, sem gastos individuais, os proprietários mais espertos chegaram a derrubar as antigas estruturas de

madeira, jurando que a incontrolável ventania provocara todo aquele prejuízo. Isso, confirmavam com desdém, havia sido aplicado inclusive por uma senhora que dizia cuidar das *indisciplinas sociales*, fingindo atuar de maneira sempre correta, mas, no fundo, não passava de uma "raposa aproveitadora".

O furacão também matou animais domésticos como porcos, galinhas e cabritos, criados para a venda e, em menor medida, para o autoconsumo. Era uma época, como me descreveram, *dura*; acabavam de sair dos anos mais complicados do *Período Especial*, e, para aumentar a renda familiar, alguns jovens aproveitavam os transportes gratuitos do central e dirigiam-se para Cárdenas com o objetivo de vender frangos. Sabiam que nessa cidade as pessoas estavam dispostas a desembolsar valores elevados para adquirir alimentos *perdidos*. Pagavam cindo dólares ou mais por um frango inteiro. Para obter ganhos maiores, injetavam água dentro do animal com uma seringa antes de congelá-lo para a viagem do dia seguinte, pois, desse modo, ele adquiria uma aparência mais robusta e atraente. Precisavam ser eficientes e sagazes nas negociações, isto é, tinham de enganar bem rápido o comprador, do contrário, a água, já descongelada, começaria a vazar, desnudando a estratégia. Variavam as localidades de venda para não cruzarem facilmente com os compradores descontentes com a velhacaria de que tinham sido vítimas. Um relato de uma ex-vendedora de frango descreve, com minúcia e comicidade, como de fato funcionava esse *negocio*:

> *[...] Juana empezó a vender pollo. Yo dije a ella: "¡Vamos a buscar los fundos para comprar los pollos, oíste!" Yo tenía un par de argollas de oro, y yo las vendí... yo las vendí en 5 dólares. [...] Fue mi tía Felicia que me las había regalado, y yo las cogí para empezar a vender pollo. [...] nos íbamos de aquí a las seis de la mañana. [A veces] cogíamos un carro ahí en el enfriadero. [...] Comprábamos el pollo aquí mismo en Méjico. Había veces que no había en Méjico entonces íbamos pa' Banagüises, pa' San José. Ya veníamos con la mercancía, lo único que teníamos que hacer era matarlo. [...] Cuando yo llegaba, mi abuelo me ponía el agua a calentar, golpeaba el pescuezo para que se desangrara así, limpiaba, me los abría... y ya después... ponerlo a congelar. Lo llenábamos de agua con una jeringuilla para poner los muslos gordos. [...] La pechuga aquella se ponía así, como decir, un pollo canadiense. [...] lo metíamos en el congelador así, abiertico así, ay, para que se congelara lleno de agua. Aquello era un pollo salvaje de seis libras más o menos. Nosotras éramos enfermera. Metíamos una cantidad de agua en el pollo. Le decía a Juana, "inyecta ahí!". Y Juana, chi, chi chi [imitava o som de uma injeção]. "Juana, dale suave qué se va a romper el pollo!" Y mete agua, y mete agua. Y aquello se quedaba así [com a mão indicando que o*

frango ficava forte, inchado]. [...] [¿Y otras personas del batey también iban? – pergunto] Juanito, la mujer de Juanito. Esther, la madrina de Yunay, comadre mía. […] Juana y yo, ¡cómo siempre fuimos parejera!, hicimos amistad con el conductor del minguino, ¡viste!. El minguiñito, el minguino es el trencito. Entonces, nosotras llegábamos, todo mundo se montaba, y nosotras llegábamos donde él estaba… de aquí de Méjico iba una pila de gente pa'llá pa' Cárdenas a vender: Claudia, Carmen, ¡pa'qué te voy a seguir contando! Alina, la hija de Rosa [que vive en Italia] vendió muchísimo pollo. ¡Si te sigo contando! [¿Pero solo se vendía pollo?, indago.] Se vendía pollo, habichuela, dulce de guayaba. El dinero del pollo era en dólares, y los otros se vendía en dinero cubano para uno hacer su dinerito pa' sus cositas. Y Juana y yo nos hicimos amiguita del conductor… del que manejaba no, del que se quedaba al lado para cobrar el dinero del minguino. Y entonces nosostras llegábamos y él recogía la jabita de nosotras… nosotras nos montábamos siempre por último… y él cogía la jabita de nosotras y la guardaba debajo de un asiento que él tenía ahí. Y si tiraban la policía, ella ya sabía que todo mundo iba en el minguino… en el minguino ahí nadie iba pa' Cárdenas, todo mundo iba para vender. Era un transporte de trabajadores [dizia, aos risos, com ironia]. Y, entonces, cuando se tiraba la policía, nada más que con la carterita de dinero. Siempre íbamos bien acotejadita. La policía cogía muchísima gente. Mil y pico de peso [de multa] y les quitaban jabas con pollo y eso, y ¡por gusto!. […] A nosotras nunca nos cogieron. Una sola vez me cogieron una jaba de ají. [¿Y entonces tuviste que pagar una multa?] No, porque yo la jaba la dejé ocultada. Yo me hice como si la jaba no fuera mía, y qué se perdió jaba… ají que yo no había pagado, lo había cogido fiado a Pacheco. A ese Pacheco yo cogí como setenta y pico pesos de ají. Y no pagué nada. Yo le dije: "Mira, no tengo fundo ahora". [La verdad] es que comí todo el fundo porque después ya no me fui a la lucha.[52]

---

[52] "[…] Juana começou vender frango. Eu lhe disse: 'Temos de 'buscar' os fundos para comprar os frangos'. Possuía um par de brincos de ouro, e os vendi... os vendi por 5 *dólares*. [...] Eram um presente de minha tinha Felicia, e eu os peguei para começar a vender frango. [...] saíamos daqui ás da manhã. Às vezes, tomávamos um carro ali no *enfriadero*. [...] Comprávamos o frango aqui mesmo em Méjico. Certos días não encontrávamos frango por aqui, então, íamos a Banagüises ou San José. Já voltávamos com a mercadoria, só tínhamos de matar o frango em casa. [...] Quando retornava com ele, meu avô colocava água para ferver e, em seguida, cortava o pescoço do animal assim para retirar o sangue, limpava-o e o abria por completo... e depois só precisa colocá-lo para congelar. O enchíamos de água com uma seringa para que as cochas ficassem gordas. [...] O peito ficava assim, como lhe dizer, parecido com o de um frango canadense. [...] o colocávamos em um congelador assim, abertinho assim, ai, para que congelasse cheio de água. Era um frango selvagem de sei libras mais ou menos. Nós atuávamos como enfermeiras de frango. Enfiávamos muita água no bicho. Eu falava com a Juana: 'Injete ali!'. E Juana, tchi, tchi, tchi [imitava o som de uma injeção]. 'Juana, vá devagar que assim você vai estourar o frango'. E enche de água, e enche de água. E o animal acabava ficando assim [com a mão indicando que algo inchado]. […] [Outras pessoas do *batey* também costumavam ir para Cárdenas? – pergunto] Juanito, a mulher do Juanito, Esther, a madrinha de Yunay, minha comadre. [...] Juana e eu, sempre fomos muito para frente, fizemos amizade com um trabalhador do *minguino*, uma espécie de trem. Então, chegávamos, todo mundo subia, e nós íamos até onde ele estava... daqui de Méjico ia muita gente para lá: Claudia, Carmen, para que seguir contando! Alina, a filha de Rosa [que mora na Itália] vendeu muito frango em Cárdenas. Se continuo contando! [Mas vocês só vendiam frango?, indago.] Vendíamos frango, vagem, goiabada. O dinheiro do frango era em *dólares*, e as outras mercadorias eram negociadas em dinheiro cubano para que a gente pudesse fazer um dinheirinho

Juana não foi mais para *la lucha*, isto é, vender frango em Cárdenas sem possuir uma licença para esse tipo de comércio, não somente porque o *negocio* já estava em processo de decaimento, mas também, e principalmente, porque *el Michelle* prejudicou-o, e meus amigos quiseram dar destaque a esse aspecto em suas falas. E os transtornos surgidos em consequência do ciclone não pararam por aí. O *batey* ficou sem corrente elétrica por aproximadamente um mês. As pilhas desapareceram do mercado local, apenas com sorte alguém as encontrava no *pueblo*, onde, diferentemente, a distribuição de energia fora estabilizada em pouco tempo. Em meio à alta temperatura – era novembro –, sem geladeira, alimentos se perdiam, o que não significava somente que algo havia estragado, mas também que deveriam ser empreendidas novas "lutas" para obter aquilo que não pôde ser armazenado de modo adequado. Era uma "luta" porque a comida, ao lado de mercadorias industrializadas, estava escassa. Apesar de a região ser designada como *campo* – nesse ponto entendido como o lugar onde prevalece a agricultura –, naquele período, não existiam ainda tantos *campesinos* nela, havia, sim, mais *trabajadores azucareros*, sem contar que as *fincas* se destinavam à plantação de cana-de-açúcar – pertenciam exclusivamente a *cooperativas cañeras*. Certamente, no *pueblo* a dificuldade para conseguir a comida diária era maior, o que não quer dizer que no *campo* tudo estivesse resolvido, como se ali a vida fosse amena. A verdade é que, tal como os colombinos, *matanceros* e *habaneros*, os habitantes do *batey* precisavam encontrar formas de escapar dos problemas. Por exemplo, para manter o consumo estável de arroz – principal cereal da dieta cubana –, muitos passaram a semeá-lo nas valas da *carretera* de Banagüises. Fazendo isso, não ficavam, por completo, reféns daqueles que

---

para comprar algumas coisinhas. E Juana e eu viramos amiguinhas do condutor, do que dirigia, não, do que ficava do lado dele para cobrar o dinheiro do *minguino*. E então chegávamos e ele pegava nossa sacola... éramos sempre as últimas a montar no *minguino*... e ele colocava nossa sacola debaixo de um assento. Se aparecesse a polícia, ela já sabia que todo mundo ia no *minguino*... ninguém que estava no *minguino* ia passear em Cárdenas, todo mundo ia para vender. Era um *transporte de trabalhadores* [dizia, aos risos, com ironia]. Assim, quando a polícia aparecia, só estávamos com uma bolsa para guardar dinheiro. Sempre íamos bem arrumadas. A polícia abordava muita gente, se pegasse algo, era preciso pagar mil e tanto de *pesos* de multa e também recolhia as sacolas com os frangos, por maldade. [...] Nunca nos pegaram. Apenas uma vez acharam uma sacola com pimentões que era minha. [Teve de pagar uma multa, então?] Não, porque eu tinha ocultado a sacola em outro lugar. Fiz como se a sacola não fosse minha, que alguém a perdeu ali... pimentões que ainda precisava pagar, pois tinha comprado fiado na mão do Pacheco. Tinha comprado mais de setenta *pesos* de pimentão. E não paguei nada. Eu disse ao Pacheco: 'Olha, não tenho dinheiro agora'. [A verdade] é que comi tudo o que tinha porque depois não fui mais *a la lucha*".

comercializavam comida *por la izquierda* a preços exorbitantes, semelhante ao que eles mesmos faziam com o negócio de aves em Cárdenas.

Por fim, como me contaram, o vento arrancou muitas das placas de zinco que cobriam a estrutura do edifício do central. Sem eletricidade e com a carcaça exposta, houve atrasos e perdas na produção, que, nos anos anteriores, já entrara numa curva descendente, acompanhando o próprio cenário econômico do mundo açucareiro cubano. Colheitas de cana foram igualmente devastadas. Tudo piorou após o incidente, o que abriu margem para a concretização daquilo que aparecia, da perspectiva dos que seriam mais afetados, como apenas uma possibilidade, não como uma certeza: a paralisação das safras por tempo indefinido. Entrava-se, então, em um momento de suspensão da normalidade, quando a expectativa da retomada dos trabalhos passou a habitar o cotidiano do *batey*. Conjecturavam que, se o furacão não tivesse provocado aquele tremendo desgaste na parte física da usina, esta não teria sido posta na lista das que seriam desativadas. A explicação do evento normalmente não recaía nos baixos índices de produtividade, pouco compreendidos pelos moradores/trabalhadores, os quais, apoiados em um histórico de sucesso por eles construído, insistiam que ali "se moía bem" e que o açúcar era *buenísimo*, um dos melhores da Ilha, não fazendo sentido a resolução da paralisação. Para eles, só podia haver um equívoco na análise dos economistas do Estado.

A associação do encerramento das atividades da indústria ao furacão Michelle demonstra como a vida ordinária, com seus trâmites, movimentações e transformações, é fundamental na constituição de periodizações, que não são demarcadas ou rememoradas por elementos avessos à experiência pessoal, mas por aquilo que deixa marcas subjetivas. A cronologia, como notação exata de uma série de acontecimentos, fica em suspenso. Desse modo, pouco importa a data que determina, taxativamente, quando o central foi fechado. Sozinho, o grupo de números formaria uma temporalidade estanque e, ao mesmo tempo, vazia, sem pertencimento às vidas que a poderiam constituir. Ela se torna presente somente quando preenchida com pontos de vista, objetos e expressões dos que a experimentam.

Outro elemento era recordado e posto em relação direta com a interrupção das atividades do central: a *Tarea Álvaro Reynoso*, denominação do processo de "reestruturação" da agroindústria açucareira.

Enquanto o choque provocado nas comunidades pelo fechamento das usinas não teve, como já pontuado, espaço na mídia nacional, o "reordenamento" foi divulgado pelo jornal *Granma*. Em 20 de dezembro de 2002, em artigo, Juan Varela Pérez – principal jornalista da imprensa oficial que acompanhava o transcorrer da economia açucareira – resumia parte das discussões estabelecidas entre deputados da *Asamblea Nacional del Poder Popular*, oferecendo, ao leitor em geral, "informações das transformações" e "valorações" sobre o andamento inicial da *Tarea*. O texto pretendia, ainda, "aclarar inquietações a respeito dos serviços que as entidades açucareiras brinda[vam] às comunidades e aos *bateyes*". A população temia que, com a desativação dos centrais, também fosse desestruturado tudo o que dele em alguma medida dependia, como postos de saúde, círculo de trabalhadores (espaço de festas, reuniões etc.), comércios. Tal preocupação não era sem razão, haja vista o quadro de completa dependência de algumas áreas industriais e agrícolas. O então deputado Carlos Lage, vice-presidente do Conselho de Estado e um dos principais proponentes da reforma, chegou a pontuar que, após "uma detalhada revisão de central por central, serviço por serviço, [...] comprovou-se que em algumas zonas até as funerárias eram do Ministério do Açúcar". A "reestruturação", segundo os políticos e investigadores que a promoviam, não permitiria que houvesse retrocessos nos serviços prestados nem que qualquer trabalhador ficasse desamparado frente às alterações vindouras. Ao contrário, ela objetivava uma "eficiência" capaz de trazer melhorias não apenas aos locais que permaneceriam no fluxo produtivo das safras anuais, mas também aos engenhos que se encontravam com graves "problemas acumulados" e que, por isso, seriam "paralisados". Durante todo o tempo, o discurso de Lage ressaltava o caráter "positivo" do processo; nunca jogava luz em possíveis falhas e incompatibilidades com o projeto revolucionário. E se a *Tarea* não funcionasse? Se os *bateyes* afetados entrassem em um arruinamento pior do que aquele que já vinham experimentando desde o começo do *Período Especial*?

As considerações de Carlos Lage se baseavam no *Documento Programático* publicado em maio do mesmo ano pelo extinto Ministério do Açúcar,[53] no qual se defendia a ideia de que "não ha[via] outra alternativa senão pôr em prática [um programa de] profundas mudanças", qualificado, em outro material governamental, como uma "verdadeira revolução".[54] E ainda salientava:

> Chegou o momento de reestruturar e redimensionar nossa indústria agroaçucareira conforme os níveis do custo de produção, o consumo e os preços mundiais do açúcar. O objetivo fundamental da reestruturação da produção açucareira é acelerar o incremento da renda líquida gerada a partir de um profundo processo de diminuição dos custos (Minaz, Mayo de 2002, In Rodríguez 2013:49).

A dimensão do complexo sistema agroindustrial açucareiro cubano – com 154 centrais no período – tinha se tornado, segundo o ministério, não só defasada e incoerente com a situação financeira do país, mas também uma "carga insuportável". Para revigorar aquilo que oferecera números excelentes de produtividade e atuara como sustentáculo da economia, seriam necessários câmbios nos parâmetros organizacionais e, mais amplamente, na "mentalidade dos dirigentes e produtores, [de modo que o] gerir economicamente se convert[esse] no principal método de trabalho" (Minaz, 8 mayo de 2002, In Rodríguez 2013:41). Essa estratégia buscava justificativas inclusive nas primeiras apreciações do *compañero* Fidel Castro sobre a problemática açucareira, mostrando que, desde a infância do *triunfo*, já se observava a necessidade de um remodelamento nessa área produtiva, o que foi protelado em função dos lucrativos intercâmbios estabelecidos com os países socialistas do Leste Europeu, em particular com a União Soviética. Em matéria de 24 de outubro de 2002, por exemplo, para concluir suas análises dos "logros" que estavam em curso, Juan Varela Pérez citou o seguinte trecho de um discurso proferido pelo *Comandante* em 1960: "[…] Se fosse possível começar a organizar de novo toda a produção açucareira, o que faríamos em primeiro lugar seria buscar as melhores terras para esses cultivos, planejar um tipo de agricultura diversificada

[53] O Ministério do Açúcar foi extinto em 28 de outubro de 2011 pelo Decreto-Lei nº 287. Por conseguinte, em 10 de novembro, criou-se a Organização Superior de Direção denominada Grupo Açucareiro, AZCUBA (Decreto nº 294).
[54] Minaz. "Síntesis de algunos argumentos imprescindibles para los cuadros que en las provincias van a conducir el proceso de reuniones informativas", 8 mayo de 2002. Cf. Rodríguez (2013:39-41).

e calcular quantos centrais seriam necessários para produzir uma quantidade determinada de açúcar".[55]

Por um lado, o documento do ministério não abria margem para questionamentos acerca da irrevogável (e já inegociável) reestruturação; por outro, não deixava claro o que o "gerir economicamente" – característico de uma "mentalidade", também ela, reestruturada, transformada – de fato significava. Nas entrelinhas, dava a entender que estava em questão a "eficiência", explicada por um viés produtivista:

> O objetivo de produzir açúcar será, portanto, satisfazer nosso consumo interno [...] e aumentar o mercado externo na proporção em que seu preço gere entradas em divisa ostensivamente superiores ao custo investido na fabricação. [...]
> Nosso *Comandante en Jefe* assinalou que não é possível 2 milhões de hectares e 450 mil pessoas dedicadas a um emprego que traz perdas em divisa e também sublinhou a necessidade de que todos pensemos na economia do país (Minaz, Mayo de 2002, In Rodríguez 2013:49).

Para oferecer contornos mais nítidos para esse modo de "gerir" e também para a tal "mentalidade", retrocedo no tempo por meio, ainda, da manipulação de artefatos documentais (Castro 2014; Cunha 2010) – no caso, fotografias, charges, propagandas e reportagens que, coordenadas no interior de vários números da revista *Bohemia* e do jornal *Granma*, se associavam, diretamente ou não, aos planejamentos posteriores do *Documento Programático*. Esse movimento de recuo faz com que a reestruturação se alongue para planos que não os exclusivos aos debates e avaliações de 2002. Trarei somente alguns detalhes e ilustrações que ajudam a pensar e constituir as relações da proposta encabeçada pelo Ministério do Açúcar. Vou direto ao ponto: os enlaces que envolviam, de acordo com minha leitura, a noção de "eficiência".

O HOMEM EFICIENTE

O governo cubano já discutia ajustes que seriam postos em prática para sincronizar a produção de açúcar com as reais possibilidades do país há mais de uma década, quando, por fim, veio a público a proposta da *Tarea*. Os tópicos abordados eram dos mais variados, considerando a complexidade e extensão desse tipo de indústria. Em junho de 1991, uma das preocupações era como diminuir perdas com as "reparações de safra". Até

[55] *Granma digital*. Disponível em: <http://www.granma.cu/granmad/2002/10/24/nacional/articulo15.html>. Acesso: 6 dez. 2016.

então, assim que terminavam as atividades de moenda, os centrais "paravam" entre abril e maio para que fosse feito o "desarme" e o "alistamento" dos moinhos e demais instrumentos; apenas por volta de agosto é que começavam as reparações em massa, deixando todo o aparato do engenho limpo e preparado para ser utilizado na safra seguinte. No processo, peças e materiais diversos inevitavelmente perdiam-se, danificavam-se ou inutilizavam-se, o que aumentava os custos de manutenção e prejudicava, nas situações piores, o andamento e a organização dos trabalhos futuros. Se, antes, isso já era uma questão debatida, com a efervescência do *Período Especial*, tudo se tornou ainda mais complicado: a fabricação e a compra de instrumentos deteriorados, perdidos ou inutilizados foram prejudicadas e até impossibilitadas. Com o objetivo de ultrapassar esses empecilhos, o ministro Juan Herrera recomendava que o desarme se realizasse somente em casos extremos, uma vez que a maioria dos equipamentos não precisava de nada além de uma boa "revisão, limpeza e conservação". Para ele, a prática de "pôr abaixo o engenho", isto é, desarmá-lo, era "anacrônica e obsoleta".[56] O centrais eficientes seriam os que conseguissem modificar esse hábito e exigissem ações inteligentes e precavidas de seu pessoal, incluindo diretores e engenheiros.

Os verbos reutilizar, recuperar, assegurar, aproveitar, manter, proteger e, principalmente, *ahorrar* (economizar, poupar) descreviam parte das atitudes de trabalhadores "capazes e experimentados" – aqueles que não permitiriam um retrocesso na produção devido a uma menor quantidade de recurso disponível e à ausência quase total de importação, impossibilitada, como sempre lembrava o governo, pelo embargo norte-americano. Em muitas manchetes e legendas de fotografias, a *Bohemia* apresentava tal tipo de operário como modelo de inovação, eficiência e sagacidade: "Os imprescindíveis são os que criam com seu próprio esforço, sem basear o trabalho, como faziam os antigos alquimistas, na arte quimérica da transformação dos metais"; "A vontade não tem limites: um jovem com seu trabalho silencioso evita importações ao país"; "Utilizam poucos recursos e muita pujança e iniciativa – não são extraordinários, mas sim homens decididos a solucionar"; "Gente como esse mecânico de gruas torna incontestável a verdade de que para algo temos que viver neste mundo"; "O filho do ferroviário Ramón Molinas está ali, ao pé dos trens que, graças ao desejo, engenho e

[56] As expressões e palavras do parágrafo que estão grafadas entre aspas estão presentes no artigo "En condiciones de *período especial*. Nuevo Concepto en las reparaciones de zafra", de Juan Varela Pérez. *Granma*, 1º de junio de 1991, Año 27, no. 118, p. 4.

ferramentas de um filho que soube ouvir conselhos, correm".[57] Alguém com "conduta revolucionária" deveria basear-se nesses exemplos de corajosa "iniciativa" em um uma época de crise, não na "valentia" *callejera* de um "antissocial qualquer" que se "confund[ia] com a propaganda inimiga", isto é, capitalista e individualista, como asseverava o colunista Luís Sexto, defensor ortodoxo dos ideários e programas da Revolução.[58]

Imagem 2.2
Inciativas eficientes

Fonte: *Bohemia*, 28 de junio de 1991, Año 83, no. 26, p. 26.

A preocupação com o *ahorro*, conquanto sempre tangenciasse o mundo do trabalho, na medida em que cada cidadão era visto como um trabalhador em potencial, não se restringia a ele nem, menos ainda, à agroindústria açucareira. Atravessava, sim, diferenciados âmbitos, abarcando gerações variadas, como se todos – desde aqueles que operavam na limpeza da cana a ser moída em centrais e mulheres que reciclavam sapatos e reaproveitavam alimentos na cozinha, até coletores de caixas de papel e crianças criativas e econômicas – tivessem algo para aportar à eficiência que protegeria os cidadãos e as empresas estatais, em suma, o país. Havia uma tentativa de educar para o *ahorro*, e os meios de comunicação, via campanhas publicitárias, contribuíam para que

[57] As menções referem-se, respectivamente, às seguintes edições da *Bohemia*: 16 de febrero de 1990, Año 82, no. 7, p. 26; 2 de marzo de 1990, Año 82, no. 9, p. 27; 15 de junio de 1990, Año 82, no. 24, p. 48; 13 de diciembre de 1991, Año 83, no. 50, p. 30-1; 17 de enero de 1992, Año 84, no. 3, p. 15-6.
[58] *Bohemia*, 24 de abril de 1992, Año 84, no. 17, p. 31. Assinalo que Luís Sexto mantinha a coluna de opinião En Cuba.

isso fosse realizado. Circularam diferentes propagandas sobre o tema, normalmente com imagens divertidas ou didáticas e frases de impacto, tais como: *¡Así! también se forja el futuro: recuperando en cada escuela, libros y libretas usados, clasificándolos y entregándolos a la base de Materias Primas para sustituir la pulpa de papel… y ahorrar DIVISAS para el país*, ao redor dessa fala vinha um grupo de estudantes encaixotando seus antigos livros escolares; *El que ahorra, siempre tiene*, acompanhada da figura de um cofre de porco em que eram depositados, menos que dinheiro, ferragens, uma lâmpada elétrica, caixas de papel, utensílios de casa e objetos de uso pessoal, envases de vidro, água; *Aprovechar al máximo, renovar lo "desechado"... hoy también podemos*, com o desenho de uma mão carregando parafusos, garrafas, tubos de pasta de dente, caixotes de madeira, latas, entre outros (Imagem 2.3).[59] Além disso, a *Bohemia* veiculou, nos primeiros meses de 1990, a chamada para um *concurso de creación infantil* direcionado aos alunos da *primaria* – os *pioneros*, como são amplamente conhecidas as crianças que frequentam os anos iniciais do Ensino Fundamental –, cujo tema era nada menos que *ahorro* de energia elétrica. Mesmo que especificasse aquilo que não deveria ser desperdiçado, a convocação ensinava, de antemão, que *ahorrar* era crescer, pouco importando o que fosse poupado. Como ilustração, havia um boneco que segurava uma tocha triangular – emblema dos *Pioneros de José Martí* –[60] e usava um capacete de operário, como se afirmasse que cada estudante que se inscrevesse assumiria a postura de um eficiente trabalhador revolucionário. Se quisessem *ser como el Che*, tal como dizia parte do lema que repetiam nos dias de festa ou perante a bandeira hasteada,[61] precisariam assumir essa atitude, só assim "cumpririam" com a Revolução e com o *hombre nuevo* guevarista (Imagem 2.4). Sem nenhum exagero, pode-se considerar que o *ahorro* surgia como uma nova arma de "combate" dos e para os jovens "guerrilheiros". Não obstante, eles tinham de aprender a manuseá-la. O exemplo dos adultos aparecia como algo essencial nessa tarefa, seja para poupar *pesos*, seja para conservar e reutilizar

[59] *Bohemia*: 28 de septiembre de 1990, Año 82, no. 39, p. 19; 13 de diciembre de 1991, Año 83, no. 50, p. 59; 18 de junio de 1993, Año 85, no. 25, p. 67.

[60] Segundo o Portal Educativo Cubano, o emblema é "composto de dois triângulos, um vermelho e outro azul. O triângulo vermelho representa o sangue derramado na luta por liberdade, em seu centro destaca-se a estrela solitária, como expressão de que Cuba é um país livre e soberano. O azul representa o céu da Pátria. Os vértices do triângulo significam estudar, trabalhar e lutar pela pátria socialista". Disponível em: <http://educaciones.cubaeduca.cu/index.php?option=com_content&view=article&id=367&Itemid=4>. Acesso em: 10 dez. 2016.

[61] O lema completo é: *Pioneros por el comunismo, ¡Seremos como el Che!*

mercadorias: *¡Tengo diez años y ahorro como papá!*, exclamava um garotinho, sozinho na fila de um caixa bancário, numa das publicidades do Banco Popular de Ahorro.[62]

Imagem 2.3
Os múltiplos ahorros

Fonte: *Bohemia*, 13 de diciembre de 1991, Año 83, no. 50, p. 59.

Imagem 2.4
Pioneros em ação

Fonte: *Bohemia*, 16 de febrero de 1990, Año 82, no. 7, p. 34.

Os *pioneros* também figuravam na *Bohemia* como "inovadores". Importantes atores na batalha pela eficiência, eles, mais que educados para um projeto futuro, distante, eram impulsionados a agir no agora mais imediato, a fim de que servissem de referência de "iniciativa" para seus *companheiros* de escola e bairro. O breve relato de Yésell Candelario Benítez, publicado em junho de 1992, acentuava, de certa maneira, esse aspecto. Com apenas sete anos de idade, mas comportando-se como alguém mais velho, esse garoto de Ciego de Ávila, estimulado por seus pais, inscreveu-se no Fórum Nacional de Piezas de Repuesto, Equipos y Tecnología de Avanzada para divulgar sua "inovação": convertera puxadores de latas de carne, comumente descartados, em sovelas, agulhas de costura, chave de fenda e anzóis. Ele justificava seu interesse em reaproveitar materiaiomo uma forma de revelar-se, na prática, como "um menino revolucionário" que produzia "algo útil ao país".[63]

[62] *Bohemia*, 16 de febrero de 1990, Año 82, no. 7, p. 35.
[63] *Bohemia*, 12 de junio de 1992, Año 84, p. 24.

Acompanhando a junção desses posicionamentos e histórias na revista, observa-se a moralidade que sustentava a ideia de eficiência, a qual se vinculava altamente à concepção de trabalhador (homem, mulher, criança ou idoso) "econômico", "inovador" e "iniciativo" – alguém que não pensava no que seria exclusivamente do indivíduo (no "seu"), mas no "nosso", estando, por isso, sempre disposto a entregar-se com "fidelidade" à labuta e ao "aperfeiçoamento integral" do projeto socialista.[64] Como afirmava certo mecânico: "Os equipamentos só morrem quando morre o homem". E, desvinculando seus interesses da procura por ganhos mais elevados, complementava: "Juan e eu ganhamos 256 *pesos* mensais, não recebemos hora extra [...]. Acreditamos nos estímulos morais".[65] Ser visto como um "inovador" que "dava tudo de si mesmo" para que o país progredisse, mesmo com pouco e sem a necessidade de recorrer a investimentos em divisas, era um signo de distinção. Produção e moral caminhavam, portanto, lado a lado, numa relação que transformava a eficiência não apenas em um índice a ser calculado, mas em um dever a ser incorporado e transmitido – daí o caráter pedagógico das publicidades e notícias propagadas, semana após semana, pelos meios de comunicação nacionais, resumido nesta colocação de María de los Ángeles Rodrígues, jornalista que entrevistava aqueles que se destacavam pela disposição em recuperar sucatas e, por conseguinte, *ahorrar*: "Nosso propósito é oferecer aos leitores" – também inseridos nesse extenso processo de recuperação, não se pode esquecer – "[...] uma amostra de informações para destacar a importância que eles [os "inovadores"] dão ao dinheiro produzido pelo povo".[66]

(RE)APROVEITANDO TRABALHADORES

"Já começamos a conhecer o capitalismo. Fiquei sem emprego!", o personagem de uma charge concluía, ironicamente.[67] Apesar de o Estado cubano insistir que não deixaria "ninguém desamparado", a partir de 1990, muitos trabalhadores foram pegos desprevenidos com a notícia de que teriam de "regressar para casa", já que "as atividades em dezenas de fábricas, oficinas e escritórios, por falta de combustível e fornecimento" de outros suprimentos, seriam paralisadas. Não se falava, ao menos nos órgãos de

[64] Essa ideia é defendida em uma coluna de opinião escrita por Nestor Núñez em 1994. Dizia ele: "[...] a eficiência tem de abrir fronteiras e converter-se em um legítimo sinônimo de perfeição integral de nosso projeto". Cf. *Bohemia*, 18 de marzo de 1994, Año 86, no. 6, p. 37.
[65] *Bohemia*, 16 de febrero de 1990, Año 82, no. 7, p. 27-8.
[66] *Bohemia*, 16 de febrero de 1990, Año 82, no. 7, p. 29.
[67] *Bohemia*, 28 de junio de 1991, Año 83, no. 26, p. 42.

informação oficiais, efetivamente em desemprego. Uma ou outra brincadeira sobre o tema aparecia nos cadernos humorísticos, como o exemplo citado acima. A palavra da moda era *reubicar*, isto é, realocar, transferir, também em nome da eficiência e do reuso adequado dos insumos disponíveis, os trabalhadores em outras funções ou mesmo empresas. Se máquinas e objetos em geral eram refeitos ou reutilizados como uma maneira de diminuir custos, de *ahorrar*, operários eram *reubicados* e reaproveitados conforme suas potencialidades – e isso ocorria tanto nas situações em que eles eram considerados ineficientes, necessitando ser melhor distribuídos, quanto naquelas em que, por ordem maior, viam o encerramento indeterminado de seus postos.

Em vez de desempregados, que sugere a ideia, digamos, capitalista de descarte, existiam "trabalhadores excedentes". Segundo o Comitê Estatal de Trabalho e Seguridade Social, a cifra destes últimos alcançava os 150 mil, o que revela o complicado cenário de Cuba. A dita instituição confirmava que nenhum dos "excedentes" seria "afastado definitivamente de seu emprego [...] e abandonado à sua sorte", mesmo que o número deles fosse bastante elevado e que "as causas que deram o pontapé à desincorporação laboral [lhes tivessem sido] apresentad[as] de improviso e em um curto período de tempo". Na verdade, prometia-se que todos seriam *reubicados* em uma vaga em que conseguiriam conjugar "seriedade", "disposição", "constância" e "aptidão", ou seja, onde, sem se requerer a criação de empregos inúteis por parte do Estado, pudessem ser (ou continuar sendo) "eficientes", tal como os reconhecidos inovadores.[68] Essa promessa, mais que um modo de tranquilizar o trabalhador, servia como uma estratégia discursiva para diferençar as ações do governo socialista cubano das "alquimias neoliberais do capitalismo selvagem".[69] A esse respeito, uma reportagem de junho de 1991, sem negar o difícil cenário da Ilha naquele momento, relembrava as vicissitudes e as cifras negativas no âmbito do trabalho antes de 1959, com suas elevadas taxas de desemprego (termo usado para fazer referência direta ao capitalismo), elencando como complicador o "tempo morto" das usinas açucareiras, supostamente eliminado pela Revolução (digo supostamente porque esse tempo passou a ser chamado, de forma eufemística, de *período de reparación*, quando os trabalhadores açucareiros contratados – não efetivos – engajavam-se em outros negócios).[70] Afastando-se da "selvageria capitalista", pouco

[68] *Bohemia*, 8 de enero de 1993, Año 85, no. 2, p. 38-9.
[69] *Bohemia*, 26 de junio de 1991, Año 83, no. 35, p. 30-1.
[70] *Bohemia*, 26 de junio de 1991, Año 83, no. 35, p. 32.

preocupada com as misérias por ela produzidas e mantidas, as soluções imaginadas pelos políticos e administradores estatais para o problema dos "trabalhadores excedentes" eram classificadas de "decorosas", como se beneficiassem sobremaneira aqueles que fossem atingidos pela *reubicación*.

A mídia tentava mostrar como a população lidava com tranquilidade com as alterações profundas que estavam havendo no campo trabalhista. Em 4 de junho de 1994, o jornal *Granma* trazia a notícia de um senhor que fora "separado" do escritório de uma cooperativa de campesinos porque estes o consideraram despreparado para atuar como contabilista. "[...] Agora ficaram os mais dispostos a assumir o rigor que necessitamos para produzir mais, com menos custos", assinalava o chefe do coletivo. Já a jornalista Raisa Pagés pontuava que o trabalhador estava conformado com a decisão dos cooperativistas: "Compreendo. Me desatualizei do que estudei porque me dediquei a outras tarefas. E aqui, agora, aquele que não se encaixa nos parâmetros do coletivo é afastado". Para ela, essa "assimilação pessoal do fenômeno" explicava-se pelo fato de que ele seria "*reubicado* em um lugar" adequado às suas aptidões. O que não quer dizer que sua "ineficiência" tenha sido esquecida ou apagada. Ficava, sim, mais evidente com a *reubicación* por inadequação laboral: se não a "reparasse" por meio de uma "atualização", como as que passaram a ser oferecidas em cursos técnicos, correria o risco de converter-se em uma sucata.[71]

EM NOME DA REVOLUÇÃO

Além de mostrar parte das relações entre os conceitos de eficiência, os pontos discutidos até aqui demonstram que, dada a preponderância da escassez de recursos, desativações foram conduzidas em diferentes localidades e ramos industriais a fim de que a tão desejada "máxima produtividade com baixo custo" fosse alcançada. Contudo, a *Tarea Álvaro Reynoso* foi um projeto marcante: tratava-se de uma proposta de transformação do setor que mais oferecia histórias e, como dito em outra parte, qualidades à Ilha. Se em décadas anteriores a agroindústria açucareira havia sido foco de intensa atenção em razão de seus benefícios econômicos e também dos investimentos e ampliações nela feitos, como no caso da controversa *Zafra de los 10 millones*,[72] na entrada do século XXI, ela

[71] *Granma*, 4 de junio de 1994, Año 30, no. 112, p. 2.
[72] A *Zafra de los 10* millones, 1969-1970, mobilizou todo o país numa "marcha" para bater a meta jamais alcançada em qualquer safra açucareira. A revista *Bohemia* acompanhou, mês a mês, a preparação do

tornou-se tema de debate por sua desfiguração e prováveis interrupções. Se em 1969 a preocupação era educar jovens *zafreros* (forma de indicar os trabalhadores açucareiros), incluindo estudantes da secundária (anos finais do Ensino Fundamental), no controle do processo de fabricação do açúcar e no "idioma da safra", uma vez que, como o governo revolucionário repetia, todos precisavam saber os sentidos dos métodos e palavras que configuravam a empreitada que retiraria o país do subdesenvolvimento,[73] em 2002, o discurso se deslocou, por assim dizer, da área interna do central para os escritórios de recursos humanos e levantamentos econômicos, dando vazão à necessidade de convencimento acerca da premência de cortes, câmbios, realocações de profissionais e objetos, atualizações – tudo isso interligado à ideia de "reestruturação" como "eficiência". Enquanto em um dos tempos a indústria açucareira parecia expandir-se de forma ilimitada – novas construções, novas máquinas, novos trabalhadores e oportunidades –, sem qualquer previsão de falência ou inadequação; no outro, o encurtamento passava a prevalecer, com espaço de atuação apenas aos "eficientes", aos que "trabalhassem de verdade", na expressão de um engenheiro que acompanhou a aplicação da *Tarea* (Rodríguez 2013:81).

Apesar de todos esses contrastes, as ações de abertura ou fechamento tinham um elemento em comum: ambas se justificavam na Revolução, que, como sujeito, solicitava aos cidadãos cubanos – aglomerados na noção de "povo" – "sacrifício", "apoio" e "confiança" em suas medidas e posicionamentos, às vezes bastante díspares. Assim, no processo de 2002, os documentos destacavam o papel dela desde o dia em que Cuba optou pelo rompimento com os Estados Unidos após a reforma agrária de 1959: "A Revolução não cruzou os braços [diante das investidas norte-americana contrárias à produção interna]; nacionalizou os centrais açucareiros, tornando-os propriedade de todo o povo"

---

processo, publicando reportagens sobre a organização dos centrais, as quantidades de maquinário, as histórias de cada uma das usinas envolvidas, anunciou trajetórias de trabalhadores destacados, enfim, fez uma série propagandas que objetivavam impulsionar a população a acreditar nas potencialidades da indústria cubana e também do governo revolucionário. Meses antes do término da safra, já era perceptível que não seria possível atingir o limite determinado. Muitos trabalhadores falam dos erros cometidos para tentar obter maiores ganhos no período.

[73] *Bohemia*, 11 de julio de 1969, Año 61, no. 28, p. 32-40, 56. Esse número da revista trazia a seguinte explicação sobre o "idioma da safra": "*La zafra de los 10 millones pondrá en tensión a todo el país. Directa o indirectamente toda la población intervendrá en este esfuerzo decisivo. La zafra de los 10 millones significará el inicio del despegue económico que permitirá decir, en unos años, ¡adiós, subdesarrollo! La zafra, como toda especialidad, tiene sus palabras específicas… su idioma propio. Aquí te ofreceremos el significado concreto de algunas de esas palabras*" (:56). Destaco que, no editorial, sugeria-se, em um "plano de férias", que os estudantes fizessem visitas a canaviais – tudo com vistas a educar para a safra.

(Minaz, 8 de mayo de 2002, In Rodríguez 2013:46). Eles também atribuíam qualidades a seu caráter: "É uma conduta inalterável da Revolução falar com clareza a nosso povo e tomar as decisões oportunas que cada situação aconselha" (:49); "A Revolução sempre diz a verdade, nunca enganou o povo" (:45).

Em nome da Revolução (ou sob a autorização dela), operou-se, então, "a grande transformação do setor açucareiro" (:53), e, em pouco tempo, a paisagem dos rincões movidos a açúcar entrou em um implacável processo de corrosão. Dez anos depois, em 2012, quando visitei pela primeira vez um *batey*, avaliações e reflexões pessoais sobre a *Tarea* e a reestruturação ainda eram feitas. Havia quem concordava com o que fora estabelecido, especialmente os que se beneficiaram de algum modo com as medidas administrativas e governamentais, e também aqueles que eram críticos ferrenhos, dizendo que nem sequer chegaram a entender o porquê do fechamento da usina local por tantos anos – para eles, os motivos nunca foram claramente explicitados. A iminente possibilidade de reabertura do Central México estimulava tais opiniões.

Esse encontro inicial deu-me apenas alguns sinais das questões atreladas à desativação das usinas. Foram as viagens que fiz a muitos *bateyes* mantanceros sem central que me ensinaram a observar um mundo em que as chaminés se mantinham como materialização perene de um *antes* que insistia em povoar um *agora* contra o qual as pessoas necessitavam lutar.

Viagens, silêncios, cacos, distâncias

Das várias vezes que cruzei a *carretera Central* para sair ou chegar a Colón, os *macizos cañeros*, como alguns se referiam aos extensos agrupamentos contíguos de canaviais, não me passavam despercebidos. Era impossível não notá-los, já que cobriam quilômetros de distância, não deixando dúvida de que se tratava de em uma região açucareira. Aquela grande quantidade de cana presentificava a produção, principalmente nos trechos em que havia descampados com *combinadas* (trator de corte e limpeza), caminhões, pipas d'água, trabalhadores em atividade e todos os demais instrumentos e meios de transporte utilizados no processo de colheita. À primeira vista, o cenário não coadunava com a representação de falência da indústria açucareira. Tudo me parecia dizer que os moinhos não deixaram de operar e que o açúcar ainda cumpria seu papel na economia cubana. Mas

enganava-me. Atrás dos campos de cana, estavam os fósseis de centrais inativos. Ao longe, só conseguia ver o cume das chaminés, que, embora sem fumaça, se erguiam com rigidez e estriavam um espaço que, para mim, era indiferenciado: cada uma delas assinalava um *batey* (ou *bateyes*) de um *pueblo* (Mapa 2.1).[74]

Meus interlocutores praticamente desconheciam esses lugares, embora não tivessem dificuldade de listar os nomes dos centrais desativados. Afirmavam não compreender por que me interessava por locais que, para eles, eram ainda piores que o Central México: *eso allí está malísimo*. Um amigo até mesmo se negou a acompanhar-me em algumas visitas, dizendo que se eu fosse para *el pueblo* iria comigo, mas que para aqueles lugarejos, não, já que lá não tinha nada de interessante a ser visto. Se não entendiam sequer a razão pela qual havia escolhido deixar La Habana para ir para o *campo*, buscar um *campo* "mais atrás" lhes parecia ainda menos razoável: *¡Tú eres un loco! Ya no comprendo nada. Te gusta pasar trabajo*. Enfatizavam que não conseguiria chegar até os tais povoados com facilidade. Se tivesse sorte, depois de fazer vários *tramos* (dividir o caminho em trechos), entraria nos *bateyes*, mas, para tanto, precisaria sair bem cedo de casa. Duvidavam da minha capacidade de realizar essas pequenas, mas complicadas, viagens. Sabiam que no meio do caminho haveria negociações com motoristas de *máquinas*, caminhões e cocheiros *descarados*, para as quais necessitava malícia, algo que, por ser um *yuma*, eu não possuía. O que me auxiliaria – constatavam – seria o *dólar*, com o qual tudo poderia ser *acotejado* (ajeitado). No fim, para além das habilidades de viajante ou de aprendiz da *mecánica de la calle* (os modos de operação dos negócios nas ruas), o *dólar* serviria como uma explicação para o sucesso da minha empreitada (e não posso negar que eles tinham certa razão, sobretudo quando me recordo dos *particulares* que sempre me arrancavam dinheiro).

Muito mais que simples preconcepções, essas construções e diferenciações espaciais dilatavam as distâncias entre os centrais *matanceros* dispostos no mapa de rodovias cubanas que eu manuseava, mostrando que a questão do distanciamento não se

[74] Entre 2015-1016, visitei os seguintes centrais desativados, com seus respectivos municípios: Estéban Hernández (Martí), España (Perico), Jaime López (Jovellanos), Victoria de Yaguajay (Jovellanos), Granma (Jovellanos), Horacio Rodríguez (Limonar), Reynol García (Calimete), Australia (Jagüey), Cuba Libre (Pedro Betancourt), Juan Ávila (Unión de Reyes). Em geral, minha principal intenção era observar e fotografar os *bateyes*. As interações com os moradores eram totalmente informais, quase sempre na rua, próximo algum *kiosko* ou praça. Em alguns poucos casos, pude combinar, previamente, entrevistas com antigos trabalhadores. Nas viagens, sempre tentava contatar pessoas que se envolveram de algum modo com os centrais.

resumia a um problema de quilometragem. O Central México, por exemplo, encontrava-se bastante apartado da capital da província, mas isso não era suficiente para que meus amigos o alocassem no rol dos mais *distantes* ou, de outro modo, de um *campo* inacessível. A meu ver, estava em jogo uma noção de afastamento ligada a percepções subjetivas de que "não havia vida" nas áreas onde os centrais pararam de exercer suas funções. Mas o que estaria implicado na acepção de ausência de vida? O que os moradores dos *bateyes* sem usina e seus vizinhos acionavam para formulá-la? Um primeiro elemento para responder a essas indagações são os *tramos*.

FAZENDO TRAMOS

O percurso até as usinas desmanteladas, em raros casos, era direto. Os veículos, normalmente *particulares*, que partiam dos *pueblos*, como Colón, se dirigiam para *pueblos* menores, no interior dos quais, para alcançar os *bateyes*, devia-se tomar outro transporte. Decompor o caminho – *hacer tramos* – era, pois, não só o mais comum, mas também a única opção factível, a não ser que alguém, negociando com um motorista e demonstrando-se um detentor de moeda forte, alugasse individualmente o carro que o conduziria a seu destino. Conquanto pareça trivial, uma vez que dá a ideia de que o passageiro precisaria somente realizar uma troca de automóveis para seguir viagem, fazer *tramos* nem sempre era uma ação das mais simples, tudo dependia da disponibilidade de transporte, que podia passar da escassez (o quadro recorrente) à inexistência, principalmente em zonas menos centrais e sem atividades industriais. A verdade é que uma viagem podia transformar-se em uma grande aventura em função das dificuldades que rondavam o processo de fazer *tramos*.

Para citar um exemplo, narro uma situação que um amigo e eu vivenciamos em março de 2014. Por terceiros, ficamos sabendo que vendedores *particulares* estavam dirigindo-se para a província de Santa Clara para adquirir mercadorias a baixo preço que *se perdieron* das tendas em *pesos* de Matanzas. Comentavam que o setor de indústrias alimentícias e de utensílios para o lar dessa província funcionava muito bem, daí os mercados de lá serem mais sortidos que os *matanceros*. Como ele necessitava renovar seu *merolico*, decidimos verificar se os boatos eram de fato verdadeiros – no melhor dos casos, descobriríamos outro ponto de compra de mercadorias, com a vantagem de que estaria mais próximo que o de La Habana, logo economizaríamos no valor da passagem. Saímos de madrugada do Central México no primeiro caminhão até Colón; em seguida,

pegamos uma *máquina* que levava, sem grandes desvios, até Santa Clara – pela manhã, o fluxo de carros entre províncias era maior, ainda que não tão intenso. Em poucas horas, já estávamos no terminal de ônibus da outra província, onde nos disseram que até às 14 horas conseguiríamos retornar, seguramente, para Matanzas.

No horário informado, voltamos para a rodoviária: não havia passagens disponíveis nem previsão de saída de carros particulares para Colón. Poderíamos esperar uma ou duas horas, com o risco de termos de passar a noite em Santa Clara, ou, ao contrário, sair imediatamente para outra cidade mais próxima de Matanzas. Escolhemos a segunda opção, porque, segundo outros passageiros que esperavam no terminal, em Santo Domingo conseguiríamos algo. E foi aí que todos os empecilhos surgiram, dando início a uma saga. Como precisaríamos *ir por el tramo*, expressão que também sempre usavam, trinta minutos depois já nos encontrávamos em um caminhão que pararia na cidade de Santo Domingo. Logo após, entramos em uma *guagua Girón* local, a qual nos deixou apenas alguns quilômetros mais adiante do ponto em que tínhamos desembarcado minutos antes. Parados na rodovia principal da cidade, sinalizávamos para todo tipo de veículo que se aproximava, desde *máquinas*, que passavam lotadas, até jipes usados por funcionários do Estado – não excluíamos a possibilidade de *coger botella* (pegar carona) em algum deles. Descobrimos que nenhum *particular* sairia de Santo Domingo, pois já estava tarde e não havia passageiros para ocupar todos os assentos do carro – regra fundamental dos motoristas. A isso, incluía-se o fato de que o mais provável era que o veículo retornaria vazio para Santo Domingo, o que diminuiria bastante o lucro da viagem. Aquele trajeto só seria feito, então, por alguém que fosse permanecer em Colón.

Tínhamos de contornar esse problema de qualquer forma. Ali não poderíamos ficar, nem mesmo *casas de alquiler* havia, nem outros equipamentos para receber viajantes, especificamente turistas estrangeiros, como me viam os habitantes locais. Mais de três horas esperando e nenhum transporte surgiu. Fomos, então, à estação de trem – a nossa última opção. Um senhor informou-nos que, sim, estava prevista a passagem do trem que poderia nos deixar em Los Arabos, de onde deveríamos buscar um carro particular para Colón e, com sorte, arranjar algum transporte para o Central México. Não tínhamos outra escolha senão aguardar. Por volta das 21 horas, deixamos Santo Domingo. O restante do percurso foi feito, igualmente, com muitas esperas e apreensões, porquanto não sabíamos qual seria o andamento da viagem.

Solitários nas rodovias, cada *tramo* era algo a ser ultrapassado, e não havíamos nos preparado – nem mesmo financeiramente – para tantas complicações. Ao final, logramos chegar ao *batey*, sem perspectiva de refazer o caminho até Santa Clara *por el tramo*, a despeito de termos adquirido mercadorias mais baratas. Só voltaríamos a essa província pelos meios formais, ou seja, com passagens de ônibus estatais compradas antecipadamente. Do contrário, melhor seria continuar indo aos mercados de La Habana que já conhecíamos e para os quais existia transporte direto do próprio *batey* em dois dias da semana.[75] Enquanto nossa ida foi feita em no máximo três horas, o retorno atingiu doze horas de duração – e isto porque fizemos o traslado em um período de safra, quando havia carretas com carregamentos de cana e alguns carros circulando pelas vias de Colón e Los Arabos, que contavam com centrais *en molienda*.

Talvez pareça estranho acionar um episódio sobre *tramos* de uma situação que não diz respeito aos centrais demolidos, que, como frisei, também só podiam ser acessados por meio da partição do complexo caminho que levava até eles. Mas a explicação dessa minha escolha é simples: ciente das dificuldades latentes dos *tramos*, tentei precaver-me em cada uma das viagens, assim evitaria maiores transtornos. Normalmente, as dificuldades manifestavam-se no retorno das visitas, quando, por ser no período da tarde, um ou outro carro deixava os *bateyes*, e se estes estivessem um pouco mais afastados de seus *pueblos*, a diminuição tornava-se ainda mais drástica. Seguindo sugestão de conhecidos, a partir das 14 horas, mantinha-me atento às possibilidades de transporte (*máquinas*, caminhões particulares ou de cooperativas, carroças) e aglomerações de pessoas, indicativas da iminente chegada de um ônibus de trabalhadores. Nesse horário, precisava sair rápido do *batey* rumo ao *pueblo* e, por conseguinte, à *carretera Central*, onde passava a maioria dos veículos que vinha do centro de Matanzas. Se me atrasasse, as chances de ficar preso no *batey* eram grandes, e isso me obrigaria a entrar nas difíceis negociações com motoristas *particulares* assinaladas por meus amigos. Tomando essas precauções – apreendidas após a lição de Santa Clara –, trafeguei com

[75] Também era possível fazer a viagem até La Habana *por el tramo*, e muitas pessoas inclusive a preferiam, isto porque gastavam menos do que nas *máquinas particulares* que saíam de Matanzas. Como se tratava de uma cidade de maior porte, conseguir algum transporte no meio do caminho era mais fácil do que nos casos de cidades pequenas, o que não quer dizer que não havia riscos, especialmente de longas esperas. Eu mesmo, no intuito de economizar CUC, tive de enfrentar problemas de atrasos e longas esperas nos *tramos* entre La Habana e Matanzas. Aproveito para sublinhar que o tema dos mercados em La Habana será abordado no Capítulo 5.

facilidade entre centrais, inclusive nos casos mais extremos como o do *batey* Juan Ávila, cujo trajeto tinha de ser dividido em seis trechos, com mudanças diferenciadas de veículo (ônibus-carroça-*máquina*-*bicitaxi*-caminhão-*máquina*).

Os *tramos* não eram problematizados apenas pelos habitantes do Central México, mas também pelos próprios moradores das áreas ditas *distantes*, que se sentiam deslocados da dinâmica dos povoados dos arredores e, em particular, dos *pueblos*, com seus comércios, escritórios estatais e lugares de festa. Dadas as dificuldades em torno do deslocamento, aqueles que não tinham alguma ocupação fora do *batey* evitavam passeios casuais ao centro da cidade. Se não realizados por meio de ônibus de cooperativas ou de caronas, eles resultavam em gastos com cocheiros e motoristas, o que diminuía a renda destinada à obtenção do prato forte diário (*la comida*, o jantar), a principal preocupação das famílias: com 20 *pesos* – valor gasto com o uso de *máquinas* –, podia-se comprar uma libra de carne de porco. Por esse motivo, não era incomum encontrar pessoas que ficavam vários meses sem pôr os pés no centro da cidade, dependendo, invariavelmente, das poucas e disputadas mercadorias que chegavam ao *batey*. Esse era o caso, por exemplo, de Beré, um senhor com mais de 70 anos de idade que conheci em uma de minhas andanças pelo que foi o Central Jaime López. Viúvo e com filhos morando em outro município, ele vivia apenas com sua aposentadoria de *obrero calificado* no ramo açucareiro, porque, em seu *batey*, disse-me, não estava fácil conseguir pequenos trabalhos para aumentar a renda. Havia poucas oportunidades, e os mais jovens quase sempre eram os que as aproveitavam. Ganhava, por mês, 250 *pesos* (10 CUC ou 10 USD). Com esse baixo salário, mesmo sem estar alheio à maior variedade de produtos encontrados na cidade de Jovellanos, mantinha-se quieto no bairro e arranjava-se com o que recebia de sua quota da *libreta* e, vez ou outra, com uma compra na mão dos *particulares* que, esporadicamente, transitavam nas proximidades: "Não tem nada aqui. Passam *particulares*, mas os preços deles são elevados, são intermediários. Ninguém dá conta de ficar comprando".

Mas esse antigo trabalhador não se limitou a reclamações e apontamentos de ordem pessoal; junto disso, ofereceu-me uma descrição da situação do *batey* após o desmantelamento do central, na qual a mudança nos fluxos de pessoas, carros e mercadorias exercia um papel elementar. De novo, o movimento – ainda ligado aos *tramos*, mas não resumido neles – aparecia em cena.

A conversa com Beré aconteceu em frente ao que fora o *enfriadero* do central *desbaratado*, ou seja, o local para onde se conduzia, para ser resfriada, a água quente que saía da fábrica. Com o fechamento da usina, as tubulações do *enfriadero* foram retiradas pela empresa açucareira para que se improvisasse uma piscina. Essa transformação se adequava às tentativas de dar uma nova função às construções que não fossem totalmente destruídas, tal como ocorria com as salas dos escritórios e com o terreno em que, antes, se erguia toda a estrutura do edifício que abrigava os moinhos e demais maquinários, ambos reutilizados como uma maneira de solucionar ou melhorar o problema de distribuição de casas associado à chegada de muitos *orientales* na parte ocidental de Cuba, especialmente Matanzas e La Habana. Readaptações desse mesmo tipo apareciam em outras localidades, não sendo, portanto, algo que singularizava aquele *batey* (Imagem 2.5). Como a "piscina" estava vazia, perguntei a Beré, de modo a iniciar o bate-papo, se ela de fato funcionava: "No verão", respondeu. "No entanto, às vezes não podem enchê-la, porque aqui temos problema com água". Expliquei-lhe que minha indagação se baseava em experiências semelhantes de outros centrais, nos quais as "piscinas", depois de usadas por um período curto de tempo, foram abandonadas, o que lhes ocasionou a completa deterioração. Ele também ouvira falar de casos parecidos, e disse que ali isso ocorrera com o organopônico, construído em um espaço diante da chaminé do central. *Antes*, Beré argumentava, plantava-se bem e a distribuição de hortaliças era suficiente para atender às demandas dos habitantes. *Agora*, ao contrário, já não se produz quase nada, não "serve para nada". A horta orgânica apenas enganava um observador desinformado e ingênuo. Além disso, para o aposentado, nenhuma das readaptações conseguia reaver, com novas formas, o papel do central. Tudo ficava aquém.

Avaliava que, com o drástico agravamento do transporte, representado pela constante necessidade de fazer *tramos* para entrar ou sair daquela área, houve também decréscimos na qualidade de vida, com uma maior precariedade dos comércios estatais locais: "*Antes*, todos os dias chegava um caminhão com mercadorias para a *cafetería* do central, caixas de croquete, refrigerante, gordura de porco, de tudo. *Agora*, é um senhor que traz uma sacola com alguns pacotes de croquete, ovos, um copinho de gordura [...]. Você acha que isso alcança?". O fechamento do central significou, assim, menor quantidade e variedade de alimento disponível. Em um outro *batey*, uma mulher destacou que até o envio de ossos com carne de boi, empregados na preparação de sopas e no

cozimento de feijão, foi alterado: nos açougues dos centros urbanos, esses restos podiam ser mais facilmente encontrados, já nas antigas comunidades açucareiras, tornaram-se mais raros.

Imagem 2.5
Enfriadero – Piscina

Fonte: Acervo do autor. Centrais Horacio Rodríguez e Estéban Hernández, 2016.

Beré não concluiu sua análise conjuntural no tema da comida. Salientou também aspectos que, ao ultrapassar os limites restritos feitos pelas paredes e estruturas da usina, atingiam as casas dos arredores, como se houvesse uma imbricação, quase uma inseparabilidade, entre os dois mundos – o da indústria e o das habitações familiares, um servindo-se do outro, com o detalhe de que, numa leitura abarcadora da noção proclamada por Fidel de que o "central era do povo", a primeira era uma espécie de extensão do quintal das segundas. Muitas vezes, alguém necessitava do auxílio de um técnico ou *obrero calificado* para solucionar problemas de construção nos lares ou para consertar um objeto que não podia ser jogado fora. Por exemplo, se ocorresse o rompimento de um material de ferro de uso pessoal, não havia nenhum empecilho em utilizar ferramentas disponíveis nas oficinas do central nem em buscar um soldador que trabalhasse aí, o qual, se disponível, realizaria o serviço sem cobrar nada, no máximo, esperaria o cumprimento de favores não monetários entre *amistades*. Com o "rompimento" da usina, as famílias deixaram de gozar dessa relação com as coisas do Estado, passando a ter de frequentar o pátio *particular* de seu vizinho, onde cada elemento tinha um proprietário individual bem demarcado (mesmo aquilo que tinha sido "retirado" de propriedades estatais) e um valor em *pesos*. Assim, ainda era possível encontrar soldadores, mas estes não prestavam auxílios gratuitos, cobravam, sim, por cada peça reconstruída; como nem todos tinham

condição de pagar pelos consertos, as casas, como extensões diretas da indústria que *se fue abajo* (decaiu-se), também passaram a deteriorar-se. A respeito das *amistades*, em diferentes momentos e lugares, devo frisar que aqueles com os quais eu conversava gostavam de reiterar que no passado elas eram "mais sãs", menos interessadas, e que hoje isso tinha *cambiado*, transformação para a qual os variados problemas surgidos com o *Período Especial* e, sobretudo, as dificuldades provenientes da falência da produção açucareira que movia a comunidade contribuíram bastante. A tudo se acrescentou um preço, uma tarifa, desde as frutas que davam em abundância e, para que não apodrecessem, eram partilhadas até as amizades, as quais só poderiam ser mantidas se dessem algum negócio – tal discussão será retomada nos Capítulos 4 e 5.

Na mesma direção de Beré, Lino, um habitante de Reynol García, via o *ahora* em comparação com um *antes*. Ele, por ter-se aposentado cedo, com menos de 50 anos, não sofreu diretamente com a decisão do governo de fechar o central. Naquele *batey*, isso ocorreu de forma antecipada à *Tarea Álvaro Reynoso*, em 1997: "Havia pouco abastecimento de cana. Mandaram *aguantarlo* [mantê-lo com as peças, mas sem funcionamento], depois, disseram que, quando houvesse recuperação de cana, iriam *arrancar la molida* outra vez. Mas fizeram o contrário. Mandaram desativá-lo, desbaratá-lo". Suas observações fundamentavam-se em sua longa trajetória como pintor daquele engenho, que, embora lhe tivessem imposto o selo da ineficiência, "moía que era uma beleza". Não se furtava de lembrar que seguira uma genealogia açucareira, como muitos de seus amigos: "Meu pai trabalhava aí. Meus irmãos também. Quase todos trabalhavam aí. Todos tinham algum posto nesse central". Valia a pena dedicar-se a essa empresa, dava reconhecimento ao sujeito – sempre queriam que alguém da família fosse vinculado ao "açúcar" –, além do que o salário não era ruim e havia a possibilidade de alcançar bonificações e incentivos. Cuidara de suas filhas, as quais, diferentemente do pai, optaram por carreiras não ligadas à produção açucareira, com o dinheiro do central. Lino elencava cada um desses pontos tendo como referência os anos anteriores a 1990. Queria mostrar-me que, nessa época, o dinheiro valia mais. Aposentara-se com 200 *pesos*, uma quantia que lhe permitia ir à cidade e "caminhar para todos os lados", algo que sempre gostou. Depois, no entanto, vieram os *cambios* do *Período Especial* e anos seguintes, com o evento não menos complicado de encerramento do engenho, e seus 200 *pesos* transformaram-se em míseros 8 *pesos*, ou seja, 8 CUC. Seu salário já não "alcançava",

mas, pela idade, não podia *trabajar por otros lados* para conseguir alguns *pesitos*, como fazia a maioria de seus vizinhos, que, se jovens, ou buscavam algo na agricultura, ou deslocavam-se por muitos lugares (*pa'quí, pa'llá*) em pequenos negócios ou tentavam um emprego fixo nos centrais que estavam *en marcha* (outra maneira de dizer que moíam), como René Fraga e Jesús Rabí.

Como um homem que não gostava de estar parado nem da monotonia, Lino evocava um passado em que o *batey*, sempre cheio e movimentado, recebia profissionais de outras províncias durante as safras. Tal caracterização se contrastava, de seu ponto de vista, com o presente, quando havia pouca gente circulando nas ruas empoeiradas e quase sem tráfego de carros: "Hoje isto aqui está assim...", dizia com uma expressão de descontentamento e tristeza. "Ai, meu Deus! Muito pouco movimento. Não é fácil". Ele ainda afirmava que lá não era um lugar para a juventude, porque inexistiam possibilidades de divertimento. Não era igual aos *bateyes* que, mesmo na ausência do açúcar como protagonista da economia local, podiam tirar proveito do turismo ou do fácil acesso a rodovias e cidades importantes, como acontecia nos Centrais Australia e España – o primeiro no caminho para a Ciénaga de Zapata (sítio de turismo campestre) e o segundo numa *carretera* que conduzia facilmente a Cárdenas e Varadero. Sua comunidade não fora beneficiada com esses elementos. Desse modo, sem o central, ela também se desmantelou, como se, dia a dia, algo fosse dela retirado, levado (objetos, máquinas, trabalhadores que se mudavam para regiões mais produtivas, jovens que se iam por falta de oportunidade), criando uma constante sensação de vazio e silêncio. Como síntese dessa ideia, nada melhor que voltar à comparação entre o "antes" (dinâmico, produtivo, bonito, cheio de vida...) e o "agora" (monótono, difícil, improdutivo...) construída por Lino:

> *Antes* aqui não faltava festa. *Agora* tem de ir para Manguito para ver se tocam alguma coisa no Círculo de Trabalhadores. Aqui não tem nada, o que alguém vai fazer aqui? Nem uma vitrola. A vitrola super boa que havia ali [no Círculo]. [...] A gente colocava *un medio* [quinze centavos de *peso*] e saía o disco que a gente quisesse. *Agora* tudo isso sumiu. Não somente aqui, mas em Manguito também. Levaram essa vitrola, tudo isso foi levado. *Antes* havia de tudo, o que você quisesse. Eu lhe digo isso porque nasci e fui criado aqui.

PARTICULARIZANDO SUCATAS DO ESTADO

Conquanto cansativos, os *tramos* me permitiam exercer bem o exercício da escuta e da observação. Ouvia conversas alheias – algumas delas sobre temáticas que me

interessavam, como compreensões sobre mudanças na legislação, preços de mercadorias e questões do mundo do trabalho –, inspecionava o que os passageiros compravam no centro da cidade na tentativa, por exemplo, de verificar o que poderia *estar perdido* nos mercados locais, interagia com as pessoas que julgava mais simpáticas e, principalmente, percorria, também com o olhar, as estradas que antecediam os *bateyes*. Fazendo *tramos*, notei uma característica comum – uma constância, arriscaria dizer – às zonas com centrais desestruturados: o emprego de ferro e zinco nas casas. Quando o número de construções com tais elementos aumentava de forma considerável, não tinha dúvida de que, pelas redondezas, havia uma usina. As chaminés apenas ratificavam a percepção. No *batey*, por sua vez, a quantidade de ferro se ampliava ainda mais, sendo difícil não identificar uma moradia sem esse material aplicado em alguma de suas partes. Ao lado das carroças e das calças e camisas marrons de tecido grosso, normalmente usadas por trabalhadores do campo e operários, os metais, oxidados ou pintados, compunham uma espécie de paisagem do açúcar (Imagem 2.6).

A proveniência dessa ferragem era fácil de ser determinada. Tratava-se de equipamentos inutilizados, caldeiras, tambores, malhas de aço e diferentes tipos de *chatarra* (sucata) da estrutura dos centrais desmantelados. Cercas, caixas d'água, armações de garagem e de teto, portões, galinheiros, bancos, tanques, todos esses objetos surgiam como uma estratégia de reaproveitamento do que, à primeira vista, poderia não servir mais para nada. Demolia-se, por um lado, reconstruía-se, por outro: trechos das linhas de trem desfaziam-se, por conseguinte, brotavam-se chiqueiros, muros; decompunha-se o teto do edifício do açúcar, criavam-se garagens; e assim por diante. Desse modo, em vez de desaparecerem, as usinas deixavam seus rastros em um espaço que se alongava para além dos escombros que limitavam o que fora o setor de produção, denominado de *piso de azúcar*.

Ao ver aquela criativa arquitetura, questionava-me acerca dos modos de aquisição da matéria-prima que os formava. Os centrais eram estatais, logo, o que se mantinha dentro deles também pertencia ao Estado, inclusive as *chatarras*. Muitos me davam essa explicação. Alguns ainda salientavam que não se permitia entrar e sair com o que se quisesse dos locais em que uns poucos funcionários cumpriam a tarefa do desmantelamento. Existia uma vigilância, um controle – ou ao menos se tentava. Verifiquei isso em Horacio Rodríguez, onde, na portaria do antigo central, havia uma

corda velha fazendo as vezes de portão e, numa parede desgastada, a indicação de que estranhos não podiam passar. Uma vigilante fazia a ronda. Abordei-a. Relatou-me que fora *reubicada*, mas seu posto era provisório, só trabalharia ali até a completa retirada das peças. As que estavam em melhor estado de uso e eram úteis e caras, como motores, já tinham sido enviadas para indústrias em funcionamento de várias partes da Ilha. Faltava, é certo, grupos de matérias-primas, de todos os tamanhos e formatos, que não podiam ser desperdiçados. Cooperativas da região costumavam comprá-las. Perguntei-lhe se não havia roubos ou desparecimentos indevidos de pedaços de maquinários. Com firmeza, disse-me que mantinha uma lista de tudo o que saía. Como eu era um estrangeiro que aparecera de repente para lhe fazer inquirições que envolviam uma temática complicada, as quais, apesar de não ser o meu objetivo, punham em xeque sua própria atuação de vigilante, ela jamais confirmaria qualquer incidência de ilegalidades em torno das sucatas. Horas antes, semelhantemente, a amiga de um amigo – a qual me guiava no bairro, destaco – fugiu da mesma questão, fingindo não entender o meu ponto. Suspeito que ela evitou maiores detalhes sobre o que eu chamava de roubo porque ocupava um cargo importante numa instituição estatal e era vinculada ao *Partido* – não podia, nesse sentido, afirmar nada que difamasse o *batey* para um *yuma*; preferia manter um discurso convencional em que sobressaíam apenas as qualidades positivas do bairro e seus habitantes. Não faltavam histórias de estrangeiros que deturpavam a imagem do país no exterior e de cubanos que arranjavam problemas com o Estado por falar demais; assim sendo, mesmo que ressaltasse que não intencionava causar nenhum desconforto nem prejudicar ninguém, muitas pessoas, sempre desconfiadas, preferiam não abrir margem para complicações futuras: vai saber o que eu realmente faria com as informações; ademais, se elas não me diziam tudo, provavelmente, eu também ocultava algo. Na dúvida, melhor se preservar, e, para mim, as duas senhoras optaram por seguir esse caminho.

Com um discurso menos formatado, o pai da segunda mulher não hesitou em apontar que todo mundo do *batey* tinha alguma *chatarra* em sua casa obtida por formas que não a compra direta com a administração do central, ou seja, *por la izquierda* – isso lhe parecia um fato incontestável. Por esse motivo, ninguém podia julgar ninguém, cada um se arranjava a seu modo. Ele mesmo afirmava ter um tanque de água construído com materiais do desmantelamento, e não tivera dificuldade para consegui-lo sem a

necessidade de investimentos em *pesos*, pois, como fora trabalhador açucareiro desde sua juventude, conhecia a maioria dos funcionários da empresa. Disse também que os vigilantes ocupavam uma posição fundamental no processo de retirada de sucatas, havendo aqueles que, para fazer algum dinheiro a mais, ajudavam os moradores. Sua filha, sentada conosco na sala de estar, sorria, sem demonstrar qualquer discordância em relação a seus pareceres e explicações.

Enquanto uns não se adentravam nos aspectos morais da apropriação de sucatas, outros os destacavam em seus comentários. Julián, por exemplo, ligava o encerramento geral das atividades açucareiras em Reynol García à ganância desmesurada de muitos moradores, que, em lugar de proteger o edifício que fora atingido e desfigurado pelo furacão Michelle, preferiram "rompê-lo" mais e mais, trasladando para suas casas "aquilo que não lhes pertencia": "[...] Assim se via. [...] Um carregou um parafuso, outro levou um tubo". No fim, conforme sua narrativa, por causa da "avareza", tudo foi desbaratado, sem nenhuma possibilidade de reerguer-se: "Esse era o *enfriadero*. Não vê como o desbarataram? É o que lhe digo: o ser humano é muito ruim". As ideias de Julián dialogavam com as do *machetero* (cortador de cana) Reynaldo Castro, que se tornou famoso pelos seus altos índices de eficiência, tendo recebido menções na revista *Bohemia*, *estímulos* do Estado (como carros e geladeiras) e *diplomas* (certificados oferecidos pelas empresas socialistas aos trabalhadores que se destacavam).[76] Para ele, os inaceitáveis "desaparecimentos" e "destruições" de equipamentos e demais estruturas que faziam parte do mundo dos centrais foram "barbaridades que se toleraram": "Aqui tem gente que fez dinheiro vendendo sucata. Quem tem sucata nesse país? O Estado. Havia pessoas que pareciam um bando de urubus em cima de um animal morto: cortando ferros com oxigênio e acetileno. E o oxigênio e o acetileno de quem é? Também do Estado" (Testemunho de Reynaldo Castro, In Rodríguez 2013:105,108). Tal aceitação conduziu a economia açucareira, em seus termos, a um "caminho [...] intransitável" (:109).

[76] Faço uso aqui do livro de testemunhos de Maylán Rodríguez (2013).

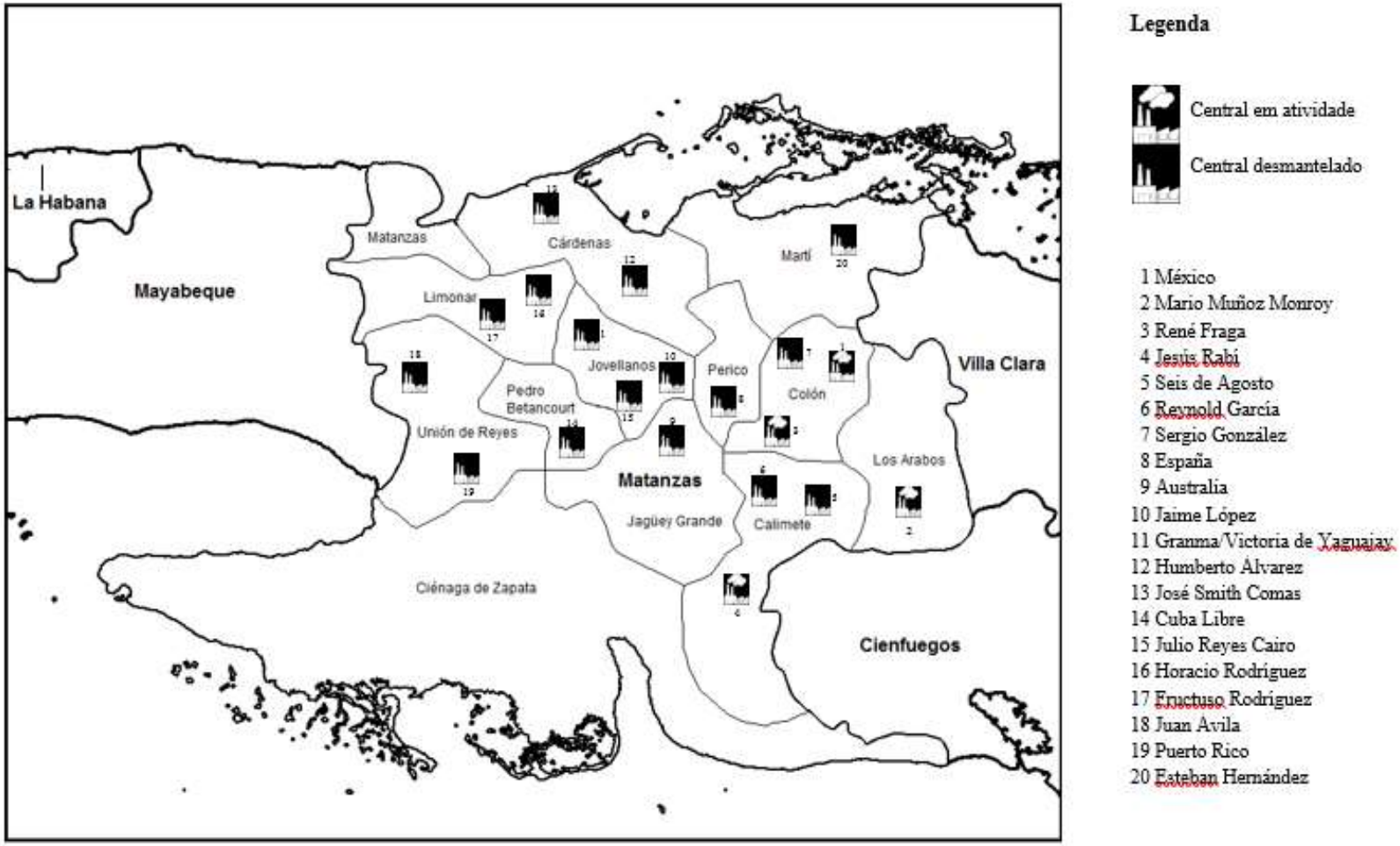
Isso não é uma ruína

Em uma rápida troca de palavras na frente de uma usina desmantelada, um senhor foi firme em sua conclusão: os ferros espalhados ao redor da antiga chaminé, embora muitos fossem considerados sucatas, não eram, para ele, uma ruína. “As ruínas já não servem para nada. Mas isso aí ainda pode ser dado uso”, me falava. Não podia discordar de sua percepção. As casas davam sinais do que ele expressava com clareza. Muitas construções recompunham, ao menos fisicamente, o central derrubado, prolongando sua extensão no tempo e alongando as afetividades: olhar para um tanque de ferro com água guardada para limpar chiqueiros, vez ou outra, era um motivo para lembrar de uma usina que se foi. As pessoas não se perdiam na nostalgia, como se estivessem de todo arruinadas. E isso não acontecia porque transmutavam o arruinamento em produção de novidades, daí uma sucata ser um possível sinal de refazimento.

As ruínas, eu tentaria ler assim, não estavam substantivadas como algo inerte, impossível de se mover, como um intocável bem patrimonilizado. Ann Laura Stoler (2013) e John Collins (2013, 2015) demonstram que, menos que representações fixas de uma história passada, as ruínas, para que gerem produtividade analítica, devem ser compreendidas como elementos em atividade que geram efeitos nas paisagens, nas sensibilidades e nos corpos dos sujeitos que por elas são afetados. O caso dos centrais desativados é um exemplo interessante de como os habitantes dos *bateyes* sabem, com versatilidade, lidar com aquilo que os toca, recorda incessantemente e enferruja a paisagem. Muitos deles, como salientam, impossibilitados de abandonar suas casas em busca de lugares com mais movimento, não conseguem escapar de toda a ferragem que parece proliferar e, por isso, são obrigados a habitá-las, ressignificá-las e transformá-las de acordo com aquilo que têm disponível como instrumentos de ação e criação. Nesse sentido, o desmantelamento (dos centrais) parece ser a revelação de um tesouro a ser carregado, explorado, remontado, redefinido, reposto (Pertierra 2008:78-92; Schwenkel 2012:436-71, 2013:252-77). Desmantelar, sugeriria, não é desfazer. É des-manter, des-cuidar, des-montar. Para as pessoas com as quais conversei, em encontros rápidos ou mais prolongados, a arquitetura dos centrais, quando removida de seus pontos e ajuntadas em outros para conformar estruturas nem sempre esperadas, aparece como tipos de objetos móveis que solucionam necessidades do fazer cotidiano; uma arquitetura que se relaciona

com materiais vários para arranjar vias de escapar de ao menos parte de um grupo de carências, do qual os objetos e as casas fazem parte. Uma redistribuição de peças que, na criatividade, mas não sem desgaste e queixas, repõe parcela do que falta.

Mapa 2.1 – Cenário das safras em Matanzas, Cuba



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de levantamentos bibliográficos e de campo.

Imagem 2.6

De bateyes

3 EM REPARAÇÃO

Arrancando

Já estava no Brasil quando se realizou o que era, até então, uma sucessão de boatos e probabilidades: o Central México "arrancou". A notícia apareceu na versão digital do jornal *Girón* em 17 de abril de 2013. Afirmava-se que, depois de passar por uma "rigorosa reconstrução", com investimentos em tecnologia, a "velha indústria", emudecida desde 2006, havia entrado em marcha, somando-se, como "quarta combatente" *matancera*, aos centrais Mario Muñoz, René Fraga e Jesú Rabí. A nova e curta safra, porquanto em maio a temporada de chuva já daria seus sinais, o que prejudicaria o corte de cana e, por conseguinte, o abastecimento do moinho, foi anunciada como uma "contenda" que se iniciara com muitos de tropeços, mas que alcançaria números positivos "na medida em que a campanha avançasse e o maquinário se ajustasse ao trabalho sistemático".[77] Como, em 2012, minha passagem pelo *batey* fora breve, não pude estabelecer efetivos vínculos de amizade com nenhum morador, possuía, de um modo geral, apenas conhecidos, fato que, embora não fosse um impedimento, me punha em uma situação desconfortável para

[77] Disponível em: <http://www.giron.cu/es/noticia/econom%C3%ADa/en-plena-zafra-el-central-azucarero-m%C3%A9xico-en-col%C3%B3n>. Acesso em: 27 dez. 2016. Na construção do parágrafo, utilizei também uma notícia de 20 de março de 2013, intitulada "El central México se sumará a la zafra matancera". Disponível em: <http://www.giron.cu/es/noticia/econom%C3%ADa/el-central-m%C3%A9xico-se-sumar%C3%A1-la-zafra-matancera>. Acesso em: 27 dez. 2016.

fazer ligações telefônicas para perguntar detalhes sobre o andamento dos trabalhos da usina. E se tivesse ligado, imagino que me dariam respostas generalizantes e formalizadas, uma vez que eu lhes parecia, ainda, nada mais que um completo estrangeiro curioso. O único rapaz que me era mais acessível tinha pouco interesse no tema – ele só desejava saber quando retornaria e onde ficaria, e paguei alguns caros minutos de chamadas internacionais para falar sobre essa questão. Sem um acesso imediato à percepção das pessoas sobre o fim do "tempo morto" naqueles meses, tive de contentar-me com as informações oficiais do jornal de Matanzas. Somente em setembro, quando voltei para a Ilha, escutei algumas opiniões dos habitantes propriamente: para eles, a safra fora um fiasco, nada tinha funcionado como o planejado. Contudo, não pairava um clima de tristeza ou desesperança, mesmo que ninguém deixasse de fazer as comuns reclamações de que as coisas não estavam fáceis; em vez disso, novamente, muitos – trabalhadores ou não – depositavam a confiança na safra que seria posta em ação até a primeira quinzena de dezembro: se, alguns meses atrás, não podiam contar com a indústria, ao menos agora ela estava caminhando, pronta para *echar humo* (soltar fumaça), e isso lhes possibilitaria, com todas as incongruências e contratempos inerentes, "tirar algo", não estariam "parados".

Eram visíveis as mudanças de um ano para o outro no edifício do central. Sua estrutura fora completamente coberta com placas de zinco. Já não havia escombros de paredes ou latarias e ferragens espalhadas ao seu redor. Parte de uma cerca fora levantada na entrada, barrando a livre passagem para o centro de produção. Construiu-se uma nova balança (*pesa*), bem no limite com a *carretera* de Banagüises, para pesagem das carretas que chegavam das colheitas nos campos de cana. Esse cenário de transformações completava-se com os tratores e caminhões novos, vindos do Brasil, como frisavam, que, pouco a pouco, começavam a circular pela área, causando certo alvoroço nas vezes em que apareciam, dado que aqueles veículos de tecnologia de ponta importados de *la yuma*, com ar condicionado e pintura de fábrica, discrepavam dos velhos, carcomidos e misturados maquinários usados, muitos deles, desde o período soviético. A verdade é que produziam uma combinação eclética com o conjunto de elementos do *batey* e arredores. Discordante ou não, esses aparatos contribuíam para o sentimento de que o passado inativo ficava para trás e dava lugar, por sua vez, à dinâmica, à novidade, à melhoria da vida, para a qual auxiliavam bastante as menções a *estímulos* em CUC que

complementariam o salário mensal: as *brigadas* (grupos de obreiros por turno) que produzissem mais, ganhariam mais, dizia-se. Grande parcela dos trabalhadores, porém, não se atentava para os detalhes – todos eles elencados em um mural pintado na parte interna da entrada do central[78] – que determinavam as situações que de fato poderiam ser agraciadas com os sonhados abonos, algo que já se via nos empregos dos pontos turísticos e nas *chopin*. Era como se o central também se modernizasse nesse quesito, saindo dos limites estreitos do pagamento exclusivamente em *moneda nacional*. A bonificação poderia ter sido proposta em *pesos*, o que acontecia é que tal moeda servia de marcação do salário base estatal, quase sempre baixo e pouco atrativo, já o CUC representava as associações com a importação do açúcar, cuja maior produção significava uma elevação na entrada de divisas e, por consequência, na possibilidade de oferecer *estímulos*. Para além dessa explicação, o certo é que a simples referência aos *pesos convertibles – la gente* agora vai receber (*cobrar*) também em divisas – nos planos da indústria impulsionava ainda mais o desejo do retorno do açúcar naquele *campo*. Alguns jovens, mirando esse movimento em que os *fulas* surgiam como personagens imprescindíveis, estavam dispostos a abandonar as cansativas *pinchas* (atividades normalmente não regulamentadas) na agricultura para testar um emprego formal e, talvez, menos incerto com o Estado – seria um teste porque só se manteriam nele se lhes *desse negócio*, isto é, operasse como um meio de *salir adelante*, de "ir para frente", "progredir".

A expectativa do novo arranque se alastrava pelo *batey*. Soava-me como se fosse um momento decisivo. Tive uma ideia mais clara de sua proporção depois de participar de uma festa local: o aniversário do *asiento de Elegguá*.[79] Anualmente, os *santeros* de

---

[78] Sobre o pagamento em CUC, o quadro apontava: "*El CUC se forma a partir del cumplimiento de los parámetros de calidad del azúcar. A medida que se incrementa el rendimiento se incrementa la tasa de formación. […] Indicadores que penalizan que un trabajador no tenga derecho a obtener la divisa: 1. Tener ausencia en el mes (solo tiene derecho por movilizaciones militares); 2. Haber incurrido en indisciplina laborales en el periodo abarcado; 3. Cometer hechos constitutivos de delito*".

[79] No *batey*, o *asiento de Elegguá* era localizado em uma casa atrás do *barracón*, onde, no passado, fora o pátio central desta construção. É uma casa que faz parte da "tradição", como se referem a ela, pois aí se realiza a mesma cerimônia dos antigos descendentes de escravos. Local onde está "assentado" o *oricha* considerado o guardião dos caminhos. Outros termos relacionados à *santería* que aparecerão no texto: *hacerse santo* – cerimônia de coroação em que um *aleyo* (alguém que ainda não tem nada com a *santería*, não tem *santo hecho*) converte-se em *santero*, recebendo o seu *oricha* (seu santo); *bembé* – toque de tambores sagrados a um *oricha*; *matanza* – cerimônia em que se oferecem animais aos *orichas*; *casa* – pode ser tanto a casa de um padrinho no processo de *hacerse santo* quanto uma *casa* de algum *santero* importante, como um *santero mayor* (aquele que possui um santo feito há muitos anos, o mais velho); *babalawo* – sacerdote da *santería*, aquele que mantém o "segredo" e sabe interpretar os oráculos e fazer todos os rituais de *santería*. No *batey*, até 2015, havia apenas um *babalawo* nascido no local, no entanto, ele já morava fora do país, de onde voltava, todos os anos, trazendo estrangeiros para *hacerse santo*. Com

diferentes *casas* e demais interessados se reuniam, numa moradia localizada onde no passado fora o pátio do *barracón*, hoje ocupado pelas habitações de placa construídas depois da Revolução, para realizar a celebração. Em 2013, presenciei uma festa muito movimentada; os participantes comentavam que, há anos, não se fazia algo tão grande, qualidade atribuída, especificamente, à notória quantidade de animais e doces oferecidos aos *orichas*. A explicação da proveniência das ofertas não era nada complicada, e todos tinham pleno conhecimento dela. Naquele ano, por meio de um ex-morador que vivia na Espanha e era *babalawo*, vários espanhóis foram levados ao *batey* com o propósito de *hacerse santo*; como houve uma coincidência de datas, eles se responsabilizaram com os gastos. Em troca – e tal ponto só consegui compreender mais tarde, já que no dia ainda não tinha domínio das relações entre famílias e dos negócios que envolviam estrangeiros e *santeros* –, eles tiveram um papel ativo na cerimônia, alguns deles puderam, inclusive, cumprir a função de sacrificar os animais, normalmente designada a alguém do próprio *batey* ou para um *santero* conhecido das famílias que podia realizar essa tarefa.

Pouco antes de iniciar a *matanza*, Julio Enrique, o *santero mayor*, aquele que possuía mais tempo de *santo hecho*, segurando um bastão que, como asseguravam, fora herdado dos "ancestrais", pedia, em oração, que todos os Zuluetas, vistos como os principais descendentes de escravos do lugar,[80] fossem abençoados e que o central cumprisse uma safra próspera, frutífera. Significativamente, o pedido era direcionado a *Elegguá*, o *santo* que vigiava os caminhos, abrindo-os ou fechando-os. Nas habitações, por exemplo, os *creyentes en los orichas* mantinham tal *santo* atrás da porta principal de suas casas, de onde ele podia cuidar de quem ou do que entrava ou saía dela. Em conversa posterior, o *santero mayor* contou-me que seguira uma *tradición* do *batey* quando solicitou a benção. Segundo ele, os primeiros *santeros*[81] já faziam isso, dando o exemplo

tais cerimônias, conjecturavam, ele se enriquecia, o que era evidenciado pelo fato de possuir uma casa em La Habana e várias outras no *batey*. Construía também uma *casa templo* – uma "casa dedicada a seu santo" – onde pretendia realizar todas as cerimônias e, ainda, abrigar grande parte dos *santeros* estrangeiros. Falavam que ele colocaria uma piscina e manteria tudo bem organizado, de forma a não ter a necessidade de fazer uso das casas dos vizinhos. No início de 2016, outra família teve um irmão consagrado como *babalawo*. O *chisme* que rodava pelo *batey* era o de que, agora, todos querem ser *babalawos* para conseguir entrar no "negócio" de *santería* para estrangeiros. Apresento esses dados a fim de apontar para um importante meio de *hacer la vida* no *batey* – um meio que alinhava muitas famílias de *santeros*. Apesar da importância desse "negócio", ele não será foco de atenção nesta tese. Sobre *santería* e a questão do dinheiro e do capital social em Cuba, ver: Hearn (2008); Holbraad (2002).

[80] Sobrenome herdado do senhor de engenho Julián de Zulueta y Amondo.

[81] Esses *santeros* mais antigos não tinham *santo hecho*, como se diz hoje em dia, na verdade, eram *caballos* dos *santos*, *subian* (incorporavam), mas não passavam por nenhuma formalização cerimonial.

de uma certa Juana Campos, senhora negra que, no começo das safras, recolhia algum dinheiro – nada exagerado, porque com 50 *pesos* podia-se festejar adequadamente – para comprar um pouco de aguardente e animais, fazendo uma *matanza* na casa ao lado da *ceiba ancestral* (árvore sagrada para os *santeros*), com distribuição de comida para as crianças. À noite, ela realizava um "toque de tambores", um *bembé*, e, então, "preparava suas coisas [suas orações, seus *mistérios*] e enviava as pessoas" para o trabalho. Juana "confiou" seus "segredos" e "conhecimentos" a Célida, que, depois de seu falecimento, deixou Julio como responsável pela continuidade daquilo que herdara. Iniciativas de outros *santeros* eram, por esse motivo, desacreditadas, o que não quer dizer que inexistissem, muito pelo contrário, havia dezenas delas. E Julio, com certo tom de raiva em sua voz, as avaliava. Para ele, acumulou-se muita mentira ao redor da cerimônia, propagada, especialmente, por gente que queria se "fazer grande" e não respeitava os *mayores* (mais velhos). Se eu não tivesse clareza disso, seria pego por *cuentos que estaban sacando*, alertava-me. Uma das histórias "inventadas" que me citou era a de que, antigamente, faziam-se sacrifícios de animais e *bembés* dentro do central: "Mentira! Se alguém lhe disser isso, responda que eu, com 73 anos, nascido e criado aqui dentro, digo que é mentira! Onde tocavam era ao pé da *ceiba* [...]; aí [no engenho], nunca se tocou tambor, desde que eu tenho conhecimento".

Mais que a crítica aos possíveis *cuentos*, fundada também em uma divisão entre famílias, o mais importante era a explícita interligação, no *batey*, entre safra (e outros negócios) e *santería*. Desse modo, assim que o central arrancasse, a curva da eficiência produtiva estaria relacionada não somente a tecnologias estrangeiras e a diferentes renovações materiais, mas também a cerimônias, orações individuais ou coletivas, pedidos, cantos, ofertas, famílias e fofocas de *santeros*, bem como aos ancestrais. Por seu turno, se alcançados bons resultados, os trabalhadores que se dedicassem de alguma forma à *santería* teriam a chance de converter parte de seus ganhos em mais oferendas, alimentando um ciclo de trocas que não devia ser rompido. Julio Enrique negava uma relação direta entre a intercessão dos *santos* e a eficácia da produção, porquanto a "mão do homem" era um fator a ser considerado, mas, ao mesmo tempo, destacava que as ações dos *santeros* operavam como uma "ajuda" importante. Tal "auxílio" foi assinalado por uma amiga em uma de suas falas sobre a reabertura do central. Ela lembrava que os *santos* contribuíram para que isso ocorresse; não via o "arranque" como simplesmente uma

decisão econômica do Estado, outras coisas estavam nele implicadas: se fosse apenas uma questão administrativa, comunidades com usinas em situação melhores que a do Central México teriam sido "reparadas" e "reativadas", porém isso não aconteceu em outros lados de Matanzas. O único caso foi ali, onde, como me reiteravam em diferentes conversações, a *santería* era muito forte e os *santeros* sempre pediam intercessão a seus *orichas*.

Passado mais de um mês da festa de *Eleguá*, ainda se seguiam os preparativos dentro e fora do central. Todos, ansiosos, aguardavam a data para o início da moenda. Veio, então, uma notícia que arrefeceu os ânimos: a companhia de energia elétrica previa a colocação de *contadores* (medidores de luz) nas casas do *batey*, até então sustentadas pelos geradores da usina. Conforme explicações *callejeras*, como a safra seria grande, esse tipo de partilha de energia prejudicaria o cumprimento das metas diárias. A separação entre indústria e habitações precisava ser ultimada, senão os erros do passado retornariam, e o que se pretendia era a eficiência (sempre almejada, mas nunca alcançada). Os rumores das mudanças que afetariam a rotina das casas corriam pelas ruas cada dia com mais força, junto deles, as apreensões: uns e outros se perguntavam se conseguiriam pagar a conta de luz mensal. Não raro, quando alguém visitava parentes em Colón, voltava com informações alarmantes sobre o preço da *corriente*: "Agora, sim, verei o que é pagar caro. A conta da minha prima veio 800 *pesos*". A preocupação não era descabida. No *batey*, somente algumas poucas famílias contavam com fogão a gás, mas evitavam utilizá-lo diariamente para não ter de conseguir um botijão cheio por "outros meios" que não pela quota da *libreta*, disponibilizada de dois em dois anos.[82] Em geral, elas possuíam equipamentos de cozinha elétricos (*ornilla*, *olla arrocera*...), adquiridos por meio de um antigo programa estatal que, com o objetivo de economizar combustível, incentivou e popularizou o seu uso. E, por isso, havia o comentário de que "o Estado oferecia, mas depois queria tirar", como fizera com tantos itens da quota de abastecimento. Já se cogitava a volta do uso do carvão ou, mais fácil ainda, da lenha para esquentar água para o banho e até mesmo para cozinhar: "Nós estamos no paleolítico!". É certo que nas casas, junto dos pequenos fogões com *mechita de lubrillante* (querosene), nunca deixou de existir um espaço no quintal para cozinhar com lenha em situações imprevistas. Tal hábito, depois do *período muy grande, muy grande* (outro modo recorrente de fazer

[82] Os *outros meios*, sublinho, envolviam tanto a necessidade de *fulas* quanto a busca dessa mercadoria em San José de los Ramos, onde havia um motorista que trazia, escondidos no porta-malas de seu ônibus *particular*, bujões "arranjados" em La Habana.

referência às agudezas e dificuldades do *Período Especial*, quando, por não haver quase nada com o que cozinhar – nem eletricidade, nem gás – era comum o uso de fogões *inventados*, como o *Torricelli*, feito de sucatas soldadas de modo a formar uma caixa de ferro fechada, dentro da qual se depositavam pedaços de madeira e sobre a qual as panelas eram colocadas) e dos *desarrollos* da vida no *batey*, passou a ser visto como algo do *campo*, característico, por exemplo, daqueles que, sem condições, viviam nos *albergues* de Viscaya. Fazer isso naquela área "mais urbana" tornou-se quase um sinônimo de pobreza extrema, menos *status* entre os moradores, de *gente muerta de hambre* (mortos de fome). Assim, os *Torricelli*, se não jogados fora, vendidos (o ferro que o compunha "dava dinheiro") ou transmutados em outros tipos de objeto, foram esquecidos entre coisas que não serviam nos fundos dos lotes – não sem razão, só soube da existência deles porque, por sorte, papeando com a mãe de um amigo que vivia na *calle principal*, ela, após mencioná-los, mostrou-me os dois exemplares que, embora estropiados, conservava em seu quintal, afirmando que eram objetos cheios de "história".

Naquele momento de 2013, misturado à iminente reativação da indústria, muitos do *batey*, já desassossegados, viram-se frente à provável necessidade de retomar costumes abandonados. Apenas aqueles que possuíssem boas entradas de *pesos* (nas duas versões da moeda) continuaram despreocupados. De repente, algo que era ali de uso generalizado – o fogão elétrico – poderia vir a tornar-se um outro elemento de distinção socioeconômica ou, no mínimo, ratificaria posições já reconhecidas, demarcadas e comentadas: não se duvidava de que os moradores com as casas consideradas melhores, visto como "endinheirados", "gente que vivia bem", tal como descrito no Capítulo 1, seriam os que consumiriam, sem preocupação, a energia elétrica controlada pelos *contadores*.

Toda essa aflição surgira de rumores e permanecia como rumores, até que a companhia elétrica informou que começaria a instalar os medidores. Por mais de um mês, todos os dias a luz era cortada pela manhã em diferentes ruas do *batey* e retornava somente à noite. Em meio a esses apagões – incomparáveis aos dos anos 1990, como recordavam-se, mas nem por isso menos incômodos – e ansiedades com os gastos mensais (não estava mais em jogo a bagatela que, às vezes, pagavam pelo fornecimento de luz) e com os *inventos* que precisariam fazer para vencer a nova experiência, o central arrancou. Por um lado, as pessoas ouviam os ruídos que dele emanavam, indicando trabalho, produção,

estímulos, *pesos*, por outro, fixavam a atenção no ritmo dos *contadores* (agora particulares), como se aferissem a eficiência de seus *ahorros*: haveria compatibilidade entre ambos os movimentos?

Contadores ou sobre como aprender a "ver adiante"

A vigilância ininterrupta dos *contadores* e da indústria não era nada metafórica, ainda que, textualmente, pareça. Todos os dias, assim que sua casa recebeu um relógio, um amigo de 27 anos, cuja renda familiar advinha de seu trabalho na administração de uma *cooperativa cañera* e também de seu pai, ambos recebendo cerca de 350 *pesos* em suas respectivas funções, anotava, em uma folha de caderno pregada na parede da cozinha, o que havia sido consumido de energia elétrica, tática que, segundo ele, lhe ajudaria tanto a definir e monitorar o que cada um gastara quanto a impedir que o funcionário da empresa estatal usasse a leitura do medidor como um meio de conseguir algo para si mesmo, já que não se podia confiar em ninguém – cada qual estava para *lo suyo*.

Além de observar seus próprios *contadores*, não era menos inusual a fiscalização do consumo alheio: "Viu, a luzinha vermelha do relógio de luz de fulano não para de piscar", Amparo, minha anfitriã no *batey*, às vezes falava, referindo-se, em especial, a dois de seus vizinhos bem-sucedidos: um que mantinha um *negócio de porcos*, com o qual pôde comprar uma televisão de tela plana e um equipamento moderno de som, e uma que fez "missão" na Venezuela, tinha família no exterior, que lhe enviara um ar condicionado e um computador, e era casada com um *jefe de brigada* (chefe de um grupo de trabalhadores) da usina, de onde o tal senhor conseguia manobrar elementos que auxiliavam no aumento da renda familiar. Para gastar tanto e ter tudo aquilo dentro de casa, ela concluía, "sem nenhum temor a equivocar-se", só podiam ter "meios de onde tirar", e estes não eram escassos como os seus. Sublinhava que, em comparação com os outros casos, o *contador* de Osvaldo, seu pai, quase nem se movia. Ela interligava os seguintes aspectos da vida dele para explicar esse fato: não precisava cozinhar, pois jantava em sua casa diariamente; não possuía praticamente nenhum eletrodoméstico, nem mesmo televisão – somente a geladeira, então, puxava energia; andava preparando a lavagem para o porco da neta no quintal, isto é, sem utilizar a *ornilla*. Por último, sua análise social a partir da fiscalização alheia e pessoal do *contador* era complementada

com uma avaliação de como os outros a vigiavam, sobretudo nos meses em que eu estava em sua casa. Supunha que a vizinhança não evitava deduções maldosas sobre o aumento de seus gastos, incluindo o de energia elétrica, como se ela tirasse bastante proveito dos meus *fulas*, a ponto de modificar toda a sua rotina.

Mas os enredos que atravessavam a temática da *corriente* não estacionavam no gesto de olhar e avaliar a distância. Aprofundavam-se mais, ou melhor, adentravam os intensos circuitos de parentes. Retomo um episódio de 2016 que mistura, ainda mais que o do meu amigo *cuentapropista*, os temas família, comida e o tema da luz, assim como ilumina questões e expressões que reaparecerão em outros momentos deste capítulo. Preciso fazer um deslocamento temporal para relatá-lo; mais que explicitar continuidades de problemáticas, esse movimento entre tempos mostra, entre outras coisas, que as novidades que apareceram em 2013 no *batey* passaram a ser usadas, no período da quarta safra consecutiva, como armas subjetivas (de defesa e ataque) para alcançar certos fins. Nesse ano, minha anfitriã descobriu, para sua surpresa, que Osvaldo queria "ajuntar-se" com uma *orientalita* – forma pejorativa que ela usava para identificar a dita mulher. Foi uma descoberta porque, numa certa tarde, enquanto tomávamos café e conversávamos na sala, vimos, através da janela, movimentações estranhas: seu pai cortou a grama do portal, varreu o quintal, trocou lâmpadas de alguns cômodos... aquela organização não combinava com Osvaldo, avesso ao cuidado do lar, como bem sabia sua filha, que, ressabiada, se pôs a pensar e a fazer conjecturas. Estava certa de que havia algo. No dia seguinte, veio a confirmação de suas suspeitas: uma mulher do *Oriente* passou a tarde inteira sentada no portal da casa de seu pai e, depois, pediu-lhe uma vassoura emprestada.

Não me encontrava presente quando se sucederam esses acontecimentos. Ao retornar da rua, porém, minha amiga me expôs suas conclusões, restava-nos apenas aguardar os resultados previstos. Na minha ausência, Amparo aproveitara para obter esclarecimentos sobre a *orientalita*. Esta, como lhe relataram em algum outro portal, não gostava de trabalhar e, com certeza, não tinha boas intenções, só pretendia tirar algum proveito da relação com Osvaldo, visivelmente mais velho, como usufruir da *chequera* (aposentadoria) do idoso e recolher parte de seus *mandados*, pois, em função de sua situação ilegal de migração do ponto de vista do Estado, não era alistada na *libreta* do bairro. Dois outros *matanceros*, não fazia muito tempo, já a haviam *botado* de casa. Amparo enfatizou que pôde constatar que nem sequer seus conterrâneos suportavam-na.

Uma senhora que a conhecia chegou até a afirmar que se Osvaldo não abrisse o olho seria logo dominado, correndo o risco de perder a sua casa, tal como acontecia com outros senhores mais velhos que se apaixonavam por moças jovens que só desejavam *estrujarlos* (no sentido de apertar até sugar todos os bens, dinheiro). Em um diário que mantinha a meu pedido,[83] minha amiga descreveu como recebera as informações pela outra *oriental*:

> *[...] La hermana del Villa, que también es de allá de donde e ella viene a mi casa, y me dice así:*
> *Niña, yo nunca he hablado contigo, pero te digo que hables con tu papá para que no vaya a meter en su casa a la palestina esa ahí, porque ella es muy adueña de lo que no es de ella. Jorge la sacó de ahí y elle anda diciendo que va para la casa de Osvaldo. Tú hablas con tu papá para que o la meta ahí, porque, según Jorge ella le desbarató la casa, y si ella entra ahí no se va a irse nunca. Hazme caso que yo sé lo que te estoy diciendo. No la quiero en mi alquiler. Y Eldis la tenía allá en la finca hasta que pudo sacarla*.[84]

Essa mulher desconhecia, contudo, que aquela moradia não era do Osvaldo, mas sim de um sobrinho – neto admirado (cuidado como se fosse filho) por seu falecido pai – que vivia em Colón e havia lhe emprestado a casa com o objetivo de protegê-la e também de manter uma quota da *libreta* no *batey*. Osvaldo era proprietário, na verdade, da habitação onde habitava Amparo, cuja compra foi feita a partir de *estímulos* do período em que ele trabalhava como motorista de ônibus do central. Ali vivera durante anos, porém, depois da trágica morte de sua esposa, transferiu a casa, *sin hacer los papeles* (sem o respaldo efetivo da lei), para sua filha.

A questão envolvia, portanto, uma rede de relações de parentesco e amizade mais complexa do que se imaginava. Amparo tinha claro conhecimento disso. Sua casa se enlaçava a outras casas e a histórias complicadas; nesse sentido, mesmo que se encerrasse nela, não conseguiria passar ilesa das movimentações que a rondavam. Por pressentir que

---

[83] Em fevereiro de 2015, antes de voltar para o Brasil, propus que Amparo escrevesse um diário sobre os principais acontecimentos e *chismes* do *batey* que fossem do seu conhecimento, isto é, que chegassem até a sua casa. Como estudara *Estudios culturales* em Colón, tinha interesse em minha pesquisa e dizia que queria aparecer como uma personagem importante na tese. Ela produziu dois cadernos pequenos de histórias, as quais têm elementos de seu dia a dia, conflitos familiares e amicais. Na tese, faço uso de algumas de suas interpretações e análises.

[84] "A irmã do Villa, que também é do lugar de onde ela vem, apareceu na minha casa, e me disse assim: *Niña*, nunca falei com você, mas lhe digo para falar com seu pai para que não coloque dentro de sua casa essa *palestina aí*, porque ela se apropria do que não é dela. Jorge a tirou de sua casa, e ela anda dizendo que via para casa de Osvaldo. Fale com seu pai para que não a coloque aí, porque, segundo Jorge, ela desbaratou sua casa e que se ela entra aí não vai sair nunca mais. Leve-me a sério, eu sei o que estou dizendo. Não quero nem alugar minha casa para ela, e Eldis estava com ela em sua *finca* até que surgiu a oportunidade de retirá-la".

seria prejudicada, preparava-se, então, para defender-se do *lío* (problema, transtorno, confusão) que lhe surgia, inesperadamente. "Estou quietinha em minha casa, mas os *líos* vêm *p'arriba* de mim, então, *p'arriba del lío*", comentava. Em outras ocasiões, ela divagava: "Parece que caminho sempre no limite, pronta pra cair no precipício". Suas previsões sobre o desenrolar do romance de Osvaldo eram, para mim, exageradas, entretanto não tinha a devida habilidade para fazer as profundas associações que, a seu modo de ver e analisar, circundavam aquela problemática. Para entender seu ponto, precisava agir de uma maneira que, segundo ela, era essencial ali no *batey* (e também em outras paragens): numa interação, eu deveria sempre pensar ou "ver adiante", porque meus parceiros/oponentes estariam, sem dúvida, fazendo isso. Rapidez e sagacidade para interpretar e armar a defesa e o golpe seguinte eram tomadas como atitudes fundamentais para sair de um *lío*. E essa era a posição de Amparo: antes que sua adversária empreendesse sua trampa, ela já arquitetava uma forma de retirá-la de cena. Não podia exigir que seu pai buscasse outra pessoa, pois, se o fizesse, abriria espaço para que ele também interferisse em suas relações amorosas, e não aceitaria jamais tal tipo de intromissão. Atuaria, considerando isso, em algo que lhe causasse desconforto e impusesse, ao mesmo tempo, dificuldades para manter o relacionamento: tocaria na comida e na luz. Deixaria de lhe mandar a janta diária, o que obrigaria a sua nova mulher a cozinhar; junto disso, pediria a cópia da chave da casa dela que estava em suas mãos, a fim de evitar que ele recolhesse, escondido, qualquer tipo de alimento das latas ou da geladeira. Por conseguinte, ela mesma iria à *bodega* para comprar a quota mensal da *libreta*, deixando na casa dele somente a pequena parte que lhe correspondesse, e nada mais. Tendo de preparar comida, a conta de luz aumentaria; com o tempo, a solução para diminuir os gastos seria cozinhar com lenha, e Amparo, em suas investigações, constatara que um dos motivos que levara a *orientalita* a querer sair logo da *finca* onde mantinha moradia provisória era a ausência de fogão elétrico. Anos antes, sua estratégia não geraria o efeito desejado: a *corriente* vinha do central e, por mais que se consumisse, o preço dela era sempre o mesmo (considerando os meses que de fato a cobravam e a população a pagava, pois existiam aqueles que fingiam não ter sido cobrados).

Minha amiga tinha tudo isso delineado. Apesar disso, reconhecia que sua oponente estava no jogo e não era menos esperta nas articulações. Ela, como soubemos, convencera Osvaldo a conversar com seu sobrinho de Colón e explicar a situação. Na

interpretação de Amparo, isso foi um meio de evitar que qualquer *chanchullo* (fofoca) chegasse aos ouvidos dos parentes colombinos e acabasse prematuramente com seus planos.

Quando saí do Central México, as complicações entre esses personagens não tinham sido finalizadas, muito pelo contrário, apenas principiavam, e as pessoas do *batey* não perdiam a chance de tecer suas próprias considerações: "Me disseram que Osvaldo colocou uma *oriental* dentro de casa. Fez muito mal para a mãe de Amparo, agora é a *pobrecita* que sofre". Não tive outras notícias do caso. O desconhecimento do desfecho não é, entretanto, um problema, isto porque os elementos apresentados são suficientes para verificar os principais pontos (implícitos) que davam força e densidade à trama. O primeiro deles se conecta à busca por formas de fazer dinheiro. Minha anfitriã receava, com a aproximação da suposta jovem que se "apropriava" de tudo, perder as poucas facilidades que a ajudavam a administrar a entrada semestral de alguns *pesos* com a venda de um ou dois porcos, mantidos em um pequeno chiqueiro no pátio. Como seu pai trabalhava, por vezes, em um matadouro *particular*, contava com a possibilidade de incrementar a lavagem dada ao animal com os restos de carne (*mondongo*), diminuindo o custo da alimentação, com a consequente maior lucratividade no dia do abate. Com recorrência, precisava alertá-lo para o fato de que, mais do que a seus amigos, ele tinha de provê-la com o que adquirisse em seu trabalho, o que quase nunca era devidamente escutado, parecia que lhe havia dito o inverso. A *oriental* se continuasse ali na casa poderia vir a tentar criar porcos ou iniciar algum negócio para comercializar *mondongo*, Amparo não duvidava. Se isso ocorresse, sua fonte de renda seria posta em risco. O segundo era, como destacado em outro momento, a relação entre parentes do *batey* e Colón. Se seu primo descobrisse alguma segunda intenção na atitude de Osvaldo, expulsaria o casal de sua propriedade. Para ela, isso implicaria ter de acolher seu pai e perda de "independência", como assinalava, além de potencializar discussões em torno da propriedade da casa, já que carecia de "papéis" para comprovar que era a dona legítima. Sobre esse aspecto, enfatizava que ainda era refém de Osvaldo, o qual, nos momentos em que se sentia ameaçado, declarava que voltaria atrás em relação ao acordo familiar de passar a escritura da casa para seu nome. A moradia funcionava, pelo que se vê, como um objeto de negociação e resolução de conflitos para ambos os sujeitos.

Não menos importante nesse rol de preocupações eram, como citado acima, as brigas e rompimentos com os familiares do *pueblo*. Por causa de *líos* anteriores que tiveram como protagonista seu primo, ela precisou afastar-se de pessoas que eram suas amigas no *batey*. Sentia-se, por isso, bastante sozinha: "Aqui não tenho ninguém", era um uma de seus dizeres favoritos. Separada de seu esposo – um pedreiro que não poupava gastos com a filha de 15 anos com compras de *chucherías* (besteiras) na *chopin* e de roupas e tênis importados em *particulares* ou em alguma tenda turística de Varadero, adaptando-a a um modo de vida que sua mãe afirmava não poder oferecer-lhe –, via-se obrigada a reaprender, depois de anos sem trabalhar fora, a dar conta da manutenção de seu lar, algo que ficava mais difícil sem boas amizades que lhe oferecessem *la letra* (indicassem caminhos possíveis) para entrar em intercâmbios que realmente valessem a pena. De seu irmão materno, só queria distância. Como estava preso, não o via há anos, e isso a apaziguava. Da última vez que conversaram, ele sugeriu a divisão da casa em partes iguais, ao que Amparo retrucou que não herdara aquele espaço da falecida mãe, mas do seu pai, logo nada ali lhe pertencia. Os parentes de Colón eram, nesse sentido, o que lhe restara de ponto de apoio. Ainda que não fossem muito procurados por ela, considerava alguns deles como *gente de confianza*, em especial a tia com a qual vivera a adolescência e um pequeno período da juventude. Perdê-los seria um problema: não teria, por exemplo, a quem recorrer para exigir determinados posicionamentos de Osvaldo, como na questão da escritura. Todavia, não desconsiderava que mesmo dentro desse grupo familiar existiam aqueles que pretendiam apenas usurpar nas aproximações. Para explicar-me isso, usava como exemplo o caso de uma prima que, assim que tomava conhecimento de que eu já estava no *batey*, voltava a contatá-la, fingindo esquecer que ficara meses e meses sem ao menos procurar alguma notícia sua.

Os elementos postos em conexão na história demonstram a complexidade da ideia de "ver adiante". Minha amiga e anfitriã tinha total manejo do artifício e não negava sua utilidade. Não se podia abrir a guarda. Ela se portava assim e, de seu ponto de vista, os outros também. Ir para a rua era, suspeito, um modo de ir para uma batalha. E o interessante é que a rua, independentemente de a pessoa frequentá-la com assiduidade, entrava para dentro das casas por meio dos *chismes*, *chanchullos* e até das contendas familiares. Amparo ensinava-me a agir desse modo, senão seria uma presa fácil. Do mesmo modo, passava-me seus conhecimentos e advertências, e, claro, ria-se dos meus

descuidos e prejuízos por não operar dentro da lógica do "ver mais" do que o que estava sendo dito ou feito. Por vezes, compreendia sua insistência em ficar esperto nas interações (das mais simples às mais complexas) como uma paranoia, mas, no exato momento em que caía em alguma cilada, lembrava-me dos seus conselhos.

Menos do que se esperava: avaliações

A narrativa anterior retirou o foco da safra que acabara de arrancar. Os *contadores* me levaram a uma casa específica, cuja dinâmica sofrera alterações (inusitadas, ousaria adjetivar) que cruzavam a temática da desvinculação do consumo particular de energia elétrica dos gastos estatais. Cada um, não sem supervisionar o relógio de luz – índice de muitas outras coisas que não simplesmente eletricidade – do outro, passou a ser, desde então, responsável por sua própria conta. Prossigo agora com o tema da moenda.

Entre outros assuntos cotidianos, como as incontáveis queixas sobre o estado calamitoso do abastecimento do açougue e da *placita* (onde eram vendidos legumes, por exemplo), não faltavam palpites sobre o andamento da safra e sua relação com a vida cotidiana. Ao longo dos anos de pesquisa, no começo dos trabalhos, entre janeiro e fevereiro, mais ou menos, se havia *bagacillo* (cinza ou fuligem de cana moída/queimada), os comentários eram dos mais positivos; uns até o aguardavam com certa ansiedade – sem ele, estaria em falta um dos principais sinais da eficiência das movimentações canavieiras: "Hoje está caindo muito *bagacillo*. Não importa, o importante é que está produzindo". *Bagacillo*, cheiro doce de garapa exalado nas proximidades do *enfriadero*, fumaça da queima das folhas das canas que seriam atiradas no basculador, poeira levantada pelos caminhões que trafegavam pelos *terraplenes* (estradas de terra), buracos formados nas ruas onde havia maior circulação de veículos pesados, esses eram alguns dos ingredientes que compunham a safra fora da indústria, permeavam o ambiente e, por extensão, afetavam as pessoas, indistintamente. Não havia como fugir da presença deles: roupas estendidas no varal ficavam cobertas de *bagacillo*, que também se espalhava por todos os cômodos das habitações, quintais e telhados; não era novidade ter a casa, sobretudo à noite, invadida por nuvens de fumaça vindas do centro de limpeza de cana. Por essa razão, com o passar dos meses, todos se cansavam; o *bagacillo* – a "neve" que cobria o *batey*, como ironizavam – transformava-se em vilão. Ninguém o suportava mais,

especialmente se a produção não compensasse o sofrimento, o que não ocorria, ali, há alguns bons anos, antes mesmo da desativação provisória do central. O fim da safra aparecia, assim, como uma solução para esses estorvos. Mas a (falsa) facilidade da resolução caía por terra quando entravam nas avaliações e cotejamentos as adversidades que acompanhavam o pós-safra: não era novidade que o término dos labores na indústria trazia, novamente, o marasmo ao lugar, e aguentar os dias monótonos e a ainda menor circulação de dinheiro no *batey* não era, nem de longe, tarefa menos insuportável que lidar com a aspereza dos efeitos sensitivos que a transformação da cana em açúcar deixava para trás. Um *merolico* lamentava-se que suas vendas seguramente diminuiriam, mas não negava que a barulheira e a sujeira produzidas pelo central lhe "alteravam os nervos", daí desejar, mesmo com seus lamentos, ver-se livre dela por um tempo. Ele podia manter essa postura porque tinha ao menos um negócio um tanto quanto certo, confortável e cobiçado de onde "tirar" seus *pesos* diários até o próximo "arranque", não sendo dependente nem da busca por contratos temporários (estatais ou informais) nem dos *estímulos* que aumentavam a renda individual dos trabalhadores fixos.

Tal como ocorria com os indícios de atividade produtiva, o silêncio das máquinas ou a aparente desaceleração delas eram, igualmente, motivos para aferições e conclusões das mais diversas: "o motor estragou"; "os caminhões pararam de trazer cana, não vê que não há carretas ao redor da praça?"; "a bomba da represa está com problemas, por isso não chega água no *batey* e o central não funciona"; "um rapaz caiu na esteira do basculador e quase morreu, tiveram de interromper a moenda"; "a cana que estão mandando para cá não está boa, e isso atrapalha a produção"; "o central está com alguns barulhos estranhos, antigamente não era assim".

Na safra de 2013-2014, nas tardes que passei sentado no passeio do açougue na rua principal, ao lado de uma senhora mais velha que vendia *coquitos* (doce de coco artesanal), constatei que avaliações do último tipo não paravam de rodar pelo *batey*. Como assinalado no Capítulo 1, nas proximidades desse local, grupos de moradores, sobretudo de homens, dado que estes normalmente não se preocupavam com a preparação da *comida* (jantar), encontravam-se para jogar dominó, tomar *cerveza de pipa* (bebida em *pesos*, vendida a granel em uma espécie de tonel, de pior qualidade que as enlatadas, devido à grande quantidade de água que lhe era acrescentada) e, obviamente, debater temáticas polêmicas. Era um lugar propício para escutar, sem a necessidade de formular

perguntas diretas aos sujeitos, o que *la gente* estava pensando sobre o desempenho da indústria. Por um lado, conquanto poucos, houve dias em que o ponto saliente das opiniões girava em torno da efetividade das *brigadas* que, dispostas, faziam acontecer as sonhadas metas produtivas. Mesmo nesses momentos, um ou outro não se esquecia de dizer que o mais difícil era manter essa dinâmica, já que, com a troca de turno, o ritmo se alterava em função da existência de operários preparados. Também era ressaltada a figura do *jefe de brigada*, compreendido como aquele que fazia a conexão entre os trabalhadores e exigia deles atitude e empenho, aspectos nos quais, na visão dos que se enredavam em ponderações pontuais, a empresa deveria investir, se quisesse alcançar uma estabilidade entre os diferentes conjuntos de açucareiros. Por outro lado, na maioria das vezes, o tema era o porquê de o central estar "parado".

Para alguns, a direção tinha mentido quando liberara a informação, inclusive para jornais impressos, de que fora trocada uma grande quantidade de equipamentos: se fosse verdade, como explicar a permanente necessidade de manutenções – moía-se um turno, parava-se por dois, três ou mais. Para outros, o problema estava exatamente no material importado e *nuevo de paquete*. Apoiavam-se na ideia de que o erro fora retirar os antigos, mas fortes, aparatos russos e americanos, que, no passado, demonstraram do que eram capazes nos resultados positivos das safras. Com o objetivo de atestar que estavam corretos, faziam comparações entre liquidificadores da marca Daytron ou lavadoras modernas comercializadas nas *chopin* e eletrodomésticos russos: enquanto aqueles tinham uma duração breve, estes ainda estavam em firme funcionamento nas casas de muitas pessoas, alguns tendo sido até mesmo transformados em novos objetos. Uma consideração bastante comum era que as coisas russas eram feias, grosseiras, todavia tinham qualidade e duravam. Outros, por fim, punham em dúvida a mescla do novo com as velhas *chatarras*, algo feito *a lo cubano*, mesclado, híbrido: sem peças suficientes, os engenheiros e mecânicos "inventaram" uma solução para dar conta do processo. Nesse sentido, a estagnação do central advinha do fato de ter sido montado e ajustado de forma não convencional. As cifras diárias negativas explicitavam, de acordo com eles, que a mistura não havia combinado.

Mas os pareceres não se circunscreviam somente aos objetos, abrangiam também os papéis dos trabalhadores açucareiros. Curiosamente, ainda que de formas distintas, em ambos os casos estava em questão uma diferenciação entre velho e novo. Assim, havia

recordações de um *cuando aquello* – conector temporal bastante acionado no *batey* para distinguir momentos e histórias – em que os operários, como se imersos na lógica sacrificial do tudo pela safra que Fidel Castro tanto demandava em seus discursos, não permitiam que o engenho estagnasse. Conforme as narrativas, eles conheciam tão bem o funcionamento de cada peça que, quando algo desandava, iam no exato ponto da falha. Uma anciã citava um mecânico que conseguia avaliar se tudo corria adequadamente sem sequer entrar no central: tinha a habilidade de prever possíveis roturas apenas escutando os ruídos emitidos pelas engrenagens. Podia fazer isso porque possuía uma experiência inconteste, iniciada na infância, quando entrara no ramo do açúcar como estivador e, aos poucos, fora mudando de função até tornar-se, com o apoio e ensinamentos de profissionais ainda mais antigos (do período capitalista), um "tremendo" mecânico. Não tenho dúvida de que haja exageros e um quê de fantástico nessa nostálgica caracterização, mas isso não a faz, de modo algum, inverossímil. A meu ver, fundada na leitura de uma experiência subjetiva e aproveitando-se das hipérboles, ela explicita uma profunda divisão entre passado e presente, na qual aquele emerge como um tempo em que o trabalho no central se entranhava tanto no *batey* quanto nos corpos: educava-se, em casa, na rua e escola, para o açúcar. Na sintética expressão de um aposentado da usina, "dormíamos com o açúcar, despertávamos com o açúcar".

O presente, dentro dessa temporalidade, aparecia como um apagamento ou inversão daquilo que se vivera no passado. A grande maioria dos profissionais de *cuando aquello* já havia encerrado suas contribuições para o central. Entre os que continuavam trabalhando, muitos tinham migrado para os polos que não foram fechados com a *Tarea Álvaro Reynoso*, e aí se aposentaram. Somente um ou outro continuava a serviço da indústria local após sua reabertura. Sem a força dos velhos e eficientes açucareiros, os postos que surgiram com a reabertura foram ocupados pela juventude.[85] Como a safra não engatava – muito pelo contrário, perdia, dia após dia, sua cadência –, os jovens

[85] Quando falavam em juventude, estava em questão a participação recente na safra, sem experiência anterior. Pessoas entre 18 e 25 anos, apenas com a secundária (Ensino Fundamental), quase sempre do sexo masculino, pois, pelo que notei, eram poucas as mulheres que se ocupavam de cargos dentro da usina, diretamente na produção de açúcar. Tais dados não se baseiam em levantamentos estatísticos, apenas na observação cotidiana. Tentei descobrir a quantidade de trabalhadores e até ter acesso à lista dos empregados, para saber de onde vinham (povoados ao redor, cidades), mas todas as vezes a funcionária encarregada pela seção de recursos humanos não tinha disponibilidade de atender-me. Sei que vinham operários de Martí e outros de Colón. No primeiro caso, fiquei sabendo por meio de uma amiga da dita cidade, cuja irmão, depois do fechamento da usina de lá, teve de circular por outros *bateyes* para manter-se empregado durantes as safras.

trabalhadores, junto da duvidosa mescla de aparatos, também eram matéria de avaliação e julgamento. Alguma explicação para a assimetria em relação aos resultados de antes precisava ser encontrada. De tudo o que se falava sobre eles, a ideia de que não tinham experiência para executar as coisas do açúcar era o que preponderava. E isso era, suponho, algo bastante compreensível, afinal de contas, uma parcela daqueles que se engajavam na atual safra não usufruíra da dinâmica açucareira durante um considerável período da adolescência e início da juventude, puderam, sim, observar, experimentar e aprender as maneiras pelas quais seus pais, conhecidos e eles mesmos (no caso dos que já tinham mais de 16 anos) encontraram para suportar a ampliação das dificuldades socioeconômicas atreladas à "desativação". Sentenças na negativa como "não são educados para os ofícios que exercem aí", "não sabem o que é um central" ou "não têm interesse em nada disso" estruturavam o discurso da inexperiência, ao lado do qual figurava também o da irresponsabilidade.

Alguns adultos (operários ou não) enfatizavam que, nos finais de semana, os jovens trabalhadores, ao verem seus amigos nas carroças e, às vezes, caminhões que iam para alguma "discoteca"' das redondezas para *fiestar* (farrear), abandonavam suas funções, atrapalhando os processos da fábrica. Tal atitude, ainda que questionada, não era taxada como deplorável, julgavam-na como uma consequência da má remuneração de um trabalho estafante que exigia a permanência de 12 horas seguidas dentro de um espaço quente e barulhento. Um operador de *combinadas* que, na época, dirigia um caminhão *particular* opinava que, de todos, os salários dos centrais eram os piores do país – os "ganhos não eram bons", mas muitas eram as exigências. Para ele, os mais velhos, não havia discordância, serviam de exemplo de excelência (e isso sem grandes investimentos em estudo – *no había nivel*), não obstante, contaram com a possibilidade de receber reconhecimento pela eficiência por meio de casas, viagens e carros oferecidos pelo Estado. O mais simples dos *regalos* eram as geladeiras. Junto dos *diplomas* que confirmavam a boa atuação profissional, vinham, pois, mercadorias. Esse grupo de coisas que compunham a relação entre Estado e trabalhador praticamente desapareceu. O então caminhoneiro dizia que antigamente a família se orgulhava de ter um parente como operário da indústria, algo que agora já "não importava", "não tinha valor", "dava na mesma". O ponto é que, de sua ótica, ninguém queria ir para o central, se o fazia, era

porque lhe faltava opção. Com efeito, alguns dos moradores que foram para aquela safra confirmavam, com uma pergunta retórica, tal conclusão: “Que vou fazer?”.

Mais tarde, percebi (já absorvido num fluxo de aprendizagem no mundo do açúcar) outros elementos que solidificavam essa opção e tornavam-na minimamente atraente no conjunto de *pinchas* disponíveis ou “inventadas”. Mas isso ficará para o próximo item. Finalizando o “arranque”, assinalo que, sem as amenidades, o dinheiro tornou-se o foco, mas ele não se materializava na produção de açúcar, o que provocava dissensos e desinteresses por parte dos jovens e também de outros trabalhadores. Em um dia de pagamento em *la cajita*, como chamavam o setor onde se realizava o repasse dos salários, tendo a sorte de poder acompanhar os primos de um amigo, foi-me perceptível o descontentamento, expresso no rosto e palavras de cada um daqueles que deixava o local, com o que haviam recebido. “Para esse governo não se pode trabalhar”, um moço asseverou. Meus conhecidos estavam contentes, porém, quando retiraram o dinheiro da quinzena, reclamaram: “O que vou fazer com isso?”. E, batendo os dedos indicador e médio no ombro, em um gesto *callejero* que, como me explicou, indicava a presença de alguém que ocupava cargos importantes, como se sugerisse, com ironia, o uso de um uniforme do exército com seus broches, finalizou: “Aqui somente os chefes vivem bem”. Por ali, em um carro estacionado, avistava-se alguém da diretoria da empresa.

As avaliações que cruzaram os vários recantos do *batey* encaminharam-se para a inferência de que, naqueles meses, os dias com *bagacillo* não superaram em nada os de silêncio. Numa conversa com um trabalhador, depois de ouvir seus apontamentos, afirmei, então, que a safra fora ruim, ao que me respondeu, indo um pouco mais além: “Foi um desastre!”.

4 AQUI NÃO SE PODE PARAR

Em direção aos negócios

Diante de uma indústria que ocupava uma grande extensão de terra e afetava sensivelmente o cotidiano, mas que não oferecia muitas soluções para os problemas mais prementes, os moradores do *batey* precisavam encontrar outras maneiras para "seguir lutando". A comida era cara e nem sempre disponível à mão nos mercados, o que só atualizava a declaração de Raúl Castro de 1994: "Hoje o problema político, militar e ideológico é buscar comida"[86]. Grande parte da população engajava-se, num incansável movimento de ir e vir, na procura de alimentos para si mesmos e também para seus animais. Do mesmo modo, o dinheiro não circulava, faltava diferentes tipos de mercadorias e não havia trabalho em abundância. Por um lado, as possibilidades de entrar em um novo negócio eram, senão mínimas, complicadas: "Tudo já foi feito", queixavam-se, um tanto retoricamente. Por outro, os habitantes sempre estavam em algo novo, nunca "paravam", na contramão do exemplo do central. Proliferavam estratégias de associação em vários níveis, dentro e fora de casa, dificultando bastante a tarefa de enumerá-las, de definir como eram praticadas e de observar quais sentidos lhes eram oferecidos.

[86] *Trabajadores*, 16 de septiembre de 1994.

Apesar dos obstáculos para obtenção e organização dos dados referentes ao tema (para recolher informações era necessário reconhecer e participar dos circuitos de troca), o objetivo principal aqui é descrever e analisar, com certa minúcia etnográfica, as formas nativas de entrar em um *bisne* ou trabalho (contratado ou ilegal), *resolver* mercadorias e problemas diversos e *inventar* aparatos (instrumentos, máquinas e utensílios simples). A descrição desses processos de engenhosidade (social) pode possibilitar a apreensão de como meus interlocutores transformavam uma coisa (objetos, relações e pessoas) em outra, estando entre essas coisas a própria *necesidad*, convertida em uma experiência de intensa criatividade.

RETOMANDO A VIAGEM

Seis meses após o fim das adversidades da moenda que conduziram a uma safra compreendida como *fatal*, terrível, tudo já estava, outra vez, arranjado para minha viagem de retorno ao Central México. Tomara uma decisão diferente dos anos anteriores: em vez de aguardar a preparação da minha carteira de identidade em La Habana, rumaria para Colón assim que desembarcasse em Cuba. Os receios que carregava nas primeiras idas a campo permaneciam – como as preocupações com a vivência em uma moradia não cadastrada no sistema de *licencia de alquiler para extranjeros*, frequentação de lugares de venda ilegal de mercadorias, convivência com pessoas que se metiam em negócios *por la izquierda* –, mas, passados vários meses de pesquisa, já manejava, graças aos ensinamentos de diferentes amigos e também das experiências nas ruas e casas, mecanismos capazes de tornar a minha estadia e curiosidades etnográficas menos perigosas para mim e, sobretudo, para meus interlocutores mais próximos. Para permanecer ileso e relativamente protegido daqueles que poderiam trazer-me problemas, seguindo uma regra essencial da *mecánica*, precisava acionar minha rede de conhecidos do *batey* e fortificar aquela que mantinha em La Habana. Enquanto esta última me fornecia *los papeles* que ratificavam meus deslocamentos e possíveis interesses de investigação para bibliotecas, arquivos, empresas, policiais e representantes locais *del gobierno* (como os *Delegados del Partido*), a primeira me servia como um meio, com todas as complicações e limitações trazidas com isso, de aproximar-me de famílias, casas, objetos e circuitos que constituíam a experiência de criar e *hacer la vida* naquela região do interior da província de Matanzas. Em um linguajar *chabacano* (*callejero*, ordinário), certamente de maior rendimento etnográfico, pois era o que *la gente* tanto da capital

quanto do *campo* empregava, ambas as redes do que chamei, agora, de conhecidos estruturavam aquilo que entendo como minha extensa e heterogênea rede de *socios*, composta por, para citar alguns exemplos, pessoal de uma organização não governamental (ONG), migrantes, professores, *campesinos*, universitários *habaneros*, *cuentapropistas*, trabalhadores do campo.

Socios, amigos e moralidades

Sean Brotherton (2012) traduz o termo *socio* como "parceiro informal", pessoa com a qual alguém se relaciona e realiza negócios pautados em um "sistema caracterizado por [...] relações sociais não definidas estritamente pelas políticas ou afiliações estatais, mas por contatos pessoais [...] estruturados pelo acesso a recursos materiais" (:7). Em sua análise, fundada em uma longa pesquisa etnográfica sobre saúde e medicina cubana, sobressai a percepção de que as associações pessoais, quando dirigidas entre "parceiros", são ajustadas em função da necessidade de retirar, extrair algo, de um terceiro no interior de uma economia em que bens e dinheiros são matéria escassa. Brotherton, pondo em funcionamento essa acepção, revela como certos indivíduos, inseridos em um "itinerário terapêutico" (:7), buscavam caminhos para acessar remédios inexistentes nas farmácias em *pesos* e, por consequência, manter, seguir e rearticular noções incorporadas de saúde e bem-estar. Embora não discorde da explicação desse autor, uma vez que pululam elementos para corroborá-la, como demonstram algumas das situações por mim narradas nos capítulos desta tese – caso, por exemplo, das preocupações de Amparo em não se desarticular de seus familiares, com medo ficar completamente sozinha, depois de ver-se abandonada por parte da vizinhança –, observo que o foco na finalidade da associação (o "acesso a recursos materiais", o que também é por ele entendido como aquilo que a "estrutura") eclipsa aspectos que diversificam o "sistema" de interação entre *socios*. Os fins da "parceria" – do *sociolismo*, na expressão nativa –, considerando o problema da escassez de recursos e moeda forte, podem até ser sempre semelhantes uns aos outros – conseguir algo que esteja *perdido* ou realizar acordos financeiros que favoreçam todos os envolvidos –, já as maneiras de lidar com ela, interpretá-la e pô-la em prática não são homogêneas nem estáveis. Apresento melhor esse ponto.

Um dos componentes ofuscados pela conceituação proposta por Brotherton (2012) refere-se ao grau de intensidade das relações entre *socios* e como estes manuseiam as possibilidades do próprio termo em diferentes situações. Por exemplo, para *regatear* (pechinchar) o valor de uma corrida em uma *máquina* ou em um *bicitáxi*, o provável passageiro pode valer-se desse termo de tratamento – *Qué me puedes hacer, socio?* – para mostrar que ele é alguém que domina o vocabulário e as estratégias de *lo informal* e, em especial, para tentar determinar, de antemão, os elementos do intercâmbio entre pares, do contrário, não alcançará seus objetivos. Outras palavras podem ser usadas, como *compañero*, *asere*, *hermano*, mas a eficácia de *socio*, nesses casos, é mais garantida, pois equaliza as distâncias – menos afastado que *hermano* e *compañero* (acionada para negociar com funcionários de empresas estatais) e não tão próximo quanto *asere* (palavreado mais agressivo e vulgar, diziam-me). Por sua vez, em uma condição semelhante, *señor* tende a ser dito por turistas, de quem o *botero* (motorista normalmente sem documentos) aproveitaria para *estrujar* dólares. Para equalizar a relação, não basta, é certo, somente acionar um léxico específico, é preciso, igualmente, manter um sotaque da rua. Assim, apesar de chamar os taxistas de *socio*, numa tentativa (quase ingênua) de abafar que eu era de *allá*, não trafegava com precisão em seus modos de expressar palavras que ambos conhecíamos, o que aumentava o insucesso de minhas tentativas de forjar interações entre *socios*. No *batey*, falavam-me que os *centrohabaneros* eram os que melhor manipulavam esse recurso, sendo preciso tomar cuidado com eles – *son todos prisioneros*¸isto é, dominavam as regras e o *swing* (o movimento) da informalidade.[87] Se na *capital* apresentavam-se como autoridade nesse assunto, quando deslocados para áreas fora do meio urbano, onde, ao lado de alguns vocábulos próprios do lugar ou mais corriqueiros (*pata de ajo*, *ristra*, *mancuerna*, *batey*, *terraplén*...), havia questões que apenas os que aí habitavam reconheciam e manobravam (como a designação dos melhores produtores da região, as diferenças na qualidade das cebolas, os tipos de porcos etc.), os *habaneros* também se sentiam perdidos e propensos a enganações de seus *socios* do *campo*. Fecho esse primeiro componente destacando que, nos cenários retratados, o tempo de interação e os vínculos entre os "parceiros" são essenciais. Normalmente, nelas,

[87] As obras literárias de Pedro Juan Gutiérrez, designadas como representantes do *realismo sucio cubano*, põem em ação muitas das questões e palavras do mundo das informalidades em Centro Habana nos anos 1990. Cf. *Trilogía sucia de La Habana* (1998), *El Rey de La Habana* (1999), *El insaciable hombre araña* (2002),

as negociações são planejadas e efetuadas em períodos curtos e, assim que finalizadas, cada um segue seu rumo, livre de obrigações futuras.

Em outro quadro, a articulação de *socios* é constituída por pessoas próximas umas às outras, como vizinhos, companheiros de trabalho, colegas de jogos de dominó, famílias que se frequentam, entre outros. Para refletir sobre ela, volto às questões específicas do próprio *batey*. Se comparadas às anteriores, as implicações geradas pelas associações desse tipo são distintas e um pouco mais complicadas: um *bisnecito* posto em prática entre *socios* conhecidos envolve, não raro, problemas indiretos que ultrapassam os limites da "parceria", como brigas ou desentendimentos passados, comentários na vizinhança, história pregressa dos "parceiros", encargos/obrigações de reciprocidade. Em exemplos de maior intensidade, os intercâmbios entre próximos chegam a resvalar em *amistad* (amizade). E aqui entra um ingrediente que já apareceu no Capítulo 1: *la confianza*. Um bom "parceiro", agora entendido também como "amigo" ou, numa outra expressão informal, *el mío* (aquele pelo qual se tem apreço e para o qual não se deseja o mal), é uma pessoa de confiança, ou seja, que não *echa pa'lante* ou *chivatea*, não golpeia às ocultas ou que passa na frente ou rouba iniciativas que não lhe pertence. É alguém que resguarda tudo aquilo que é negociado, conversado, maquinado e praticado, principalmente quando existem ilegalidades no meio das ações. Um *socio* qualquer pode *chivatear* seu parceiro para alcançar exclusivamente suas metas pessoais, *particulares*, já uma *socio de confianza* deve manter sua palavra e olhar não apenas para seus próprios benefícios – exigência difícil de ser cumprida, por isso as traições e os equívocos a respeito das atitudes esperadas. Sobre tal dificuldade, uma amiga sugeria que, no *batey*, não havia uma efetiva cooperação, pouco importava o que o outro queria, pensava ou sofria: "Todo mundo só quer cuidar da sua parte. Aqui se vive assim".

Como ilustração de seus apontamentos, ela relatou-me, fundamentada no que ouviu dizer há alguns anos na rua, uma contenda que surgira entre dois rapazes que andavam juntos como se fossem *socios*. Um deles, que não possuía, até então, nenhuma forma de fazer dinheiro, comentara com o outro, já dono de um *timbiriche* que vendia lanches simples (pão com mortadela ou manteiga, pastel de goiaba e refresco) às crianças da escola infantil, que pretendia abrir um *guarapera*. Como o primeiro não sabia os trâmites, pediu auxílio ao segundo, que, como eram próximos, lhe ajudou, uma vez que não seria prejudicado – não comercializava caldo de cana. Correu, então, a notícia de que

haveria uma *guarapera* praticamente em frente à escola, e, para surpresa do proprietário do *timbiriche*, seu parceiro, enganando-o, "passou por cima dele": começou a vender pães, suco e outras *chucherías* que atraíam as crianças. Mal localizado, seu comércio parou de dar-lhe rendimento. Em pouco tempo, as pessoas passaram a falar que os dois tinham rompido a amizade. O rapaz da *guarapera* passou a ser visto como um sujeito perigoso que atuava pelas costas, semelhante a seu pai, que *chivateaba* quaisquer possíveis competidores. Depois disso, quem dele se aproximasse começou a receber o rótulo de mau-caráter. Minha amiga concluiu dizendo que, ainda que discordasse do que ele fizera, não tinha dúvida de que, ali, aquela atitude era a regra: "Aqui todo mundo está para *dale al que no te dio*", isto é, prejudicar aquele que não lhe causou nenhum dano, ou melhor, prejudicá-lo com vistas a sobressair-se.

Encontrar um bom *socio*, nessas circunstâncias, era uma tarefa árdua, mas, ao mesmo tempo, não se devia ficar sem ter a quem recorrer, seja pelo lado da família, seja pelo da parceria. Um dilema sem solução única. Vê-se, pois, que, além da inescapável busca pela absorção de recursos materiais, o *sociolismo* é carregado de aspectos morais. A seguir, acrescento mais conteúdos etnográficos para pensar tal concepção de associação e descrever os negócios do/no *batey*. Avanço, então, na viagem que abriu este capítulo.

RESOLUÇÕES ENTRE *SOCIOS* E OS CAMINHOS DA (IN)FORMALIDADE

Por meio de uma rede de *socios* de La Habana, consegui negociar um valor menos abusivo do transporte até a usina. Sem a atuação direta deles, apenas minha posição de (estudante) estrangeiro teria sido vislumbrada nos acordos, por telefone, com a dona do antigo Lada, Claribel, e não a de parceiro de alguns de seus parceiros nas transações informais de *alquiler de máquinas*: enganar-me significava trapacear com nossos conhecidos; isso lhe acarretaria uma possível perda de confiabilidade e, consequentemente, menos indicações de interessados em *alquilar* – nossos parceiros trabalhavam para uma ONG que sempre recebia estrangeiros, logo tinha um fluxo constante de *fulas* e oportunidades de manobrar uma renda fora dos empregos formais. Meu papel não era desconsiderado pelos *socios* cubanos de ambos os lados, contudo a quantidade de informações que detínhamos não era distribuída equitativamente. Conhecia, na verdade, apenas fragmentos da negociação e dos mecanismos postos em operação para efetivá-la de forma a beneficiar os envolvidos e a mascarar estratégias mercantis dirigidas a interesses exclusivamente pessoais, não à parceria propriamente. Meus *socios*, que se afirmavam, às vezes, como meus amigos, não

me disseram, por exemplo, que, no valor do transporte, estava incluso uma certa quantia de dinheiro que ganhariam simplesmente por dar-me o contato da senhora do Lada. Compreendi essa engrenagem de conversões mais tarde, vendo o modo pelo qual uma amiga historiadora, moradora de Centro Habana, fazia dinheiro com a indicação para *yumas* (no caso, pesquisadores que frequentavam o arquivo onde ela estava empregada) de *casas de alquiler*, restaurantes e lojas dos mercados turísticos de Habana Vieja.

O percurso de carro alugado até o Central México rendeu-me mais apreciações sobre palavras e diagnósticos daquilo que muitos teóricos e analistas chamam de Cuba contemporânea que as viagens, dentro do mesmo itinerário, que fizera nos anos anteriores nos ônibus em *pesos conversíveis* (*Viazul*) e *moneda nacional* (as famosas *guaguas Yutong* chinesas). Pude manter uma prolífica conversação com Claribel e Yoandris, seu esposo. Como me contaram, ambos abandonaram suas profissões, as quais lhes garantiam um posto de trabalho em instituições estatais, e passaram a dedicar-se exclusivamente aos negócios *particulares*, ocupando o extenso grupo de *cuentapropistas*. Formada em direito, Claribel atuou, durante anos, como fiscal do Estado, cargo que lhe trazia muitos desconfortos e inseguranças. Ela analisava casos de roubo em empresas públicas realizados diariamente pelos trabalhadores. O Estado não lhe oferecia nenhum tipo de proteção, e isso lhe causava certa apreensão, tendo medo de ser atacada pelos réus ou familiares dele ao sair de casa. Ademais, o salário que recebia para defender os interesses estatais *no alcanzaba*: não cobria nem mesmo seus gastos com transporte diário, se optasse por fazer o trajeto em algum *almendrón* (a *máquina* de 10 *pesos* que apareceu em outra parte). Diante do pagamento irrisório, restava-lhe, na mesma trilha dos que julgava e de colegas de profissão, recolher materiais de escritório para revender a *socios* interessados. Faço uso de recolher porque, segundo o casal, não se tratava de "furtos", designação um tanto quanto pejorativa e equivocada – Claribel não se via, de maneira alguma, como uma ladra e compreendia, sem incidência de um dilema ético-moral, as ações dos que foram por ela condenados ao representar o Estado.

Havia, ancorada em uma noção nativa, uma explicação para sua postura. Yoandris, como se analisasse a questão à distância (e daí a generalização), acentuava que em Cuba as coisas eram sempre distintas daquilo que aparentavam ser: roubo, por vezes,

não era exatamente roubo, mas *resolver*. Eis um verbo absolutamente plural e abarcador.[88] Podia significar simplesmente, como no português, dar solução a um assunto, tirar satisfação com um vizinho acerca de um c*hisme* ou *lío* (*voy a resolver el tema ese ahora*) ou finalizar um trabalho/iniciativa (quando voltava de alguma conversa, por exemplo, minha anfitriã perguntava-me se eu havia "resolvido" algo – *y, entonces, ¿resolviste?*), assim como *acotejar* (no sentido de ajeitar) um objeto ou um situação de troca, obter mercadorias escassas informalmente (*estoy resolviendo con un amigo unos paqueticos de café*) ou entrar em negócios *por la izquierda* com algum *socio* para *salir adelante* (*estamos resolviendo el negocio aquel*).

As três últimas acepções especificam uma maneira própria de lidar com a ideia de *resolver*, e era nelas que Yoandris se apoiava para descrever-me, a partir de um exemplo fictício, o que ele e sua esposa faziam: se o funcionário de um escritório público levava todos os dias uma caneta, um lápis ou um bloco de folhas, e, pouco a pouco, acomodava-os, clandestinamente, em sua casa para, depois, revendê-los, ele não estava praticando necessariamente uma ação caracterizada como roubo, estava, sim, *resolviendo lo suyo* e, com sorte, disponibilizando a terceiros algo que inexistia nas tendas regularizadas. E por que não era um roubo? Mesmo com a ilustração de Yoandris minha dúvida persistia. Ele não me deu uma resposta direta para tal indagação, aliás, isso não foi feito por nenhum interlocutor. Porém, como compreendi no decorrer da pesquisa, a diferença entre os termos dependia da relação com o Estado e com *particulares*. Do primeiro, visto como proprietário de tudo e, ao mesmo tempo, *del pueblo* (do povo), podia-se *resolver* o que se quisesse. As pessoas, assim, retiravam o que lhes era, supostamente, de direito e não prejudicavam ninguém de forma direta, porquanto não havia um sujeito bem definido, limitado, que perdia os suprimentos, como o sapateiro *x*, o camelô *y* ou, de modo mais geral, o *particular z*. Alguns asseguravam que fora o próprio Estado que lhes ensinara a técnica de *resolver*, lembrando que antes havia de tudo, depois, as mercadorias

[88] Weinreb (2009:65-82) examina, a partir de uma etnografia com um grupo de pessoas que ela "identifica" como "*unsatified citizen consumers*" da "classe média" em um bairro residencial de La Habana, a proliferação de um léxico associado aos meios para obter lucro e mercadorias após o *Período Especial*. Seus dados circunscrevem-se a *households* que têm a possibilidade de transacionar com *fulas*, mas que não conseguem encontrar tudo o que desejam consumir na cidade de La Habana, daí tratá-los como "cidadãos-consumidores insatisfeitos". Analiso palavras semelhantes às que são abordadas pela autora, no entanto ofereço novos elementos para pensá-las, sobretudo a distinção entre roubo e *resolver*. A preocupação da autora é mais com o sentido dos termos "originados" nos anos 1990 que com as relações e hierarquizações por eles produzidas.

desapareceram das lojas estatais e reaparecerem, inacessíveis, nos pontos turísticos: "Aqui se faz de tudo para os turistas", "Aqui o turista é rei", ironizavam. As propriedades do Estado (indústrias, empresas, hotéis etc.) passaram a ser, então, o melhor depósito para buscar *resolver* os meios de continuar vivendo em um país, social e economicamente, difícil, cheio de carências.

Entremeada a esses aspectos, havia, ainda, uma ideia de redistribuição: objetos "resolvidos" supriam as necessidades tanto de quem os adquiria para conseguir aumentar a renda salarial quanto daquele que pagava por eles no mercado informal – retirava-se de um sujeito indefinido, digamos assim, para *resolver*, no mínimo, dois lados bem delimitados, o vendedor e o consumidor. É importante salientar que, conquanto não se classificasse o ato como roubo, não se punha em xeque seu caráter ilícito, tanto é assim que era feito às escondidas, sem alardes – não era como ir comprar (ação totalmente distinta de *resolver*) algo em uma *chopin*.[89] Todos também tinham ciência de que casos mais graves misturavam-se às pequenas resoluções de pessoas com pouca força para entrar em negociações/corrupções mais abrangentes, como os roubos de grande monta que traziam complicações para a distribuição de alimentos para as *bodegas* e eram noticiados no jornal *Granma* e até nas programações televisas que circulavam por meio de *pen-drives*, alguns deles liderados por representantes do governo.

No caso de apropriações indevidas de bens *particulares*, os julgamentos modificavam-se. Apenas pessoas moralmente desprezíveis faziam isso, pois era considerado um tipo de roubo dos mais baixos. Por sua vez, as mercadorias também ganhavam a adjetivação de "roubadas", o que não se falava daquilo que se "resolvia". Por exemplo, podia-se caminhar pelo *batey*, com tranquilidade e sem nenhuma vergonha, usando algo que fora "resolvido" – e todos sabiam bem isso, tinham controle de cada coisa que ali aparecia –, já com objetos roubados, não, somente os "descarados" teriam tal atitude.[90] Comparativamente, quem tinha coragem de roubar um *compañero*, isto é, alguém que suportava dificuldades parecidas com a do "ladrão", era tido como um sujeito

[89] No tópico em que faço a descrição da procura de uma vaga de emprego no central, exponho exemplos de como, no *batey*, há modos de *resolver* açúcar, álcool e trabalho. Nele, fica mais evidente como as pessoas lidam com as coisas do Estado ou, se se quiser, como elas o domesticam.

[90] Os roubos mais comuns aconteciam nas *fincas*, onde os "ladrões" levavam, caso encontrassem o local desprotegido, parte de colheita de cebola e alho, as duas plantações mais desejadas, especialmente a primeira delas. Para proteger seus sítios, os *campesinos* pagam vigias noturnos ou, quando não têm essa possibilidade, eles mesmos exercem essa função. No *batey*, havia roubo de galinhas quando eram criadas em quintais sem cercas ou galinheiros.

da mesma índole que a dos *chivatos*, haja vista o fato de que, no fim, apesar de estarem em posições diferentes – uns como denunciados, outros como denunciadores –, causavam danos a indivíduos que não iriam se enriquecer, que estavam somente ganhando alguns *pesos* para *resolver* o problema diário dos *mandados*, nada além disso. Destaco, ainda, um aspecto que desestabiliza um pouco a ideia de que não se "resolve" com coisas *particulares*. Pelo que percebi, existia, no *batey*, uma diferenciação entre os *particulares* locais e aqueles que atuavam em outras cidades, em especial nos mercados informais de La Habana: se ações de roubo contra os primeiros eram, senão execradas, ao menos repreendidas, quando se dirigiam contra os segundos, elas eram tratadas de maneira mais amena, como se o afastamento diminuísse a força negativa do ato ou, talvez exagerando, os de fora se tornassem menos ligados aos vínculos de *socio* e *amizades* forjados, inevitavelmente, pelos que eram de dentro do *batey* ou das cercanias (*albergues* de Viscaya, *fincas*, Banagüises...).

Essas considerações são imprescindíveis para compreender não só a semântica que sustentava os usos do *resolver*, mas também, e sobretudo, as classificações e relações implicadas e conformadas nas maneiras de praticar resoluções. Dito isso, volto, novamente para o percurso que eu fazia no interior do Lada, acompanhado de Claribel e Yoandris, para inserir um último dado à descrição. Como mostraram-me, menos que nas modulações do linguajar da clandestinidade, as complicações maiores estavam na própria experiência de mover-se no contínuo em que se inseriam tanto as trocas fundadas nas informalidades quanto os mercados formais (estatais ou *particulares*), de modo a tirar proveito de ambos. Com base em nosso descontraído bate-papo, ficou-me claro que para manter certo nível de formalidade era preciso doses de informalidade, e vice-versa. Um modo de relação de troca não sobrevivia sem o outro. Assim, pouco antes de entrarmos em Colón, eles falaram-me das dificuldades de manter um negócio próprio com *licencia de cuentapropista*, isto é, sob autorização legal do governo. O problema não era arcar com a mensalidade, mas lidar com o abastecimento do carro: por um lado, nem sempre havia disponibilidade de "petróleo" (diesel ou gasolina) nas redes formais de postos Cupet (Unión Cuba-Petróleo) e Oro Negro; por outro, quando encontravam o produto, seu preço elevado tornava praticamente desvantajosos os serviços de transporte que ofereciam a turistas e cubanos com CUC. A solução visualizada para conservar o trabalho formalizado era transitar nas informalidades, adquirindo combustível na arriscada (já que de qualidade

incerta) venda *por la calle*. Interessado no nível de discrepância entre as duas possíveis vias – uma assentada na *compra* e outra, no *resolver* –, indaguei-lhes qual seria o preço efetivo do petróleo: enquanto no Cupet o litro estava em torno de 1 CUC (a moeda dos postos), *por la calle*, variava de 8 a 12 *pesos* (a moeda da informalidade). Não me relataram, infelizmente, nada a respeito dos métodos empregados por seus *socios* da rua para adquirir combustível para revender. Havia uma fiscalização mais acirrada nessa área, porque, participando de uma conversa despretensiosa numa festa em uma casa do Central México, a trabalhadora de um Cupet contara que eram feitos cálculos minuciosos para designar a quantidade de combustível a ser destinada às diferentes instituições estatais que utilizavam carros, tratores, caminhões, entre outros. Centenas de papéis e números sobre gasolina e diesel tentavam controlar os desvios indesejados: esse era o cenário – e o Estado (isto é, os fiscais), nas visitas às agências Cupet, conferia detalhadamente tudo o que fora gasto.

A despeito de tal supervisão, o "petróleo" trafegava *por la calle*. Posteriormente, pedi informações por *e-mail* sobre os prováveis trâmites do negócio a uma amiga *habanera* que alugava quartos para estrangeiros e movimentava algum dinheiro com transportes, em seu um carro Uno, até o aeroporto. Sua primeira reação ao pedido foi de fuga: preferiu não tocar no ponto exato do problema, dizendo que só fazia uso dos Cupet. Seu correio eletrônico era de uma organização estatal, por isso tinha receio de enviar-me qualquer mensagem que pudesse vir a comprometer-lhe. Isso ficou ainda mais claro quando, ao escrever-me novamente, não se inseriu de modo explícito no grupo daqueles que burlavam a legalidade: "*la gente* consegue vendê-lo porque recolhe o que sobra de seu trabalho, daquilo que o Estado lhe dá, quer dizer, da distribuição mensal que a empresa lhes dá, eles *ahorran* ao máximo e vendem o excedente". A explicação não era nada comprometedora, simplesmente mobilizava a conhecida tática do *ahorro*, aqui posta como algo importante na microeconomia dos "negócios". Não houve a menção da ideia de roubo; na verdade, o *ahorrar* funcionava como uma forma de *resolver*. Outras partes do processo foram-me reveladas no dia em que nos encontramos ao vivo. Ela recordou-se dos *cupones* que, no passado, os motoristas recebiam das companhias estatais onde eram empregados e comercializavam-nos a preços baixos *por la calle*, bem como das idas durante a madrugada aos postos ou ruas escuras e desconhecidas para *resolver* algo com um *custodio* (vigilante) ou *socio* – tudo era feito à noite com o objetivo de não esbarrar

com nenhum policial também interessado se dar bem nos trambiques *por la izquierda* (isto é, recebendo propinas) ou com o que chamava de *operativo* (fiscalização, busca policial). Também mencionou o papel de seu irmão que trabalhava em um Cupet e facilitava-lhe entradas de combustível. Para mim, o mais interessante foi descobrir que, no interior de sua garagem, havia um pequeno tanque no qual a gasolina "resolvida" era acumulada. Tentava não deixar que ele se esvaziasse, para tanto, contava com o apoio de *socios* que levavam a encomenda em sua própria casa – já não precisava dirigir-se a lugares afastados, o que lhe trazia mais tranquilidade. O reservatório improvisado cumpria uma outra função, ainda: separar a água que os vendedores costumavam misturar à gasolina para aumentar a quantidade do produto e lucrar mais. Era como se, ali, fosse improvisado um minicupet. A dona do Uno comentava que mantinha esses *inventos* (nada novos), mas que que sua casa pertencia ao *Comandante*, fazendo uma ironia com uma pequena placa de metal que, décadas atrás, muitas habitações tinham pendurada na porta de entrada: "*Esta es tu casa, Fidel*".

Amparo e seus escapes

Amparo, com seus 38 anos, andava em busca de um emprego. Fazia anos que deixara o mundo do trabalho fora de casa. Antes de separar-se, vivia com o que o esposo lhe fornecia, incluindo suas inseparáveis caixas de cigarro H.Upman compradas, até então, na *chopin*, e com algum dinheiro que conseguia tirar com a venda de rum, preparado com o álcool que um *socio* lhe *resolvia*, às vezes, no Central Mario Muñoz, em Los Arabos. Com o afastamento do marido e sem uma renda fixa, precisou alterar seus hábitos, passando a fumar, por exemplo, cigarro em *pesos* da *cafetería*. Para completar, sua filha, Camila, estava prestes a cumprir quinze anos e precisava preparar seu enxoval, com vestidos, calça jeans, sapatos de salto, entre outras coisas, e juntar *fulas* para pagar pela preparação do álbum de fotografias em um *particular* no *pueblo*. Não se tratava apenas de cumprir um ritual de puberdade, estava em jogo *status* entre os vizinhos. Todas as garotas do *batey* esperavam o dia em que teriam suas imagens estampadas em um quadro a ser exposto como principal decoração da sala de estar e, por outra parte, mães e pais queriam mostrar que tinham condição financeira para arcar com os custos, sinal marcante dos tipos de vinculações que mantinham com pessoas no exterior, *socios* de confiança e

trabalhos que "davam negócio". Camila, por exemplo, tinha um padrinho que vivia na Espanha; sempre que iam falar de *los quince*, lembravam que algum dinheiro poderia sair dessa fonte. Para desgosto de seu pai, ela não desejava que fosse feita uma festa no *batey*: esse tipo de evento virava história, com inevitáveis comparações com outros *quince* – quem tinha comprado mais galões de cerveja, qual o tamanho do bolo, como foi o vestido da debutante, qual aparelho de som era melhor. Em lugar dos festejos, queria ganhar um computador e um ar condicionado. A escolha de Camila, além de estar ligada a uma questão de distinção – estaria no pequeno grupo de garotas e garotos que possuíam computador –, fundava-se na ideia de que o equipamento, se bem empregado, serviria como uma forma de conseguir alguns *pesos*. Havia, portanto, uma tentativa (esperta, diria) de entrar, desde cedo, nos necessários manejos do *hacer la vida*. E como ela faria isso? A febre dos *envíos* (ou *paquetes*)[91] que vinham de cidades maiores (La Habana, Matanzas, Cárdenas) já tinha tomado conta também do *batey*; de casa em casa, diminuía-se o interesse pela programação cubana e, em contrapartida, aumentava-se o número de televisores, com seus respectivos DVDs ou *cajitas* (espécie de antena) com entrada USB, sintonizados nos mais novos seriados e novelas latino-americanos, filmes internacionais, videoclipes de *reggaetoneros* cubanos residentes em Miami e de cantores americanos famosos, bem como nos programas humorísticos nacionais e internacionais que tinham como mote os problemas da própria Ilha, como o *Mesa Retonta*, em sarcástica alusão ao programa oficial *Mesa Redonda*. Para fazer circular esse tipo de entretenimento, os computadores eram essenciais, sem eles, não havia como *llenar memorias* (copiar a programação para um *pen-drive* ou HD externo). Nas redondezas, embora alguns moradores se dedicassem a *llenar memorias*, cobrando de 10 a 20 pesos pela prestação do serviço, o ramo, diferentemente do que ocorria no *pueblo*, não era tão concorrido; na sua rua, Camila bem sabia, ninguém *estaba en eso* (engajar-se em um "invento", "negócio").

Se Camila e seu pai tinham preferências e ideias sobre como deveriam ser *los quince*, Amparo não ficava para trás. Sonhava com a possibilidade de levar sua *quinceañera* a um estúdio fotográfico de Varadero, onde, afirmava, havia melhor

[91] Pertierra (2009:113-30) apresenta um exemplo de como, na primeira década dos anos 2000, moradores de um bairro em Santiago de Cuba faziam para assistir a produções internacionais por meio de um circuito de aluguéis de gravações em VCR. Ela focaliza, entre outros aspectos, as diferentes relações entre legalidade e moralidade nesse comércio.

tecnologia e, mais do que isso, movimentação de pessoas interessantes que conheciam o que estava acontecendo no mundo, sem contar que era um ponto de estrangeiros e de *chopin buenísimas*. Dizer que sua filha faria as fotos em Varadero era uma garantia prévia do sucesso da notícia entre seus conhecidos, seguramente algumas mães ficariam com inveja (tal ideia muito lhe agradava). Não achava que os *particulares* colombinos fossem totalmente ruins, o que lhe desagradava era o fato de que quase todos iam aos mesmos profissionais, e, por isso, as meninas acabavam usando roupas e maquiagens muito parecidas. Já em Varadero, de sua ótica, prevalecia a variedade e o bom gosto. Ao lado dessa cidade, Colón figurava como um *campo* cheio de *gente chea*, cafona.

A sua admiração por Varadero não advinha apenas de valorações que escutava de terceiros, mas também de sua experiência nas ruas e estabelecimentos de lá que pôde frequentar no período de sua juventude. Em algumas de nossas conversas depois do jantar,[92] ela narrava episódios dessa época, datada, mais ou menos, do início dos anos 2000, quando ainda era solteira. Suas rememorações transitavam pelos temas das dificuldades para deslocar-se em direção a essa localidade e dos encontros (proibidos) com *yumas*, sendo ambos os casos permeados pela constante necessidade de *salir a hacer dinero* e *independizarse*. Não estava sozinha nessa empreitada; outras *muchachitas* do *batey*, como uma prima com a qual sempre estava unida, assim que atingiram a maioiridade, começaram a viajar para La Habana ou Varadero para tentar *empatarse* (juntar-se, enlaçar, encontrar) com algum estrangeiro ou, como falavam com mais recorrência, para *jinetear*.[93] Algumas filhas de vizinhas, inclusive, conseguiram se casar e *irse para afuera* (sair do país, migrar) por meio dessa estratégia. Diferentemente destas últimas, as tentativas de Amparo não foram de todo exitosas. Muitas, ao contrário, renderam-lhe complicações: "*pasé mucho trabajo*", finalizava as cenas mais trágicas. Como, segundo uma legislação que vigorou até 2008, cubanos não podiam permanecer, sem permissão, em lugares voltados para turismo internacional, ela foi duas vezes recolhida por policiais em Varadero e levada para a prisão em Matanzas. Na primeira, foi aprisionada por aproximar-se de forma estranha, de acordo com o que lhe disse o policial, de estrangeiros, e, como não possuía documento que comprovasse algum vínculo

[92] Com sua permissão, gravei alguns de nossos enriquecedores bate-papos.

[93] Esse verbo pode ser traduzido como prostituir-se, porém abarca aspectos que ultrapassa os limites do sexo por dinheiro. *Jinetear* é, digamos assim, uma prática de enlaçar *yumas* e conseguir retirar deles desde alguns poucos dólares até passaportes e vistos para deixar o país sem enveredar-se pelos complicados caminhos da migração ilegal. Cf. Roland (2011).

empregatício no local, não teve como justificar por que estava parada por aquelas bandas. Na segunda, mesmo estando em fase de teste em um grupo que modelava em bares e hotéis, permanecia sem *los papeles* que lhe permitiriam circular entre Colón e Varadero. Uma vez que não recebia por suas apresentações, necessitava arranjar-se por fora, senão não teria como sustentar-se. Assim, de novo, enquanto entrava na cidade para *jinetear*, não pôde fugir do olhar perscrutador de um fiscal que parara o ônibus no qual ela estava. Cito, nas exatas palavras de Amparo, como foi sua percepção desse momento. Em sua fala, aparecem elementos interessantes para pensar os sentidos de Varadero para uma mulher do *campo*, a demarcação de posições de *status* e hierarquizações espaciais, os problemas de raça e gênero levantados e as relações de *socios* como meio de *resolver* um *lío*:

> *La misma historia se vuelve y se repite otra vez. Arriba de lo mal hecho. […] Yo volví a caer presa. Ya yo estaba modelando en el equipo de José Luiz. Porque una amiguita mía de aquí también jineteaba allí en Varadero, y conoce a un italiano, pero aquel italiano se hizo tan amigo mío el día que nosotros nos conocimos [que], cuando él viene [de nuevo] aquí a Cuba, él me dice [por medio de mi amiga] que yo no dejara de irme a verlo, que él me traía un regalo, unas cositas. […] me mando con la mamá de mi amiga. Cuando llegamos al puente, la guagua llena de gente. Pararon la guagua. [...] La única persona que bajaron de la guagua fue a mí. Ya yo estaba pelada bajito. […] Era un foco. […] El policía, un oriental: "No, baja. ¿Cómo tú te llamas? Préstame tu carné de identidad". […] Yo estaba tranquila, pero muy guapa. [...] Y él coge el nombre mío y descubre que yo tenía una carta de advertencia. El hombre me dijo: "Móntate en la patrulla". Yo me monté en la patrulla delante aquella guagua. […] Me monté una fiera. Él patrullero me decía. Y yo hablando mierda: "Y el oriental ese. Yo soy de la provincia de Matanzas, yo puedo venir aquí a Varadero cuando yo quiera, el que sí no puede venir a Varadero es él oriental. Eso está malo aquí, ¡y no sé qué cosa más!". El patrullero me decía: "¿Qué te pasa, muchacha?". Conmigo tú no hables nada. El patrullero sí era de aquí de Matanzas […]. Y me dice él: "Ah, bueno, por contestarme de mala forma, ahora te voy a llevar hasta la unidad. […] Cuando entré en la unidad, el policía que está ahí de guardia me hace la carta, yo nunca la firmé. Yo le dije: Ustedes no me van a poner presa, yo ni llegué a entrar en Varadero. Ustedes no saben si yo me iba a quedar ahí adelante. […]. Ustedes no saben adónde yo iba. Es una falta de respeto. Ustedes tenían que haberme virado para atrás si ustedes me ven con el yuma hablando en Varadero. […] Ustedes no saben si yo iba a entrar en una tienda a comprar. Porque si yo no quiero comprarme ahí en una chopin donde yo vivo, yo quiero comprarme aquí una ropa original. Ustedes no saben lo que yo voy a hacer. Yo me puse malísima. Yo no firmé el papel. Me metieron por allí adentro. Me metieron para el calabozo. [...] Yo entré allí como a las 10 de la mañana. Yo solita. [...] Después, de momento, aquello se empezó a llenar, como a las 11 y pico de la noche. […] Había una negra más prieta que yo, y todas las demás eran blanquitas. […] Y todas aquellas blancas parece que*

pagaron dinero, y salieron. Se quedaron las negras. […] Yo dormí ahí y todo. […] Cuando salió el sol […]. Pasa un muchacho. Yo le digo: "Oye, ¡mi amigo! Ven acá, ¿quién entra de guardia hoy?". Y me dijo: "Entra no sé quién". "¿Ven acá, y de dónde es?". Me dijo: "Bueno, es de Martí". […] Esperé. Como a las 9 y pico de la mañana, yo empecé: "¡Guardia, guardia! Yo necesito hablar con el policía de guardia que es de Martí, y nosotros somos familia, y él no sabe que yo estoy aquí". Cuando él me busca, yo le digo que nosotros no somos familia de ningún lado. Yo soy familia de Sebastián Berrigo, de Martí. Mi tía se llama Caridad y tiene dos hijos. Y él me dice: "Sí, yo sé que son ellos". Si usted sabe quién ellos son, usted no me puede dejar aquí adentro y mi tía no puede saber nada que yo estoy aquí. Y él me dice: "¡Coño! Mira que me has puesto en China. Mira, ve pa'llá. Y yo después voy a verte".[94]

Mas Amparo não guardava apenas recordações negativas de suas passagens por Varadero, se assim o fosse, seria estranho que ela conservasse o dito fascínio pela cidade. As noites agitadas em casas noturnas diferentes das que existiam em Colón (em *moneda nacional*, importante frisar), o fácil acesso a cervejas de qualidade e a cigarros com filtro que os

[94] A mesma história se repete, outra vez. Insisto no mesmo erro. [...] Voltei a ser presa. Já estava modelando no grupo de José Luiz. Uma amiga daqui também *jineteaba* em Varadero, quando conhece um italiano, mas tal italiano virou meu amigo no mesmo dia em que nos conhecemos. Assim, quando ele retorna a Cuba, ele me diz que trazia um presente, algumas coisinhas [...] por isso, saio logo com a mãe da minha amiga. Quando chegamos à ponte [Matanzas é conhecida como a cidade das pontes], o ônibus cheio de gente, pararam o ônibus. [...] A única pessoa que mandaram descer do ônibus foi eu. Já tinha o cabelo cortado baixinho. […] Me destacava. […] O policial, um oriental, então falou: "Não, desça. Como você se chama? Me mostre sua carteira de identidade". […] Estava calma, mas bastante atrevida. […] Ele anota meu nome e descobre que eu tinha uma advertência policial. O homem me diz: "Suba na patrulha". Entrei no carro diante das pessoas daquele ônibus. [...] Já estava uma fera. O patrulheiro me dizia. E eu dizendo um monte de merda: "E esse *oriental*. Eu sou da província de Matanzas, eu posso vir aqui a Varadero quando tiver vontade, ele sim não poderia estar aqui porque é *oriental*. Isso aqui não está certo, e isso e aquilo". O patrulheiro me dizia: "O que está acontecendo, *muchacha*?" Não me diga nada. O patrulheiro era *matancero*. […] E ele me falava: "Está certo, por me responder desse modo, vou ter de levá-la até a delegacia. […] Quando entrei na delegacia, o policial que estava de guarda me fez outra advertência, mas não a assinei. Lhe disse: Vocês não vão me prender, nem cheguei a entrar em Varadero. Vocês não sabem se ficaria ali mesmo ou mais adiante. [...] Não sabem para que lugar eu ia. Que falta de respeito! Vocês poderiam me obrigar a voltar se tivessem me visto falando com algum *yuma* em Varadero. [...] Aliás, vocês não sabem nem se eu iria entrar em uma loja para comprar algum coisa. Posso não querer comprar em uma *chopin* de onde moro, porque quero comprar uma roupa *original*. Vocês não sabem o que eu vim fazer". Eu estava muito brava. Não assinei o papel. […] Me empurraram lá pra dentro. Me colocaram na cela. [...] Entre aí às 10 da manhã. Estava sozinha. [...] Depois, de repente, aquilo começou a ficar cheio, era mais ou menos onze horas da noite. Havia uma negra mais preta que eu, e todas as outras mulheres eram branquinhas. Todas aquelas brancas, me pareceu, pagaram algum dinheiro, pois saíram rápido. Ficaram apenas as negras. [...] Eu até dormi nesse lugar. […] Amanheceu. […] Passa um *muchacho*. Lhe digo: "Amigo, venha aqui rapidinho, quem fará guarda hoje?". Ele me responde: "Fulano de tal". "E de que cidade é ele?" Me diz: "Bom, é de Martí". [...] Tive de esperar. Às nove e pouco, comecei: "Guarda, guarda! Preciso falar com o vigia de hoje que é de Martí. Nós somos parentes, mas ele não sabe que estou aqui". Quando ele me busca, lhe digo que nós não somos parentes, que sou parente de Berrigo, de Martí, que minha tia se chama Maria e tem dois filhos. Ao que me diz: "Sim, sei quem são eles". "Se você sabe quem são, não pode me deixar aqui dentro, e minha tia não pode saber jamais que estou aqui". Ele responde: "Caramba! Você está me colocando contra a parede. Mas está certo. Vai pra lá. Vou ver o que posso fazer".

yumas lhe pagavam, a variedade de pessoas, a possibilidade de algum conforto entre as constantes impossibilidades que via no *batey*, tudo isso a seduziu desde o primeiro dia, afinal, como assinalava, tal qual seus companheiros do grupo de moda, não passava de uma *guajira* ilusionada que "buscava" meios de aliviar a "situação". Por esse motivo, sempre queria "voltar a entrar" em Varadero, arranjando formas de ultrapassar os impedimentos que cerceavam a circulação de cubanos. De tudo o que lhe ocorreu naquele período, nunca pôde se esquecer do romance vivido por uns dias com um certo alemão, isto porque, apesar da rapidez com que se deu tanto a aproximação quanto o afastamento, foi a única vez que avistou uma chance de deixar o país – "Terminar de sair de toda essa merda aqui. [...] Esse era o sonho da minha vida", narrava. O estrangeiro pretendia fazer-lhe uma *carta de invitación.*[95] No *batey*, ninguém sabia em que ela "estava metida", com exceção de um amigo que a acompanhava em alguns desfiles. Contudo, por receber ligações no telefone fixo de uma tia, logo espalhou-se o comentário de que falava com um estrangeiro semanalmente. Na conclusão de Amparo, a complicada e rasa comunicação com o alemão e as fofocas impediram que a relação vingasse. O *yuma* chegou até a enviar-lhe um telegrama da Alemanha, mas não foi capaz de ir além, e desapareceu. Isso acontecera em um mês de maio. Em novembro, já estava unida com seu ex-esposo e havia deixado de trasladar-se para Varadero; distanciava-se, portanto, do lugar onde fervilhavam oportunidades que, se manejadas adequadamente, ligavam o *aquí* (cubano) com o *allá* (estrangeiro).

Camila, quando estava em casa, atentava-se para as histórias que sua mãe me relatava. Escutara o caso do alemão em outros momentos, não lhe sendo uma novidade o fato de que Amparo "lutara" como *jinetera*. Também sabia que garotas um pouco mais velhas que ela *buscaban yumas*, aliás, era capaz de indicar cada uma daquelas que estavam nesse "negócio", assim como as mulheres que conseguiram *resolver algo* e as que não se saíram tão bem na empreitada. Nada lhe passava despercebido: "Fulana trouxe sacolas de roupas novas de sua viagem à Itália", "Vi um *tour* [carro moderno] parado no *barracón*", "Cruzei no campanário com o estrangeiro que está com sicrana, um velho desdentado ele", "Disseram que o casamento de L. com o espanhol é tudo mentira".

[95] Usou esse termo para se referir aos trâmites necessários para viajar para o exterior. Sua escolha se relaciona, como destaquei em outra nota, ao fato de que, a partir de 2012, com a nova legislação sobre o tema, a expressão *carta de invitación* tornou-se extremamente corriqueira. De certo modo, sua narrativa mesclava, sem muito controle, elementos de tempos distintos.

Apenas às vezes trazia notícias que envolviam homens cubanos, normalmente de jovens que, com indicações de *socios*, iam trabalhar de vigia ou "na construção" em Varadero ou Cárdenas e, estando aí, aproveitavam para *jinetear*, como aconteceu com um de seus primos: "B. *se empató* com uma estrangeira e deixou sua namorada daqui", "Havia um rapaz usando um *tronco de móvil* [um celular muito bom] na praça, acho que ele está em Varadero". Esses rapazes eram cotados, no *batey*, como aqueles que possuíam os melhores empregos fixos, pois estavam alocados em lugares em que havia maior movimentação de *fula*, ganhavam *estímulos* apreciados pelas famílias, como uma certa *jaba mensual* que trazia queijo, café, sabonete, desodorante e frango, e, com sorte e cuidado, até "resolviam" papel higiênico, guardanapo, xampu ou outras mercadorias. De todo modo, não passavam ilesos a críticas negativas, sobretudo quando, fascinados, se "faziam de importantes", deixando de cumprimentar seus conhecidos, ou quando transitavam pelas ruas com o único objetivo de exibir seus pertences – em ambas as situações podiam ser chamados, com desprezo, de *guajiro comemierda* (caipira de merda).

Observando tudo isso, com apenas 14 anos, Camila imaginava seu futuro fora do *batey*: "Farei uma *missão*", ela, determinada, estabelecia para si mesma. Amparo não a dissuadia, até a incentivava a batalhar para sair do *campo*. No entanto, era implacável em sua afirmação de que ali era necessário ser "realista", saber aproveitar, na medida certa, aquilo que lhe era oferecido, não adiantava ser alguém com ilusões inalcançáveis, tomando sua própria trajetória como exemplo de uma *muchachita* que fantasiou demais e acabou estancando-se no lugar onde nascera ("ficou parada"). Como outra ilustração, destacava a história recente de uma moça que ia *jinetear* todos os dias e para a qual já havia dado conselhos de como lidar com estrangeiros. Essa garota, ao que tudo indicava, estava *saliendo adelante*, *defendiendo lo suyo*, com um francês, daí a existência das remessas de dinheiro que vinham do exterior, as malas de roupas recebidas e a reforma de partes da casa que pôde realizar – só não tinha alcançado *la visa*, ainda. Apressada, fez o que Amparo considerava um erro: "apertou" demais o estrangeiro, e, por isso, ele a deixou. Para ela, os *yumas* – incluindo-me nesse coletivo – estávamos acostumados a um outro "sistema", no qual erámos mais "independentes", não suportávamos que alguém estivesse o tempo todo "em cima da gente". Comprovando sua tese, pontuava que nós, desde jovens, tornávamo-nos livres de nossos pais, viajávamos para outros países para

estudar, trabalhar ou morar, tínhamos nossas próprias casas, nossa relação com a família era distinta – não nos importávamos com a opinião dos parentes e sabíamos lidar bem com casos fora do casamento. Já ali, em Cuba, mas especificamente no *batey*, de onde falava e buscava experiências, o "sistema" era o inverso: os filhos agarravam-se aos pais; uns intrometiam-se na vida dos outros; não havia espaço para que cada um vivesse o que bem desejasse; ter sua própria casa era para poucos. De seu ponto de vista, então, o erro no posicionamento da menina em relação ao francês foi não perceber essas diferenças entre "sistemas" e pensar que os dois (*aquí* e *allá*) operavam da mesma maneira. Não foi esperta o suficiente para *acotejar* a situação e garantir a continuidade do que lhe beneficiava; sem fazer isso, perdeu a fonte de entradas de diversos itens. Em outros termos, por deixar que a ilusão a dominasse, precipitou-se e, por essa razão, foi incapaz de "ver adiante", isto é, não mensurou quais poderiam ser as tomadas de posição do seu parceiro-adversário-amante-estrangeiro.

A NECESSIDADE DE UM CENTRO DE TRABALHO

Em 2014, após ter abandonado, há mais de uma década, a "luta" como modelo *jinetera*, vítima de suas próprias máximas, Amparo precisava ser "realista" e valer-se das raras chances que despontavam no próprio *batey*. Nesse ano, como descrito no Capítulo 3, o central estava processando açúcar, sendo a principal via de acesso a algum centro de trabalho do Estado. Mulheres que aí estavam empregadas lhe alertaram sobre o baixo salário, especialmente dos que não possuíam formação em nenhuma especialidade, e também sobre a quantidade excessiva de tempo de dedicação. Não faria mais do que 250 *pesos* ao mês, caso fosse a todos os turnos de 12 horas que lhe correspondessem. A ideia de tentar uma vaga na usina surgira depois de sua última briga com seu ex-cônjuge, que decidira não lhe ajudar financeiramente por alguns meses. Ele, doente, dizia não poder arcar com os gastos de três casas: a de sua mãe, de Amparo e de uma *querida* (amante) de Banagüises.

A preocupação da minha anfitriã não era exatamente com os meses subsequentes à decisão do marido, pois, naquele período, tinha como garantia o nosso *bisne* do *alquiler*, que, embora com uma duração bem delimitada, lhe proporcionava uma entrada certa e mais elevada do que a grande maioria das pequenas inciativas em que poderia imiscuir-se. Como *socios* e, posteriormente, amigos, "resolvíamos" nossos problemas: ela me acolhia em sua casa, cuidando para controlar comentários por parte de curiosos e

chismosos, e, em contrapartida, eu lhe pagava, sem dar vazão a nosso acordo, pela estadia e comprava alimentos para o consumo familiar. Contávamos com o apoio indireto de vinculações a outras pessoas. Eu frequentava a casa de um senhor respeitado e, ao mesmo tempo, temido em todo o *batey*, com um histórico de dedicação à Revolução, tendo começado sua trajetória como voluntário na *Campaña de Alfabetización*, nos anos 1960. Em todos os encontros de grupos culturais locais e reuniões que necessitavam de representação da população, ele marcava presença e, algumas quantas vezes, seu nome era mencionado como incentivador ou homenageado. Lera as cartas que certificavam qual entidade cubana responsabilizava-se por enviar-me para aquela localidade e quem eu exatamente era, a que universidade estrangeira pertencia, o que estudava e quais alguns de meus objetivos em estar ali e não em outro lugar. Essas referências corroboravam que não se tratava de alguém que queria prejudicar a imagem do país no exterior ou espalhar ideários *contrarrevolucionarios*. Mais que apresentar-me, elas serviram-me de instrumento para sugerir ao tal senhor a importância dele como animador e representante da comunidade, e, dessa maneira, tê-lo como aliado e protetor. Além disso, mesmo que distante, ele era *familia* de Amparo, o que dava segurança a nosso "negócio". Todos o conheciam no *batey*, logo, havia uma mescla de opiniões a seu respeito, indo das mais positivas, como as que destacavam sua inteligência e rigor nas funções exercidas, até as negativas, sendo a pior delas a de que fora um *cederista* que, no passado, delatara muitos *compañeros*. Segundo aqueles para os quais ele "não lhes caía bem", já não se metia no que não lhe cabia, mas, ainda assim, era preciso medir bem as palavras disponibilizadas para não ser pego, de surpresa, em alguma armação. Felizmente, não tive maiores problemas com esse moço. Não obstante, a tipificação de *cederista chivato* que lhe era imposta dificultou minha aproximação a alguns círculos de pessoas, que, inicialmente, não compreenderam, parece-me, de que lado estava e o que realmente queria. Só depois de meses de pesquisa, quando, ciente de que as amizades fechavam ou abriam redes, comecei a passar várias semanas sem ir ao lar desse senhor, foi que consegui o mínimo de confiança para entrar, de vez, *por la izquierda* nas casas de alguns de meus colaboradores, aprendendo, com eles, o que "inventavam" ou conduziam em *lo informal*. Antes disso, as interações terminavam nas reclamações de que não era fácil viver ali, sem chegar ao que cada um fazia para tornar tal vivência minimamente factível.

O que inquietava Amparo eram os dias em que precisaria complementar, por si mesma, a quota de comida da *libreta* com *viandas* (mandioca, inhame, batata doce, abóbora), uma ou duas libras de carne de porco ou algum embutido caseiro (mortadela e presunto). Por dia, comprimindo ao máximo as despesas, desembolsaria ao menos 30 *pesos*, correspondentes a 900 *pesos* ao mês. Esses gastos sugariam o que poupara com o "negócio do aluguel", com a grande probabilidade de não sobrar nada para *los quince* da filha e, principalmente, para tentar montar algo que, no futuro, pudesse *salir adelante en su situación económica*, como a planejada *renta de habitación* para casais, *invento* que ninguém no *batey* havia explorado até aquele momento. Imaginava que seria um investimento proveitoso, mas exigiria, para tanto, modificações na arquitetura da casa para separar o quarto que serviria para os encontros do restante dos cômodos e, desse modo, evitar que a vizinhança fabulasse mexericos para difamá-la. Pretendia, igualmente, conseguir, em Colón, a documentação para ganhar a placa vermelha que indicasse a legalidade da *renta*, uma vez que, nesse caso, ficaria muito visada, e, se desse muito lucro – índice facilmente contabilizado, segundo ela, pelos olhares inimigos que fiscalizariam o entra e sai de casais de seu portal –, algum maledicente invejoso não pensaria duas vezes em *echarla p'alante*, delatá-la, ao policial responsável pela *disciplina social* da redondeza. A intenção de fazer tal *invento* era mais um motivo para ter, o quanto antes, a escritura de seu imóvel. Seu pai, ainda proprietário legal da casa, poderia vir a tentar impedi-la de levar adiante sua ideia, sob a justificativa de que não era algo que pudesse ser gerido por uma mulher separada e com uma filha adolescente. Como me disse certa vez, uma *renta* seria a chama necessária para um incêndio, dado que a minha permanência ali já tinha sido objeto de boatos maldosos dos quais ela me poupara – falaram com uma senhora católica que Amparo abrira sua casa para ocultar orgias de *maricones*, *lesbianas* e *putas*, rumor que teve de *resolver* exatamente com aquele que o espalhara, pondo-o, sem titubear, no seu devido lugar (o neto de uma parente distante fora quem havia tentado propagar a falsa informação; para classificá-lo como alguém desprezível, minha anfitriã afirmou que ele, com uma *volanta*, roubava *fincas* de campesinos ao anoitecer).

Em seus cálculos para procurar uma vaga no central, não estava em questão somente o salário – talvez o elemento de menor relevância –, mas também as previsões do que vinha junto de um emprego em uma instituição do Estado: tudo o que, de turno em turno, seria "resolvido". A usina manifestava-se como um espaço (o *piso de azúcar*)

em que circulavam "negócios" que poderiam *dar búsqueda*, ou seja, serem vantajosos, rentáveis. Era como se os *estímulos* fossem substituídos pela apropriação informal, individual e criativa de "vantagens", cada um atrás do que lhe fornecesse rendimentos alternativos a partir de um pertencimento formal. Nesse sentido, entrar na indústria como funcionário era, para muitos trabalhadores, uma forma de participar desses encadeamentos de "resoluções" – explicitarei, ainda, um outro exemplo disso. E, conforme explanação de Amparo, seu interesse em participar da safra também incluía dois outros aspectos: primeiramente, estando como contratada por temporada, seria mais simples descobrir vagas em postos efetivos e, por conseguinte, solicitá-las à administração; em segundo lugar, o fato de ser uma trabalhadora estatal ajudaria a diminuir o monitoramento de *infiltrados* ou *chivatos* de suas associações e *bisnes* – dizer que trabalhava no central era um meio de ensaiar a boa reputação perante os que procuravam *indisciplinados*. Essa técnica foi-me relatada em uma outra situação por um *campesino* que, para não ser incomodado por fiscais em suas transações dos produtos da *finca*, continuava como assalariado de uma fábrica estatal de gelo, ainda que seu soldo fosse insignificante. A vinculação empregatícia era fundamental em interações com representantes do Estado, como os *inspectores*:[96] melhor do que se apresentar, por exemplo, apenas como vendedor (o que demandava *licencias* específicas) era ter a possibilidade formal de afirmar-se como funcionário de alguma empresa. Ser desvinculado ou não possuidor de uma *licencia de cuentapropista* abria margem para dúvida em relação à proveniência de bens e aos modos encontrados por certa pessoa para manter-se. Amparo, separada e sem estar formalmente empregada em um *centro de trabajo*, dava espaço para conjecturas a respeito de suas (novas) aquisições, sobretudo porque tinha a seu lado um *yuma brasileño*. Mas isso já seria "acomodado".

FORA DE CASA, MAS DOMÉSTICO: UMA DESCRIÇÃO DE INDICAÇÕES ENTRE CONHECIDOS

Pela manhã, Amparo estava limpando a casa, quando viu Juana caminhar pelo passeio de sua rua. Chamou-a e perguntou-lhe se havia alguma vaga disponível no central. Disse que precisava muito voltar a trabalhar, mas que já estava desacostumada com a dinâmica das

[96] Funcionários estatais do setor de *licencias* responsáveis por verificar a regularidade dos *cuentapropistas*. Embora se falasse sempre nesse personagem, poucas vezes ele passou realmente no *batey*. Sua ausência não significava, entretanto, não preocupação: estavam sempreatentos, os que tinham *mesas* ou carrinhos montados, ao menor sinal de movimentações estranhas, recolhiam-nos. Um avisando ao outro que o *inspector* iria passar.

safras. Havia conversado com outras amigas, as quais não souberam lhe informar da situação dentro do *piso de azúcar* nem nos escritórios. Como a passante era responsável pela distribuição dos salários quinzenais, seguramente teria uma ideia mais abrangente das possibilidades e do que ela deveria fazer para arrumar uma *pinchita* (um "trabalhinho"). Juana foi logo dizendo que, no dia anterior, vagara um posto. No entanto, desconfiava que o ofertariam a algum funcionário de outra área que desejasse mudar de função. Lembrou-se, ainda, de que o *pãnol* (espécie de almoxarifado de ferramentas industriais) carecia de uma trabalhadora para fechar a *brigada*. Por sua vez, estava certa de que nos escritórios inexistiam oportunidades, pontuando: "Aí dentro do *piso de azúcar* que é *candela*", isto é, havia um fluxo intenso de trabalhadores devido à insalubridade e aos turnos pela madrugada, poucos aguentavam as noites barulhentas ao redor do moinho. Estava *en candela*, ao mesmo tempo, porque o processo de fabricação e controle do açúcar era um problema. Para que não houvesse dúvidas, Juana sugeriu-lhe que fosse até a sua sala no outro dia. E assim ocorreu.

Baseado nas minhas experiências, pressupunha que se apresentar a uma colocação na usina exigiria roupas e posturas bastante diferenciadas daquelas da vida ordinária, menos formalizada que o mundo do trabalho. Todavia, ao acompanhar Amparo, percebi que não havia algo de tão extraordinário nessa situação. Assim, em vez de arrumar-se tal como fazia para ir ao *pueblo*, borrifando um pouco de perfume da *chopin* e vestindo alguma de suas melhores *ropas de* salir, acompanhada de sua bolsa amarela de couro sintético a tiracolo e seus pequenos óculos escuros, ela apenas passou a costumeira colônia cubana de água de flores, separou uma sacola de tecido preto para levar (se acaso encontrasse algum *mandado*, estaria prevenida) e colocou uma desgastada *ropa de uso*, utilizada normalmente para realizar tarefas domésticas, ir à casa de um amigo ou familiar ou dirigir-se a algum comércio no próprio *batey*. Toda essa sua preparação discrepava, tremendamente, daquilo que me descrevera sobre seus dias de trabalho em Varadero, quando fazia questão de sempre usar algo que fosse *chulo* (bonito, fofo) e lhe desse mais "presença", que a diferençasse das demais pessoas. Nos dois casos, é claro, as funções e os objetivos eram bastante distintos e exigiam condutas e trajes específicos, contudo o que me saltava aos olhos era o cuidado maior para aquilo que se exercia fora do *batey* e que não dizia respeito ao mundo do açúcar e do Estado, mas sim ao do turismo, do *dólar*. Com isso, não quero afirmar que ela estava vestida de forma desleixada ou

inapropriadamente para o que se exigia, muito pelo contrário, seguira, como notei com o passar dos meses, o mesmo padrão do restante dos funcionários, inclusive dos que exerciam cargos nos escritórios. Imagino, hoje, que se tivesse ido arrumada como se fosse "sair" do *batey*, ainda que de maneira não sofisticada, provavelmente, algum colega provocador a tomaria como objeto de gracejo.

No meio do caminho para o central, soubemos que talvez tivéssemos dificuldade para cruzar a portaria, pois estávamos de bermuda e uma das novas exigências para circular pelo *piso de azúcar* era trajar calça. Mudança simples, mas que já causara problemas para os moradores que, despreparados, não puderam acessar a *cafetería* localizada dentro da usina, onde, como falavam, havia maior oferta de produtos que na da rua principal, já que tinha de ser constantemente abastecida para o consumo dos operários. A pessoa que nos deu notícia desse pormenor também nos sugeriu uma solução: passar pelos fundos do edifício, numa entrada que conduzia às oficinas mecânicas. Aí não havia nenhuma vigilância e os portões nunca estavam fechados. Por essa área, como me contaram depois, podia-se sair com sacolas cheias de açúcar e galões de álcool "resolvidos" durante o turno de trabalho sem ser descoberto pelos vigias – prática que fora, senão interrompida, ao menos dificultada com a construção de uma cerca em toda a extensão do central em 2015. Não precisamos optar pela entrada informal, porque a vigilante responsável pela fiscalização de quem ali transitava não nos barrou. Como o engenho estava em manutenção, não havia moenda naquela manhã, por isso muitos trabalhadores não tinham o que fazer, a não ser ficar papeando entre si até que as atividades fossem retomadas (e se isso acontecesse no turno deles). O *pañol* encontrava-se fechado. Amparo estranhou: no exato momento em que o almoxarifado poderia ser requisitado por aqueles que consertavam as máquinas, nenhum funcionário da seção estava presente. Havíamos que descobrir quem era o responsável pelo *pañol*, uma vez que Juana não nos dissera no dia anterior. Vimos um mecânico conhecido. Ela explicou-lhe que buscava informações de uma vaga de almoxarife, ao que o mecânico lhe disse que necessitaria ir até a moradia da chefe daquela seção, a qual vivia bem ali ao lado. Quando parecia que as associações para conseguir o emprego estariam restritas aos limites das repartições da usina, de novo, elas espraiavam-se para as casas, de modo a abarcar, conjuntamente, relações de trabalho e amizade.

Sem perder tempo, saímos dali. Animada com o que vira, Amparo reiterava, diferente do que ocorria na maioria dos outros setores, poderia trabalhar ali "tranquila, sem suar, sentada e limpa", com a chance de poder cochilar nas noites em que não houvesse muita demanda de ferramentas e até voltar escondida para casa, deixando a chave do lugar com algum operário que fosse confiável. Outras pessoas faziam isso, e ela não seria tonta de dedicar-se intensamente apenas para ganhar um *diploma* no final da safra de melhor trabalhadora. O fato é que, antes mesmo de ser contratada, já planejava como tudo seria ajeitado para que o baixo rendimento em *pesos* fosse compensado em pequenas vantagens. A chefe do *pañol* estava, como previsto, em sua casa, "defendendo", enquanto ninguém a solicitava na indústria, o negócio que realmente lhe fornecia uma renda mensal razoável: preparava sucos e vitaminas para vender aos açucareiros e, sob encomenda, pudins de leite. Nossa visita a surpreendeu, porquanto tentou justificar o motivo de não estar em seu posto naquela hora. Amparo, a meu ver, jamais a criticaria por isso, comentaria, no máximo, que aquela senhora só tentava "buscar algo". O evento não seria esquecido, mas sim guardado para uso futuro – se necessitasse dele para ratificar suas ausências nos turnos, ela não vacilaria em recordá-lo. De certa maneira, aquela cena já demonstrava como se organizavam os trabalhos no central: nem mesmo a chefe era deveras "disciplinada". Depois da surpresa, a mulher informou-nos que uma jovem a havia procurado antes e ficara de providenciar os documentos necessários para a contratação, porém não dera nenhum retorna até aquela hora – e o próximo turno estava sem trabalhador. Como sugestão, falou para Amparo procurar, por ela mesma, a tal moça a fim de verificar suas reais intenções em relação ao cargo vazio.

Ainda não tínhamos visitado os escritórios. Lá, encontramos vários conhecidos, tanto do próprio *batey* quanto dos bairros próximos, o que criava um clima amistoso ao lugar. Uma economista que sempre pedia algum mantimento para Amparo asseverou que Juana era a única pessoa que tinha domínio das movimentações de entrada e saída de operários e levou-nos até a sala dela. Existiam duas ofertas de trabalho: uma na *pesa* (balança de caminhões e trens carregados de cana), onde antes operava a neta de uma vizinha que, a partir daquele dia, fora transferida para a mesma função de Juana, e outra no basculador. A primeira delas pareceu interessante a Amparo: a tarefa a ser exercida era simples e, como pensava, teria a chance de estar em contato com um computador, algo que até então não possuía em seu lar. O problema foi que, tal como o *pañol*, uma

pessoa que era amiga de um funcionário do escritório pedira-lhe para tentar segurar aquela oportunidade. Já a segunda, conquanto bastasse somente ir à casa da trabalhadora responsável pela função com os documentos pessoais para firmar a efetivação, não atraía em nada minha anfitriã. E o motivo de sua aversão não repousava no fato de que o local era um dos mais insalubres, mas no receio de ter de dividir tarefas com uma operária que, recentemente, passara a ter um caráter ambíguo, incerto – segundo alguns, ela fingia-se de *socia* para, na inesperada hora adequada, derrubar seus inocentes parceiros com um *chivatazo*. Antevendo a necessidade de "resolver" algo no central, estar ao lado desse tipo de sujeito poderia trazer-lhe apenas prejuízos.

O caso dessa (provável) *chivata* era um pouco mais complicado para meu círculo de amizades e *socios*. Tratava-se de alguém que transitava pelas casas dos meus amigos e participava de suas conversações, assim como com a qual, não poucas vezes, partilhavam opiniões e planos de possíveis modos de alcançar mais *búsquedas* em seus "negócios". Como também estava metida por completo em *lo informal*, ninguém, ao menos até aqueles dias, desconfiava dela. Fora vítima desse mesmo tipo de ação quando falsificava receitas médicas, com carimbos e papéis timbrados "resolvidos" com seus *socios* da área hospitalar, para comprar remédios em farmácias em *pesos* com vistas a revendê-los em Cárdenas e Jagüey – uma delação que lhe trouxe como consequência uma pena criminal, cumprida em liberdade condicional, por falsificação. Todos conheciam essa parte de sua história e também que, no período atual, armazenava sacos de açúcar recolhidos na usina para comercializá-los depois da safra, quando então finalizava seu contrato temporário e ficaria sem recursos fixos. O grupo começou a duvidar de seus objetivos no dia em que ela citou o nome de dois rapazes que estariam numa lista feita pela diretoria da empresa para designar os que eram suspeitos de "roubar açúcar" (e aqui o termo usado foi roubo mesmo, dando a entender uma diferença de perspectiva na atuação dos representantes do Estado). Como acessara tal listagem? E por que seu nome também não estava ali elencado, se estava mergulhada no "negócio do açúcar"?, foram alguns dos questionamentos levantados. Conjecturavam que a estratégia dela ao apontar os nomes era recolher mais informações sobre uma casa que apelidaram de *piso de azúcar* para transmiti-las, em seguida, aos "chefes".

Imagem 4.1

La jaba del azúcar

Fonte: Acervo do autor, 2016.

A cômica nomenclatura ofertada a essa habitação funcionava como um meio de dizer que estava lotada do produto extraviado da usina, como se fosse um "armazém" à parte – os comentários mais exagerados destacavam que para ela não iam apenas sacos individuais de açúcar, mas também carregamentos maiores dispostos em um caminhão. Sentado numa varanda ao lado de três moradores, ouvi os conselhos que um amigo dava ao outro, o qual era ainda mais próximo da tal delatora, logo, mais propenso a sofrer com seus golpes: "*Ten cuidado, ¿cómo ella sabe todo eso? ¡Ten cuidado! Ojo con ella. ¡Mira a ver tú!*". Difícil mensurar se as aferições dos meus amigos eram justas. Por vezes, a mulher reclamava que lhe impuseram uma *letra* (um desígnio) que não lhe cabia. Injustos ou não, pouco a pouco, eles afastaram-se de sua presença. Já não havia como considerá-la um *socio* de confiança. Perto dela, não bastava, por exemplo, ocultar o que se "resolvia" no central dentro de uma sacola com uma tampa "inventada" (Imagem 4.1), tática que funcionava para bisbilhoteiros comuns que, desviando os olhos sorrateiros em direção à sacola alheia, tentavam averiguar em que "alguém andava" (o que fazia, comprava) ou, como era mais rotineiro, qual mercadoria trafegava pelo *batey*, nunca para derrubar seu *compañero*.

Sem conseguir assinar um contrato formal, Amparo retornou para casa. Ao anoitecer, quando já calculava outras maneiras para conseguir um trabalho, a chefe do

pañol apareceu na sua porta, dizendo-lhe que a outra moça desistira da vaga. Se estivesse disposta, poderia render a funcionária que deixaria o turno no dia seguinte e começar uma nova experiência: agora na safra que foi menos do que se esperava.

5 ESPECIALISTAS EM ESCAPAR E CONVERTER

O quintal de Rigo

A moradia de Rigo assemelhava-se às outras que lhe eram contíguas: janelas persianas e uma porta de metal, paredes baixas de placa de cimento, todas elas caiadas, um portal estreito. Fora construída nos idos dos anos 1970, com a mão de obra dos próprios habitantes do *batey*, mas com materiais que o central açucareiro, no papel de representante local do governo revolucionário, disponibilizara. Um senhor de 76 anos, vizinho de Rigo, que vivera, desde sua infância, nos fundos do *barracón* antes de sua demolição, conservava algumas reminiscências desse tempo e da transformação do espaço em que se inseria aquele conjunto de vivendas *pegadas* (coladas) umas às outras. Com imensa tranquilidade, em um banco embaixo da *ceiba ancestral*, onde muitas vezes homens jogavam dominó, esticando um pedaço de couro de cabrito para fazer uma *tumbadora* (tambor de *santería*), ele se lembrava:

> *Aquí no había nada de esto, era solo barracón. […] era cuadrado [formato do barracón com seu pátio]. Antes aquí no había canales sanitarios. En las casas no había baño, no había taza, había baños colectivos. En esta parte existían tres. [...] Había uno por donde tú vives, por donde vive Amparo, por ahí había uno. Había otro allí por donde vivía la difunta Célida, donde se toca bembé, […] casi*

> *en el medio. Había tres para cagar y otro para bañarse. Y cajones de basura, aquí había uno. Por allí había otro cajón de basura, la gente iba y tiraba la basura, después venía un camioncito. […] Había una puerta en cada esquina de esa calle [do campanário ao final do barracón]. [...] Del otro lado del barracón había caña. La calle esa llegaba a la caña. No había casa allí. [...] Pasaban coches con los bueyes para tirar caña al trasbordador, allí donde están los edificios [construção de dois andares feita no pós-Revolução]. Allí había una grua y por ahí pasaban los carretones con bueyes. […] Yo viví desde chiquitico aquí, entonces los muchachos de mi época nos parábamos ahí [en la grua] a ver las carretas de caña que se atracaban porque eso era fango, y había bueyes que no podían, y había que buscar otro buey. [...] Todo eso aquí era de tierra. [...] Y ya cuando el gobierno quitó... el gobierno quitó no, el gobierno quiso decir que los barracones eran cosa del tiempo de antes, que eso había terminado y no sé qué cosa, que iban a poner casa a la gente, que no hay recuerdo, y no sé qué más, y qué más. Y, entonces, le dijeron a la gente que nosotros debíamos poner la mano de obra y ellos ponían los materiales. Y entonces una vez que el gobierno se hizo esas casitas, los que vivían aquí ganaron una casa.*[97]

Essas recordações remontavam a um período anterior à Revolução em que imperava uma divisão racial dentro da qual a área descrita, em função de sua precariedade, era destinada a negros, pejorativamente chamada de *negrero* pelos funcionários brancos da companhia americana que administrava o central, em referência direta às embarcações usadas no tráfico atlântico de escravos. Depois de quase quatro décadas, ninguém realçava a ideia de uma separação, embora alguns moradores brancos dissessem, com certo descrédito, que naquela parte *la gente* era "fanática" por *bembés*, o que comumente era visto como uma prática de negros. Ademais, por serem ligadas umas às outras sem que houvesse um

[97] Aqui não havia nada disso, era tudo *barracón*. [...] era quadrado [formato do *barracón* com seu pátio]. Antes não havia aqui encanamento sanitário. Nas tinha banheiro nas casas, não havia vaso sanitário, havia somente banheiros coletivos. Nesta parte de trás existiam três banheiros coletivos. [...] Existia um ali para o lado onde você mora, onde mora Amparo, aí havia um. Havia outro ali na parte em que vivia a falecida Célida, onde se *toca bembé*, [...] quase no meio. Havia três para cagar e outro para tomar banho. E as latas de lixo, aqui havia uma. Por ali, havia outra lata de lixo. O povo ia lá e jogava o lixo, depois um caminhãozinho o recolhia. [...] Havia uma porta em cada esquina dessa rua [do campanário até o final do *barracón*]. [...] Do outro lado do *barracón* havia cana. Nessa rua chegava cana. Ali não havia nenhuma casa. [...] Passavam carros de boi para jogar a cana na lançadeira de cana, ali no lugar onde estão os edifícios [construção de dois edifícios feitos no pós-Revolução]. Ali havia uma grua e por aí passavam os carros de boi. [...] Vivi desde criança aqui. Então, os meninos da minha época parávamos aí [na grua] para ver as carroças de cana, porque o lugar era cheio de barro, e alguns bois não conseguiam puxar as carroças sozinhos, sendo preciso buscar outro boi para ajudar. [...] Tudo isso aqui era de terra. [...] E já depois que o governo acabou com isso... o governo acabou não, o governo disse que os *barracones* eram coisa do tempo de antes, que isso tinha terminado, e não sei que coisa mais, que iam construir uma casa para a gente, que não precisa ficar com recordação, e não sei o que mais. E, então, eles disseram para o povo que nós devíamos colocar a mão de obra e que eles colocariam os materiais. E, então, depois que o governo fez essas casinhas, aqueles que viviam aqui ganharam uma casa.

vão entre as paredes, as casas dali entravam no rol das menos atraentes e desejadas pela população, assim como no das que foram feitas e doadas pelo Estado, isto é, não haviam sido levantadas a partir de recursos e méritos próprios, obra de um eficiente trabalho individual: "Eu que construí toda essa casa. Comprei todos os materiais!", certas pessoas afirmavam com orgulho, quando lhes perguntava como fizeram para obter suas moradias. Tal afirmação nunca poderia ser dita por um morador do terreno atrás do *barracón*, e isso, é indubitável, produzia distinção. Em suma, diria que, de modo diverso ao que ocorrera no passado e por meio do agrupamento de outras características, essa localidade permanecia diminuída – gozava de pouco *status* – frente a outras ruas do *batey*.

INVENTOS

Era aí, especificamente em seu quintal, que, junto de sua esposa, uma senhora que trabalhara como atendente em uma farmácia em *pesos*, Rigo, um homem branco por volta de 70 anos de idade, aposentado como motorista de ambulância, alfabetizado somente no começo de sua juventude, sem parentes no exterior, mantinha uma espécie de oficina-laboratório de bricolagem *a lo cubano*, onde construía seus *inventos*, aparatos não convencionais que lhe auxiliavam, por exemplo, a *resolver*, no sentido de "dar um jeito", problemas simples em seus objetos de trabalho e a produzir, manualmente, produtos que podiam ser vendidos a terceiros. Se observasse, sem suas explicações, definições e ações entre coisas, aqueles ferros misturados a repartições de chiqueiros e gaiolas enferrujadas não passariam de um monte de cacarecos. Havia uma *ponchera* para reparar furos em câmaras de ar, feita a partir de adaptações com um ferro de passar elétrico. Com esse instrumento, ele não necessitava pagar pelos serviços mais simples de um *ponchero* (borracheiro), que costumava cobrar de 2 a 5 *pesos* para soldar um pneu furado. A manutenção das rodas de sua velha bicicleta e da máquina (também *inventada*) de moer tomate estava garantida. Para aqueles que não possuíam ganhos externos ("resolvidos", melhor dizendo) elevados, ter esse *invento* em casa facilitava bastante, pois a bicicleta, ao lado das carroças e tratores, era um dos meios de transporte mais utilizados. Havia desde aquelas mais modernas, com seus notórios freios de borracha e pintura chamativa, compradas em *fula* ou presenteadas, via *paquetes*,[98] por um parente no estrangeiro ou,

[98] Os *paquetes*, nesse caso, eram enviados por correio ou por algum amigo que tinha contato com familiares de outro que estava no exterior, isso acontecia bastante com aqueles que cumpriam "missão". Cito a passagem de uma carta de uma senhora que recebeu um *paquete* (dos mais simples, mas dirigido a todos

ainda, *estrujada* de um *yuma*, até as que varavam décadas de uso, sendo um tanto oxidadas e empenadas, mas que, com os devidos ajustes, para os quais os *inventos* eram tremendamente essenciais, seguiam funcionando.

Abro um parêntese para falar de relações e conversões firmadas e criadas em torno da aquisição e manutenção da minha bicicleta – fundamental para as andanças por *fincas*, *terraplenes* e entre as ruas do *batey* e Viscaya. Segundo me diziam, possuía uma pequena bicicleta de ferro de fabricação russo-chinesa que chegara à Ilha nos anos 1980. Consegui arranjá-la em Colón com a *socia* de um amigo, já que no *batey* ninguém queria despojar-se das suas – vendiam-se celulares, sapatos e outros bens, mas não se intercambiavam bicicletas com grande frequência, quem era proprietário de uma, em geral, não pensava em passá-la adiante, a não ser em situações mais extremas. Na negociação com a colombina, por pouco não caí numa armadilha primária. Em lugar vendê-la, ela me propôs um *alquiler* – pagaria 60 CUC pelos nove meses de uso e, depois, deveria devolvê-la. Aparentemente, uma boa opção, se observada da perspectiva do câmbio para a moeda brasileira (na época, 1CUC correspondia a R$3,00, mais ou menos) e de alguém de *allá*. Com toda sagacidade, era posta em operação a lógica de que quase tudo pode ser *alquilado*: se se alugavam *coches*, *máquinas*, *bicitáxis*, *habitaciones*, *tour*, *memorias*, *portales*, por que não alugar uma bicicleta? Entre residentes, esse era um tipo de objeto de transferência sem volta, já minha situação de residência temporária lhe apresentava exatamente o oposto: podia *inventar* um "negócio" de arrendamento por um período devidamente determinado. Não estava sozinho na casa da referida senhora, um conhecido me acompanhava. Contudo, ele não discordou de nenhuma colocação da negociante; não estava numa posição que lhe permitia fazer isso – trabalhava em um *catre* (*mesa* de camelô) dela. Aluguei a pequena bicicleta, mas, quando cheguei ao *batey*, outro amigo me informou que o valor cobrado pelo aluguel correspondia, na verdade, ao de uma compra, sem contar que precisaria fazer alguns consertos, o que acrescentaria no mínimo uns 20 CUC ao total. Em sua conclusão, *me metieron una línea* das boas, trapacearam-me; ele não duvidava de que aquele cambalacho era uma armação entre os dois *socios*. Com sua ajuda, pude refazer a negociação; tornei-me, por fim, dono do objeto

os familiares) de seu filho que vivia na Venezuela por meio de uma amiga do *batey*, que também atuava naquele país como "internacionalista": "*Aquí les mando unas cosas. [...] Mamá este paquete es sofisticado y no sofisticado. Te amo. – Pintura de uña y lija de uña para M.; – Algo de jabón para H.; – Mentol y fluconazol para F.; – Regalo de I. 1 camiseta; – J. 1 camiseta. El resto pa' lo necesario*".

transacionado, o qual me possibilitou (e isso eu nem fazia ideia de que aconteceria) ampliar meus contatos tanto por meio do seu empréstimo (quem me pedia emprestado acabava tornando-se mais próximo) quanto pela necessidade constante de regulagens (para consertar a bicicleta, tinha de estabelecer relação com *poncheros*). Fecho parêntese.

Além da *ponchera*, Rigo fizera uma *grampa*, equipamento *criollo*[99] com o qual, como o próprio nome indica, produzia grampos *inventados* para a construção de cercas para proteger pastos de gado bovino e trechos de *fincas particulares*. A feitura dos grampos não era nada complicada: bastava posicionar um fio de metal reto de, mais ou menos, 0,5 centímetro de diâmetro por 5 centímetros de largura em uma placa de ferro com buracos e, em seguida, empurrá-lo, com um bastão e um martelo, até o outro lado da placa, de modo a formar uma peça em U (Imagem 5.1). O que dificultava o processo era a obtenção do material necessário para que surgissem os pregos, como arames duros de aço ou "o que aparecesse" com essas qualidades. Quase sempre, ele recolhia o que encontrava abandonado como sucata em *terraplenes* e nos arredores do central; noutros casos, contatava funcionários das oficinas mecânicas para saber se matérias-primas que lhe interessavam seriam descartadas. Os momentos em que terminavam as safras e o engenho entrava em reparação, com a consequente retirada de peças desgastadas, eram aqueles que lhe proporcionavam maior entrada do tipo de elemento adequado para manipular pregos não industrializados.

Imagem 5.1

Rigo operando a grampa

Fonte: Acervo do autor, 2016.

[99] Darei atenção a esse conceito na história de Pepe.

A simplicidade do *invento* não diminuía sua eficiência para *salir adelante*. Cada grampo era comercializado por 10 *quilos*, ou seja, 10 centavos de *peso*. Talvez pareça pouco, porém Rigo afirmava que todas as malhas que "resolvia" eram insuficientes para dar conta da demanda: "*¡Vendo eso en cantidad!*", exclamava. Isso estava ligado ao fato de que era precário o abastecimento de pregos nos mercados formais do Estado dedicados a materiais de construção. Em certos meses, desapareciam por completo. Para demonstrar o quanto era capaz de "fazer" com esse negócio, ele mencionou que, numa de suas saídas para pescar nas represas fora do *batey*, próximas às *fincas* e plantações de cana, achou uma boa porção de ferragem atirada dentro da água. Catou tudo e levou para sua casa, tendo fabricado com o dejeto uns 40 mil grampos. Em *moneda nacional*, Rigo faturou quatro mil *pesos*, quantia que considerava significativa: "*He hecho miles y miles de peso*". E mudando a entonação, completou: "*¡Miles!*".

Outra engenhoca que lhe trazia entradas em dinheiro e contribuía para a sustentação do consumo familiar era a já mencionada moedora de tomate e, em menor medida, manga (Imagem 5.2). Teve a ideia de montar essa máquina depois que foi à casa de um amigo e viu um modelo semelhante ao seu em funcionamento. Na época em que decidiu fabricá-la, quase ninguém das redondezas dedicava-se ao negócio de *puré de tomate* (massa de tomate caseira). Uma ou outra pessoa possuía o *invento*, pontuava. Já nos últimos anos, o cenário transformara-se: mais e mais, *campesinos* que colhiam tomate em suas *fincas* e outros moradores passaram a oferecer esse tipo serviço *particular*. Com efeito, não era incomum o trânsito de pessoas com tais equipamentos, dos mais rudimentares aos mais potentes e sofisticados, características medidas pela qualidade dos motores e facilidade de movimentação. Os que eram montados com motores de *lavadora rusa* "não serviam", ou melhor, podiam ser utilizados apenas na preparação de *puré* para o autoconsumo – uma máquina fraca não aguentaria moer dezenas de caixas de tomate em um mesmo dia e em pouco tempo, com o detalhe de que a quantidade de caixa finalizada determinava o valor do aluguel (1 caixa = 5 *pesos*). Como Rigo não era dono de uma carroça nem tinha bicicleta com espaço para carreto, necessitou acoplar duas rodas à moedora, do contrário, teria de alugar algum meio de transporte de outrem, o que diminuiria seus lucros, ou trabalhar dentro de sua própria casa, e isso não valia mais a pena, porquanto a corrente elétrica do *batey* já não era compartilhada com a indústria, havia *contadores* individuais (Cf. Capítulo 3). Além disso, não dispunha de espaço

suficiente para atender os pedidos em seu quintal nem de materiais para cumprir todo o processo de fabricação do produto: o suco devia ser posto em baldes plásticos ou caldeiros; em seguida, passava pelo cozimento; por fim, envasamento. Ele carecia, por exemplo, de um instrumento *inventado* para *enchapar* a partir da reutilização de tampas de garrafas de cerveja (Imagem 5.3).

Imagem 5.2
Negócio do puré I

Imagem 5.3
Negócio do puré II

Fonte: Acervo do autor, 2016

Embora fosse proprietário de uma boa moedora, essas dificuldades impediam o crescimento de sua iniciativa. Junto delas, também estava a falta de terras para cultivar seus próprios canteiros de tomate. Rigo até chegou a plantar em um pedaço de terra que um amigo *campesino* lhe emprestou por um tempo, quando fez uma quantidade de *puré* que "alcançava" tanto para o consumo doméstico quanto para a venda para *carretilleros* (*particulares* com licença, ou não, que intercambiavam hortaliças, legumes e frutas) e pessoas em geral *por la calle* – para os primeiros, cobrava 5 ou 6 *pesos* a garrafa de 250ml; já os segundos tinham de pagar, pela mesma quantidade, até 10 *pesos*, valor que variava conforme a disponibilidade do produto e, claro, da safra do fruto. Em 2015, sem um "pedacinho de terra" cultivável, o aposentado não pôde enveredar-se por esse comércio de *puré*; de todo modo, ele contentava-se com o que fora capaz de assegurar para o seu lar. Ao menos, ele e a esposa não precisariam gastar suas economias na compra

de *puré* – muitas vezes de má qualidade e feito de forma *inventada* (no sentido de incorreto, duvidoso, estranho), com o emprego até mesmo de abóbora para torná-lo mais espesso –, essencial na preparação de quase todos os pratos, do bastante consumido espaguete com salsicha até o feijão com carnes e *viandas* da *comida* (jantar) ou aos ovos mexidos do almoço. "*Pero, bueno, eso es para nosotros, para resolver. Este año va a ponerse bastante caro*", a esposa do aposentado destacava e, ao mesmo tempo, mostrava-me um estoque mínimo que puderam conservar.

Por ser tão consumido, com recorrência, o *puré* "desaparecia" da rua, obrigando a população a adquirir as caras caixas do produto no *kiosko* em CUC. Entre dezembro de 2015 e janeiro de 2016, em razão de uma colheita ruim, os *campesinos* e outros fabricantes não puderam envasar em suas casas essa mercadoria. Assim, reclamações dos moradores não se reduziam à ausência de carne no açougue, mas também ao valor que *particulares* cobravam por uma "garrafinha" de *puré* ruim, "sem gosto" e, com exagero, "azedo", devido a mesclas incompatíveis. Não se pode esquecer que, mesmo entre os períodos menos favoráveis, havia uns poucos dias de sorte, quando circulavam pelas ruas alguma pessoa com *puré* industrializado "resolvido" – arranjado em alguma fábrica ou trazido dos mercados informais de La Habana – a preços mais acessíveis que os da tenda estatal. Mas isso era, ali, uma eventualidade, e, ao surgir a oportunidade, como bem descrevi no Capítulo 1, a notícia alastrava-se: "*Llegó puré de tomate, pero ya voló*" (Apareceu massa de tomate, mas acabou em um sopro).

Antes de dar continuidade aos experimentos para *hacer la vida* de Rigo, devo pôr em destaque, de maneira pontual, a trama que enlaçava a aparentemente básica produção de *puré*. Para que aparecessem nos pontos de venda *particulares* as "garrafinhas" de um produto que dava, com o cominho industrializado e os diferentes *ajíes picantes* (espécies de pimentões e pimentas), um saboroso *sazón* (tempero) à comida, era necessária a junção de diversos negócios e pessoas. No cálculo da rentabilidade, entravam, então, a máquina de moer, que podia ser alugada a um terceiro ou usada em benefício do próprio dono, os gastos com o plantio de tomate (variando de acordo com a quantidade de canteiros) e corrente elétrica, os trabalhadores contratados que participavam da colheita (por uma jornada de 7 às 11 da manhã, recebiam cerca de 40 *pesos* cada um deles), assim como os

vendedores de garrafa (cobravam 1 *peso*, por *botella*) e de tampas (20 *quilo* cada uma).[100] A preocupação com esses valores não é somente minha, mas também dos "negociantes", os quais, com certa obsessão, ao lado das explicações sobre a organização de seus "negócios", tinham perfeita clareza de cada um dos elementos que entravam na dinâmica, em rede, dos gastos e ganâncias, dando-me informações das medidas e amplitude de todos eles e, sobretudo, das formas de fugir das perdas. Isso ficará ainda mais evidente nas próximas linhas.

O INESCAPÁVEL OFÍCIO DE IR ATRÁS DE COMIDA

Semelhante a outros moradores, Rigo investia em um dos principais negócios do *batey*: a disputada *venta de cochinos* (porcos). Criava também galinhas e coelhos, mas não os intercambiava *por la calle* – não geravam lucros significativos, a não ser que quem os comercializasse mantivesse uma extensa granja, como era o caso daqueles que transacionavam aves e outros animais com *santeros*. Na avaliação de Rigo, porcos eram ainda a melhor maneira de buscar *pesos*, mesmo com a diminuição, em fins de 2015, do preço cobrado por cada libra de carne. Tal opinião era partilhada por um tratorista do central, que, desde o dia em que se aposentou, sempre tentou ter um animal em sua pequena *cochiquera* (chiqueiro) no fundo da casa. Ele ponderava: "*Ese es el negocio que yo veo que más da. Claro, un negocio libre. El negocio que más dinero está dando aquí es crear puerco y revenderlo después. Imagínate tú, […] tú compras un puerquito al destete – 500 pesos –, y, en tres y cuatro meses, tú le sacas el triple*".[101] Havia, no entanto, um complicado empecilho a ser ultrapassado para que os *pesos* aplicados fossem realmente multiplicados, e não perdidos: a comida para alimentar as criações.

Em diferentes níveis, a mesma inquietação percorria as habitações dos que necessitavam ter à mão as rações diárias de *sancocho* (lavagem). Os que possuíam *convenios porcinos* com o Estado reclamavam dos atrasos e extravios nas remessas dos produtos que cada *particular* tinha direito, consoante os acordos firmados com as

[100] De acordo com as conversões de um *campesino*, em seu pedaço de terra, plantava 50 canteiros de tomate, com um gasto total de mil *pesos* para cultivá-los adequadamente. Nos canteiros mais longos, obtinha até cinco caixas do fruto. Para 50 garrafas do produto final, necessitava moer seis caixas de tomate. Considerando isso, fabricava aproximadamente 2.083 garrafas. Faturava, sem a retirada dos gastos, 12.498 *pesos*, se a *botella* fosse vendida por 6 *pesos* cada.

[101] "Para mim, esse é o 'negócio' que mais dá lucro. Claro, um 'negócio' feito por si mesmo. O 'negócio que mais dinheiro está dando aqui é criar porco para depois revender. Pense só, você compra um porquinho desmamado – 500 *pesos* –, e, em três ou quatro meses, você faz triplo".

cooperativas – "*La comida está muy inestable. Cuando tú tienes la comida en casa el año entero está tranquilo. Ya cuando tú tienes pa' hoy y pa' mañana tú no sabes se aparece... ¡muchacho!*";[102] já aqueles que apenas subsistiam com o que encontravam ou "resolviam" *por la calle* queixavam-se dos altos preços e da má qualidade do que lhes era fornecido; por sua vez, os que conseguiam plantar em algum pedaço de terra lamentavam-se das colheitas com resultados negativos, cujos prejuízos se notabilizavam dentro dos chiqueiros de forma severa; e assim por diante. Não estando isolado de tudo isso, Rigo gastava grande parte de seu tempo à procura de meios para sustentar aquilo que lhe traria benefícios em apenas alguns meses, quando, então, renovaria seu modesto rebanho e, na sequência, retomaria o incansável ritmo de buscas, num ciclo infindável. Sua esposa realçava essa "luta" para a preparação de *sancocho*: "*El pobre tiene que pasar trabajo, Carlito. El pobre pasa mucho trabajo para poder subsistir. Todos los días hay que echar comida a los animales, todos los días. Es una esclavitud*".[103] Tal era a explicação para o motivo de Rigo estar todo o tempo de um lado para o outro com sua bicicleta, na qual carregava consigo um facão, uma sacola e, nos momentos em que previa melhores conquistas, algum recipiente resistente acoplado à garupa. Preparar-se para o que surgisse não era uma escolha, mas uma regra. Se não a cumprisse, perderia os achados para outras pessoas também interessadas em *resolver* algo para os porcos.

Os caminhos percorridos por ele não eram aleatórios. Dominava as rotas que lhe fariam voltar para casa com algum recurso. Agia, ousaria dizer, como um experiente caçador, que, conhecedor de sua presa, lia adequadamente os rastros que facilitariam o seu enlace. Assim, uma das táticas de Rigo era encaminhar-se para as *fincas* onde as *viandas* semeadas, como mandioca e batata doce, estivessem em processo de colheita. Não pretendia roubar *particulares* ou mesmo cooperativas estatais. Em sua moradia, como afirmava sua mulher, não se permitia a prática do roubo, jamais: "*Aquí lo único que*

---

[102] Faço menção aqui aos convênios com as chamadas CCS, *Cooperativas de Producción Agropecuarias y de Créditos y Servicios*, instituídas com a Lei 95, de 2002. O Capítulo II, Artigo 5, traz a seguinte definição para essa cooperativa: "*Una CCS es la asociación voluntaria de agricultores pequeños que tienen la propiedad o el usufructo de sus respectivas tierras y demás medios de producción, así como sobre la producción que obtienen. Es una forma de cooperación agraria mediante la cual se tramita y viabiliza la asistencia técnica, financiera y material que el Estado brinda para aumentar la producción de los agricultores pequeños y facilitar su comercialización. Tiene personalidad jurídica propia y responde de sus actos con su patrimonio*". Tradução da fala no corpo do texto: "A comida está inestável. Quando você tem comida para o ano inteiro é tranquilo. Já quando você tem para hoje, mas não sabe se aparece algo para amanhã... *muchacho*!".

[103] "Pobre passa muita dificuldade, Carlito. O pobre passa muita dificuldade para viver. Todos os dias tem de colocar comida para os animais, todos os dias. Uma escravidão".

no se puede hacer es eso. Pero lo demás es permitido. La defensa es permitida. No se puede robar. ¡Olvídate de eso!".[104] O que fazia, sim, era esperar que os trabalhadores contratados dessem fim à atividade para que entrasse em cena, recolhendo o que sobrara. Ficava com os *rastrojos*, aquilo que fora desconsiderado, as sobras, os pedaços de raízes que não tinham qualidade adequada para o comércio. Como me contou: "*Voy al campo después que ellos ya lo recogieron, y recojo después. Por eso siempre estoy caminando*". Nessa empreitada, necessitava ter em conta os tempos de maturação de cada campo que tivesse como alvo, assim como reconhecer bem o que alguns *campesinos* costumavam plantar nas *fincas* mais próximas. Como, com regularidade, ia às represas e, claro, cruzava vários *terraplenes*, ao redor dos quais estavam os potreiros e os campos de cana e de cultivos diversos, descobrir essas questões não lhe era uma tarefa das mais difíceis – podia observar o crescimento dos plantios e até contatar um ou outro trabalhador para obter informações minimamente precisas sobre o andamento da semeadura/colheita. Ao lado disso, Rigo punha em ação um outro modo de conseguir alimentos sem precisar desembolsar *pesos*, abatendo elementos de sua lista de gastos com os animais. Nas safras de arroz (entre setembro e novembro, mais ou menos), aqueles que tinham semeado esse grão – *campesinos* ou até pessoas que tinham um pequeno pedaço de terra, mas não se designavam como *campesinas* – faziam uso de vários espaços para realizar a secagem dele. Tetos de casas, passeios, pátios, ruas, enfim, quaisquer áreas que fossem cobertas por cimento ou asfalto podiam vir a servir de base para secar os sacos de arroz colhidos (Imagem 5.4). Um dos principais locais ocupados por essa prática era a *carretera de Banagüises*. Em diferentes pontos, os produtores – nesse caso, *campesinos* de *fincas* maiores, dado o volume da produção – dispunham tudo o que colheram em extensas fileiras. No fim da tarde, caminhões ou tratores, juntamente de trabalhadores contratados pelos *campesinos*, passavam recolhendo o arroz já seco. Tal como nas colheitas no campo, restavam sobras do produto. Do *rastrojo* deixado para trás, Rigo fazia, novamente sem a necessidade de terras próprias, uma espécie de *safra chiquita*, para jogar com a nomenclatura oferecida aos primeiros meses de atividade do central.

Os frutos de suas andanças para "recolher" ficavam estocados em um cômodo ao lado de sua cozinha, quase na entrada da casa. Durante uma de nossas conversas, ele

[104] "Aqui, essa é a única coisa que não se pode fazer. O resto é permitido. 'Defender-se' é permitido. Não se pode roubar. De jeito nenhum!".

acentuou o conteúdo de cada um dos sacos e, vez ou outra, como fez para enchê-los: "*Eso es el boniato que yo lo busco en el campo*"; "*Ese arroz, eso yo lo busco en la carretera, botado. Yo lo barro. Mira, seis sacos yo recogí. Ya se los comieron las gallinas. Los recojo para molerlos con yuca para las gallinas*". Mas no seu armazém doméstico e inventado de comida para porcos não vinham expostas somente as matérias obtidas pela via da "busca" do que sobrava nos campos e na beirada da *carretera*, mas também aquilo que fora negociado *por la calle*, como soja, *pienso* (mistura seca elaborada a partir de diferentes tipos de grãos), *afrecho* (tipo de farelo) e uma certa ração de proveniência mexicana. Segundo boatos, esses produtos que eu visualizava no estoque de Rigo podiam ser "resolvidos" com *la gente de los convenios*, nomeação genérica para o conjunto de *particulares* que, em diferentes modalidades, engordavam porcos comprados na mão das *Cooperativas de Producción Agropecuarias y de Créditos y Servicios* (CCS), a fim de revendê-los, antes do abate, para o próprio Estado, que os readquiria a 13 *pesos* a libra.

Imagem 5.4

Linha de arroz

Fonte: Acervo do autor, 2014.

Dizia-se, no *batey*, que os conveniados "poupavam" ao máximo os recursos estatais que granjeavam a preços mais baixos com as CCS e, por conseguinte, revendiam-nos, com os valores reajustados exclusivamente para seus próprios benefícios pessoais, aos criadores domésticos. Também não era incomum escutar que a comida vendida *por la calle*, ainda que fosse, em grande parte, industrializada, não estava ilesa de alterações *a lo cubano*:

“Estão adicionando areia nos farelos”, recordo-me que era uma das acusações dirigidas aos vendedores da *gente de los convenios* no início de 2016. Considerando isso, saber com quem arranjar sacos de *pienso* aparecia como uma importante esperteza, entre tantas outras, que um criador tinha de manejar para fugir dos estratagemas *callejeros* ligados ao “negócio de porcos”. Todavia, se a comida para os bichos “perdia-se”, a solução mais cabível era lidar positivamente inclusive com as alterações indesejadas, pois o definhamento da criação apresentava-se como um problema ainda maior.

De modo geral, independentemente da procedência dos conteúdos do armazém de Rigo – “buscado” ou “resolvido” *por la calle* –, o que ficava em evidência era sua habilidade de forjar maneiras para “defender” suas vantagens, sem prejudicar seus vizinhos, amigos e *socios*. Em outros termos, ele agia como um sujeito *escapado*, ou seja, tinha sagacidade para ajustar e transformar, no momento correto, situações e objetos, extraindo deles – desde os mais simples aos mais complexos – tudo aquilo que pudesse trazer-lhe benefícios para preservar sua continuidade na “luta” ao lado de vizinhos com recursos semelhantes ao dele e também dos moradores que se destacavam pela potência e abrangência de seus negócios, como *la gente de los convenios* e alguns *campesinos* que plantavam cebola em suas *fincas*.

Um último elemento etnográfico acerca da criação de porcos: as mulheres ajudavam, por um lado, a lavar os chiqueiros pequenos e a molhar os porcos, por outro, não se encarregavam de “buscar comida” para os animais. Isso cabia aos homens, daí o aparecimento apenas secundário da esposa de Rigo na narrativa. No entanto, ela também cumpria seus *ahorros* diários para a manutenção do negócio, guardando tudo o que não fosse consumido pelo casal em suas refeições para a posterior feitura da lavagem, como cascas de mandioca, batata doce ou abóbora e restos de arroz, verduras, entre outros. As “buscas” das mulheres estavam mais ligadas aos alimentos da cozinha, sobretudo os que eram distribuídos na *bodega*.[105] Além disso, destaco que os criadores livres, isto é, não pertencentes a nenhum convênio, trabalhavam com o auxílio de familiares, um auxiliando o outro a *salir adelante*: um filho que compra *pienso* para os animais do chiqueiro e galinheiro pertencente a sua mãe; um pai que alimenta diariamente o porco da filha. As alianças entre familiares podem ser comprovadas neste trecho de uma conversa gravada:

[105] Para uma discussão, sobre procura de alimentos em Cuba e moralidades, conferir: Wilson (2009:1-9; 2012:277-91).

"*Mi papá tiene un puerquito que le vale unos 700 pesos, y habló conmigo para que hablara con Onel para que nosotros lo lleváramos pa'llá; él sí habló conmigo que lo vendiera con doscientos o doscientos y pico libras, y después le diera la mitad*". Onel, um dos sujeitos mencionados, era filho de um *campesino* (ou seja, um senhor que plantava em sua *finca*) e trabalhava em uma escola, onde conseguia recolher o que sobrava do almoço oferecido aos estudantes. Para ele, alimentar um porco não era uma tarefa das mais onerosas. Durante minha pesquisa, observei que o casal, em lugar de gastar o que lucravam com o "negócio de porcos" com mercadorias básicas para a própria casa, como era feito por muitos dos meus conhecidos, usava o dinheiro na compra de roupas e calçados em uma *buti*[106] em Colón ou em algum *particular* do *batey* que "viajava para fora". Como uma amiga dizia, não necessitavam se preocupar com o principal: a comida. Resolviam as coisas ou pelo centro de trabalho, ou por via da produção do campo dos pais. Isso lhes facilitava o uso e entrada de *pesos*. Por fim, não se pode deixar de ratificar que, apesar dos auxílios familiares, a ação individual na manutenção e efetivação dos "negócios" sempre tinha a primazia.

ATÉ NA PESAGEM SE RESOLVE ALGO

"*¿Ustedes vendieron la puerca grande aquella?*", perguntei à mulher de Rigo, enquanto cruzava o trecho da casa que conduzia ao pátio. Estávamos no fim de fevereiro de 2016, mas isso ocorrera alguns meses antes, quando nem estava ainda no *batey*. Quem se recordou do tema foi uma amiga que vira passar, na rua principal, uma carroça que levava a porca para ser pesada em uma balança *particular*, como sempre se fazia nas transações com as pessoas do lugar que tinham pontos de revenda de carne (*carnicería particular*) ou com algum caminhoneiro conhecido que, de quando em quando, vinha do *pueblo* ou de La Habana exclusivamente para comprar criações, esvaziando muitos chiqueiros – certos moradores até aguardavam esses dias para que não tivessem de arcar com nenhum dos gastos de pesagem (traslado e balança). Como se tratava de uma *puerca madre*, isto

[106] Tendo Colón como exemplo, seria espécie de loja montada, de forma oculta, na casa de *particulares sin licencia* que, desde as mudanças na legislação sobre viagens ao exterior em 2012, transitavam pelo Equador e Panamá, por exemplo, com o objetivo de conseguir roupas para serem comercializadas a altos preços em *fulas* – uma calça jeans custava de 25 a 40 CUC e camisas masculinas de 15 a 20 CUC. As "versões" de marcas internacionais como Nike, Adidas, Lacoste, Dolce & Gabana e Zara eram as mais procuradas por meus amigos quando iam a uma *buti*. Em La Habana, observei a existência de *butí* formalizadas desde minha primeira temporada de campo. Em 2016, próximo do *Boulevard San Rafael*, importante centro turístico de Centro Habana, já havia um grupo extenso desse tipo de loja, todas ocupando prédios de antigos comércios estatais. Eram mais caras que as *butí* de Colón.

é, “parideira”, seu tamanho era notório e, com certeza, facilmente convertido em *pesos*. Rigo fora obrigado a abatê-la; já não dava boas crias nem alcançava o nível mais baixo da meta anual de filhotes. Além disso, temia perdê-la para alguma enfermidade, uma vez que não possuía recursos para empregar nos remédios importados que surgiram com mais força *en la calle* depois da diminuição das burocracias para viagens ao exterior. “*Ahora que están viajando y eso a Ecuador, a Panamá, estos productos ellos los traen de allá. Es especial. […] Pero saca la cuenta: un pomito de 160ml vale 10 pesos* [no caso, 10 CUC]. *El Estado no tiene la medicina esa*”, falou-me, certa vez, um criador conveniado, que, para salvar alguns de seus animais adoentados, tivera de adquirir tal medicamento, mas o considerava bastante caro, inclusive para ele mesmo.

A *puerca madre* era uma importante fonte de renda. Em suas melhores gestações, ela lhe rendia ao menos 6.000 *pesos* – e isso ocorria duas vezes ao ano. Prevendo que teria de desfazer-se dela, decidiu criar uma nova parideira na penúltima leva de filhotes. Seus gastos com comida aumentaram por alguns meses para que efetivasse essa troca de fêmeas no chiqueiro, porém já estava em vias de receber retornos positivos. Quando o visitei, a porca estava prenhe e iria parir em poucas semanas. Em relação à antiga leitoa, fez questão de assinalar que um açougueiro a comprou por 3.500 *pesos*, valor abaixo do que pagavam pela libra de “porco em pé” (vivo), mas dentro do esperado para a carne já velha (e pouco apreciada pelas pessoas) de uma parideira de 500 libras. Segundo suas explicações, o principal interesse dos compradores nesse tipo de animal era a produção de *manteca* (gordura de porco) a partir da quantidade exagerada de toucinho existente em seu corpo. Por sua vez, a *manteca* operava como um modo *criollo* (doméstico, artesanal) de fugir do escasso *aceite* (óleo de cozinha) controlado pelas quotas mensais da *libreta*, dos negócios suspeitos e inventos em torno desse produto (ninguém sabia exatamente o que se misturava para fazer o *aceite* vendido em algumas casas a 40 *pesos* – 500 ml) e, em especial, das dispendiosas garrafas “liberadas” (isto é, sem quota) no *kiosko* por 2,60 CUC. Ter uma *latica de manteca* (latinha de banha) na geladeira era sempre uma saída paralela a essas opções. Os desafios para adquiri-la tornavam-se maiores nos meses de colheita de batata (entre março e abril, aproximadamente), época em que *papa frita*, e não apenas cozida, transformava-se em um alimento tão cobiçado quanto um pedaço de carne. Assim, quando alguém falava que fritara batata para o jantar, punha em evidência, como um diferenciador, suas possibilidades financeiras e domésticas naquele dia. Menos que

simplesmente arranjar batata – a qual custava 10 *pesos* o *jarro*[107] na mão de *trabajadores del campo*[108] que a "resolviam" durante as colheitas nas *fincas* estatais destinadas ao plantio desse tubérculo ou também nas casas daqueles que a negociavam com os mesmos trabalhadores supracitados e, depois, revendiam-na entre 12 e 15 *pesos*, dependendo da quantidade de moradias e pessoas que estavam *en el lío de las papas* (no "negócio da batata", abarcando a coleta, as "resoluções" e a revenda) –, o problema era poupar *aceite*: "*La papa chupa mucha grasa*", era uma frase rotineira nos diálogos sobre preparação de comida. E, tal qual acontecia em outras situações, se alguém dissesse que servia esse prato com recorrência, não faltariam ponderações sobre as maneiras que ele ou ela encontrava para arrumar os itens necessários para sua elaboração: "Fulano faz *papa frita* todo dia porque carrega coisas do seu centro de trabalho para casa. Ela é cozinheira na cantina da escola. Pode *resolver* isso". Por último, saliento que, significativamente, ao criticarem a distribuição de *aceite* na *bodega*, meus interlocutores não sugeriam um acréscimo da mercadoria industrializada, em vez disso, voltavam aos dias de um certo passado (presente em sua intensidade) em que, atrás dos balcões do mercado, ficavam barris abarrotados de *manteca*, dos quais era retirada uma farta lata que "alcançava" para todo o mês. Para ilustrar essa concepção, volto a uma descrição que uma dona de casa de 42 anos, a qual afirmava ter vivido um pequeno período dos tempos mais "ricos" da Revolução, fez-me da antiga *bodega* local. Em sua apreciação, aparece um mercado em *pesos* provido de mantimentos que se tornaram quase artigos de luxo na atualidade:

> *[...] a mí no se me olvidan esas cosas, yo iba a la bodega, que era ahí donde graban cosas, en esa esquina ahí, eso era la bodega, de madera, con carnicería y todo. Yo recuerdo que yo iba ahí y yo veía las cajitas de mantequilla, las riquísimas uvas en lata, los panes... había unos panes torcidos, había un pan grandón, anchón así, y todo lo que costaba era nada. Y todo era prácticamente que por la libre, no existía tarjeta [o mesmo que libreta] para eso. El café era por la libre. Ya después lo restringieron. Todo lo que había por la tarjeta tú lo podías comprar por la libre también. Por la tarjeta era mucho más barato y liberado un poco más caro, pero más caro un quilo más. [...] La lubrillante se compraba por atrás, y alcohol, y había unos*

[107] Batatas podiam ser compradas ou na *placita* da *bodega* (isto é, na parte exclusiva para o comércio de *viandas*) ou, o mais comum, *por la calle*. Os modos de pesagem demarcavam a diferença entre os dois tipos de venda: no primeiro caso, o peso era mensurado por medidas formais – libra, com uso de balança; já no segundo, a medição era informal (*criolla*, como diziam) – *vaso* (copo), *jarro* (jarro de alumínio), *cubo* (balde), *palangana* (bacia), *jaba* ou *nylon* (sacola).

[108] Nomenclatura utilizada para se referir às pessoas que cumpriam jornadas de trabalho em uma *finca* sem contrato fixo com um *particular* ou cooperativa.

> *tanques 55 galones, y un tanque grandón, grandón, ahí era donde se depositaba. Una cantidad de alcohol y de lubrillante. La carnicería, yo recuerdo los ganchos eso, todo enganchado, lleno de paleta de puerco, de carne de res… antes entraban todas esas cosas… el pescado. Todo, de todo. Después fue que todo cambió, que no había nada… hasta el sol de hoy.*[109]

Apresentada esse parecer sobre a *bodega* de antes, finalizo a história que abriu o tópico. Rigo ficou satisfeito com a transação da porca. Mas nem sempre, acentuo, os trâmites terminavam com efeitos positivos para todos os que nele se envolviam. Como em outros "negócios", os *socios* "buscavam alternativas" e, para tanto, usavam de artimanhas, isto é, *trataban de aplicar*. Quem controlava a pesagem, por exemplo, podia alterar a balança a seu favor, especialmente nas situações em que o dono dela era o próprio comprador/açougueiro. Já os que vendiam os leitões também não ficavam para trás. Se não tinham como manobrar os números fixos do instrumento que não lhes pertencia, ajustavam, tanto quanto possível, as medidas de suas criações. Um vendedor, a esse respeito, me deu estas coordenadas: "*Pero que hace la gente. Tú cuadras con la gente a qué hora ellos van a ir a recoger el puerco. Tú le echas comida antes de la hora que van a ir a pesarlo".* E, inserindo-se na própria explicação como um trapaceador ardiloso, continuou: "*María e yo cada vez que vamos a vender un puerco hemos hecho eso. El comprador dice que va a buscarlo por la tarde, y entonces a las dos y pico, las tres, le llenamos bien la balsa de comida, y cuando llegan a buscarlo y lo llevan a pesar, pesa mucho más por toda la comida que se metió".* Sem hesitar, então, concluiu: "*Todo lo que uno le puede sacar dinero, le saca dinero. Eso es indiscutible. Eso lo va a hacer todo mundo*".[110]

---

[109] "[…] não consigo me esquecer dessas coisas, eu ia à *bodega*, que era ali na casa onde gravam coisas [gravações de séries e outros programas em *pen drive*], nessa esquina ali, isso era a *bodega*, de madeira, com açougue e tudo. Me recordo que ia ali e via as caixinhas de manteiga, as deliciosas uvas em lata, os pães... havia uns pães torcidos, havia um pão grandão, grosso assim, e custava uma mixaria. E tudo era praticamente *por la libre*, não existia *libreta* para isso. O café era vendido *por la libre*. Já depois o restringiram. Tudo o que existia pela *libreta* você podia comprá-lo *por la libre* também. Pela *libreta* era uma pouco mais barato e *liberado* um pouco mais caro, mas só alguns centavos a mais. [...] O querosene você podia comprar pela parte de trás, e álcool, havia uns tanques de 55 litros, e um tanque grandão, grandão, aí era o depósito. Um tanto de álcool e querosene. O açougue, eu me lembro dos ganchos, tudo pendurado, cheio de perna de porco, de carne de boi... antes "entrava" todas essas coisas... peixe. De tudo, de tudo. Depois foi que tudo mudou, que passou a não haver mais nada... até o dia de hoje".

[110] "Mas o que as pessoas fazem. Você combina com as pessoas a hora que elas devem buscar o porco. Aí, você coloca comida para o porco pouco antes da hora de pesá-lo. Maria e eu cada vez que vamos vender um porco fazemos isso. O comprador diz que vai buscá-lo pela tarde, e, então, lá pelas duas e pouco, três, enchemos bem a vasilha de comida dele, assim, ele pesa muito mais por causa do monte de comida que lhe demos. De tudo que alguém pode tirar dinheiro, ele tira dinheiro. Isso é indiscutível. Isso todo mundo faz".

Pepe, um *merolico* que nasceu no *campo*

Entre *volantas* com capim para os cavalos, tratores do central e de *campesinos*, sacos ou baldes de açúcar, máquinas de moer tomate, carroças com porcos e ração e pessoas aguardando os *mandados* na fila da *bodega* ou marcando algum número com os *listeros de bolita* (a loteria informal), passeavam sacolas com mercadorias que não pertenciam às precárias prateleiras da *chopin* do *batey*. Tratava-se, muitas vezes, de objetos adquiridos no *catre* (banca de camelô) de Pepe, um *cuentapropista* de 40 anos que ainda vivia com sua mãe numa casa de alvenaria construída em lote próprio, separada das paredes de seus vizinhos. É parte de sua trajetória que retomo aqui. Suas histórias anteriores e posteriores ao seu "negócio" como *merolico* (camelô),[111] ao serem combinadas com a de outros sujeitos, fatores e situações variadas, encadeiam elementos importantes para refletir sobre a complicada distribuição e apropriação de bens manipulados (isto é, "feitos pela mão do homem") e industrializados, sobre a intensa ligação *batey-pueblos* e, novamente, sobre as temporalidades nativas que estabelecem maneiras de ver e demarcar um *antes* e um *agora* (cf. Capítulo 2).

Pepe nascera em uma *finca* das redondezas, onde, em uma habitação de madeira coberta com telha de amianto, latrina do lado de fora, cercada de árvores frutíferas e com espaço extenso para a criação de animais, vivera sua infância. Seus parentes, todos eles, também moravam na mesma área, mas em casas afastadas umas das outras: "*mi abuela era la que más lejos vivía. Había que entrar por la finca de mi papá y seguir por un terraplén dentro de la caña*". Evocava esse período; fazia, sobretudo, uma caracterização espacial do sítio, bastante diverso da parte em que habitava no *batey*, e também da variedade de alimentos que a família tinha ali à disposição: "*[...]eran otros tiempos, nosostros teníamos puerco, conejo, gallina... una finca, ¡imagínate, tú! ¡Con de todo, con de todo, con de todo! Comíamos super bien. En mi casa, cada dos o tres meses se mataba un puerco. Y las latas de manteca siempre estaban colgadas así [e demonstrava-me com as mãos como estavam penduradas em uma prateleira]... había siempre chicharrones, masa de puerco frita. La finca era de mi abuelo […] y después fue mi papá quien la heredó*". Apesar das lembranças agradáveis, não sentia nostalgia de *allí atrás en el*

[111] O termo *merolico* é usado tanto para falar da pessoa que trabalha como camelô quanto para a sua banca. Esta é chamada de *mesa* ou *catre*.

campo, onde não havia tenda nem escola, salientando que nunca tinha "trabalhado a terra" – "*¡Jamás, Dios te perdone!*", como exclamou quando lhe indaguei, certa vez, algo sobre esse assunto.[112] Seus pais tampouco eram versados *campesinos*, na verdade, viam-se apenas como *guajiros*, porquanto ambos, mesmo estando anos em uma *finca*, exerceram, na juventude, funções não ligadas diretamente à terra: a mãe – uma mulher de Los Arabos, *del pueblo*, portanto – fora *guardaguja* (pessoa que altera a posição das linhas de trem em uma máquina de chave) e professora de primária e seu pai, maquinista – mais exatamente, *trabajaba en los ferrocarriles*. Tal profissão não permitia que este último se fixasse em casa para oferecer o cuidado que a terra exigia; os trabalhos ficavam a encargo do avô de Pepe. Sempre estava em viagens por diversas províncias, das quais voltava com produtos industrializados de boa qualidade: "*A mi no se me olvida que mi papá se iba para Santa Clara, porque en Santa Clara siempre hubo embutidos y cosas de esa, y mi papá traía los paquetes de galleta dulce, los paquetes de galleta salada, las latas de galletica soda, traía unos tubos de jamón, de mortadella. [...] Comida buena, cosas buenas de antes. Antes sí había todas esas cosas buenas*".[113]

Quando já estava na adolescência, sua família deixou a *finca*. Havia ganhado força o que muitos dos que tinham terras designavam como *lío de las cooperativas cañeras*, isto é, a instituição das *Cooperativas de Producción Agropecuaria* (CPA). Darei atenção a esse ponto, antes de seguir com a narrativa de Pepe. Nessa época, os *campesinos* e seus familiares, como me explicaram no *batey*, "animaram-se" (utilizavam o verbo *embullar*), uns aos outros, para a formação de um grupo de pequenos proprietários individuais para "aportar" suas *fincas* ao Estado a fim de instituir, em contrapartida, uma grande, eficiente e lucrativa plantação de cana para ser revendida às empresas açucareiras. Um dos

---

[112] Destaco que, nessa descrição, o *batey* torna-se o *pueblo* do campo. Tanto é assim que, ao relatar seus trajetos diários à escola primeira, Pepe salientava características definidoras dessa divisão: " *[...] Mi escuela siempre fue aquí, y entonces, a veces, cuando no llovía veníamos en bicicleta, pero, cuando llovía, mi papá, como trabajaba en ferrocarril, venía a buscar por la línea en una chispita de línea esa. […] Pero, a veces, cuando llovía me quedaba aquí [na casa de sua avó, que saíra do campo antes de seus país] y cuando no llovía también… como era el pueblo, ¡imagínate tú!*".

[113] Tradução livre dos trechos longos em espanhol que aparecem no parágrafo: (1) "Eram outros tempos, tínhamos porco, coelho, galinha… um sítio, imagine! Havia de tudo, de tudo, de tudo! Comíamos muito bem. Em minha casa, a cada dois ou três meses matava-se um porco. A as latas de gordura de porco sempre estavam penduradas assim [demonstrava-me com as mãos com eram postas em uma prateleira]... tinha sempre torresmo, carne de porco frita. O sítio era do meu avô [...], mas depois meu pai o herdou". (2) "Me lembro bem que meu pai ia para Santa Clara, porque em Santa Clara sempre houve embutidos e coisas desse tipo, e meu pai trazia pacotes de biscoito doce, pacotes de biscoitos salgados, latas de refrigerante de limão, trazia presunto, mortadela. [...] Comida boa, coisas boas de antes. Antes, sim, havia todas essas coisas gostosas".

benefícios que teriam – e isso era posto como um dos aspectos que mais proporcionara a dita animação – era a possibilidade de ganhar uma casa mais próxima do *batey*, logo dentro de um espaço urbanizado e com corrente elétrica, algo que inexistia na maioria dos campos até então: "Os *campesinos* estavam atrás de eletricidade, de poder ter uma geladeira em casa", destacou-me uma anciã que participara ativamente dessa movimentação. Foram feitas várias reuniões e representantes do governo deram os direcionamentos e explicações sobre o processo; a partir disso, fundaram-se, uma após a outra, as CPA,[114] cujos administradores eram os próprios *campesinos*, também chamados de *cooperativistas*. Além das habitações familiares, para as quais se doavam as matérias-primas usadas em sua construção, uma das incumbências das cooperativas era cuidar da produção para o autoconsumo dos *cooperativistas*: junto do plantio de cana, havia a preocupação de manter espaços destinados ao cultivo, por exemplo, de arroz, mandioca, batata doce e feijão, sendo que as colheitas anuais deveriam ser divididas entre aqueles que "deram" suas terras. Conversando com tais *campesinos* entre 2013-2016, pude notar insatisfações em relação à distribuição desses alimentos, muitos já nem mesmo recebiam nada. Um amigo que cuidava do autoconsumo numa cooperativa local disse-me que essa era a seção que menos importava ao administrador naquele momento. Em sua ótica, havia um descompasso entre o que se prometera e o que efetivamente se praticava. Para ele, a organização havia chegado à falência, dando como justificativa para sua conclusão o fato de que grande parte das *fincas* aportadas estavam cobertas de arbustos sem serventia (*marabú*),[115] não se plantava nem cana nem cultivos vários. Tudo parecia que fora perdido. E essa não era somente uma opinião solta entre tantas outras. Quase sempre, quando conversava com pessoas que foram afetadas pelas CPA, elas não titubeavam em afirmar que, incialmente, as atividades e projetos funcionaram adequadamente; com o passar dos anos, no entanto, os processos foram sendo travados, as cooperativas tornaram-se ineficientes, tendo dificuldades de bater as metas de safra e de controlar os gastos com insumos. Houve casos de atrasos salariais e perdas de equipamentos (tratores, principalmente) por falta de manutenção – questões que se ligavam às problemáticas do

[114] Na região do *batey*, incluindo outros povoados, existiam quatro importantes CPA em que os moradores trabalhavam como *cooperativistas* ou como contratados.
[115] Havia, contudo, trabalhadores do Estado que se dedicavam, em outros locais, ao corte de *marabú* para a produção de carvão. Para se referir a eles, as pessoas diziam, por exemplo: "[...] *no sé si había llegado a México porque él trabaja en el marabú, se queda en Retana*".

Período Especial, mas que se arrastavam até o ano em que realizei minha última temporada de pesquisa.

Imagem 5.5

Só de olhar o canavial, as lembranças

Fonte: Acervo do autor, 2016.

Em março de 2016, por exemplo, acompanhei um senhor em um passeio pelos *terraplenes* que levavam às *fincas* que faziam parte da cooperativa à qual ele e seus parentes (irmãos e um cunhado) pertenciam (Imagem 5.5). Suas avaliações negativas do "negócio" misturavam-se a rememorações de toda uma vida que fora apagada com as plantações de cana que tomaram conta dos espaços que, para além do *batey*, compunham *colonias de campesinos*. Como um arqueólogo, ele mostrava-me diferenciações e delimitações entre paisagens que me pareciam idênticas: "aqui era a *finca de* fulano, onde havia tais e tais cultivos"; "ali ficava a cisterna da família de cicrano"; mais além, o *lindero* (limite) entre os *campos* das famílias *x* e *z*"; "deste canavial até aquele outro era o terreno do meu avô"; "aqui vivia uma família que conseguiu não entrar na CPA"; "lá, ao longe, morava o senhor *y* que possuía a maior quantidade de terras entre os *colonos*". Assinalava os lugares onde, no passado, ocorriam festas e encontros – tudo transformado – não se cansava de repetir – em um campo de cana malcuidado. Em seu discurso, uma extensa população (passada) tomava conta, de ponto a ponto, do *terraplén*, dando formas à monotonia que fora instituída pelas cooperativas. As árvores serviam-lhe de apoio para medições e localizações. Por vezes, confundia-se entre os *callejones* (caminhos que cortam o *terraplén*). Buscava, nesses momentos, algum conjunto antigo de palmeiras ou bosques.

Quando considerava exagerado o uso incorreto dos terrenos pelas cooperativas, falava que tudo estava desbaratado, pondo em ação uma ideia de arruinamento: "Apesar da quantidade de pedras e sequidão que se vê hoje, esse lugar era, antes, coberto de cana. O solo era muito bom".

Para finalizar esses breves apontamentos sobre todo o complexo movimento de *cooperativistas* surgidos em fins dos anos 1970 (o tal *lío*) – o qual, sem dúvida, mereceria um olhar mais aprofundado e detalhado, mas isso destoaria dos objetivos desta parte e também da tese –, observo que um *campesino*, por volta dos 40 anos, que ficara apenas com uma *finquita* herdada de seu pai, apresentou-me as seguintes considerações pessoais:

> [Perguntei-lhe como havia sido *todo aquello*, ao que me respondeu:] El *Estado dijo el que quisiera entregar la tierra que le entregara a él, y mi abuelo la entregó, pero se quedó con un pedacito para el consumo de la casa. [...] Hoy yo no la iba a dar para la cooperativa. Eso se dio que el Estado les dijo a los campesinos: 'No, ustedes deben dar la tierra a la cooperativa, será un trabajo más unido'... Pero al final eso fue una bobería. Todo mundo se quedó sin nada. Ese es mi criterio. Algunas personas se quedaron con su pedazo de tierra. Mira, esa gente no la entregaron [apontando para a casa dos vizinhos]. No se la dieron a la cooperativa. Ellos dijeron que no, que ellos no la entregaban. […] Los Raymundo, que viven un poco más lejos, también les dijeron lo mismo, dijeron que no. Mi abuelo sí la entregó*.[116]

A antiga *finca* da família de Pepe ficara imersa, como a de outras pessoas, nos canaviais. Como não se interessava por tudo o que estava ao redor dos manejos do campo, não se importava, igualmente, com os usos que tinham sido dados às terras de seu avô paterno. Isso não significa que se abstinha de opinar acerca dos supostos auxílios que seus familiares poderiam gozar com o correto funcionamento da CPA. Sua avó, por exemplo, tinha direito de receber as quotas das colheitas, mas isso não acontecia de forma adequada, ou melhor, não havia uma regularidade, o que servia de motivo para que ele criticasse o trabalho feito pelo Estado, representado, no caso, pela figura do administrador

[116] "O Estado disse que aquele que quisesse entregar a terra que lhe entregasse, e meu avô a entregou, mas ficou com um pedacinho para manter o consumo da casa. [...] Hoje eu não a daria para a cooperativa. Isso aconteceu porque o Estado falou para os campesinos: 'Não, vocês devem dar a terra para a cooperativa, será um trabalho mais unido'... Mas, ao final, tudo isso não passou de uma besteira. Todo mundo acabou sem nada. Essa é a minha opinião. Algumas pessoas ficaram com seu pedaço de terra. Olhe só, esse povo [apontando para a casa dos vizinhos] não quis entregá-la. Não a deram à cooperativa. Eles disseram que não, que não a entregariam. [...] Os Raymundo, que vivem um pouco mais distante, também disseram a mesma coisa, disseram que não. Meu avô, sim, a entregou".

e demais trabalhadores cooperativistas. A falta de seriedade e vontade de fazer com que a instituição se desenvolvesse era posta como uma das explicações para o declínio do projeto. Mas Pepe não era de todo contrário aos posicionamentos daqueles que se envolviam nas atuais atividades da CPA. Para ele, o descaso dos *cooperativistas* podia ser explicado pela ausência de estímulos. Os *colonos* que aportaram seus terrenos ao menos haviam obtido incentivos – casas, geladeiras, materiais de construção, dentre outros –, por esse motivo batalharam para que os processos acontecessem e a empresa crescesse. Já os atuais trabalhadores não tinham esperança de receber nenhuma provisão – só garantiam, em certa medida, um posto de trabalho formal de baixo salário e uma alternativa das mais precárias para *resolver* algo simples (o chefe era o único que tinha, na visão do meu amigo, a oportunidade de alcançar honorários melhores por meio de pequenas e eficazes resoluções).

A avó de Pepe, conquanto não estivesse usufruindo como lhe cabia das cotas de autoconsumo, recebera sua extensa e bem localizada casa (com um portal que se abria para toda a área principal do *batey*, próxima dos mercados e também da rodovia que levava a Colón e a San José de los Ramos) da CPA a que seu já falecido esposo deixara as terras. Ele também desfrutava, por meio dos acordos de seu pai com o central, de uma moradia feita com recursos do Estado. Assim, mesmo mantendo-se alheio à cooperativa e à terra, não negava que ambas tinham ainda influência na sua experiência no *batey*; fora através delas que conseguira fincar-se numa região mais centralizada, distante daquilo que não gostava: *o campo*. Acerca da aquisição de sua casa e de outras do entorno, Pepe ressaltava:

> *Esta casa fue hecha por el Estado. Hasta el año pasado se estuvo pagándola. Se la descontaban de la chequera de mi papá. No es una casa hecha particular. Todas estas casas que hay aquí, esta hilera completa hasta allí atrás, son casas hechas por el Estado. Ahora ya es nuestra ya, pero todavía hay jodedera por la propiedad… casi todo mundo con las casas pagas, y no acaban de dar el documento oficial que diga que la casa es nuestra… siempre están cambiando de jurídico, no sé cómo es la jodedera, no sé cómo es pa'quí pa'llá, y no resuelven el problema. Yo se lo he dicho a mi papá que eso hay que moverlo.*[117]

[117] "Esta casa foi feita pelo Estado. Até o ano passado nós ainda estávamos por ela. As prestações eram descontadas da aposentadoria do meu pai. Não é uma casa feita com recursos próprios. Todas as casas que existem aqui, esta fileira completa até ali atrás, são casas feitas pelo Estado. Agora já é nossa já, mas ainda há uma complicação pela propriedade... quase todo mundo com as casas pagas, e não nos dão o documento oficial para comprovar que a casa é nossa... sempre estão mudando de advogado, não sei como é essa

A preocupação dele com o "documento oficial" contornava um aspecto fundamental: receava que mudanças na legislação cubana sobre habitação ou, o mais provável, na direção e organização do central trouxessem implicações inesperadas para sua família, como a perda de propriedade do imóvel. Como acontecia com os *socios* comuns, não se podia confiar no Estado, aliás, o Estado estava entre os *socios* menos confiáveis. "Todos os dias modificam alguma coisa nas leis, mas sempre a favor do governo", essa era uma assertiva que escutei várias vezes e por motivos diversos, como os que se relacionavam aos impedimentos na venda de roupas compradas fora do país por *cuentapropistas*, ao tabelamento dos preços das colheitas para evitar/diminuir revendas *por la calle*, entre outros. Tomar cuidado em relação à casa que ainda pertencia ao central – já que não havia papéis que comprovassem que foram pagas todas as parcelas anteriormente acordadas – era uma forma de "ver adiante".

MAPEANDO OS NEGÓCIOS DO BATEY

Os pais de Pepe já não moravam juntos, apenas mantinham encontros esporádicos. Na casa que receberam do central, viviam sua mãe, ele e seu companheiro, numa convivência que guardava certa tensão. Ainda que o espaço fosse suficiente para todos e a entrada de comida não aparecesse como um problema, as "mentiras" e os "negócios" dele geravam incômodos em sua mãe, que não se arriscava entrar em nenhuma confusão que pudesse difamá-la entre os vizinhos ou trazer-lhe maiores problemas com o *jefe del sector* ou com seus diretores de trabalho. Sustentava-se (ou aparentava isso) com o salário que recebia em um emprego formal no escritório do central e com sua respectiva quota da *libreta*. Às vezes, levava uma ou outra sacola com legumes *regalados* por algum *campesino*. Pepe e seu esposo encarregavam-se de arrumar a carne diária e, quando possível, uma garrafa de refrigerante *inventado*, do contrário, não teriam nada além de *picadillo de soya* (carne moída de soja) ou *chícharo con huevo sancochado* (tipo de sopa de ervilha) na *comida*, semelhante ao que era servido nas cantinas das instituições estatais. Ele comentava, sorrindo, que sua mãe sempre reclamava de suas ações, mas nunca deixava de comer o que chegava para o jantar. O acesso aos alimentos era, nas semanas em que ocorriam as maiores brigas entre ambos, o principal sinal de que havia divisão na casa. Cada um fazia,

---

palhaçada, não sei como é... ficam jogando as coisas de um lado para o outro, mas não solucionam o problema. Eu já falei com eu pai que é preciso arrumar uma maneira de botar isso para frente".

separadamente, sua própria refeição, sendo a de sua mãe, é claro, a menos sortida: "Hoje nós comemos *lomo ahumado* [lombo defumado *criollo*], e ela cozinhou só arroz com feijão, era o que tinha". Isso lhe causava lástima, de toda forma, bem sabia que era pela comida que conseguia resguardar seu lugar na relação. No começo de 2014, a proporção das desavenças aumentou de tal maneira que os mantimentos que adquiria com seu companheiro passaram a ser guardados em seu quarto, não nos armários coletivos da cozinha.

Queria, já há alguns anos, *independizarse*, comprar sua própria *casita* ou, no mínimo, alugar algum espaço – cogitava até mesmo viver na *cuartería*[118]. Faltava-lhe, entretanto, meios para arcar com os custos. Uma de suas ideias era revender, por uns 600 *pesos* (*fula*)[119], o cobiçado *teléfono de 400 minutos*, com o qual podiam ser realizadas chamadas para telefones fixos e celulares, pagando menos de 10 *pesos* (*cubanos*) ao mês para manutenção da linha. Ganhou esse aparelho nos anos em que trabalhou no setor educacional em Colón. Como contrapartida pelo acesso facilitado ao serviço, devia disponibilizar o telefone à população de sua rua, o que fazia apenas em parte, pois não gostava de vizinhos circulando dentro de sua casa todo o tempo. Se quisesse, como faziam outros donos de linhas telefônicas (fixas ou de *400 minutos*), poderia cobrar, informalmente, para dar recados e também pelas ligações concluídas por seus vizinhos, "negócio" denominado de *pública*: "*Ella tiene una pública*"; "*Voy a la pública*"; *"Fui a la pública del pozo de caña*". Preferia guardar seus minutos para seus interesses *particulares* e, assim, não ter de gastar com chamadas feitas de seu celular.[120] Em suas contas, uma *pública* lhe traria somente prejuízos e incômodos: "*Lo que se ganan son pesetas, quilos*", ou seja, nada.

---

[118] No *batey*, eram os albergues de trabalhadores que foram separados para a construção de casas de poucos cômodos, com privacidade reduzida, já que havia o compartilhamento de um mesmo corredor para acessar a porta de entrada e os quartos eram unidos uns aos outros, parede com parede. Normalmente, quem vivia nessas moradias eram pessoas mais jovens, recém-casados e, em especial, *orientales*.

[119] Faço esse uso aqui para acompanhar meus interlocutores, que nem sempre acionam uma diferença verbal entre CUC e *moneda nacional* para designar os valores dos objetos. Eles sabem o que é em cada moeda. Mercadorias industrializadas costumam ser em CUC, o que facilita entender a que fazem referência (*fula* ou *peso*) quando dizem que *x* vale tantos *pesos*. Algumas pessoas, quando me davam o preço de algumas coisas, faziam questão de enfatizar, para que eu não me confundisse, o adjetivo *cubano* depois de *pesos*: "*Un trabajador del campo cobra 40 pesos... cubanos... para pinchar de las 7 hasta las 11 de la mañana*". Nesse caso, por exemplo, 40 CUC seria um valor absurdo. É permitido pensar também que o tipo de transação determina o tipo de moeda, sem que este seja sequer diferençado verbalmente.

[120] No Capítulo 1, no tópico "Uma *renta* no *pueblo*", dou alguns detalhes do funcionamento das ligações entre telefones fixos e celulares em Cuba.

Seguindo o plano de vender o aparelho, faturaria o necessário para adquirir uma casa pequena e mal-acabada de uns 15.000 *pesos*, mas ficaria sem verba para comprar refrigerador, fogão e a maioria das mobílias e utensílios domésticos, porquanto quase todos os objetos que existiam em seu lar eram de sua mãe, da época em que ainda moravam na *finca allí atrás*, nada era da *chopin* – jogo de *butacas* (tipo de poltrona), *sillones* (cadeira de balanço), *batidora rusa* (liquidificador), cadeiras e mesa de jantar. Não se preocupava apenas com o televisor, que podiam "resolver" no centro de trabalho de seu esposo. Por sua parte, o aluguel não exigiria que o telefone fosse transacionado, mas estava completamente fora de suas possibilidades – mesmo não sendo de todo tão caro, havia habitações de 180 *pesos* ao mês. O problema é que, naquele momento, sua fonte de renda escasseava dia após dia e precisava manter o pagamento regular de sua *licencia de cuentapropista* para não ter novos desajustes com a justiça. Pepe, naquele momento, ainda não saíra do *lío* em que entrara por haver, de sua perspectiva, "resolvido" mercadorias para revender *en la calle*, quando estava empregado em um armazém que fazia a distribuição da *canasta básica familiar* (alimentos da quota da *libreta*) para diversos povoados (um adendo: estes eram os *inventos* reprovados por sua mãe). Alguém o *echó pa'lante* para o chefe da empresa, que levou o caso para a polícia. Por esse motivo, estivera preso por um tempo. Sob vigilância, vez ou outra, um funcionário da justiça averiguava seu comportamento: os 150 *pesos* da *licencia* eram uma obrigação inegociável, isto porque indicavam que estava atuando de forma "disciplinada"... ou, então, deveria buscar algum trabalho formal no Estado, como as vagas de operário no central, as quais não exigiam qualificações específicas.

Essa última opção lhe parecia a menos agradável: "Não quero voltar para o Estado", sempre enfatizava. Já não a tomava, todavia, como uma escolha remota, fora do conjunto de possibilidades – a verdade é que tentara contatos em Colón para ver o que surgia, no limite, teria de aceitá-la como um modo de "defender-se". O *catre* que se encarregava de abrir todas as manhãs não trazia novas ofertas de mercadoria, desguarnecia-se cada vez mais. Sem as utilidades que os moradores procuravam para suprir aquilo que não conseguiam pela via dos mercados estatais, não fazia sentido continuar com o negócio. Na realidade, vazio, seu *catre* se assemelhava às desprestigiadas e escarnecidas tendas de artigos para o lar em *pesos cubanos*. Havia uma razão para essa visível falência. Pepe não era dono do *merolico*, em vez disso, trabalhava para Yaimara,

uma *particular* que sustentava duas outras *mesas* em Colón. O *batey* era, para ela, um local estratégico, dado que nas redondezas poucos *cuentapropistas* dedicavam-se a isso. Contudo, havia sido desfalcada nos meses anteriores ao esvaziamento do negócio: seu namorado, como descobri no dia em que fui a sua casa com Pepe, pegara o dinheiro que ela havia reservado para a manutenção dos *catres* para pagar uma *cigarreta* (espécie de lancha) para tentar entrar nos Estados Unidos. Ele havia vendido também o televisor de plasma e o DVD de Yaimara. Vários foram os rumores ao redor do caso, mas perderia o fio desta narrativa se os abordasse. O ponto que me interessa demarcar é que, verídica ou não, a história (talvez um *cuento*) de Yaimara provocara efeitos desmedidos na *mesa* administrada por Pepe: tirava apenas o suficiente para cumprir com os deveres da *licencia*. Cheguei a vê-lo prestando contas de um precário resultado de 12 CUC ou 300 *pesos* por quase um mês de vendas. Não havia alternativa para sua amiga, teria de fechar o *catre*. Isso provocou um grande desassossego em Pepe.

Por algumas semanas, sempre que nos encontrávamos ou quando ele visitava Amparo – os dois eram amigos de infância –, o assunto era o mesmo: qual negócio poderia começar? A resposta: "*Ya no hay lo qué hacer. Todo ya fue inventado*". Numa das discussões sobre *inventos* possíveis, obtive uma espécie de mapa mental básico de mercadorias e comerciantes (com ou sem licença) do *batey*. Este passou, sem qualquer ambiguidade, de um lugar em que *no hay nada*, como diziam, para um lugar em que *hay de todo* – como também afirmavam. Apresento uma breve lista, uma enumeração sem hierarquia, se se quiser, como se fosse feita/dita por meu amigo, atrelada a minhas próprias observações e conversas com moradores diversos. Com essa estratégia textual, meu intuito é revelar uma pequena parte do que existia como *negocio* e *invento*, as interações (os diversos circuitos de objetos e pessoas) necessárias para que fossem efetivados e, em especial, o que se costumava expressar ou conjecturar a respeito daquilo que os tangenciava:[121]

> *Refresco gaseado*: Há bastante gente nisso. Por exemplo, meu vizinho que vende *lomo ahumado* também trabalha para um *particular* que fabrica *refresco*; aquela casa bem debaixo do campanário. A senhora que vive ali é aposentada e a filha é enfermeira em Colón, mas mantém esse negócio, dizem

[121] Todas as ideias contidas nessa lista provêm de falas e comentários sobre os *negocios* no *batey*. Alguns deles até mesmo fazem parte de entrevistas maiores com diferentes *particulares*, bem como com moradores não envolvidos em *inventos* para fazer dinheiro por fora.

que lhe serve para a criação do neto, *resolve* um pouco; a dona que mora na frente do *molino de arroz particular*, cujo filho dedica-se a fazer *maní* molido, *turrón* (doces de amendoim) e *pastel de guayaba* (doce com recheio de goiaba) para vender, em sua bicicleta, pelas ruas do *batey*; a mulher que vende sorvete costuma ter esse produto também. Como mora próximo da *carnicería particular*, seus estoques acabam rapidamente, aí há um fluxo grande pessoas, está bem localizada. Todos esses vendedores recebem as garrafas de *gaseado* de três fabricantes principais. Um deles vive em Banagüises. O outro é meu primo. Às vezes, as pessoas comentam que seu *refresco* não está tão bom porque não é feito com extrato líquido, mas com suco em pó *inventado*: compra na mão de pessoas que misturam o pó verdadeiro (da *chopin*, *Piñata*) a outras coisas. Além disso, ele tem dois *bicitáxis* arrendados no *pueblo* e sempre mantém animais no chiqueiro da sua casa. Como mora para os lados da *pollera*, pode criar mais porcos para revenda e outros bichos para o próprio consumo; seu pai, inclusive, possui uma *finquita*, de onde retira os alimentos para o cuidado das criações. Já o terceiro, falam que é de Colón; traz o carregamento para distribuir a seus revendedores em uma carroça. Agora que há *contadores* nas casas, o negócio dos *refrescos gaseados* vale menos a pena, por isso que, de vez em quando, a gente já o compra quente. O lucro de 2 *pesos* em cada garrafa se perde praticamente no pagamento da conta de luz mensal (aquele que revende a mercadoria a adquire por 8 *pesos* na mão do fabricante e a comercializa por 10). Outras pessoas que fazem algum dinheiro com os *gaseados* são aquelas que juntam garrafas PET e suas respectivas tampas. Tudo pode ser reaproveitado e virar um negócio. *La gente está escapada*.

Panetela: Há um senhor que construiu um forno lá perto da padaria, do lado da cooperativa. Passa vendendo *panetelas* (bolos) em sua bicicleta. Usa na massa essências de vários sabores que vêm de *La Cuevita*, trazida por *merolicos*. Existem algumas dificuldades para a fabricação *panetela*: é preciso ou ter algum *socio* que facilite a entrada de gás de cozinha ou possuir um forno *criollo*, feito com um tanque de metal, semelhante ao que é usado para fazer *pizza*; a aquisição de ovo é também um problema, assim, há que arranjar maneiras de consegui-lo *por la izquierda*. Se não fizer isso, o vendedor não terá ganância, já que os *campesinos* chegam a cobrar 1 *peso* por cada ovo. Uma outra forma é comprar os ovos da *canasta* daqueles que desejam *resolver* alguma *peseta*, tem gente que se dedica a isso. Ou, ainda, ter um galinheiro em casa, mas aí entram os gastos com o cuidado das galinhas, sem contar a necessidade de vigiar a criação: sempre aparecem notícias de roubos durante à noite.

Pizza: Falei do comércio de *pizza*. Estão vendendo isso *en la calle* agora, na hora da merenda na primária. Quem faz é o rapaz que se "acha estrangeiro", que fica falando inglês e francês e "se mete" com os *yumas* da Espanha que vêm ao *batey* para *hacerse santo* lá pelo mês de setembro. Mora na *Calle de las Palmas*. Ele faz a *pizza* do que você desejar, só precisa levar os ingredientes para acrescentar, como pimentão, cebola, queijo, presunto. A verdade é que esse moço investe apenas na massa, no *puré de tomate* e, claro, no forno *inventado*. Isso não sai tão barato, especialmente no período em que há pouco

tomate. O melhor a fazer é comprar o fruto com algum *campesino* (antes que passe para os revendedores da rua, que aumentam o preço do jarro) e preparar suas próprias garrafas de *puré*, alugando máquinas de moer.

Paladares: Atualmente, os *paladares* estão na moda. O problema é que o *batey* não é igual a Colón: as pessoas não querem gastar dinheiro com jantar; se têm algum *peso* sobrando, vão ao *pueblo* para passear. Não dá negócio *paladar* desse tipo aqui. *Timbiriche*, sim, principalmente na época de safra de açúcar. Aquela casa que vende pão com maionese, carne (preparada com cabeça de porco) ou omelete e também suco de abacaxi ou manga fica cheia de trabalhadores durante o dia. Nunca está vazia. Deve ganhar até mesmo um bom dinheiro com os cafezinhos servidos: 1 *peso* por uma xícara pequena, e a proprietária passa o dia com a cafeteira posta em uma trempe – para não ter perdas, não usa a *ornilla eléctrica*, mas sim dois fogões de petróleo. Começou vendendo doces e foi crescendo. Já possui até uma *nevera de la chopin* (freezer). Seu esposo a ajuda, apesar de ter um posto de trabalho em Varadero. Mas para manter seu *timbiriche* funcionando adequadamente necessita *resolver* um monte de coisa, senão acaba como a *guarapera*, que iniciou a todo vapor e, depois, despencou. Por exemplo, houve uma semana que não se encontrava ovo em nenhum lugar, mas esse *timbiriche* seguiu com a preparação de omelete. Com certeza, a proprietária tem seus *socios*. De madrugada, voltando da discoteca em Gertrudis, já vi gente circulando com sacos de pães por aquela área. E não é nenhuma novidade reclamações sobre a qualidade ruim dos pães ofertados pela *libreta* à população. Sempre falam que os padeiros arrumam algum jeito de guardar farinha e fermento para ter alguma *búsqueda*, seja fazendo pão para revender, seja passando para frente os pacotes de mantimento "resolvidos". De toda maneira, não é menos verdade que, quando aparecem carroças e caminhões com abacaxi, a dona desse *timbiriche* tenta pegar o máximo possível, e, claro, pechinchando, ganha mais descontos pelos produtos. Tudo isso precisa ser planificado. Uma questão a ser considerada no *batey*: a competição, que se vincula à inveja (também dito *estar con los ojos arriba de uno*). Ninguém pode ver o progresso do "negócio" do outro. Comenta-se que farão um outro *timbiriche/paladar* ali em frente à praça. É da família desse pessoal que tem filhos fora do país. O lote já foi até comprado e fizeram uma estrutura de ferro, com materiais "resolvidos" no central. Eles querem tomar conta de tudo. Não acho que aqui tenha uma demanda para tanta gente vendendo lanches, ainda prometam algo um diferenciado, com pratos um pouco mais elaborados que um simples *bocadito* (pão com alguma pasta), como macarrão, *arroz congrí* (prato que mescla arroz e feijão).

Paletica: Tenho uma vizinha que está no *lio de las paleticas* (picolé caseiro ou *duro frío*). Não dá muita entrada: gasta energia elétrica, açúcar e leite, mesmo que este último seja quase somente água. Como tem dois filhos pequenos e seu pai é um idoso com direito a leite de vaca na dieta, usa o que a *bodega* libera para a família para preparar o picolé. As outras poucas pessoas que fabricam isso em suas casas normalmente têm ao menos uma vaca como animal de criação em suas *fincas*. É muito difícil encontrar leite no *batey*, e, pagar por

ele, não é uma boa estratégia para manter algum "negócio". Quem produz iogurte, por exemplo, só alcança benefícios se cuidar de uma vaca. Por isso, quase não se encontram moradores nesse ramo. Porém, se você faz tanto *paletica* quanto iogurte, não resta dúvida de que os venderá.

Lomo ahumado e embutidos: Carne tem sempre uma boa saída, seja no intercâmbio de porcos em pé, seja na revenda de suas partes nas *carnicerías particulares*. Há os que se prestam apenas à feitura de *lomo ahumado* e embutidos. O vizinho que falei que vende *refresco*, um açougueiro próximo do campanário, um moço que mora perto do *enfriadero*, aquele *campesino* da cada bonita de dois andares e, por fim, o que vive perto da cooperativa. Todos eles têm um forno específico para a preparação da copa de porco (*aguja*). Trata-se de um tanque de ferro, "resolvido" com algum *socio* do central – meu vizinho, por exemplo, trabalhava nos moinhos aí na empresa, para ele, foi fácil arranjar esse material –, depois, é só fazer as aberturas necessárias e soldar as portas (Imagem 5.6). Utiliza-se carvão para defumar, o qual é comprado ou ajustado com trabalhadores que têm contato com empresas estatais de carvão. Em outros *bateyes*, lá para os lados de Martí, onde há muitos campos de *marabú*, há sempre casas que revendem carvão a preços mais baratos dos que os dessa região, que não tem esse tipo de produção. Os *campesinos* e *trabajadores del campo* que, aos domingos, vão para a feira agrícola de Cárdenas têm facilidade de realizar encomendas de tal mercadoria, pois trafegam em caminhões e, costumeiramente, dispõem de documentos formais que comprovam suas andanças por aqueles lados – como cartas/levantamento de mercadorias das cooperativas a que se vinculam e carteiras de "associados" da ANAP (*Asociación Nacional de Agricultores Pequeños*). Caso prefira, o fabricante de *lomo* pode fazer seu próprio carvão, mas vai "passar dificuldade" porque precisará construir um forno de terra para deixar a madeira no ponto de carvão. Alguns *orientales* dos *albergues* de Viscaya se dedicam a isso, quando não conseguem *pinchas* mais fáceis no *campo*. Ademais do carvão, há gastos com um produto químico que é injetado na carne, "resolvido" também *por la calle*, sal e, nos melhores fornecedores, *salsa china* (molho de soja) da *chopin*, assim como as copas, comercializadas por 25 *pesos* a libra com açougueiros. O preço final do *lomo ahumado*: 40 *pesos* a libra. É lucrativo e a sai com facilidade; para iniciá-lo, entretanto, é necessário um investimento razoável. E já há muitos pontos conhecidos no *batey*.

Coquito: Esse é um dos *inventos* mais simples. Há duas duas moradoras do *batey* que sempre o vendem: uma senhora é ali do *barracón* e a outra, a irmã de um dono de *finca* que sempre está no passeio da *cafetería*. Para prepará-lo o mais substantivo é o açúcar, que, nos períodos de safra, pode ser *buscado* no central. Já para cozinhar, basta improvisar um fogão à lenha no quintal. Os cocos se arranjam em alguma mata ou a preços baixos com *campesinos* ou pessoas que os recolhem. O menos compensador é o preço cobrado por esse doce: um *Martí* (1 *peso*, referência ao cunho da moeda com a imagem de José Martí) – daí ser uma opção para aposentados que projetam incrementar algo à *chequera* mensal.

Junto de todos esses *inventos*, poderiam ser enumerados vários e vários outros, entre os quais apenas alguns são movidos por *gente* com *licencia de cuentapropista*. Aqui no *batey*, tudo, quase sempre, é feito a *lo informal*, sem *los papeles*, porque, para ter documento, a dedicação deve ser maior e as "vantagens" significativas. Nessa situação, há pedreiros, cabeleireiros, carpinteiros, pintores, mecânicos... Outra coisa: muitos dos que improvisam meios (um, dois ou mais) para *salir a defenderse* estão vinculados a algum centro de trabalho fixo e, na medida do possível, "arriscam-se" para *resolver* o seu "problema" e o de sua casa. E digo mais: os precários serviços ofertados pelo Estado são, em sua maioria, postos à disposição da população por *particulares*: o mesmo sapateiro que atua em um *taller estatal* conserta sapatos como *particular* – exemplo que é seguido por outros profissionais.

Imagem 5.6

Negócio de lomo ahumado

Fonte: Acervo do autor.

IR A LA CUEVITA COMO SOLUÇÃO PARA UM NEGÓCIO NO BATEY

Como notei durante nossas convivências e conversações, Pepe reconhecia, com efeito, grande parte da mecânica dos "negócios" locais – característica que partilhava com muitas das outras pessoas com as quais eu interagia com certa frequência e que sempre tinham noções e ideias de como mover-se em um cenário de "buscas" direcionadas a todos os sentidos. Por enxergar as exigências e potencialidades de cada um deles, compreendia que teria maiores chances de "desenvolver-se" se permanecesse como *merolico*. Para que isso acontecesse, seu estoque de mercadorias requeria uma renovação, o que, por extensão, demandava fundos em *pesos*. E, aqui, houve uma transação essencial

para o andamento da minha pesquisa e também da sua *mesa*. Pepe pediu-me, então, para emprestar-lhe dinheiro para que pudesse ir a *La Cuevita*, o principal mercado das (in)formalidades – *del subterraneo* ou *de la bolsa* – para onde se dirigiam todos os *merolicos*. Surgira a oportunidade de tornar-me seu *socio* efetivo e, ao mesmo tempo, seguir, a seu lado, um trecho da trilha feita por certos objetos da cidade até o *batey*.

O primeiro obstáculo encontrado por Pepe foi descobrir uma forma de convencer Yaimara a ceder-lhe informações para manobrar as coisas em *La Cuevita*. Se, por um lado, o *batey* lhe parecia completamente familiar (sabia em que muitos "estavam metidos"), por outro, aquela região *habanera* assustava-o. Em suas raras idas para a capital, tinha o costume de ficar na casa de um amigo que morava no município de Playa, numa área, para ele, menos *caliente*, fora das tramas mercantis. Havia toda uma gama de *cuentos* ao redor de *La Cuevita* e da *gente* que nela habitava. As histórias eram ditas/inventadas/recordadas tanto por quem de fato fora ao mercado quanto por aqueles que sequer saíam dos limites de Colón, abarcando aspectos positivos e negativos (talvez os mais recorrentes): "Aí há muitos *habaneros* e *palestinos* bandoleiros, mas a polícia não dá espaço, sempre estão fiscalizando as sacolas. É preciso ter cuidado"; "Para chegar aí, as pessoas descem do ônibus na rodovia ainda de madrugada, passam por uma ribanceira de terra, com esgoto a céu aberto e casas do tipo *llega y pon* [montadas aleatoriamente]"; "No caminho para a feira, 'batem carteira'. Fulana já foi roubada uma vez"; "Cheio de *orientales* sem *la dirección de La Habana* na identidade [isto é, migrantes ilegais]"; "Vendem de tudo e bem barato – panela de pressão, peças de bicicleta, eletrodomésticos, roupa, bijuteria"; "Antes das principais comemorações do ano, as casas e bancas dos vendedores ficam *a full* [muito cheias]. Todo mundo querendo *resolver* algo"; entre vários outros comentários.

Mas não eram os perigos de roubo na rua ou o modo de entrar em *La Cuevita* que deixavam Pepe preocupado. Receava perder o dinheiro que investiria na primeira viagem por não escolher bem os vendedores, que, não duvidava, tentariam enganá-lo (*meter línea*) ao perceberem que se tratava de alguém do *campo* inexperiente no *bisne*. Temia, principalmente, ser barrado pela polícia. Pensando nisso, assegurava, a si mesmo, que não traria na *jaba* nada que sua licença não lhe permitisse. Podia, como assinalava, comprar, em grandes quantidades, tudo o que fosse fruto de *talleres particulares* (oficinas), como produtos simples de metal, plástico e tecido. Já os artigos "industrializados" da *chopin* ou

estrangeiros, embora soubesse que estariam presentes, de modo "subterrâneo", em quase todos os *pasillos* (becos), *patios* e *cuarticos* ("quartinho", "barracão" pequeno) do local, deviam ser evitados. Como, ali, essas coisas eram, em função das relações que as cingiam, signo de ilegalidade, transportá-las gerava, na leitura das autoridades policiais, cumplicidade com as ações ilícitas dos que as conduziram às casas de revendedores pelos caminhos do "extravio" de armazéns e indústrias estatais. [122] Quando essas mesmas mercadorias chegavam aos *catres* do *campo*, as relações alteravam-se, fazendo com que tivesse pouca importância seus canais de ilegalidade (armazéns, bancas e *socios* de *La Cuevita*) – só necessitavam ser protegidas do olhar de algum *inspector*. Valiam, sim, como elementos que traziam "vida", dinâmica (*llegó pegamentico en el catre de Pepe*), ao lugar ou que proporcionavam o reordenamento da casa e daquilo que, sem elas, permaneceria quebrado, descosturado, inutilizado, desprotegido. O *catre* (cheio de coisas do Estado) auxiliava na manutenção de algo que o Estado (cheio de um discurso de formalidades e disciplinas) já não conseguia amparar. Não é menos certo, igualmente, que um *merolico* sortido de artigos "industrializados" estava ileso de brincadeiras irônicas de compradores que jogavam com as divisões dos mercados, como mostra esta frase que disseram a Pepe: "*Ño, esto aquí está como si fuera una chopin*".

Tenho de especificar um detalhe que calibrava as transações e a apropriação de objetos "industrializados" na *Cuevita*, já que as punições não se aplicavam a qualquer um que circulasse, em sua mochila, com poucas unidades de alguma coisa, mas sim àqueles que portassem pacotes volumosos de um mesmo item.[123] Por trás disso, encontrava-se a

---

[122] Especifico alguns dos objetos industrializados das *chopin* (ou dos armazéns que as abasteciam) de interesse dos *merolicos* do *campo*: interruptores e tomadas elétricas, pilha palito, esponja de aço, vassoura de *nylon*, cabos de panelas elétricas, cadeado, barbeador, caixas de gilete, cola instantânea, cortador de unha. Já diretamente de indústrias, armazéns em geral, *talleres* e outras instituições estatais, buscavam: graxa de sapato, canetas ou apenas as cargas, linha de costura, fio para coser sapato, clareador de roupa em pó, cominho, café, cadernos, lápis, entre outros. Também entravam na lista as roupas e as bijuterias de aço cirúrgico trazidos do Equador e Panamá, por exemplo. No caso dos materiais em aço cirúrgico, havia uma divisão entre *criollos* e "dos bons": os primeiros entravam na categoria dos "*inventados* em Cuba mesmo", aqueles que se oxidavam; os segundos eram os que vinham do exterior – distinção não tão simples de ser feita, nem sempre os chamados de *inventado* tinham sido produzidos na Ilha. Desse grupo de mercadorias, Pepe não costumava comprar roupas nem alimentos, já que outros moradores do *batey* e Banagüises comercializavam-nos.

[123] Qualquer pessoa com volumes exagerados de uma mesma mercadoria podia ser questionada pela polícia, e não apenas os *merolicos*. A verdade é que, tendo como base os passageiros que saíam do *campo* no mesmo ônibus que Pepe, poucos pagavam *licencia de cuentapropista*, o que lhes fazia, se observados conforme a legislação cidadão comuns, não comerciantes de produtos de *talleres particulares*, e isso complicava ainda mais as conversações/negociações com a polícia nos momentos em que aconteciam fiscalizações. Sem a licença, aquele que estivesse com excesso de mercadorias (industrializadas ou não) podia ser um *acaparador*, logo um *indisciplinado* passível de alguma punição.

ideia de *acaparamiento*, a palavra proibida na "economia cubana", como alguns caçoavam. Em português, existe o mesmo termo, cujo significado é monopolizar, abarcar. Como em outras expressões da etnografia, o sentido é apenas parte da questão, junto dele, está a frequência das palavras no linguajar cotidiano, o que se é feito com elas, como são apropriadas e relacionadas em diferentes situações. Assim, *acaparar* tem uma força e especificidade que não se nota numa tradução direta para monopolizar. Conforme apreendi em minhas interações e observações mercantis, pessoas *escapadas* quase sempre conseguiam *acaparar* objetos, tinham a facilidade de realizar ações com agilidade, negociavam com perspicácia para não perder a oportunidade para outro ou, mais ainda, não deixar que outros a vissem. Ao mesmo tempo, meus amigos asseguravam que todos, conscientes de que *la cosa está dura*, eram predispostos a *acaparar*, bastando, para tanto, ter a sapiência e os meios necessários.[124] Tomando como exemplo a ausência de algo importante para o consumo doméstico no *batey* em fevereiro de 2015, uma moradora me fez este aclaramento sobre os possíveis usos desse verbo tão usual nos bate-papos econômicos:

> Agora não há sabonete de 5 *pesos* na *bodega*, há apenas o de 11 *pesos por la libre*. Quando *lo sacan* [chega ao mercado], se tenho 40 *pesos* e não vou utilizá-los com outra coisa mais urgente, compro 8 sabonetes. Sei que ele *se pierde* [entra em falta]. O mesmo se passa com o sabão em pó. No *kiosko*, a gente só acha o de 20 *pesos*. Se aparece do outro, do maior, compro alguns.

Ao pôr em destaque o *kiosko* e a *bodega*, a explanação indicava um movimento comum: as tendas estatais eram o foco do *acaparamiento*, já que os *particulares* (excetuando-se os de *La Cuevita*, por suposto) cobravam mais caro nas revendas, aproveitando-se da inexistência de mercadorias nos pontos formais – inexistência para a qual, muitas vezes, eles mesmos contribuíram para constituí-la. Não à toa, *merolicos* eram cotados como os sujeitos que mais "acaparavam": "[Eles] percorrem todas as *chopin* em busca de sabão em pó. Compram todos. Desse jeito, quando alguém vai à tenda à procura desse produto e não o encontra, é obrigado a 'resolvê-lo' com algum *particular*, e caríssimo", continuava a senhora do trecho anterior. Na *Cuevita*, averiguei depois, quem chegava cedo às casas e conhecia os pontos mais em conta e com peças tidas como de maior

[124] Em propagandas e noticiários da televisão oficial, o *acaparamiento* era sempre apresentado como uma *indisciplina* a ser monitorada pelos fiscais e, principalmente, pela população, que não deveria aceitar que seus vizinhos "acaparassem".

qualidade conseguia, às vezes, *acaparar* o estoque, o que dificultava o processo de negociação e caça dos próximos *merolicos*. Pilhas, tubos pequenos de cola instantânea (*pegamentico*), interruptores e cadeado estavam entre os objetos que saíam com facilidade, *que volaban*. Quem os "acaparava" assim que amanhecia, no momento em que as *mesas* eram montadas ocultamente no interior ou no fundo das habitações, não precisava percorrer diversas casas para ver se arranjava algo que ainda lhe gerasse algum provento.[125]

Se Yaimara, considerada uma comerciante *escapada* por Pepe, lhe oferecesse dicas, poderia preparar-se melhor e até trasladar do mercado um ou outro material "industrializado", que, dizia-me, sempre tinha saída no *batey*. Todavia, por ser arguta nas artimanhas da informalidade, estava seguro de que ela não lhe ajudaria, em lugar disso, pediria para realizar a compra a fim de tentar raspar algo por fora para si mesma, e, no fim, ele continuaria sem saber nada a respeito de como *evolucionar el dinero* (fazer render, gerar provento) como um *merolico* que vai a *La Cuevita*. Também duvidava que algum outro conhecido estivesse disposto a colaborar para seu "negócio". Imaginava que, talvez, no ônibus, entre outros *merolicos* de outra cidade, angariasse informações e até fizesse associações frutíferas – a distância possibilitava que os "negócios" e interesses não se chocassem, mas, certamente, na feira cada um dos *merolicos* cuidaria de defender o que lhe conviesse. Ele era um tanto impassível em determinar que ali, no *batey*, cada um estava para *lo suyo* – a começar por si mesmo, eu acrescentaria. Pepe, por exemplo, depois de várias experiências no tal mercado, tentava resguardar o preço de compra das mercadorias (ainda que todos soubessem quanto tudo ali valia), não gostava de fazer *mandados* (nem mesmo para amigos como Amparo), falava mentiras sobre inexistência de certos itens para que pudesse aumentar o valor deles numa próxima viagem, entre outras táticas para fazer seu *catre* "evoluir".

De todas as suas ações, seu conhecimento dos "negócios" e "necessidades" domésticas (experimentadas por ele dia a dia em sua própria casa) da *gente* do *batey* foi aquilo que aportou melhores resultados ao início do processo e também aos avanços subsequentes. Conquistando, em alguma medida, seu desejo de *independizarse* mudou-

[125] Cheguei a ouvir uma senhora falando que, no *batey*, quando há *yumas* ligados ao *lío de la santería*, dois irmãos, bastante espertos (*una fiera*), tratam logo de "acapará-los". Como se fossem mercadorias ou artefatos, os *santeros* estrangeiros eram "abarcados" para gerar alguma vantagem àqueles que os tinha para si mesmos. Diante dessa procura por *yumas*, minha anfitriã sempre se precavia para não perder o seu "negócio": "*Todos quieren saber de dónde yo saqué el muchachito ese que se apareció de la nada*".

se para Matanzas em 2016, depois de uma troca de cargo de seu companheiro. Por telefone, contou-me que deixou seu *catre* com uma *muchacha de confianza*. Não iria parar de vender no *campo*, pois, no *pueblo*, havia mais competição e as dificuldades para comercializar tantos materiais não liberados pela licença eram ainda maiores: existiam muitos e desconhecidos "inspetores" de *merolicos* (seguramente, "confiscariam" seus produtos e aplicariam-lhe uma multa de, no mínimo, 1.500 *pesos*). No *batey*, já fazia um bom tempo que não passava ninguém para demandar seus "papéis". Como ainda me disse, precisava manter sua *mesa* sempre posta no portal de sua avó – era o único meio de resguardar seu espaço por algum tempo. Imaginava que, em poucos meses, distante do *batey*, outros embarcariam no "negócio". Previa seu declínio.

UMA PONTUAL VIAGEM PARA LA CUEVITA: CENAS DE UM DIÁRIO[126]

00h30: Como semanalmente acontece, a *guagua Girón*, arrendada da cooperativa por um *particular*, nos recolheu na *parada* da rua principal do *batey*. Além de Pepe, meu amigo *merolico*, também havia uma senhora que visitaria parentes em La Habana e um jovem, por volta dos 20 anos, sem centro de trabalho ou *licencia de cuentrapropista*, com um saco de *pomos de puré de tomate* (massa de tomate envasada em garrafas PET). Ele, alguns minutos antes de embarcarmos, relatava-nos que, há duas semanas, fora pego por policiais no centro da capital vendendo a cebola que comprara com um *campesino* de San José de los Ramos. Apreenderam tudo e ainda lhe deram uma multa. Tivera de deixar, o *campesino embarcado*, só poderia pagá-lo depois de quitar, em 30 dias, a dívida com a justiça – se não cumprisse esse prazo, o valor dobraria de 1.500 para 3.000 *pesos*, com a possibilidade de ser preso. Por essa razão, precisava manter-se em algum "negócio", "parar" não estava entre suas escolhas, tinha de "arriscar-se". O carregamento que dessa vez trasladava fora arranjado com um *socio* que aceitara, uma vez mais, lhe vender fiado. Achar aqueles *pomos* não tinha sido uma tarefa fácil. Os *campesinos* não gostavam de reservar encomendas: no dia anterior, conversara com um fabricante que tinha uns 800 *pomos*, mas, à noite, quando voltou, não havia mais nada. A rua estava cada vez mais

[126] Tal cena é construída com episódios de várias idas a *La Cuevita* durante minha pesquisa de campo. Alguns de seus elementos, com exceção dos fatos, que variavam, é claro, são representativos da maneira pela qual as viagens são organizadas de semana a semana: a posição das pessoas nos ônibus, as estratégias para ocultar e dividir mercadorias, a ocupação das cadeiras, os ruídos (informais) da "feira", as temáticas associadas à busca policial, entre outros. Ela também oferece uma visão parcial da circulação de pessoas e objetos por meio da antiga *guagua Girón* que saía do *batey* para La Habana.

disputada. Havia, por um lado, muitos *luchadores* – em referência aos moradores do local que estavam no "negócio" da venda de cebola, alho e *puré* e, diariamente, se dirigiam para *pueblos* como Jagüey, Jovellanos, Calimete e também Colón –,[127] daí a alta demanda (e, claro, havia os que "acaparavam" para comercializar por preços mais elevados). Por outro, o dinheiro tinha "desaparecido", o que exigia mais tempo de caminhada pelos bairros para que não o *luchador* não voltasse com sobras e, ainda, corresse o risco de ser parado pela polícia, após todo o intenso trabalho. Com tanta competição, o jovem fazia um trajeto longo, um tanto fora do plano de ação mais comum dos *luchadores* do *batey* e Viscaya (não quero dizer com isso que ele fosse o único, pelo contrário, havia outros, os quais iam também para Matanzas e Cárdenas). Em La Habana, ele fizera, em outros momentos, contatos com alguns *timbiriches* e *paladares* menores. Ia direto para eles, os quais adquiriam os *pomos* por 40 *pesos* (20 *pesos* com o *campesino*) e as *botellitas* – envase em garrafa de cerveja –, por 10 *pesos* (5 a 8 *pesos* com o *campesino*). Não lhe interessavam os *paladares* turísticos: não consumiam *puré criollo*, mas apenas os da *chopin*. [...] Iniciamos o percurso.

00h45: Banagüises, Colón, Perico, Tinguaro. Em cada um dos *pueblos*, grupos de *merolicos*, com suas malas vazias tomaram os lugares que reservaram com a mulher do motorista. Cientes dos problemas estruturais da *Girón* (buracos no teto e no piso, cadeiras tortas), cada um tinha seus assentos próprios, isto é, predefinidos. Ninguém ocupava o espaço alheio: esse banco era de Pipo, aquele de Pepe, o outro de María... Entraram também *luchadores* de outros municípios com suas pequenas colheitas. Passageiros comuns. O ônibus, no fim, ficou completamente cheio; alguns até mesmo ficaram de pé para seguir viagem até La Habana, do contrário, teriam de contar com a sorte para o aparecimento de outro improvável ônibus. Reclamações rotineiras: "a esposa do motorista só quer saber de ganhar dinheiro, não vê que já não existe espaço sobrando...

[127] A designação *luchador* servia para todo aquele que, sem trabalho fixo ou contratado, precisava se deslocar do *batey* para fazer dinheiro. *Jineteros* e *jineteras* que iam para Varadero também eram *luchadores*. No meu caso de pesquisa, o termo era mais usado para falar daqueles que lidavam com mercadorias vindas do *campo*, indo negociá-las em algum *pueblo*: "*están llegando de la lucha"*. Os *orientales* dos *albergues* de Viscaya tinham fama de *luchadores*. Esse tipo de atividade laboral era considerado cansativo e duro, exercido por sujeitos menos estudados (*brutos*) – as pessoas fortes, adaptadas aos trabalhos rudes, eram tidas como as que melhor se adaptavam a ele, diferentemente das que atuavam em escritórios; no entanto, comentava-se que havia *luchadores* que faziam uma boa quantia diária de dinheiro – sem dúvida, ganhavam mais do que os "trabalhadores açucareiros". Deve ser lembrado que um "trabalhador açucareiro", se quisesse, podia, em seus dias de folga, *ir para la lucha*, só necessitava ter os contatos para conseguir cebola ou outro produto agrícola. Sobre *luchadores* em Cuba, ver: Roland (2011), Pertierra (2011).

¡Qué cosa más grande! A casa dela está cada vez mais bonita. O filho até comprou uma *máquina* para *botear* [trabalhar como taxista] em Colón". Cada um dos que estavam ali teve de desembolsar 35 *pesos* pelo deslocamento, valor abaixo do que se gastaria *por el tramo*.

5h20: Os que vão para *La Cuevita* desembarcam. Praticamente, esvaziou-se o ônibus. Àquela hora, o melhor a se fazer era subir, rápido, o caminho de terra em grupo, algo que, depois, seria evitado, porque a polícia, segundo diziam, atentava-se mais para os agrupamentos e ninguém queria *cargar bultos* desnecessários (ter alguém o tempo inteiro ao lado) na feira: cada qual queria *resolver* o seu "assunto" e sair do foco dos "inspetores". Algumas frases, expressões e diálogos e fotos recopilados durante o percurso:

> *Casa que vende café*: Já no começo do trecho, uma *merolica* parou para negociar pacotes de café. Era, conforme ratificava, um dos pontos mais baratos, e, em Gertrudis, *campo* onde vivia, esse produto *estaba perdido*. Ali, vendiam-no por 7 *pesos*, lá, 15 *pesos*.

Imagem 5.7

Em um muro do mercado

Fonte: Acervo do autor, 2016.

> *Conversa em torno da busca de cadeado*: Tudo acontece na parte de trás de um quarto alugado para a prática de revenda. Os negociantes ainda montam suas *mesas*, abrindo caixas e malas. Pepe diz ao rapaz que

administra o *negocio*: "– *Todo mundo me está pidiendo candado. Eso está perdido, perdido. Pero están muy caros. ¿A cómo voy a vender eso en el campo?*". O cadeado saía a 75 *pesos* em *La Cuevita*. O garoto lhe responde: "– *Esas cosas no pasan ni por la tienda. ¡Eso aparece, desaparece! Vienen directo del almacén. Si quieres, tienes que comprarlos ya. La gente se los compran. Nadie tiene candado*". Nesse caso, não havia como barganhar. Dificilmente abriam espaço para esse tipo de negociação: ou já diziam, desde o início, que o produto estava com preço mais baixo, ou não havia conversa em torno da mudança dos valores. Quando saímos, Pepe se queixou comigo: "*Aquí lo que hay es contrabando. Es que todo hay subido. ¡Todo! ¡Todo! Mira cuanto es eso*".

Na rua: Mulheres passam, e, quase esbarrando nos transeuntes, dizem, em voz baixa: "*Tengo toalla, sábana...*", "*Tengo blúmer y cola loca*". Outras, estacionadas em frente aos portões de alguma habitação, gritam: "*¡Venga, pregúntame!*". Vão surgindo novos *merolicos*. Ao longe, aparece uma viatura da polícia. Alguém informa: "*Tengan cuidado, la patrulla está ahí. ¡Están quitando bolso! Ellos están velando así hace días*". Cria-se certa tensão. É preciso *resolver* logo as mercadorias para descer rumo à feira "legalizada" pelo Estado. [As aspas são importantes: mesmo sendo "legalizada", na tal feira, os vendedores *callejeros* seguem com suas ofertas de itens não permitidos no local. Tudo oculto dentro de suas barracas. No mesmo ponto em que se encontram copos plásticos, pode-se *resolver* uma tomada da *chopin*]. "*Vamos, compañeros, porque si viene la policía, todos se van*", meu amigo brinca.

Outra moradia: A cama de casal da dona da casa foi transformada em um *catre*: canetas, aparelhos de barbear, lenços umedecidos, interruptores, controle de televisor e DVD, elástico, joelho de cano, durex... Ela reconheceu Pepe. Já eram *socios*, pois todas as semanas ele passava por ali para ver o que havia de novo e para averiguar onde estavam vendendo algo que não encontrara nos outros lugares visitados. Todos, ao que tudo indica, tinham bem mapeado com quem as mercadorias circulavam. Perguntou

Pepe, remexendo os objetos que estavam sobre a cama: "– *¿Esas libretas son de las buenas?*". Prontamente, a mulher lhe disse: "– *¡Amigo, eso se vende como perro caliente!*". Eu também era seu conhecido. Pepe lhe falara a meu respeito e, claro, já me vira por aqueles lados outras vezes. Aproveitando o clima descontraído, resolvi indagar-lhe, com naturalidade, acerca da procedência dos seus produtos: "– *¿De dónde son las mercancías?*". "– *Yo las compro en las tiendas*", afirmou, sem tropeçar. Insisti: "– *Pero un muchacho me dijo que existen cosas que no pasan por la chopin*". "– *Esos son los que venden cosas robadas. Yo, sí, compro en la tienda. O entonces son cosas traídas de Ecuador, Panamá*", concluiu, deixando de lado o assunto. No fundo do quarto, havia várias caixas cheias de papel (industrializado) para encapar cadernos escolares. Não pude deixar de notar.

Outra história de antes: Enquanto a *guagua* não chega, um *merolico* sem *licencia*, mas com vínculo empregatício com o Estado – trabalhava como vigilante em uma escola –, relembrava-se: "*Antes aquí se encontraba de todo, se encontraba un avión en pedazos. Poco a poco, fueron cerrando el cerco, prendiendo la gente. Cogieron un yavó*[128] *con un contenedor lleno de luz fría*".

10h30: Novamente na *Girón*. Sacos, bacias, malas, tudo cheio de potes de plástico, metal, copos, pratos, vassouras, rodos. Escondido nas bolsas e mochilas, os pequenos objetos industrializados *resolvidos*, como correntes, pulseiras, brincos, sutiãs, maquiagens. Da mesma forma que na vinda, a organização dos assentos permanece. A diferença é que, agora, há também uma divisão de mercadorias. Embalagens de café, biscoito, macarrão e cigarro são distribuídos entre os passageiros conhecidos uns dos outros. Se o ônibus for parado na estrada, ninguém será visto como suspeito de *acaparamiento*. A vultosas quantias de um mesmo item – 20 ou 30 sacolas – de um único dono transformam-se em embrulhos menores nas mãos de muitas pessoas, como se todos ali comprassem algo exclusivamente para o consumo doméstico. Próximo ao motorista e sua esposa, baldes, sobrepostos, ocultam também alguns pacotes. Num fundo falso de madeira, ao lado do

[128] Sinteticamente, s*antero* recém-consagrado (com menos de um ano de "feitura do santo").

motor do veículo, outras mercadorias são devidamente camufladas. Apenas o que as *licencias*, as quais são propriedade de poucos daqueles que foram a *La Cuevita* buscar matérias para sustentar seus "negócios" nos *campos matanceros*, são dispostos no meio do corredor. Uma regra: no caso de fiscalização, os proprietários dos volumes não devem ser identificados ao policial – isso seria visto como um *chivatazo*. Como a grande maioria dos que estão dentro da *guagua* carrega algum artigo impróprio, uma única delação poderia gerar prejuízos a vários outros, incluindo também os negociantes do "mercado subterrâneo". Assim, o melhor a se fazer é manter o silêncio e distanciar-se da situação problemática (do *lío* que não diz respeito a *lo suyo*). Às vezes, guardas também viajavam entre províncias nesse mesmo transporte: como se fiscalizassem em La Habana e fossem *socios* na *guagua Girón* do *batey*. Aliás, a presença deles propiciava certa tranquilidade, já que podiam fazer os ajustes necessários com seus pares para que o trajeto seguisse sem entraves.

14h40: Pepe avalia um caso ocorrido há duas semanas. O tema: uma *merolica* que a polícia obrigou a descer da *guagua* na entrada de Colón, tendo ficado sem mercadoria e recebido uma multa de 60 *pesos*. Ele falava: "*Eso es un descaro. Porque eso lo que él hace es ponerle la sanción mínima para que ella no proteste ni nada, y después se quedan con la mercancía, y se quedan con ella, con la mercancía para ellos. Ella traía hasta calzoncillo de hombre. Ellos sí son unos descarados. Eso es para ellos. […] Ella piensa que quien la chivateó para que la cogieran a ella fue la mujer del querido de ella. Entonces el tipo fue ahí a la policía, y ella le dijo que se fuera, que no quería verlo*.

15h20: Chegada ao *batey* (Imagem 5.8).

Tudo isso é *criollo*, inventado *a lo cubano*

Feito esse longo percurso, ponho, enfim, em evidência uma acepção nativa do mundo dos objetos e das relações que cruzou vários trechos deste e de outros capítulos – noção que atravessa, igualmente, a constituição do socialismo do ponto de vista das pessoas.

Pepe tinha o "papel" que lhe permitia andar com mercadorias abarcadas no que as pessoas denominavam de *criollo*, aquilo que foi construído manualmente, de manufatura

ou engenhosidade caseira, com o uso de tecnologias de acesso liberado à população, como serrotes, martelos, chaves de fenda, pregos, cola, madeira, e também com aparelhos um pouco mais sofisticados e restritos, como máquina de solda, torno mecânico e alguns equipamentos de corte, sendo esse segundo grupo de tecnologias de propriedade formalizada daqueles que possuíam *licencias de cuentapropista* para atuar no ramo da fabricação desses objetos ou, o que também era comum, por sujeitos que, semelhantemente ao que ocorria no *batey* para outros casos, os arranjavam por outras vias. O adjetivo *criollo* destacava, portanto, um modo de fazer, inventar ou domesticar mercadorias e artefatos em geral, designado, por sua vez, de *a lo cubano*.[129] Os verbos misturar, ajuntar, ligar, associar, converter, imitar, multiplicar e/ou colar indicavam, em alguma medida, como operava essa maneira de fabricar objetos singulares/singularizados a partir de elementos heteróclitos e múltiplos que o engenhoso fabricante tivesse à mão ou, principalmente, que "pudesse buscar".

Imagem 5.8

Após uma ida a La Cuevita

Fonte: Acervo do autor, 2016

[129] Tal ideia também aparece nos Capítulos 2 e 3, para falar de como foi feita reconstrução do central para a sua reativação em fins de 2012 e também de casas.

Para que o *a lo cubano* chegasse a gerar como resultado algo *criollo*, eram imprescindíveis as diversas artimanhas presentes nas diferentes narrativas e experiências dos moradores do *batey*. Em outras palavras, e um tanto quanto circular (a ideia solicita essa armadura), *inventar* um objeto *criollo* tinha como prerrogativa as resoluções entre *socios*, os *ahorros*, os reaproveitamentos intensos (*aquí todo se aprovecha*), as "buscas", os *negocios* em *lo informal*. Uma ilustração deixará isso mais claro. Para construir uma máquina de moer tomate *criolla – yo mismo la hice*, como me falou um *trabajador del campo oriental* que, com orgulho, mostrava-me a que possuía em sua casa –, era preciso arranjar um motor (não disponibilizado nos mercados formais), pedir a um mecânico conhecido para fazer as lâminas de corte (*cuchillas*) ou adquiri-las de segunda mão ou em *La Cuevita* em uma banca ou casa especializada na fabricação desse tipo de artigo *criollo*, preparar com zinco o recipiente de colocação do fruto a ser moído, e, depois, soldar todos esses elementos, formando uma mescla em que sobressaía a máquina *criolla*; do mesmo modo, um trator *criollo* constituía-se de peças advindas de diferentes veículos, "resolvidas" a partir de trâmites com *socios*, por exemplo, um trator estruturado com um motor de caminhão ou carcaças combinadas com metais de outros carros, e não com peças compatíveis, provenientes de um mesmo tipo de objeto.

A aglutinação de coisas desiguais era, às vezes, essencial (mas não única) na definição de *criolla* mobilizada/manipulada – e, como ela resultava, em muitos casos, em justaposições visivelmente estranhas, as pessoas as pareavam aos *inventos*, aqui no sentido de algo que passou a existir e a funcionar com a adaptação de partes que, antes, jamais coexistiriam (*inventos criollos*). Um *campesino* que não doara suas terras para as CPA, descrevendo-me como montara seu trator, deixou explícito esses pontos:

> *Ese tractor se armó por pedazo. Se iba buscando piezas y armando. Y, después que se armó, se inscribió, y, entonces, hubo que pagárselo al Estado. Son piezas de otros tractores. Todo eso son tractores que tú buscas las piezas, los motores, por aquí por allá, y va armando, hasta que lo arma. Pero ese no es criollo, inventado y eso, ese es normal, de fábrica. […] Yo llamé un mecánico, lo pagué y él lo armó. […] Yo no compré las piezas por el Estado. [Pero ¿cómo uno sabe que alguien está vendiendo eso?] Ah, para eso hay que conocer todos los puntos claves que son para eso. Él te da una pieza, y tú dices: "Yo voy a coger para aquel lado, entonces". Y si va para aquel lado y no está, él dice: "Ve a ese otro lado. Y si no, ve pa'llá que ahí está".*[130]

[130] Embora tivesse comprado as peças *por la calle* (ou *por fuera*, como o *campesino* usou em nosso diálogo), tudo o que compunha seu trator vinha do Estado. Outros sujeitos que montaram esse tipo de veículo para

Observando um pouco mais esses apontamentos, outro aspecto importante para a discussão vem à tona. O tal *campesino* afirmava que "inscreveu" seu trator, o que queria dizer que fora até Colón para registrá-lo em uma instituição estatal, no intuito de alcançar os "papéis" que certificassem sua legalidade e, em especial, sua propriedade individual (de antigas peças estatais *particularizadas*). Munido dessa certificação, era-lhe permitido pintar no veículo a expressão *particular*, que confirmava seu *status* de proprietário de um trator *normal, de fábrica*, ainda que armado com fragmentos de segunda mão "resolvidos" aqui ou acolá. Já os donos de tratores *criollos* não podiam solicitar uma "inscrição", porque não possuíam, da perspectiva da identificação legal, nem um trator nem um outro automóvel qualquer nomeável, mas somente um *invento* que "resolvia", a seu modo, as funções de um equipamento móvel para operar nas *fincas*. Entre os *terraplenes* e o *batey*, esses *inventos criollos* não tinham limitações concernentes à movimentação – estavam entre conhecidos; ao sair dessa zona, a licença tornava-se um documento útil, sobretudo para circular com colheitas das *fincas* sem ser inquirido e penalizado por quaisquer fiscais, para os quais eles eram alvo fácil, dada a notoriedade de sua forma diversa entre os outros meios de transporte "normais", como frisou o *campesino*.

Há um ponto que, se não desestabiliza a construção etnográfica da ideia nativa de *criollo* como mescla de objetos diferentes, que é visivelmente incontestável em muitas situações narradas acerca da feitura das coisas e, claro, no próprio resultado da junção, ao menos amplia seu escopo de significados e de *inventos* abarcados, entre os quais estariam muitas das mercadorias *criollas* de *La Cuevita*. Se se considerasse apenas a mistura como o elemento-chave do conceito, ficariam de fora cafeteiras, várias peças de *lavadora* rusa (como cilindro e correia), jarros e navalhas de liquidificadores modernos e antigos, alguns

---

trabalhar suas terras pontuaram que os tratores *particulares* que circulavam pelo *batey* foram, incialmente, doados às CPA, porém, com as mudanças econômicas, muitos deles se deterioram, outros foram sendo desmontados pelos próprios cooperativistas. Tradução da passagem: "Esse trator foi montado de pedaço em pedaço. As peças eram 'buscadas' e ajuntadas. E, depois de montado, ele foi inscrito, e, então, tivemos de pagar ao Estado a licença. É feito com peças de outros tratores. Todos esses tratores são feitos a partir de peças 'buscadas', os motores 'buscados' aqui e acolá, e assim ele vai sendo montado, até que fica completo. Mas esse trator não é *criollo, inventado*, ele é *normal, de fábrica*. [...] Eu chamei um mecânico, o paguei, e ele o montou. [...] Não comprei as peças pelo Estado. [Como alguém sabe que estão vendendo algo?] Ah, para isso, é preciso conhecer todos o pontos-chave que se dedicam a isso. Ele lhe dá uma peça, e você diz: 'Eu vou para aquele lado agora, então'. E se vai para aquele ponto e não encontra nada, ele diz: 'Vá a esse outro lugar. E se não achar nada, dirija para aquele outro, porque aí sim deve haver alguma coisa para você'".

tipos de calçado, canos de descarga de tratores, tijolos e, para fechar com somente alguns exemplos, instrumentos agrícolas (arados e cultivadores). Sozinhos, esses artefatos não deixavam transparecer junções. E o detalhe é que todos esses artefatos, apesar disso, podiam receber a qualificação de *criollo*. Por que isso acontecia? Primeiramente, deve-se ter em conta que, tal como os primeiros (os claramente mesclados), eles eram produto de uma feitura de caráter rudimentar, para a qual, como disse anteriormente, a manipulação direta do trabalhador/produtor era fundamental, o que, no fim, fazia com que aparentassem algo "rústico" – não sem motivo, no *batey*, os aparelhos *criollos* de ginástica montados a partir de *chatarras* (sucatas) do central compunham, em uma instalação conjunta, um *gimnasio rústico*.

Imagem 5.9
Tratores *criollos*

Fonte: Acervo do autor, 2016.

Em segundo lugar, e aqui entra o aspecto que levanta outras questões que sustentam a noção, o *criollo* era aquilo que surgia de uma imitação de um projeto (ou que fora um dia) "original" ou até mesmo de uma outra "cópia" ou "versão". Farei um breve deslocamento temporal para tornar essa questão ainda mais interessante. Do exame de reportagens da revista *Bohemia*, constatei que, no princípio dos anos 1990, as peças de reposição mantiveram-se como um forte foco de debate, daí os congressos destinados ao tema (na

década de 1960, é certo, já se falava disso, mas não com tamanha frequência e urgência). Elas, como algo emergencial, apareciam como aquilo que salvaria, em alguma medida, a indústria dos problemas relacionados à importação. Por meio da imitação de protótipos, os *repuestos* traziam à vida instrumentos inativos. Mecânicos e torneiros transformaram-se em verdadeiros (re)construtores de coisas *criollas*: inovavam e renovavam por meio de uma criolização *a lo cubano* no/do mundo dos objetos. Com isso, não intento estancar uma origem temporal desses artefatos nem delimitar um lugar para seu surgimento, isto é, a indústria. Imagino que nunca estiveram ligados somente às fábricas, talvez possa ser pensado, aliás, que chegaram a elas porque estavam, previamente, na criativa e incansável indústria doméstica cotidiana. São conjecturas apenas, pois minha pesquisa restringiu-se a outro momento.

Minha atenção se volta para o pareamento possível entre *repuestos* e *criollos*. A meu ver, houve uma propagação das reposições para âmbitos diversos: repôs-se o que faltava à cozinha da casa (vários utensílios *criollos*), à construção (materiais de difícil compra nas tendas), ao asseio corporal (perfume e sabonete *criollo*), entre outros. Uma paisagem de imitações, ou melhor, de projetos *criollos*, desenvolveu-se onde existiam ausências, "resolvendo" parte da escassez com um vigoroso mercado de coisas que, até então, "não entravam", "não chegavam", não podiam ser originalmente repostas ou que eram inacessíveis, em função de seu alto valor, à maioria da população. Como percebi em minha experiência no *batey*, para quase tudo, havia uma possibilidade *criolla*, de um simples copo a um *freezer* ou serra elétrica. Criolizar os objetos aparecia, nesse sentido, como uma maneira eficaz de lidar com o arruinamento, a emergência e a necessidade.

ALGUNS CONTOS E FOTOS DE CONVERSÕES

Uma quasi-fábrica de garrafas para *puré de tomate*

Fonte: Acervo do autor, 2016.

Porcos ou galinhas: o que dá mais negócio?

El puerco siempre ha sido de negocio interno, no para salir a venderlo. Y hace mucho tiempo que no hay pollo, hay ventas a veces solo en algunos lugares. Había gente que se dedicaba al negocio de pollo. Pero da menos dinero que el puerco. El puerco da mucho más dinero. […] Antiguamente eso se veía muy poco, muy poco, muy poco. Porque casi todos tenían puercos en sus casas. Y no los vendían.

A: Antes un puerco de 100 libras valía 30 pesos, 40 pesos. Ahora vale 1.500 pesos…
B: ¡Escucha pa'quello!

[Uma porca parideira pode gerar, segundo cálculos de criadores, de 12 a 18 porquinhos, duas vezes ao ano. E isso dá bastante lucro para quem é proprietário de uma: 1 porquinho = 500 *pesos* no *batey*. Diante de um preço tão elevado, alguns *orientales*, quando visitam suas famílias em Granma ou Camagüey, trazem de lá porcos de *destete*, que valem apenas 100 *pesos*. E dizem: "Lá, tudo é mais barato, mas também não há dinheiro"].

Câmbios (in)formais de moeda

1 CUC = 24 pesos (em uma casa de câmbio formal – Cadeca);

1 CUC = 23 pesos ou menos (em uma máquina ou em um particular desconhecido, por exemplo);

1 CUC = 25 pesos (nos comércios do batey ou com alguém conhecido).

[Um detalhe importante. No mundo dos *pesos*, sempre está em questão um tempo passado de bonança, no qual o dinheiro tinha muito valor – ganhava-se pouco, mas comprava-se muito. É a partir desse tempo que devem ser compreendidas frases como "*Las mazorcas estaban muy buenas, pero valía 1 peso la unidad*". Tendo como base apenas o contemporâneo mundo das *divisas*, não é possível mensurar a efetiva força de tal afirmação, porquanto, em relação ao CUC, 1 *peso* (*el papelito*) não vale praticamente nada (25 *pesos* = 1 CUC), e, nesse sentido, tudo se passa como se faltasse algo à oração, como um advérbio: "*... valía solamente un peso*". Para entender a adversativa (*pero valía*), é necessário ter em conta a relação (as memórias) estabelecidas com anos anteriores à década de 1990: 1 *peso* era dinheiro para adquirir várias *mazorcas*, e é a esse momento que as pessoas fazem referência].

Carretonera fazendo *mandados*

Fonte: Acervo do autor, 2016.

Motorina por *chivichana*: uma cena

Marlen necessita de uma tomada para ligar a turbina utilizada na preparação de *refresco gaseado* [refrigerante *criollo*]. Está em um *catre* para comprar um *toma corriente criollo*, mas o vendedor lhe diz que não serve para o que ela quer: "Deve comprar um *de la chopin*. Não tenho nenhum aqui, agora. Não encontrei na *Cuevita* esta semana". Nesse momento aparece um *muchacho* querendo falar com ela a respeito de sua *motorina*. Afastam-se. Minutos depois, ela retorna. O garoto lhe fizera uma proposta, porém não lhe interessava de maneira alguma. Queria pagar menos de 400 *pesos* [aqui, em CUC]. Também sugeriu uma troca: uma *chivichana*, moto "inventada" [ou algo que não serve], pela *motorina*, moto elétrica importada. Marlen salienta que aquele *invento* é *de pinga*, uma merda, não traz *los papeles*, um ajuntamento de coisas que não funcionam bem quando estão separadas. Afirma que não quer vender a *motorina*, deseja, sim, *resolver* uma bateria nova: *Me dijeron que sacaron en una chopin de Varadero*, pontua. Sua companheira diz que a *motorina* também não servia para nada, quase igual à *chivichana* mesmo: "Depois que o motor elétrico para de funcionar, não há o que fazer. E essa peça custa quase o mesmo preço de uma *motorina* nova aqui em Cuba. Isso vale a pena *allá*". Marlen, contrapondo-se às conclusões da esposa, destaca que a *motorina* durou três anos, que fora uma das melhores aquisições que pôde fazer com o dinheiro recebido em sua *missão* na Venezuela.

Riquimbile de pasajero com motor de bomba de água

Fonte: Acervo do autor, 2016.

[Quando falam em *inventos*, alguns de meus amigos referem-se a objetos e ações em que estão unidos elementos de diferentes tipos, que, muitas vezes, não se combinam. Soldar, misturar, amarrar são verbos que podem ser usados para pensar os *inventos*].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

(Luta + Necessidade + Arranjos) x Criatividade = Fazer a vida

Personagens, objetos e máquinas, porcos, casas, situações entre vizinhos e parentes, valorações, distinções e expressões das mais variadas frequentaram as dezenas de narrativas que formaram os meus inventos (contos, trajetórias, trechos de entrevistas, junções artificiais de observações anotadas em diários, acoplamento de fotografias de campo) para resolver um modo de fazer ver e falar, como apresentei na Introdução, "o mundo *que* se conta" no "mundo *em que* se conta" (Hartog 1999). Junto disso, com base numa postura comum em etnografias e análises antropológicas, priorizei as percepções e categorias nativas de conformação e produção do social (Carsten & Hugh-Jones 1995:20; Lévi-Strauss 2008:385) – daí a ênfase nos elementos que circundavam os "negócios", "invenções", "trampas". Tais concepções não foram simplesmente arroladas ou explicadas, como se quisesse apenas montar um sucinto quadro de termos etnográficos (o que não quer dizer que inexistiram explicações, em alguns casos, foram inevitáveis e até mesmo necessárias). A ideia foi mostrar como elas estavam, sempre, articuladas umas às outras numa forte trama estabelecida entre pessoas e coisas. Nesse sentido, dei textura,

sabor e humor às ideações, técnicas e resoluções postas em ação por parte da *gente del batey* para *hacer la vida*. Essa escolha, embora pessoal – certamente, outras estratégias poderiam ter sido acionadas –, tentou seguir as demandas do próprio objeto e das interações em campo: *cuentos* (algo relembrado, relato de uma novidade ou mesmo mentira) e *chismes*, por exemplo, solicitavam uma estrutura que indicasse sua proliferação e avaliações; as circulações entre cidades também pediam um texto que demonstrasse um mínimo de dinâmica.

As histórias tocaram em problemas (como procura de emprego, ida ao "mercado subterrâneo", "busca" de comida para animais, fabricação e compra de objetos, desativação e reabertura de centrais) que, direta ou indiretamente, evidenciavam ansiedades e frustrações, bem como características da condição social de alguns dos meus interlocutores e distribuições, nomeações e classificações, do ponto de vista deles, dos espaços de experiência (*batey*, *campos*, *pueblos*, *campanario*, *calle principal*, *cuarterías*, entre outros). Ademais, elas demonstraram, em distintas medidas, a existência de uma teoria nativa das relações: o *sociolismo*, como é designado, num irônico trocadilho com *socialismo*, o conjunto de interações e intercâmbios entre *socios por la calle*.

LEITURAS DO SOCIOLISMO

Poucos são os estudos antropológicos sobre Cuba que dedicam a devida atenção à noção de *sociolismo* (Brotherthon 2012; Hearn 2008; Weinreb 2009). O mais recorrente é a menção à palavra para sublinhar, com a preocupação de determinar seu significado, as informalidades das interações entre *socios* em contraste com as formalidades do que se daria no *socialismo*, deixando de analisar as implicações das diferenças entre as pessoas com as quais alguém "pode contar" (*tú eres el mío*), ou não (os *chivatos*, os invejosos, os que esperam um vacilo do outro para derrubá-lo), para *resolver* um *lío* (entendido como situação) com recursos *desangrados* do Estado – ou por vias mais complexas que, embora circulem por diferentes mãos *particulares*, costumam voltar ao Estado, como acontece entre os que viajam até *La Cuevita* para trasladar mercadorias para seus *campos*.

Faço uma rápida retomada do longo estudo de Amelia Weinreb (2009). Ao analisar o sentido de *socio* e alinhá-los a certos vocábulos do *Período Especial*, ela chega

à conclusão de que se trata de um "amigo" que, por meio de "barganhas",[131] auxilia o outro no suprimento de alguma "necessidade". Como demonstrei, um *socio* pode até ser um amigo, contudo isso não é um dado prévio, depende do tipo de interação e de uma série de aspectos, incluindo proximidade/distância e laços de confiança, sem contar que existem diferenciações entre *socios* e, por seu turno, as *amistades* também têm seus papéis e qualidades específicas – *socios* podem querer "passar por cima" (ou *dale al que no te dio*) daqueles com os quais "negocia", atitude não esperada de um amigo. Assim, minha anfitriã não cogitava abrir um *catre* pela simples razão de que o *merolico* local era seu amigo (ainda que, em outras situações, pudesse ser seu *socio*). Se as informações não são liberadas, com facilidade, nem mesmo entre amigos, entre *socios*, o cuidado para não "falar demais" tende a ser ainda maior. Antes de dizer a outrem, é necessário, como bem mostrou Amparo, "ver adiante" para que se tenha controle das atuações.

Um outro problema da análise da autora é a divisão estanque entre *sociolismo* e *socialismo*, para a qual a separação entre autonomia individual e centralização do Estado, respectivamente, é fundamental. Conquanto tenham ocorrido mudanças nas políticas desde o período em que Weinreb conduziu sua pesquisa (início dos anos 2000, principalmente) até 2016, quando fui pela última vez ao país, não desconsidero o caráter centralizador do governo socialista cubano, isso é inegável. Questiono, sim, o pressuposto de uma partição hermética entre os dois planos. Meus conhecidos e amigos, tendo bastante claro o que era ou não do Estado e, sobretudo, quando aquilo que era *estatal* se tornava *particular* – uma outra regra do jogo –, cruzavam ambos os mundos sem estipular limites de entrada e saída para suas ações, como aqui começa o que move o *sociolismo* e ali o *socialismo*; aliás, ter um *socio* (não alguém *del gobierno*, como assinalei nos capítulos precedentes) imerso em uma agência *socialista* – pertencente ao Estado – funcionava como uma das melhores maneiras de angariar recursos para intercâmbios

[131] A autora utiliza exemplos de "barganha" de gêneros alimentícios. Para o caso do *batey*, o verbo "barganhar" não estava entre os melhores para traduzir as negociações entre *socios*, sempre pautadas na ideia de *resolver* com vistas a obter algo material, como assinala Brotherton (2012). Como mostrei, quase sempre, as trocas envolviam dinheiro – como aluguéis de diferentes tipos (máquina de moer tomate, porco barrão, carroça para transportar mercadorias e animais, pesagem de criações etc.) –, e não apenas simples intercâmbios de uma mercadoria por outra. No caso de comida, tendo a suspeitar que poderia haver barganhas entre amigos e "doações" entre parentes (pais e filhos, entre primos próximos, sogros e sogras). Devo indicar que nem mesmo almoçar na casa de "amigos" era uma prática rotineira. Poucas vezes, isso acontecia, e, quando ocorria, esperava-se alguma troca, como xícara de café, um ovo frito, pão com tomate – ressalto, numa relação entre amigos.

entre *socios* e para a manutenção do *hacer la vida* dentro do *sociolismo*.[132] Ousaria afirmar – mesmo com a possibilidade de estar enganado – que lidei com sujeitos *sociolistas* que agiam entre as contingências das políticas, instituições e ideologias *socialistas*. Com isso, pretendo afirmar que estas últimas, ainda que impusessem constrangimentos[133] e repreensões autoritárias àquelas, não determinavam todas as suas potencialidades nem eram uma prerrogativa para a existência delas. Parece-me que a aproximação sarcástica entre os dois termos tende a dificultar o surgimento de análises que saiam do problema da centralização e façam com que o *sociolismo* seja compreendido não simplesmente como uma resposta contrária a ela, mas como, em si mesma, uma teoria da relação e das resoluções entre pessoas, objetos e dinheiro no campo das necessidades.

Com a mesma criatividade para tramar respostas práticas para as emergências que aparecessem, os discursos de alguns de meus conhecidos do *batey* imaginavam a aplicação da lógica *sociolista* em outros lugares como um meio profícuo de "resolver" a vida, "seu teto, seu soldo" – como estavam acostumados a lutar ali no *campo*, projetavam que só teriam a ganhar com as vantagens abertas com o deslocamento para algum *allá*. Certa vez, um amigo dos *albergues* em Viscaya, pensando *sociolisticamente*, disse-me, com segurança, que ele seria rico no Brasil, porque conseguia *acotejar* bem as situações, encontrar brechas para agir e não tinha medo de "arriscar-se". Ele ficou surpreso ao saber que meus parentes tinham uma *finca*, mas não cultivavam nada nela: "*Y eso! Llévame para allá.*" Afirmou que trabalharia a terra e que logo faríamos (como *socios* amigos, não se pode deixar de frisar) dinheiro: "O cubano não para, busca condições. Pode transformar, fazer coisas". E já "via adiante": na *finca* (já transformada em algo nosso), plantaria alface e outras folhas, tudo sem agrotóxico, "porque isso é o que se vende *allá*". Hortaliça, fechava seu raciocínio sobre a potente lavoura, esse é o plantio que mais interessa aos estrangeiros (sempre quando ia jantar na casa de alguém a salada tornava-se um dos assuntos). Para ressaltar ainda mais sua força e habilidade em "acomodar", "ajeitar", acrescentou: "Se não tem corrente elétrica, pego um pedal de bicicleta e faço corrente". Para ele, nada era um entrave intransponível. E não se alocava como único detentor dessa qualidade. Muito ao contrário, encontrava semelhantes entre seus

[132] Uma amiga de La Habana usava a instituição estatal em que trabalhava para comercializar os *pomos* de mel que seus pais enviavam semanalmente do interior de Matanzas.
[133] Escutei, várias vezes, a menção a um *bloqueo interno*, isto é, obstáculos governamentais e legais que emperram as engrenagens de funcionamento do *sociolismo*. Na expressão citada, há um jogo, como não surpreende, com o *el bloqueo*, o embargo norte-americano.

familiares e outros *orientales* do *batey*. Até mesmo Fidel Castro, numa aproximação inesperada, aparecia, em seu discurso, como um *sociolista*, isto é, como alguém que usava das artimanhas dos "escapes" para fazer com que o *socialismo* fosse adiante: "vocês [americanos] não querem fazer negócios conosco, *acotejamos* por outro lado".

VOCABULÁRIO DA EXCEPCIONALIDADE?

Há um outro aspecto a ser considerado nas etnografias que mobilizam os *socios* como agentes característicos de um "socialismo tardio", "pós-soviético" ou do *Período Especial* – como se buscassem, com base em outra delimitação, produzir a origem de um léxico *callejero* específico que explicaria a existência de um tipo completamente novo de interação das pessoas com o *socialismo*, na qual se veria um movimento de reação e resistência a ele. Mas seria, de fato, um vocabulário do pós-1990? E para onde uma demarcação aparentemente simples tende a encaminhar os argumentos?

Poderia, desde já, apresentar um exemplo retirado de Oscar Lewis (1977) que desbancaria o argumento de um glossário de novidades em "tempos de transição". No entanto, retomo, brevemente, o debate sobre as reverberações da fragmentação do bloco soviético na economia cubana, tendo, entre muitas de suas consequências, o crescimento exorbitante da chamada "segunda economia"[134] e, não menos relevante, de uma "sociedade civil" recheada de atores sociais emergentes e ainda desconhecidos dos estudos daquela época (Dilla 2005:37-54; Hearn 2004:209-27; Henken 2000:321-36; López-Pérez 1995). Tudo isso se tornou objeto de predileção de economistas e cientistas sociais que tentavam compreender uma "sociedade" que apresentava similitudes com as experiências dos países que se desvincularam da economia planificada, mas que, ao mesmo tempo, não se encaixava totalmente nos modelos teórico-analíticos existentes (Hernández *et al.* 2005:1-18). A Ilha permanecia em uma efervescente e estranha mistura, como se sofresse uma "segunda revolução social, cultura e política" (Hernández *et al.* 2005:1-18): alguns pontos tangenciavam uma economia de mercado, outros, por sua vez,

[134] Steven L. Sampson (1987:121), fundamentado numa análise das antigas economias da União Soviética e dos países do Leste Europeu, traz a seguinte definição, também explorada para o caso cubano por López-Pérez (1995), de "segunda economia": "*[...] in these countries, [it] is often the equivalente of the market or primary economoy in capitalista countries. Some of these activities are simply what we would term capitalist entrepreneurship: the peasant who cultivates her private plot and sells the produce on the free market, speculative trading, middleman fees, renting property, money lending, and operating a private firm. […] Popular accounts have tended to term the second economy of Eastern Europe […] 'islands of capitalism' in which the spirit of free initiative thrives in spite of stifling bureaucracy*".

permaneciam coerentes ao centralismo; surgiam "coletivos" organizados no interior da rubrica "sociedade civil", mas, paradoxalmente, tais associações não se perfaziam sem sofrer algum tipo de controle do Estado.[135] Um cenário de tantas diversidades não passava ileso de projeções para o futuro, sobretudo no campo econômico. Pérez-López (1995) salienta que a "segunda economia", por ter lidado, já naquela época, com "as forças do mercado", exerceria "um papel crucial na transição de Cuba para uma economia de mercado". Passados um pouco mais de 20 anos, a esperada transição não ocorreu e o que ele denominava de "segunda economia",[136] com alterações em função das adaptações das legislações governamentais, segue como uma prática rotineira. Mais que previsões, esse autor faz um apontamento que põe em dúvida a afirmação da emergência de um "léxico de referência" associado aos "esforços diários" para consumir no "socialismo tardio" (Weinreb 2009:65). Ele diz: "Ao longo de seu período socialista, Cuba teve uma considerável segunda economia. Sua magnitude expandiu, significativamente, nos últimos anos da década de 1980, quando a primeira economia entrou em uma severa recessão" (Pérez-López 1995:183).

Se, como outros países socialistas (Humphrey 1995:43-68; Sampson 1987:120-36), a "segunda economia" nunca se extinguiu na Ilha, nem mesmo nos tempos de maior expressão das ideologias da Revolução, como bem destaca o pesquisador, é bastante provável a existência de um linguajar específico desse, digamos, local de ação não burocratizado. A probabilidade se comprova quando se observa uma consideração de Ruth Lewis & Susan Rigdon (1977) na citada introdução sobre a investigação de Oscar Lewis em *Las Yaguas*. No texto, elas descrevem as dificuldades e a demora para transacionar com o governo – "fonte de todos os bens e serviços" – a manutenção material diária do grupo de pesquisadores engajados no projeto do americano. Para fugir da burocracia oficial e acelerar o processo, era necessária a inserção de um personagem: o *socio* – "contatos pessoais informais com amigos, parentes, associados ou qualquer um

[135] Sujatha Fernandes (2004:1-12) assinala o fato de que, quando a discussão sobre sociedade civil em Cuba veio à tona, um elemento básico, mas de complexa solução, foi posto: conceitos como indivíduo, direitos civis, propriedade privada, democracia, entre outros, do ponto de vista da teoria liberal, são uma regra na definição de sociedade civil, o que seria impraticável em Cuba. Para ultrapassar esse obstáculo, a autora propõe uma alternativa prática, para a qual deve ser considerada a percepção dos sujeitos na compreensão da maneira pela qual a sociedade civil começa a fazer parte do vocabulário deles, isto é, como a apreendem, em lugar de tomá-la como um conceito externo, dado e fechado à ação daqueles que formam os coletivos.
[136] Não faço uso dessa noção. Sigo as nomenclaturas e considerações econômicas propostas por meus interlocutores.

que desejasse ajudar" (Lewis & Rigdon 1977:xiii). Como dito em outro momento, o governo revolucionário tentou, desde os primeiros anos, extirpar as atitudes "indisciplinadas" a partir de diversas frentes, como a vigilância contínua dos CDR, porém nunca alcançou tal objetivo, bastando dizer que a conclusão de Pérez-López (1995) demonstra exatamente isso.

A especificação de uma origem lexical tardia não é, em si, o que mais importa aqui, mas um de seus efeitos: para determinar a emergência, por exemplo, da palavra *socio* no *Período Especial*, e não somente o aumento de seu uso ou os novos sentidos que passou a ganhar, há que se estabilizar o período revolucionário anterior, como se, antes, os interstícios do controle socialista não fossem ocupados por outras formas e perspectivas de ação individual e associativa para *resolver lo suyo*.[137] Tal estratégia, em certa medida, alia-se à problemática do aparecimento de uma *doble moral*, um suposto dilema ético e prático com o qual os novos "atores sociais cubanos" passaram a lidar a partir das recessões econômicas e, concomitantemente, da dolarização e do florescimento de atividades mercantis não puramente socialistas.

UMA DIVISÃO DESNECESSÁRIA

A *doble moral* consistia na determinação de uma linha divisória entre *lucha* e *consciencia*: a primeira repousaria na preocupação em "perseguir a segurança e a prosperidade individual", já a segunda estaria direcionada para a "participação no projeto revolucionário socialista de desenvolvimento e autodeterminação" (Bretches 2000:viii). Em um intenso conflito vivido pelos sujeitos em seus contatos e interações diárias, de um lado, ficariam "as motivações privadas" da "luta pela existência" e, do outro, "os ganhos sociais" ligados à Revolução e sua "ética coletiva organizada ao redor do socialismo, a nação cubana e o internacionalismo" (:2). Inicialmente, esse tema apareceu em artigos de periódicos oficiais como uma forma de deslegitimar aqueles que estavam imersos em alguma atividade ilegal com o objetivo de uma satisfação consumista individual.

[137] Se, para as palavras *callejeras* do mundo do consumo, Weinreb (2009) não tenta um equilíbrio entre os dois momentos do socialismo cubano, o que deixa claro o título do capitulo de seu livro em que o tema é tratado, a saber, "*Words and means: the Special Period Lexicon",* para falar dos desengajamentos e crítica às políticas do governo, ela mostra, com base no próprio trabalho de Lewis (1977), que, anteriormente aos anos 1990, havia resistências individuais: *"Although I situate shadow public concerns and actions in the late-socialist era, scholarship regarding Cuba in the 1960s and 1970s reported on similar patterns; for example, nonmembership or nonparticipation in officially sponsored so-called mass organization*" (Weinreb 2009:143). Esses indivíduos do passado servem como exemplos de "resistência" à ideologia unificada do socialismo oficial.

Posteriormente, até mesmo os "meios de comunicação alternativa", como se autodenominam os jornais digitais e *blogs* cubanos/dissidentes (de Miami ou da Ilha) anticastristas, passaram a utilizar a expressão (que define um modo de agir) para explicar o comportamento indiferente dos que se mantinham em silêncio diante das políticas autoritárias, ajuntando em um mesmo bloco tanto funcionários de empresas públicas quanto médicos, estudantes universitários e trabalhadores com licença.[138] Examinar as apropriações políticas diferenciadas da *doble moral* talvez seja uma interessante discussão, mas não cabe nesta conclusão.

Dale A. Bretches (2000), a partir de uma pesquisa conduzida em La Habana entre 1994 e 1996, no auge das discussões sobre as reformas no campo do dinheiro (legalização da dupla circulação de moeda – *pesos* e dólar americano), dos serviços particulares e trabalho por conta própria em geral e da reorganização e distribuição de terras para cooperativas de produção[139], dedica uma extensa argumentação para demonstrar como seus informantes equilibravam *consciencia* e *lucha*. Ele explicita dados etnográficos fascinantes desse conturbado momento – reuniões de CDR, busca de serviços particulares, carreiras individuais e características da *lucha* e de como as pessoas se moviam entre diferentes problemas e organizavam a casa e o bairro em Miramar. Contudo, em busca da compreensão desse equilíbrio, põe de lado um esboço do que seria o socialismo da perspectiva dos sujeitos nele envolvidos para discutir uma certa "crise de caráter" (e aqui se vê, com outra nomenclatura, a ideia de *doble moral*).

Ao destacar essa "crise", o passado socialista é posto como um modelo de equilíbrio, no qual as regulações e as definições de modos de portar advindas do socialismo revolucionário controlariam as forças do individualismo da "luta" (:214). Bretches (2000) não dá exemplos claros dessa harmonia; os sinais mais evidentes de seu

---

[138] O jornal digital da BBC, seção Mundo, no dia 25 de dezembro de 2014, apresentou um artigo, assinado por Regina Coyula, que possui um *blog* de oposição ao governo (Hecho en Cuba), sobre *doble moral*. Nele, há uma foto que vai ao encontro do meu argumento: um *carretillero* (um *cuentapropista* com *licencia*, é o mais provável), apoiado em sua simples banca de laranjas em La Habana, conta um maço de *pesos cubanos*, e abaixo a legenda: "*Otros que prefieren no hacer mucho ruido son los que poseen una licencia de trabajo por cuenta propia*".
Disponível em:
<http://www.bbc.com/mundo/blogs/2014/12/141223_voces_desde_cuba_regina_coyula_sociedad_estatica>. Acesso em: 10 jan. 2017.

[139] Em 1993, com a Lei no. 142, como uma maneira paliativa aos problemas de produção alimentícia, surgiram as *Unidades Básicas de Producción Cooperativa*, as quais permitiram que extensas áreas estatais fossem repassadas, como usufruto, para cooperativas de trabalhadores, a fim de que fossem usadas para a plantação de cultivos vários e também cana-de-açúcar.

texto conduzem o leitor à visão de uma extrema preponderância do que designa como "consciência". Os escapes de antes perdem lugar. Impossível questionar o papel marcante da retórica revolucionária na conformação de concepções de como agir e/ou pensar. Como conta um dos informantes de Mona Rosendahl (1997) em uma entrevista por volta de 1989: "Eu criei meus filhos com as seguintes normas: na vida – servir, honrar, ter vergonha –, na Revolução – trabalhar, sacrificar-se e lutar". De toda forma, tal como sugerem alguns dos testemunhos recolhidos por Lewis (1977) e também as lembranças relatadas pela *gente* do *batey* – sobretudo os que não tinham *fincas* e precisavam comprar alimentos na *bolsa negra* para inteirar os *mandados* da *libreta* que, já nos anos 1980, não "alcançavam" –, havia uma maleabilidade entre fala e prática. Rosendahl (1997) oferece uma resposta para o entendimento dessa maleabilidade. Ela destaca que, de acordo com suas experiências de campo, havia uma "interação entre a ideologia oficial – hegemônica, unificada e 'fechada' – e a '*versão popular* ou *folk*' – diversificada, flexível e aberta. Essa *visão do socialismo* não se funda em um unificado e bem-organizado conjunto de ideias totalmente compatíveis, mas, em vez disso, em *versões*, como as que existem em quaisquer representações da vida cotidiana" (:4-5 – grifos meus).

A antropóloga não pretendia propor uma teoria do *socialismo*; fora simplesmente estudar, entre outras questões, "como o socialismo era apresentado às pessoas e como elas reagiam à ideologia [revolucionária]" (:3). E, nesse movimento de verificar reações, tocou, assim vejo, em um ponto de grande importância: a ideia de "versão popular" do socialismo, dentro da qual pôde "enfatizar a criatividade e a atividade das pessoas [...] para criar, recriar, denunciar, fortalecer, questionar e reforçar [a ideologia política socialista]" (:3). Já Bretches (2000), partindo de algo preestabelecido – como disse, falava-se na mídia de uma *doble moral* –, não observa que a "luta" aparecia numa "consciência", como demonstra Rosendahl, que se faz em "versões", não é generalizante, ainda que exista um discurso revolucionário que tente sustentar modelos de valores a serem respeitados e seguidos. Afastando-se da possibilidade de "versões", o que ele encontra é o falso dilema da "crise de caráter". Com Doyon (2005), afirmaria que seus interlocutores apenas lhe mostraram a prática de um socialismo "*à sa mesure*", ou seja, à medida das possibilidades do que tinham disponível para fazê-lo existir.

O que a experiência de Bretches (2000) pode ensinar? A necessidade de coordenação daquilo que concebia como um "duplo caráter" era mais uma questão do

antropólogo americano que propriamente de seus interlocutores, que continuavam fazendo seu socialismo com a "luta" e a "consciência", iam aos encontros dos CDR, mas também buscavam proveitos para si mesmos, com o emprego de táticas individuais. Havia, suponho, uma incompatibilidade de premissas, de modos de usar as palavras. Bretches não estava preparado para encarar o *sociolismo* (uma "versão *folk*", para voltar novamente a Rosendahl) atuando no *socialismo*. Do pós-Revolução até fins da década de 1980, como assinalei, ele não enxergava grandes desequilíbrios morais. Por quê? Existia uma correspondência com a sua esperada noção de coletivismo, cooperativismo, de respeito a uma ideologia em que os sujeitos se associariam não em busca de benefícios particulares, mas de ganhos comuns. O último parágrafo de sua tese de doutorado sintetiza seu modo de olhar e examinar os dados:

> Cuba revolucionária sobreviveu à intervenção imperialista e, com sucesso, resistiu à degeneração burocrática, mesmo estando em uma era em que seu modelo não pode ser replicado e em que as relações internacionais que a sustentavam tenham sido destruídas. Se os cubanos que praticam a consciência forem criativos e determinados a adaptar a Revolução às novas circunstâncias, Cuba continuará exercendo o papel de fornecer alguma coisa que a humanidade desesperadamente necessita: um bom exemplo (Bretches 2000:218).

Na contramão desse tipo de postura, ao realizar uma pesquisa etnográfica em um *batey*, tentei pôr em suspenso qualquer definição desenraizada de socialismo e atentar-me para o que era efetivado/performado (Mol 2002), experimentado e experienciado por meus interlocutores. O exercício proposto por Marilyn Strathern (1987) para repensar o sentido e os limites do *at home* e dos conceitos antropológicos/sociológicos ante as noções nativas incentiva esse movimento de suspensão. A autora, a partir de diferentes exemplos etnográficos, postula a necessidade de os antropólogos atentarem-se para o que as pessoas fazem com as palavras delas, para a "atividade produtiva" que mantém os termos acionados, os quais podem ser reconhecidos e inscritos no vocabulário antropológico, mas usados pelos informantes de maneiras inesperadas. É preciso, pois, aprender as palavras no idioma nativo, inclusive nos casos em que pesquisador e pesquisados falam o mesmo idioma. Os apontamentos de Strathern trazem à baila os perigos por trás da suposição de familiaridade do antropólogo com as "realidades" por ele estudadas, sendo o principal deles a concepção prévia de uma continuidade de experiências e perspectivas

que, ao dar força para o "estar em casa", "obscurec[e] a ruptura conceitual" (:134). Para que não ocorra isso, ela propõe:

> Precisamos ter alguma ideia da atividade produtiva que está por trás do que as pessoas dizem, e portanto da própria relação entre elas e o que foi dito. Sem saber como suas próprias palavras lhes "pertencem", não podemos saber o que fazemos ao nos apropriar delas (:137).

As indagações da antropóloga britânica estimularam-me a refletir sobre o idioma mobilizado pelos habitantes do *batey* para descrever suas experiências sociais, expectativas ou esperas e teorizações sobre como os "negócios" e os arranjos entre diferentes agentes funcionavam. Assim, para escapar das armadilhas da familiaridade, esbocei narrativas que intentaram indicar como o socialismo lhes "pertencia". Disso, sobreveio o movimentado e concatenado *sociolismo*. Retomo, pois, a discussão que abriu esta conclusão, a fim de abordar uma derradeira junção: os objetos, a partir dos quais circulavam toda uma gama de necessidades, desejos e diferenciações sociais.

SUCATAS QUE LIGAM PESSOAS, E VICE-VERSA

Com razão, alguns confessavam estar "esgotados": "*ya no puedo más"*; *"ya estoy con los nervios alterados*". Minha anfitriã conversava sozinha, intensamente. Quando lhe perguntava o motivo: "Estou pensando em como *resolver*...". Mas as resoluções não eram forjadas apenas no ciclo dos mercados dos objetos prontos, não importando se fossem "industrializados" ou *criollos*, como aqueles dos *merolicos*. Como descrito nos Capítulos 4 e 5, as pessoas, conforme suas possibilidades (com família no estrangeiro, cooperativista de um convênio porcino, dono de *finca* produtiva, trabalhador açucareiro, aposentado, vendedor de porcos...) e entradas de *pesos*, criavam, alugavam ou negociavam objetos e animais para suportar a dura empreitada de *salir adelante*. "Endinheirados" ou não, não havia como fugir das recriações, soldagens e imitações de tudo o que fosse possível.

Certamente, uns dependiam do recurso dos *inventos* mais que outros. Por exemplo, um senhor da *gente de los convenios* tinha sua casa completamente equipada com dois jogos diferentes de *butacas*, a maioria dos cômodos com portas de vidro (e não de madeira), seus filhos possuíam *videogame* importado e televisor no quarto, quase tudo o que compunha a mobília era comprado em alguma *chopin*, com exceção dos móveis de

madeira, vindos de uma marcenaria local. No entanto, mesmo sendo evidente suas vantagens financeiras, precisava recorrer a invenções, tinha uma *máquina de pelar arroz* (instrumento de limpar as colheitas de arroz) feita com um motor arranjando e também estava no "negócio" do *lomo ahumado*. Já um aposentado mais pobre, com uma casa de poucos pertences, vivia *inventando*, desde um modo de economizar corrente elétrica usando carvão em seu fogão elétrico até escumadeiras feitas com malhas que jogavam fora do central e, com um *socio*, "resolvia" uma lixadeira elétrica (também da indústria): vendia essas colheres sob encomenda, alguns até falavam que eram melhores do que aquelas que os *merolicos* comercializavam. Para além das diferenciações sociais que existiam, e todos, ao menos em parte, sabiam nomeá-las e indicar o que desejavam e até as formas pelas quais o outro as tinha adquirido, os inventores, de um lado e de outro, costumavam dizer que algo "morto" sempre tinha uma chance de voltar à vida, ser "ressuscitado", porém "renascia" em outro corpo e forma: motor de *lavadora rusa* = moedor de tomate; trilho de trem = material para estrutura de chiqueiros; tanques de metal do central = forno para produção de *lomo ahumado*; motor de bomba de água = peça fundamental para as motos inventadas; malhas de metal = escumadeira.

Cristina Pertierra (2010:398-9) sublinha que objetos, em certos casos, podem ser vistos pelos consumidores como "representativos de sua história pessoal, ou mesmo de histórias políticas e econômicas às quais estão sujeitos". E, tomando Cuba como exemplo, continua: "[...] os próprios cubanos falam e pensam especificamente sobre bens domésticos, não apenas pelas funções que exercem, mas por aquilo que podem representar. Uma geladeira [...] pode ser um indicador de boa criação dada aos filhos [...], um instrumento para dar mostras de hospitalidade e gentileza [...], uma memória de engajamento no ativismo socialista [...]". Na mesma linha da autora, no meio de tantas invenções, observei a importância dos bens materiais e a força que sua aquisição ou feitura representava para seus proprietários. Olhar um objeto *criollo*, por exemplo, funcionava como uma boa maneira de imaginar o desenho da rede de "buscas" necessárias para "armá-lo" e, por extensão, a quem seu dono/fabricante se ligava: um falava algo sobre o outro.

A ideia de procurar peça por peça, como me expôs o *campesino* que possuía um trator "montado", demonstrava uma distribuição das coisas por todos os lados: o mercado estatal não fornecia ou escasseava, ninguém nunca podia ter tudo sozinho (mesmo se

tivesse dinheiro para tanto), logo, a solução era ir atrás de quem possuísse ou, ao menos, conhecesse outros que detinham pedaços, itens. Os objetos/produtos/instrumentos *criollos* (e também os *de fábrica* que surgiam de ajuntamentos de frações) formavam-se a partir de histórias que imbricavam modos de negociação e compra, pessoas (quem "resolveu"), instituições estatais (de onde saiu), outros objetos (bases, modelos), formas de "resolver" (buscas, conversas, indicações), e assim por diante. Em poucas palavras, eles eram artefatos que carregavam, em suas sempre possíveis junções *a lo cubano*, a memória fragmentada de suas extensas e (in)tensas relações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Material impresso consultado na Biblioteca Nacional de Cuba

Jornal *Girón* (2012, 2013)

Jornal *Granma* (1991, 1994, 1997)

Jornal *Trabajadores* (1994)

Revista *Bohemia* (1961, 1969, 1990, 1992, 1993, 1994, 1997)

Revista *Catauro* (2005)

Livros e artigos

ARGELIERS, León

1961. "La expresión del pueblo en el TNC". *Actas del folklore*, a. 1, n. 1, p. 5-7.

AUERBACH, Erich

2013. *A novela no início do Renascimento – Itália e França*. São Paulo: Cosac Naify.

BARNET, Miguel

2001. *Biografía de un cimarrón*. La Habana: Editorial Letras Cubanas.

BRETCHES, Dale

2000. *Culture and economy in Cuba's transition: an anthropological perspective*. Ph.D. Thesis, University of California.

BROTHERTON, Sean

2012. *Revolutionary medicine: health and the body in post-Soviet Cuba*. Durham: Duke University Press.

CARSTEN, J. & HUGH-JONES, S.

1995. "Introduction". In:_____. *About the house – Lévi-Strauss and beyond*. Cambridge University Press.

CASTRO, C. Gomes

2014. *Demarcadores e objetos em campanha: a Comissão Brasileira Demarcadora de Limites e a fabricação de fronteiras*. São Paulo: Cultura Acadêmica.

CUNHA, Olívia

2010. "Estática milagrosa: uma introdução aos espaços-tempo em transformação em Cuba". In: _____*Outras Ilhas: espaços, temporalidades e transformaçoes em Cuba*. Rio de Janeiro: Aeroplano, p. 9-33.

2014. "Unmapping knowledge: connecting histories about Haitians in Cuba". *Social Anthropology*, v. 22, n. 1, p. 67-80.

CHAPÚ, Arístides Vega

2011. *No hay que llorar*. La Habana: Centro Cultural Pablo de la Torriente Brau.

COMERFORD, John

2014. "Vigiar e narrar: sobre formas de observação, narração e julgamento de movimentações". *Revista de Antropologia (USP)*, v. 57, no. 2, p. 107-142.

DILLA, Haroldo

1996. *La participación en Cuba y los retos del futuro*. La Habana: Centro de Estudios sobre América (CEA).

2005. "Actores larvados, escenarios inciertos y guiones crípticos: ¿Hacia dónde va la sociedad civil cubana?" In. Hernández, R. *Cambios en la sociedad cubana desde los noventa*. Washington: Woodrow Wilson International Center for Scholars, p. 37-54.

DOYON, Sabrina.

2005. "Une révolution à sa mesure: Diversité des pratiques environnementales communautaires à Cuba". *Anthropologie et sociétés* v. 29, no. 1, p. 121-143.

DUMOULIN, John

1966. "Procedencia social de los obreros de un ingenio azucarero". *Etnología y Folklore*, Academia de Ciencias de Cuba, no. 2, p. 27-48.

DUMPIERRE, Erasmo

1970. *Julián Sánchez cuenta su vida*. La Habana: Ediciones Huracán.

ESTRADA, Ana Vera

2012. *Guajiros del siglo XXI*. La Habana: Instituto Cubano de Investigación Cultural Juan Marinello.

FERNADES, Sujatha

2004. “Critical perspectives on civil society”. In: Font, Maurice A. (Org.). *Cuba today: continuity and change since the ‘Período Especial’*. New York: Bildner Center for Western Hemisphere Studies, p. 3-12.

2010. “Feito em Havana: rap, espaço e política racial”. In: Cunha, Olívia M. *Outras Ilhas: espaços, temporalidades e transformaçoes em Cuba*. Rio de Janeiro: Aeroplano, p. 425-46.

FERRARIO, Giorgio

2013. *Fortaleciendo la resiliencia de las comunidades afectadas por el huracán Sandy en Cuba*: evaluación de la operación huracán Sandy en Cuba, 2012-2013. (Consultor independiente). s/l.

FONT, Maurice A. (Org.).

2004. *Cuba today: continuity and change since the ‘Período Especial’*. New York: Bildner Center for Western Hemisphere Studies,

FREDERIK, Laurie A.

2005. “Cuba’s National Characters: setting the stage for the *Hombre Novísimo*”. *Journal of Latin American Anthropology*, Vol. 10, No.2, pp. 401-436.

2012. *Trumpets in the mountain: theater and the politcs of national culture in Cuba*. Durham: Duke University Press.

GORDY, Katherine

2004. “Dollarization, consumer capitalism and popular responses”. In: Font, Maurice A. (Org.). *Cuba today: continuity and change since the ‘Período Especial’*. New York: Bildner Center for Western Hemisphere Studies, p. 13-30.

GUEVARA, Ernesto

2004. “El socialismo y el hombre en Cuba”. In:_____. *Obras escogidas*. Santiago de Chile.

HARTOG, François

1999. *O espelho de Heródoto*: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

HEARN, Adrian

2004. “Political Dimensions of International NGO Collaboration with Cuba”. In: Font, Maurice A. (Org.). *Cuba today: continuity and change since the ‘Período Especial’*. New York: Bildner Center for Western Hemisphere Studies, p. 209-27.

2008. *Cuba: religion, social capital, and development*. Duke University.

HENKEN, Ted

2000. “Last resort or bridge to the future? Tourism and workers in Cuba’s Second Economy”. *Cuba in transition*. Florida: Association for the Study of the Cuban Economy, p. 321-36.

2005. "Balseros, boteros, and el bombo: Post-1994 Cuban immigration to the United States and the persistence of special treatment." *Latino Studies*, v. 3, no. 3: 393-416.

HERNÁNDEZ, María Caridad & MEDINA, Roberto S.

2001. *Agricultura y ciudad: una clave para la sustentabilidad*. La Habana: Fundación Antonio Núñez Jiménez de la Naturaleza el Hombre.

HERNÁNDEZ, R. *et al*.

2005. “Introducción”. In: _____. *Cambios en la sociedad cubana desde los noventa*. Washington: Woodrow Wilson International Center for Scholars, p. 1-18.

HERNANDEZ-REGUANT, Ariana

2005. “Cuba's alternative geographies”. *Journal of Latin American Anthropology*, v. 10, n. 2, p. 275-313.

2009. “Writing the Special Period: an Introduction”. In: _____. (Org.). *Cuba in the Special Period: culture and ideology in 1990s*. New York: Palgrave MacMillan, p. 1-20.

2010. “A *timba* de Havana: um som macho para o sexo negro”. In: Cunha, Olívia M. *Outras Ilhas: espaços, temporalidades e transformaçoes em Cuba*. Rio de Janeiro: Aeroplano, p. 447-92.

HOLBRAAD, Martin

2002. *Belief in necessity: Ifá divination and money in contemporary Havana*. Tese de doutorado. King’s College, University of Cambridge.

2010. “Dinheiro e necessidade no *Período Especial* de Havana”. In: Cunha, Olívia M. *Outras Ilhas: espaços, temporalidades e transformaçoes em Cuba*. Rio de Janeiro: Aeroplano, p. 367-93.

2013. “Revolución o muerte: self-sacrifice and the ontology of the Cuban Revolution”. *Ethnos*, p. 1-23.

HUMPHREY, Caroline

1995. “Creating a culture of disillusionment: consumption in Moscow, a chronicle of changing times”. In: Miller, D. (ed.) *Worlds apart: modernity through the prism of the local*. London: Routledge, p. 43-68.

LÉVI-STRAUSS, Claude

2008. “Lugar da antropologia nas ciências sociais”. In: _____. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, p. 367-405.

LEWIS, Oscar *et all*.

1977. *Four men living the Revolution: an oral history of contemporary Cuba*. Urbana: University of Illinois Press.

LEWIS, Ruth & RIGDON, Susan M.

1977. “Introduction”. In: LEWIS, Oscar *et all*. *Four men living the Revolution: an oral history of contemporary Cuba*. Urbana: University of Illinois Press, p. vii-lxv.

MACHÍN, Ana N.

1981. *Memoria amarga del azúcar*. La Habana: Editorial Ciencias Sociales.

MARRERO CRUZ, Eduardo

2006. *Julián de Zulueta y Amondo: promotor del capitalismo en Cuba*. La Habana: Unión.

MARTINEZ-ALIER, Juan

1977. “The Cuban cane planters, 1934-1960” and “The peasantry and the Cuban revolution from the spring of 1959 to the end of 1960”. In: _____. *Haciendas, plantations and collective farms*. London: Frank Cass, p. 93-146.

MARTINEZ-ALIER, Verena S.

1974. *Marriage, class and colour in 19th Century Cuba*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

MINTZ, Sidney

1956. “Cañamelar: The subcultural of a rural sugar plantation proletariat”. In: STEWARD, J. H. *et al*. *The people of Puerto Rico*. Urbana: Univ. of Illinois Press, p. 314-462.

1960. *Worker in the cane*: a Puerto Rican life history. New Haven: Yale University Press.

2010. “Houses and Yards among Caribbean Peasantries”. *Caribbean Transformations*, v. 321, p. 1-24.

MOL, Annemarie

2002. *The body multiple*: ontology in medical practice. Durham: Duke University Press.

O'HEARN, Dennis

1986. "The second economy in consumer goods in the services in the USSR". California: University of California.

ORTIZ, Fernando

1963. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. La Habana: Consejo Nacional de Cultura.

PEDRO, Alberto

1966. "Guanamaca, una comunidad haitiana". ". *Etnología y Folklore*, Academia de Ciencias de Cuba, no. 1, p. 25-40.

PÉREZ DE LA RIVA, Juan

1973. *El barracón y otros ensayos*. La Habana: Editorial Ciencias Sociales.

PÉREZ-LÓPEZ, Jorge F.

1995. *Cuba's second economy: from behind the scene to center stage*. New Jersey: Transaction Publishers.

PERTIERRA, Cristina

2008. "Inventar: recent struggles and inventions in housing in two Cuban cities". *Buildings & Landscapes: journal of the vernacular architecture forum*, v. 15, p. 78-92.

2009. "Private pleasures: watching videos in post-Soviet Cuba". *International Journal of Cultural Studies*, v. 12, no. 2, p. 113-130.

2010. "Materialidade da escassez: as residências urbanas de Cuba e sua cultura material". In: Cunha, Olívia M. *Outras Ilhas: espaços, temporalidades e transformaçoes em Cuba*. Rio de Janeiro: Aeroplano, p. 395-423.

2011. *Cuba: the struggle for consumption*, Florida: Caribbean Studies Press.

PREMAT, Adriana

1998. Feeding the self and cultivating identities in Havana, Cuba. York University, Toronto, ON, Ottawa. MA Thesis.

2003. "Small-scale urban agriculture in Havana and the reproduction of the 'New Man' in contemporary Cuba". *Revista Europea de Estudios Latinoamericanos y del Caribe*, Octubre, 75, p. 85-99.

2004. Cuban counterpoint of the public and the private: reflections on the making of urban agriculture sites in Havana, Cuba. York University, Toronto, ON, Ottawa. PhD Thesis.

2008. "State power, private plots and the greening of Havana's urban agriculture movement". City & Society, vol. 21, Issue 1, p. 28-57.

ROCHON, Lise

1967. “La Sociedad Agropecuaria ‘Jesús Feliú’: un caso de cambio en el medio rural bajo un régimen socialista de transición”. ”. *Etnología y Folklore*, Academia de Ciencias de Cuba, no. 4, p. 23-38.

ROLAND, L. Kaifa

2011. *Cuban Color in Tourism and La Lucha: An Ethnography of Racial Meanings*. New York: Oxford University Press

ROSENDAHL, Mona

1997. *Inside the revolution: everyday life in socialist Cuba*. New York: Cornell University Press.

PAUL, Ryer

2006. *Between La Yuma and África: Locating the Color of Contemporary Cuba*. Ph.D. Thesis. University of Chicago, Department of Anthropology.

SAHLINS, Marshall

2006. “A iconização de de Elián González”. In: _____. *História e cultura: apologias a Tucídides*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 167-189.

SAMPSON, Steven L.

1987. “The second economy of the Soviet Union and Eastern Europe”. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 493, The informal economy, Sept., p. 120-36.

SANDOVAL, Orieta & HERNÁNDEZ, Alfredo.

2002. “Las ciencias Sociales en la Academia de Ciencias de Cuba (1962-1981)”. *Tiempos de América: revista de historia, cultura y territorio*, n. 9, p. 59-78.

SCHWENKEL, Christina

2012. "Civilizing the city: socialist ruins and urban renewal Central Vietnam". *Positions*, v. 20, n. 2, p. 436-71.

2013. “Post/socialist affect: ruination and reconstruction of the Nation in Urban Vietnam”. *Cultural Anthropology*, v. 28, n. 2, p. 252-77.

SOLIEN, Nancie

1960. “Household and family in the Caribbean: some definitions and concepts”. *Social and Economic Studies*, v. 9, no. 1, p. 101-6.

STRATHERN, Marilyn

2014. “Os limites da autoantropologia”. In: _____. *O efeito etnográfico*. São Paulo: Cosac Naify, p. 133-57.

VERDERY, Katherine

1991. “Theorizing socialism”. *American Ethnologist*, v. 18, p. 419-39.

1996. *What was socialism, and what comes next?* Princeton: Princeton University Press.

WEINREB, Amelia Rosenberg

2009. *Cuba in the shadow of change: daily life in the twilight of the Revolution*. Florida: University Press of Florida.

WILSON, Marisa

2009. “No tenemos viandas: cultural ideas of scarcity and need”. *The international Journal of Cuban Studies*, v. 2, no. 1, p. 1-9.

2012. “Moral economies of food in Cuba”. *Food culture society*, v. 15, no. 2, p. 277-91.

ZANETTI, Oscar

2012. *Esplendor y decadencia del azúcar en las antillas hispanas*. La Habana: Editorial Ciencias Sociales.

ZURBANO, Roberto

2009. “El Rap cubano: can’t stop, won’t stop the movement!”. In: Hernandez-Reguant, A. (Org.). *Cuba in the Special Period: culture and ideology in 1990s*. New York: Palgrave MacMillan, p. 143-58.